

# O DESENHO DA PERCEÇÃO AFETIVA:

o caso da Vila Telebrasília - DF

**HIATIANE CUNHA DE LACERDA**

**O DESENHO DA PERCEPÇÃO AFETIVA:  
o caso da Vila Telebrasília - DF**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do  
Grau de Mestre pelo Programa de Pesquisa e Pós- Graduação da  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de  
Brasília

**Orientador: Luiz Alberto de Campos Gouvêa**

Brasília, Janeiro de 2011

# **TERMO DE APROVAÇÃO**

**HIATIANE CUNHA DE LACERDA**

**O DESENHO DA PERCEPÇÃO AFETIVA:  
o caso da Vila Telebrasília - DF**

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre pelo Programa de Pesquisa e Pós- Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília

**Comissão examinadora:**

**Prof. Dr. Luiz Alberto de Campos Gouvêa** (Orientador)  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo – UnB

**Prof. Dr. Valério Augusto Soares de Medeiros**  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo – UnB

**Profa. Dra. Gleice Virginia Medeiros de Azambuja Elali**  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo – UFRN

Brasília, 26 de Janeiro de 2011

## AGRADECIMENTOS

Que difícil é...

Agradeço primeiramente, ao meu orientador, o Jacaré, pela confiança depositada em minha pessoa e pelas constantes indagações em relação ao meu trabalho. Foi a partir delas que outros olhares e críticas se abriram ampliando o espaço amostral do meu conhecimento.

Aos admiráveis Professores que por mim passaram até então na vida. São todos corresponsáveis não só este trabalho, mas também por futuros momentos e oportunidades.

Ao meu amigo e companheiro de muito trabalho, Valério Medeiros. Mesmo em um esforço hercúleo, não consigo palavra maior que a gratidão para oferecer a este menino poeta.

Ao Pedro Paulo Palazzo, que como todo grande amigo, jamais esquece.

À guerreira e amiga Liza Andrade. Meu espelho, exemplo de amor, paixão e luta por tudo que vale a pena quando não se tem a alma pequena.

Às minhas amigas Vivi, Sonja, Gabi e Fê “*la menorzita*” que estão sempre à distância do meu pensamento.

Aos funcionários e demais membros do Programa de Pesquisa e Pós- Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, pela compreensão, incentivo, preocupação e atenção.

Aos moradores da Vila Telebrasília. Sem os preciosos minutos dedicados a uma “desconhecida”, a concretização desta pesquisa não seria possível. Guardarei com muito carinho o respeito, atenção e ajuda além dos agradáveis convites para adentrarem suas casas e desfrutar o prazer de suas companhias regadas a um sempre bom cafezinho.

À sabedoria ingênua dos meus pequenos cães: King e Le Corbi. Estes não conhecem outra razão na vida que não seja a de simplesmente amar.

À minha “*ismãzinha*” pelo apoio incondicional em qualquer momento e lugar.

Aos meus pais, Lafaiete (*in memorian*) e Maria Revane, que muito lutaram para que eu aprendesse a não desperdiçar as oportunidades.

Enfim, agradeço a Dona Dificuldade e a Senhora Esperança, afinal de contas, enquanto a primeira nos ensina, a outra nos move.

## RESUMO

O homem, assim como os demais seres vivos, depende de complexas interdependências e equilíbrio com seu ambiente. A partir do século XIX, com a rápida expansão das áreas urbanas, houve uma ruptura considerável nesta estabilidade o que desencadeou um processo vertiginoso de transformações na paisagem. A globalização surge de forma subsequente como fenômeno multifacetado, porém fortemente engajado em valores de poder econômico. Isso impulsionou um processo de descaracterização espacial e a perda das identidades locais. Diante de uma crise eminente, o resgate identitário, além de influenciar na qualidade de vida da população, estreita os laços de afetividade com o lugar auxiliando a assegurar a história, hábitos e cuidados com seus respectivos espaços. A Vila Telebrasília, objeto de estudo deste trabalho, localiza-se dentro da Região Administrativa de Brasília. Inicialmente, a área serviu como acampamento de obra no período da construção da capital. Após a inauguração, os moradores sofreram constantes pressões de remoção para zonas periféricas enfrentando anos de luta pelo direito de permanência. A paisagem local aos poucos vem perdendo sua identidade social urbana tendendo a ser tornar comum como outro qualquer lugar. O método de investigação teve como base, a percepção ambiental dos moradores que foram submetidos a entrevistas e desenho de mapas mentais. Com auxílio de levantamentos de aspectos ambientais, históricos, características de usos e dados socioeconômicos foram extraídas as forças e fragilidades existentes na paisagem vinculadas à verdadeira identidade local. Após análise e identificação de problemas e potencialidades propõem-se diretrizes de intervenções que reforcem o verdadeiro sentido do lugar.

### **Palavras chave:**

Paisagem | Identidade social urbana | mapa mental

## ABSTRACT

The human beings, like the other living beings, depend on complex relationship and balance with the environment. In the 19th century, with the rapid expansion of the urban areas, there was a considerable rupture on this stability which initiated a vertiginous landscape transformation. Globalization subsequently emerges as a multifaceted phenomenon, on the other hand strongly committed to values of economic power. This stimulated a process of spatial distortion and loss of local identities. Facing an imminent crisis, the identity surrender influences the life quality of the population as well as narrows the affection with the place, helping to ensure the history, habits and care of their spaces. The Vila Telebrasilíia, object of the present study, is located in the Administrative Region of Brasilia. Initially, the area served as a work camp during the construction of the capital. After the inauguration, the residents suffered constant pressures to be removed to the suburbs facing years of fight for the permanence right. The local landscape has been slowly losing its urban social identity, which tends to be ordinary as any other place. The research method was based on the residents' environmental perceptions, who were submitted to interviews and mental map drawings. With the support of surveys based on environmental, historical, use characteristics and social economical data aspects, the strengths and weaknesses of the landscape were extracted related to true local identity. After the analysis and identification of the problems and potentialities, guidelines of intervention are suggested to enhance the true sense of the place.

### **Keywords:**

Landscape | Identity | mental map

## LISTA DE FIGURAS\*

\*Figuras sem indicação de fonte ou fotografias sem indicações de crédito são da autora deste trabalho.

**Figura I** - Relação homem x ambiente em Machu Picchu, **P.12**

**Figura II** - Transformação da paisagem pelo homem, **P.12**

**Figura III** - Paisagem da cidade de São Paulo (Brasil), **P.14**

**Figura IV** - Localização da Vila Telebrasília, **P.17**

**Figura 1.1** - Vista da cidade de Manhattan, Nova Iorque, Estados Unidos, **P.24**

**Figura 1.2** - Sátira: “o horror do desenvolvimento urbano. Londres se tornando cidade”, **P.25**

**Figura 1.3** - Varjão no Distrito Federal – Brasil (2007), **P.26**

**Figura 1.4** - Tendência demográfica entre população urbana e rural no Brasil, **P.27**

**Figuras 1.4 e 1.5** - Edifícios com características e fisionomias homogêneas em diferentes localidades do mundo, **P.28**

**Figuras 1.6 e 1.7**- Avenidas com características visuais homogêneas, **P.29**

**Figuras 1.8** - Uniformização da paisagem - Brasil, **P.30**

**Figuras 1.9** - Uniformização da paisagem – China, **P.30**

**Figura 1.10** - Paisagens uniformizadas - Favela do Morumbi - São Paulo – Brasil, **P.31**

**Figura 1.11** - Paisagens uniformizadas - Caracas – Venezuela, **P.31**

**Figuras 1.12, 1.13 e 1.14** - Modificações na paisagem do Varjão – DF, **P.32**

**Figura 1.15** - Paisagem do lugar - Rio de Janeiro, **P.37**

**Figura 1.16** - Rede de *fast food* americana no Japão, **P.38**

**Figura 1.17** - Tripé da sustentabilidade, **P.42**

**Figura 1.18** - Região degradada no centro da cidade de São Paulo – Cracolândia, **P.48**

**Figuras 1.19, 1.20 e 1.21** - Engajamento da população no processo de transformação e planejamento do espaço, **P.49**

**Figura 2.1** - O “sentido do lugar” segundo David Canter, **P.54**

**Figura 2.2** - Exemplo de mapa mental: “A imagem da Vila Planalto”, **P.58**

**Figura 3.1** - Pioneiros na construção de Brasília, **P.69**

**Figura 3.2** - Modelo de ruas e casas no período dos acampamentos, **P.70**

**Figura 3.3** - Transporte dos candangos em meio ao vazio sem fim, **P.72**

**Figura 3.4** - Acampamentos remanescentes dentro dos limites do Plano Piloto, **P.73**

**Figura 3.5** - Vegetação nas ruas e quintais nos antigos acampamentos, **P.74**

**Figura 3.6** - Localização atual da Vila Telebrasília na Zona Sul do Plano Piloto, **P.76**

**Figuras 3.7, 3.8 e 3.9** - O futebol e a Vila Telebrasília, **P.77**

**Figura 3.10** - Residência na Vila Telebrasília, **P.78**

**Figura 3.11** - Placa localizada na entrada da Vila Telebrasília – DF, **P.82**

**Figura 3.12** - Presença da densa mata ciliar no limite com o Lago Paranoá, **P.84**

**Figura 3.13** - Principais referências externas imediatas ao entorno da Vila Telebrasília, **P.84**

**Figuras 3.14 e 3.15** - Três acessos à Vila Telebrasília e mapa com a marcação do sistema viário x quarteirões, **P.85**

**Figura 3.16, 3.17, 3.18** - Relação entre cheios e vazios. Campo e Praça são áreas públicas com dimensões de destaque, **P.86**

**Figura 3.19** - Pouca arborização das ruas e quintais e lotes extremamente fechados por grades e muros, **P.87**

**Figura 3.20** - Área em um dos limites do campo de futebol. Apesar da área bem conservada, não possui outros atrativos, **P.87**

**Figura 3.21** - Praça da Resistência, **P.88**

**Figura 3.22** - Estudo de manchas de áreas arborizadas dentro e fora dos limites da Vila Telebrasília, **P.89**

**Figuras 3.23 e 3.24** - Primeira imagem: residência em que alguns padrões do período pioneiro foram mantidos. Segunda imagem: visual da entrada principal da Vila Telebrasília, **P.90**

**Figura 3.25** - Oficinas e borracharias em tipologia mista. São usos que, caso não haja um controle adequado, podem causar dano ao ambiente, **P.91**

**Figura 3.26** - Imagens dos limites da Vila com a vegetação ciliar do Lago Paranoá, **P.92**

**Figura 3.27** - Colocação de lixo nos limites próximos ao Lago causando riscos de contaminação, **P.92**

**Figura 3.28** - Mesmo bastante simples, a população usa a área para o lazer, **P.92**

**Figura 3.29** - Tempo de moradia dos moradores da Vila Telebrasília, **P.94**

**Figura 3.30** - Distâncias percorridas pelos moradores até o ponto de ônibus e a distância do Centro Educacional Setor Leste, **P.95**

**Figura 3.31** - Níveis de escolaridade da população da Vila Telebrasília, **P.95**

**Figura 4.1** - Imagem do trecho da Avenida das Nações próximo à Vila Telebrasília, **P.114**

**Figura 4.2** - Mapa 29 - Desenho com destaque na representação das vias: Avenida das Nações, L2 e L4 Sul, **P.114**

**Figura 4.3** - Ligação entre a L2 Sul passando pela L4 até chegar à Vila Telebrasília, **P.115**

**Figura 4.4** - Mapa 18 - Representação da via L4 Sul: Ligação entre a L2 e Avenida das Nações, **P.115**

**Figura 4.5** - Via L4 Sul:ligação entre a L2 e Av. das Nações muito utilizada pelos moradores, **P.115**

**Figura 4.6** - Vazios existentes nos limites externos à Vila Telebrasília, **P.117**

**Figuras 4.7 e 4.8** - Mapas 10 e 21 - Representações ou abstrações de vazios na estrutura do mapeamento, **P.117**

**Figura 4.9** - Mapa 03 - Ausências de elementos na paisagem, **P.118**

**Figuras 4.10** - Imagem da paisagem em uma área descampada em um dos limites, **P.118**

**Figuras 4.11 e 4.12** - Mapas 05 e 20 - No primeiro desenho, destaque para elementos como a Praça da Resistência, a árvore e o Mercado Família (Dn. Neide). No segundo, destaque para o acesso principal e o Campo de Futebol, **P.119**

**Figura 4.13 - Mapa 08** - Vila Telebrasília representada como um grande setor, **P.119**

**Figura 4.14** - Imagem do acesso principal da Vila Telebrasília, **P.120**

**Figura 4.15** -Mapa 20 - Representação do acesso principal da Vila Telebrasília, **P.120**

**Figura 4.16** - Placa localizada no acesso principal, **P.120**

**Figura 4.17** - Mapa 16 - Destaque nas representações da Praça da Resistência e do Campo de Futebol, **P.121**

**Figura 4.18 - Mapa 03** - Representação em destaque para a Praça da Resistência, **P.121**

**Figura 4.19** - Localização dos elementos (Praça e Campo), **P.121**

**Figura 4.20 e 4.21**- Imagens das árvores plantadas pelos primeiros moradores da Vila na Praça da Resistência, **P.122**

**Figura 4.22** - Mapa 05 - Desenho com destaque para a árvore da Praça, **P.122**

**Figura 4.23** - Igreja no final da rua principal, **P.123**

**Figura 4.24** - Mapa 27 - Representação da igreja como marco visual interno, **P.123**

**Figuras 4.25 e 4.26** - Localização e edifício da Igreja São Pedro Nolasco, **P.123**

**Figuras 4.27 e 4.28** - Mapas 02 e 20 - Representações, inclusive da forma arquitetônica, do Posto Policial localizado no acesso principal da Vila Telebrasília, **P.124**

**Figuras 4.29 e 4.30** - Imagens do Posto Policial – forma e localização, **P.124**

**Figura 4.31** – Exemplar de residência em madeira com características do período pioneiro preservadas, **P.126**

**Figura 4.32** - Tipologias de edificações comerciais, **P.127**

**Figura 4.33** - Criança brincando: cenas comuns nas ruas da Vila Telebrasília, **P.129**

## LISTA DE SIGLAS

**APA** \_ Área de Proteção Ambiental.

**COTELB** \_ Companhia Telefônica de Brasília.

**Codeplan** \_ Companhia de Planejamento do Distrito Federal.

**Depha** \_ Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico.

**DTUI** \_ Departamento Telefônico Urbano e Interurbano.

**IBGE** \_ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

**NOVACAP** \_ Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil.

**ONU** \_ Organização das Nações Unidas.

**RA** \_ Região Administrativa.

**RIMA** \_ Relatório de Impacto Ambiental.

**SEDUMA** \_ Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano Habitação e Meio Ambiente.

**SHIS** \_ Subsistema de Habitação de Interesse Social.

**TERRACAP** \_ Companhia Imobiliária de Brasília.

**UNESCO** \_ *United Nations Educational Scientific and Cultural Organization.*

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – **P.12**

CAPÍTULO 1\_ PAISAGEM, IDENTIDADE, SUSTENTABILIDADE E AFETOS – **P.23**

1.1\_Uniformização da paisagem urbana e perdas identitárias, **P.23**

1.2\_ Paisagem, globalização e perdas as identitárias nas relações socioespaciais, **P.34**

1.3\_ Sustentabilidade e identidade, **P.40**

1.4\_ Pertencimento e afetividade: caminhos para a sustentabilidade identitária, **P.45**

CAPÍTULO 2\_ PERCEPÇÃO DA PAISAGEM – **P.52**

2.1\_ Percepção ambiental e o sentido do lugar, **P.52**

2.2\_ Percepção do meio ambiente para o desenho urbano. Mapas mentais, **P.57**

2.3\_ Kevin Lynch e a imagem das cidades americanas, **P.60**

2.4\_ Procedimentos gerais e a construção do método aplicado na Vila Telebrasília, **P.64**

CAPÍTULO 3\_ VILA TELEBRASÍLIA: histórico, morfologia e aspectos socioeconômicos – **P.69**

3.1\_ O direito dos operários da construção da capital ao espaço urbano do Plano Piloto, **P.69**

3.2\_ Histórico da Vila Telebrasília, **P.76**

3.3\_ Traçado urbano e descrição tipológica da área, **P.83**

3.4\_ Panorama socioeconômico dos moradores da Vila Telebrasília, **P.93**

CAPÍTULO 4\_ A IMAGEM DA VILA TELEBRASÍLIA – **P.99**

4.1\_ Análise dos resultados: primeiras expectativas, **P.99**

4.2\_ Análises das respostas dadas ao questionário, **P.100**

4.3\_ Análises dos mapas mentais: a imagem da Vila Telebrasília e seus elementos, **P.113**

4.4\_ Considerações sobre os resultados: o sentido do lugar **P.125**

CONSIDERAÇÕES FINAIS – **P.135**

REFERÊNCIAS – **P.139**

APÊNDICES – **P.145**

## INTRODUÇÃO

A paisagem funciona como grande reguladora física das sucessivas transformações do homem no tempo e no espaço. O balanço existencial entre os elementos de sua composição dependem de fenômenos de ordem naturais e/ou de fatores humanos. Desde o início do seu surgimento na terra, vivendo em pequenos núcleos sociais, o homem pouco modificou seu ambiente natural, mas com o passar do tempo, as relações sociais tornaram-se mais amplas e complexas exigindo novos alcances nas formações e organizações de seus espaços (figuras I e II).



**Figura I** - Relação homem x ambiente em Machu Picchu.  
**Fonte:** <<http://suzanneperazzini.blogspot.com>>. Acesso: 5/10/2008



**Figura II** - Transformação da paisagem pelo homem.  
**Fonte:**< <http://lobovermelho.blogspot.com/>>  
Acesso: 5/10/2008

O tamanho do impacto das alterações variou conforme as inevitáveis diferenças de visões de mundo entre as civilizações. Porém, o auge dessas transformações, por exemplo, concretizou-se na sociedade industrial. O prioritário desenvolvimento econômico e tecnológico ultrapassou todos os limites de equilíbrio entre as áreas urbanas e o ambiente natural. “Tanto a paisagem quanto o espaço resultam de movimentos superficiais e de fundo da sociedade, uma realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos” (SANTOS, 1996, p. 61).

Um dos pontos explorados dentro deste trabalho corresponde à correlação entre a paisagem natural e construída, onde a proporção e equilíbrio da existência de ambas são capazes de interferir qualitativamente no comportamento, identidade e satisfação humana com o lugar. Nem sempre as recorrentes alterações ao longo do tempo se deram de forma favorável para o bem estar do homem

e da composição natural da paisagem que, gradualmente, passa a perder as características que a torna peculiarmente identificável. Sendo o homem parte da natureza, ele passa a sofrer com as consequências da degradação do meio físico tendo que, constantemente, se adaptar a novas realidades que, muitas das vezes, são impostas em resposta aos seus atos.

No Brasil, em meados do século XX, o êxodo rural contribuiu para nas rápidas e notórias transformações na paisagem construída e, conseqüentemente, natural. Parte da população com menor poder econômico ocupa os centros urbanos e suas proximidades de forma crescente e ilegal moldando o espaço com assentamentos informais por meio de invasão de áreas públicas, privadas e de proteção ambiental. Assim como já havia ocorrido na Europa no século XIX, as necessidades eminentes desta população por moradia e emprego dentro das cidades refletem a insalubridade dos espaços e condições subumanas que transcendem uma série de limites, como por exemplo, ambientais, sociais, econômicos e culturais.

A Revolução Industrial também abriu precedentes para a condução desenfreada do capitalismo em um objetivo de expansão dos lucros para além das fronteiras locais e regionais. É quando no século XX, de maneira processual, o mundo potencialmente passou a ser visto como território e referência para a obtenção do auge no desenvolvimento econômico. Qualquer lugar praticamente se fez passível para fixação mercadológica externa, bastando apenas a existência de interesses em recursos naturais e/ou humanos.

Com o tempo, o crescimento econômico se desvirtuou favorecendo a formação das grandes metrópoles mundiais que, ainda hoje, são centros de influências no desenvolvimento das cidades e ditam as transformações das paisagens. Segundo Gouvêa (2008), a globalização tem seus reflexos nas relações humanas em um processo de homogeneização de aspectos que viriam a ser positivos, como por exemplo, a tecnologia, mas também negativo, como o aumento da miséria, violência e conflitos culturais. Estreitaram-se os contatos entre diferentes realidades físicas e culturais que, em alguns casos, se autoinfluenciaram modificando referências identitárias originais inclusive do espaço urbano e arquitetônico.

A consciência de um mundo globalizado, com enfoque no capitalismo e no consumo em massa, já causou uma série de impactos e problemas ambientais em níveis tão graves e alarmantes que, por vezes, parecem irreversíveis. Recentemente, as mídias apontam suas discussões para uma série de reuniões com diversos países onde, um dos principais objetivos, é a negociação sobre o controle no crescimento das cidades e nos índices de consumo da população. Além disso, também buscam soluções para os problemas ambientais vigentes que, caso continuem, podem comprometer o futuro das gerações. Porém, esses embates passaram a ganhar novos enfoques em função do poder de alcance gerados pelos impactos ambientais também nas ordens econômicas, sociais e culturais.

Em relação aos aspectos culturais, por exemplo, muito se discute sobre as interferências da globalização no que seria uma tendência à homogeneização de hábitos, costumes e paisagens. A imagem do poder econômico, já incrustada nas potências econômicas, e ascensão social passa a ser objeto de desejo de vários países pelo mundo afora, principalmente, aos que se encontram em vias de desenvolvimento. Com esse objetivo, o da imagem do poder, as tipologias espaciais urbanas e arquitetônicas assemelham-se nas mais diversas camadas sociais.

A questão é que quando os elementos e tipologias espaciais não são literalmente copiados, são equivocadamente adaptados a uma condição que desconsidera as verdadeiras feições locais, valores, significados e modo de vida de seus habitantes. O espaço passou a ser condicionado a ideias e soluções que são replicadas de forma indiscriminada como se isso fosse uma técnica ou um método de fabricação do estilo de vida pós-moderna. Na receptividade dessas interferências externas, além da pouca preocupação com as características inerentes ao lugar, há também uma decorrente perda nas referências, sentimentos e relações que conectam o homem ao seu espaço.

Portanto, o lugar que deveria ser reflexo de um espaço socialmente moldado em sua especificidade ambiental, histórica e cultural passa a ser banalizado por razões prioritariamente econômicas. A vida nas cidades, independente do continente em que estiver, tem como alguns cenários edifícios cada vez mais altos, de preferência com toques de contemporaneidade em suas fachadas totalmente envidraçadas, multidões apressadas e cabisbaixas em um vai e vem pelas ruas, a cor cinza do asfalto, sistemas viários cada vez mais monumentais para comportar o número de automóveis etc.



**Figura III** - Paisagem da cidade de São Paulo (Brasil), mas que poderia ser de outro grande centro qualquer em função das semelhanças dos elementos de composição espacial e do estilo de vida das pessoas.

Estas transformações que tendem para uma homogeneização da paisagem, ocorrentes nas mais diversos níveis econômicos e sociais, se refletem nas relações e reações identitárias sociais e com o lugar. Segundo Del Rio (1990), são nos processos identitários que a população percebe seus ambientes familiares fisicamente construídos e carregados de memórias significativas que geram estabilidade tanto psíquica quanto social. A ausência de elementos na paisagem, desagregados de sentimentos de apego, prazer e orgulho, torna as cidades sem vida, com aspecto de abandono e degradadas pelo vandalismo e poluição. São sentimentos que fazem com que a própria população passe a tomar conta de seus respectivos espaços e de sua comunidade. É neste também nesse sentido que ela também poderá participar e exigir soluções mais adequadas à convivência social e ambiental.

Porém, independente do reflexo dos vigentes padrões estéticos globais e contemporâneos na paisagem as questões de afetividade e pertencimento em relação ao espaço, podem estar presentes nas mais inesperadas ou improváveis situações e contextos. Na visão do autor Kevin Lynch (1999), os elementos morfológicos que compõem as cidades, sejam eles naturais ou construídos, podem desenvolver significados pessoais com relevante grau de importância. Geralmente, se constituem de objetos significativos em sua história, cultura ou simplesmente visualmente marcantes na paisagem e que, por alguns dos motivos, são facilmente lembrados pelos usuários ou percebidos pelos transeuntes.

Na interdependência de aspectos reais e subjetivos, aqui se entende que ações projetuais de reabilitação ou construção nas cidades envolvem fatores concretos e abstratos a serem ponderados, como por exemplo, características locais de sítio físico, usos, aspectos ecológicos, econômicos, culturais, afetivos e comportamentais. Para tanto, infere-se a necessidade de uma busca interdisciplinar em outras áreas do conhecimento diferentes dos atualmente comuns na arquitetura e urbanismo. Diante das abordagens tradicionalmente vinculadas aos aspectos morfológicos, surgiu a seguinte inquietação: como incluir estudos e análises de cunho subjetivo nas relações entre o homem e a paisagem?

Segundo David Canter (apud. DEL RIO, 1990, p.69), o “sentido do lugar” é construído pela união de três círculos que representariam a consciência humana: atributos físicos, atividades/usos e concepção/imagens. Dentro de cada um desses atributos, existem diferentes formas e caminhos investigativos que ajudam a compreender o que, de fato, faz parte do imaginário da população e como se identificam com lugar. O círculo de concepção e imagens, por exemplo, envolve conhecimentos subjetivos que exploram os efeitos emocionais produzidos pela visão ou pela vivência em determinado local. Identificadas as principais características contidas em cada um dos círculos de

maneira relacional, acredita-se na possibilidade de uma melhor leitura das estruturas de valores, significados e apropriações vinculadas ao local, ou seja, o sentido do lugar.

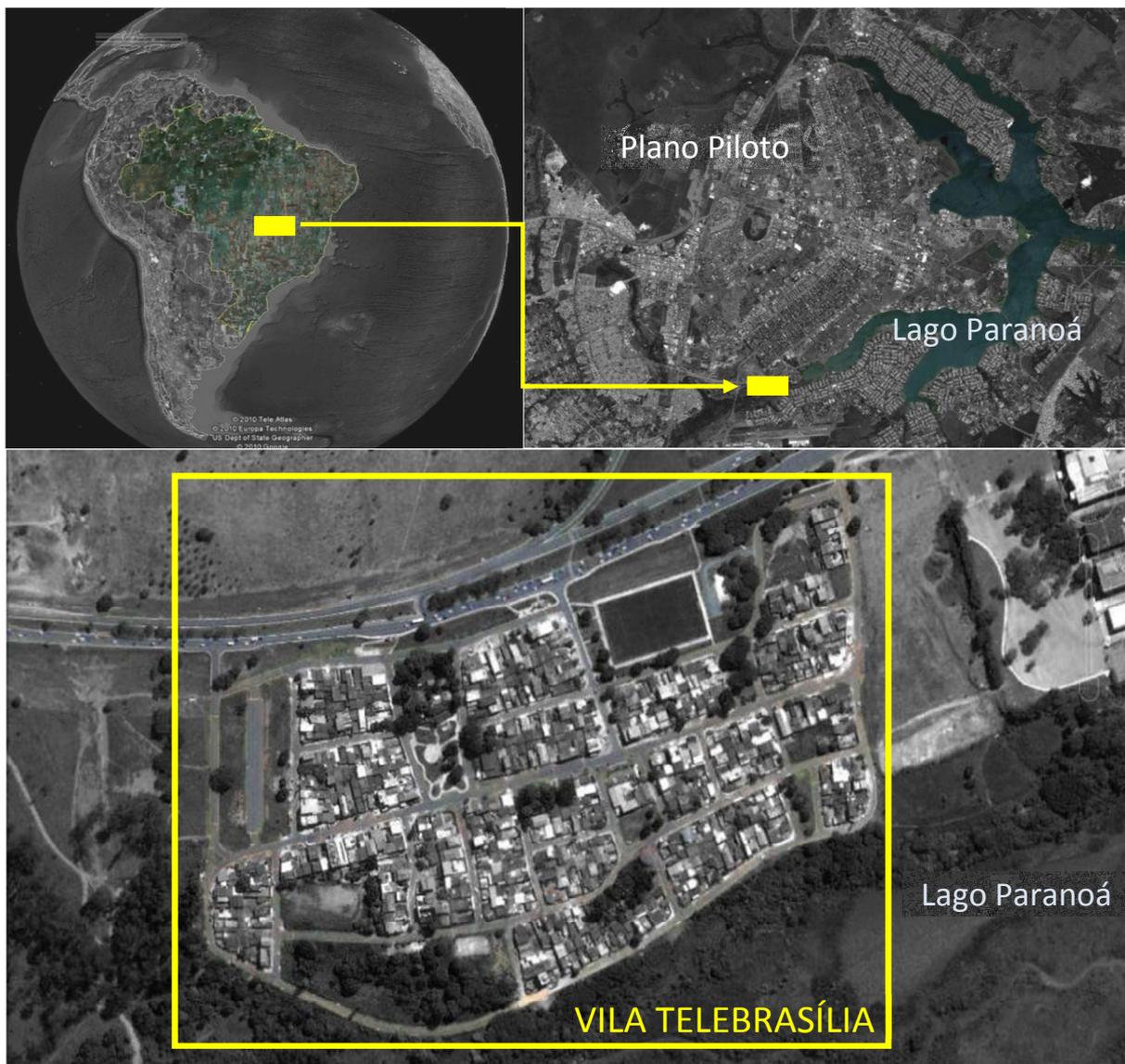
Autores como Kevin Lynch e Gordon Cullen, desenvolveram estudos e métodos relevantes no campo da percepção ambiental. Neles, ambos admitem que os atributos físicos do espaço são capazes de influenciar o processo perceptivo da população, particularmente o visual, possibilitando o reconhecimento de qualidades ambientais locais na formação de concepções e imagens com valores e significados particulares.

Em quatro trabalhos acadêmicos anteriormente realizados, três deles em cidades brasileiras (Bairro de Mãe Luiza em Natal, Vila Planalto e Varjão no Distrito Federal) e o outro em uma americana (Syracuse no estado de Nova Iorque), foi possível testar e colocar em prática métodos que trabalharam com a percepção ambiental da população dos locais em questão. A principal referência presente em todos eles foram as experiências de Lynch nas cidades americanas de Boston, Jersey City e Los Angeles relatadas no livro “A imagem da cidade”. Porém, tendo em vista a diversidade de situações em cada local, como por exemplo, culturas, ambientes, escolaridade e relações socioeconômicas, tornam-se necessárias algumas ponderações e adaptações em relação à aplicação do método de pesquisa.

No entanto, de maneira geral, nos quatro locais acima citados, trabalhou-se com questionários e desenho de mapas mentais feitos por moradores ou usuários do espaço. Nas respostas e nos desenhos, eles expressaram valores visuais e sentimentos atribuídos às paisagens em análise. Este caminho permitiu captar expectativas e fatores físicos e psicológicos que afetam de forma positiva ou negativa a vida e o cotidiano da população. Em um processo constante de aprendizado, baseados em comparações e autocríticas, os resultados obtidos serviram como poderoso instrumento de interpretação da realidade material e abstrata na formação do sistema de valores sociais e espaciais locais.

A importância desse tipo de investigação para o problema até então apresentado, ou seja, em relação às recentes transformações e tendente homogeneização da paisagem, é que por intermédio dos desenhos de mapas mentais pode-se obter informações sobre o significado da paisagem para seus moradores e usuários. Com isso, é possível identificar problemas e potencialidades existentes nas relações do homem com o lugar e utiliza-las como ideias em futuras intervenções. Ao mesmo tempo, é uma maneira de inserir a visão do sujeito que, de fato, participa e vivencia o espaço. Há também de se reconhecer que é uma ferramenta investigativa que, por si só, não é suficientemente completa. Necessita de um olhar crítico em cima de levantamentos de dados históricos e atuais além de procedimentos de pesquisa *in loco* para que exista um maior suporte e confiabilidade na análise dos resultados.

Além da intenção do aperfeiçoamento de métodos de pesquisa que possam vir a orientar propostas de intervenções no espaço, buscou-se um objeto de estudo que apresentasse características espaciais relevantes e que estivesse inserido no problema. Portanto, a fim de ilustrar a tendência de uniformização dos espaços frente ao não respeito às características sociais, ambientais, históricas e culturais locais, escolheu-se a Vila Telebrasília (figura 04), localizada no Distrito Federal, como área de aplicação metodológica para esta dissertação.



**Figura IV** - Localização da Vila Telebrasília – Contida nos limites da RA-I – Brasília.  
**Fonte** – Base das imagens: Google Earth.

No caso da Vila Telebrasília, a intenção será a identificação de elementos morfológicos urbanos locais, como por exemplo, vias, acesso, espaços públicos e edifícios que, devido às suas devidas importâncias para população, possam ser utilizados no reforço da verdadeira identidade existente no local.

A escolha do lugar partiu da sua relevância histórica para Brasília que teve como início de sua ocupação um dos acampamentos de obra na fase de construção da capital. Com o fim das obras, os moradores enfrentaram longos períodos de luta em reivindicação ao direito de fixação e legalização da área. No contexto socioeconômico, a Vila Telebrasília possui privilegiada localização dentro dos limites de Brasília (Região Administrativa I), além disso, fica próxima ao Lago Paranoá e de áreas do Plano Piloto como a Asa Sul e Setor de Clubes Esportivos.

Contrariamente à segregação socioespacial hoje existente, Brasília foi originalmente imaginada por Lúcio Costa para ser habitada por diversas classes sociais. A construção das Cidades Satélites deveria acontecer somente após a saturação dos espaços passíveis de ocupação dentro do Plano Piloto. O que de fato ocorreu, foi que população de menor renda foi autoritariamente afastada cerca de vinte e cinco quilômetros para as Cidades Satélites que logo surgiram no período de obras da construção da capital.

Desta forma, Brasília, teve desde o início de sua ocupação uma distribuição territorial injusta e impulsionada por decisões políticas e de mercado imobiliário. A quantidade de áreas e terrenos vazios possíveis de serem ocupados, sem prejuízos às leis de tombamento da cidade, não justifica as remoções da população de menor renda que se estabeleceram nas proximidades do Plano Piloto. O crescimento vertiginoso do entorno e das Cidades Satélites só vieram a confirmar a perversidade da ocupação urbana e da distribuição territorial no Distrito Federal. Áreas recentes como o Setor Sudoeste e Noroeste (em início de construção), são provas da especulação da terra estocada para adquirir valores altos e, conseqüentemente, inalcançáveis para uma considerável parcela da população.

Ao longo de sua história, a população da Vila Telebrasília sofreu fortes pressões de remoção para algumas das Cidades Satélites com vagas argumentações formuladas com base em uma eventual ameaça à preservação do Plano Piloto e de contaminação do Lago Paranoá. O processo de luta pela permanência que se desencadeou durante mais de cinquenta anos, fez com que um sentimento de posse, união e apego ao lugar fosse algo cada vez mais forte entre os moradores.

Durante todo esse tempo, a região ficou esquecida pelo poder público que, se utilizando de artimanhas para pressionar a saída dos moradores, evitou a colocação de infraestrutura básica e impediu a regulamentação fundiária dos lotes. É certo que, em aspectos físicos construtivos e naturais, pouco restou da história do local, porém, ainda carregam em sua população e na articulação dos seus espaços, memórias das lutas pelo direito de moradia.

Escolhida uma área com características tão peculiares, o objetivo do trabalho será demonstrar que as intervenções no espaço fundamentadas no resgate e na preservação da memória ambiental e dos

elementos físicos intrínsecos à paisagem, podem contribuir para reforçar os vínculos identitários e afetivos da população com o lugar.

Para tanto, o método de investigação diretamente aplicado no local foi embasado em coleta de dados e informações da área onde, posteriormente, realizaram-se entrevistas com os moradores capturando suas percepções com o auxílio de mapas mentais. Portanto, para identificar as imagens ambientais coletivas dos moradores da Vila Telebrasília, suas partes e elementos mais significativos, encontrou-se nos desenhos dos mapas a ferramenta mais adequada para o cumprimento desse objetivo específico.

Em função desta escolha, dentro das referências teóricas e conceituais, houve a necessidade de um aprofundamento em aspectos psicossociais por acreditar que a questão identitária está diretamente relacionada ao sentimento de quem atualmente usufrui do lugar. Dentre vários autores e teorias a respeito da percepção do espaço, o método básico para estruturação e inspiração na investigação do caso da Vila Telebrasília está, mais uma vez, presente no livro “A Imagem da Cidade” do autor Kevin Lynch.

Assim como já mencionado anteriormente, tem-se plena consciência de que nem todo método pode ser aplicado sem que antes haja um criterioso processo crítico voltado para vantagens e desvantagens no momento em que são escolhidos. Além disso, a sua formulação e adaptação dependem das características específicas do espaço e da população local, como por exemplo, o perfil escolar predominante dos prováveis entrevistados. Neste caso, principalmente em áreas de baixa escolaridade, cabe ao pesquisador o cuidado em evitar expor o entrevistado a qualquer forma de constrangimento. Mesmo sem a intenção, a simples atitude de entregar um lápis e um papel a uma pessoa não alfabetizada, pode causar certo desconforto.

Com base em relatos de outros autores e nas experiências anteriores com aplicação de questionários e mapas mentais pode-se avaliar a eficácia do método investigativo, correspondendo assim às expectativas esperadas dentro de seus objetivos. As respostas obtidas foram de extrema relevância e sempre muito surpreendentes independente de qualquer fator preexistente que aparentemente pudesse inviabilizar a aplicação do método. A boa receptividade e disposição dos moradores e usuários para participar das entrevistas, também foram pontos marcantes nas experiências anteriormente realizadas e, na Vila Telebrasília, não foi diferente.

O conteúdo desta dissertação está dividido em quatro capítulos. Todo o processo produtivo e estruturante consistiu basicamente das seguintes etapas:

#### **1- Levantamento dos principais conceitos necessários para o embasamento teórico da pesquisa.**

Conteúdo este presente nos capítulos 1 e 2, onde, no primeiro, aborda-se a estrutura dos problemas advindos com a globalização, conceitos de identidade, sustentabilidade, afetividade e pertencimento. Já no segundo, os conceitos referem-se aos aspectos da percepção da paisagem e aos métodos investigativos de seus elementos de composição e relação com o usuário;

## **2- Coleta de dados históricos e socioeconômicos da Vila Telebrasília**

Este conteúdo forneceu a base para a construção do capítulo 3 que trata exatamente das especificidades históricas, e socioeconômicas do lugar;

## **3- Levantamento in loco dos principais aspectos morfológicos.**

O resultado desta etapa também faz parte do conteúdo do capítulo 3 assim como os aspectos da etapa 2. A visita in loco consiste basicamente em um olhar do pesquisador em relação à paisagem da Vila Telebrasília;

## **4- Adaptação do método de entrevistas e mapas mentais para o local.**

Processo este também melhor detalhado no capítulo 2, onde também se discute o processo de adaptação do método aplicado por Lynch, no livro “A imagem da cidade”, para o caso da Vila Telebrasília;

## **5- Aplicação das entrevistas *in loco*;**

## **6- Análise e interpretação dos resultados.**

No capítulo 4, os resultados das entrevistas e mapas mentais são apreciados de forma sistematizada em gráficos e análises. No final, apresentam-se diretrizes para reabilitação da área de acordo com os aspectos identificados tanto nas entrevistas como no referencial teórico da pesquisa.

As etapas realizadas em campo tiveram dois momentos. O primeiro, **etapa 3**, foi executado basicamente em uma semana em todos os períodos do dia (manhã, tarde e noite). Teve como objetivo não apenas a identificação dos prováveis elementos de forte visibilidade, mas também observar as relações de uso e comportamentais cotidianos dos moradores com o ambiente físico. Todas as ruas da Vila Telebrasília foram percorridas predominantemente a pé. Cada elemento possivelmente vinculado aos aspectos identificados nas **etapas 1 e 2** foram fotografados. Além disso, outro fator relevante neste processo é de que a população se acostume com a presença do pesquisador no local. Em pequenas áreas residenciais, como a Vila Telebrasília, os moradores notam com facilidade a chegada de alguém “estranho” no local.

Já a fase das entrevistas com os moradores (**etapa 5**), foi realizada em cinco dias distribuídos entre fins e dias de semana. Procuraram-se horários diversificados abrangendo períodos da manhã, da

tarde e do início da noite. Apesar da preocupação em buscar variabilidade quanto ao sexo e idade dos entrevistados em potencial, a escolha e abordagem nas ruas foram aleatórias. Alguns moradores indicaram outros possíveis participantes entre vizinhos e amigos, algo que muito contribuiu e facilitou todo o processo de entrevista. Nenhum dos moradores abordados se negou a participar, porém, apesar de terem respondido as outras questões presentes no questionário, apenas dois não realizaram o desenho do mapa mental.

No total, foram aplicados trinta formulários (vide modelo no apêndice), quantidade esta considerada suficiente e satisfatória para o objetivo da pesquisa. Apesar do número de menções a certos elementos da paisagem ser importante para análise dos resultados, a qualidade das imagens mentais dos moradores existentes nos mapas independe da quantidade. Além disso, o procedimento de interpretação dos mapas é uma tarefa que demanda um tempo considerável ao pesquisador. Sendo assim, buscou-se um quantitativo médio no número de entrevistas que fosse suficiente para ambas as necessidades.

Acredita-se que todo esse processo aqui brevemente descrito colaborou para o alcance dos objetivos da pesquisa. Juntamente com os dados e levantamentos do local, os resultados das entrevistas e dos mapeamentos possibilitaram uma boa leitura das relações entre os moradores e a paisagem da Vila Telebrasil. A identificação de potencialidades, eventuais perdas e qualidades existentes no local possibilitou a proposição de algumas ideias de atuações pontuais no espaço na intenção de reforçar os vínculos afetivos, identitários e de pertencimento dos moradores com o lugar. Por fim, nas considerações finais, além do fechamento das ideias centrais do trabalho, apresentam-se algumas críticas observadas ao longo das etapas e também proposições para futuras continuidades dentro da pesquisa.

# PAISAGEM, IDENTIDADE, SUSTENTABILIDADE E AFETOS

## ■ CAPÍTULO 1

## PAISAGEM, IDENTIDADE, SUSTENTABILIDADE E AFETOS.

### 1.1\_Uniformização da paisagem urbana e perdas identitárias

Em meio aos mais diversos olhares, existem inúmeras interpretações e distinções sobre o conceito de paisagem. Para Donald Meinig (apud RIBEIRO, 2007, p.9), existem “[...] dez formas diferentes de encarar a paisagem: como natureza, como habitat, como artefato, como sistema, como problema, como riqueza, como ideologia, como história, como lugar, como estética”. Entre tantos aspectos concretos e subjetivos somados às inevitáveis transformações na sociedade nos últimos séculos, não é infundado o atual interesse pelo estudo da paisagem em diversas áreas do conhecimento acadêmico.

Diante de uma reconhecida complexidade e diversidade conceitual, dentro da abordagem que aqui será apresentada, destacam-se dois fatores como consideráveis influentes no atual aspecto visual da paisagem: o crescimento dos limites urbanos e o advento da globalização. No último caso, com a vertigem mercadológica cada vez mais competitiva em níveis regionais, nacionais e internacionais, as cidades adotaram imagens que, em suas aparências, servem como verdadeiras estratégias de marketing na intenção de atrair investidores, consumidores e até mesmo novos moradores. Dentro desses objetivos, as paisagens passam a ser dotadas de um repertório morfológico homogêneo, repetitivo e de mesmos padrões imagéticos que, numa ordem imposta pelo consumismo e banalizada pelo mercado, findam suprimindo o seu verdadeiro caráter (OLIVEIRA, p. 22).

Entende-se a paisagem como parte de um ordenamento espacial imposto ao conjunto dos elementos naturais e/ou construídos pelo homem. Elementos estes, considerando a preexistência natural, passíveis de sofrerem constantes modificações pelos mesmos fatores responsáveis por sua composição, ou seja, por ordens naturais e humanas.

Neste último caso, a paisagem tanto pode influenciar nos processos de transformações assim como também, inevitavelmente, sofre intervenções advindas dos processos e relações sociais. Portanto, acredita-se que o seu estudo permite, de forma processual, compreender o sentido histórico e atual da sociedade. “As mudanças nas formas como os homens se organizam para produzir suas vidas materiais resultam e, ao mesmo tempo, influenciam as mudanças no relacionamento com seus ambientes físicos (Cosgrove apud RIBEIRO, 2007, p.27)”.

Para o autor Gordon CULLEN (2006, p.135), “um edifício é arquitetura, mas dois seriam a paisagem urbana”. É composta pela distribuição dos elementos físicos e os espaços configurados entre eles. A multiplicação desses elementos em maior escala, formam o meio ambiente urbano que, ainda segundo o autor, “pode assumir expressão própria, e ser espacialmente estimulante”(p.135).



**Figura 1.1-** Vista da cidade de Manhattan – Nova Iorque – Estados Unidos.

**Fonte:** < <http://webs.ono.com/sok6/NewYork/Torres%20Gemelas%20y%204%20torres%20comerciales.jpg>>. Acesso: 2/12/2010

Portanto, para fins deste trabalho, entende-se paisagem como um sistema dinâmico, capaz de determinar ou ser determinada por uma estrutura que resulta em configurações particulares, coerentes e de caráter único em seu relevo, vegetação, usos, população, cultura etc. Pode ainda ser mais bem compreendida pela integração holística das seguintes variáveis:

*[...] a ecológica, relativa à parte física e biológica dos ecossistemas; a cultural, onde tantos fatores históricos como as questões de identidade e as qualidades narrativas da paisagem são consideradas; a socioeconômica, referindo-se aos fatores sociais e às atividades econômicas, assim como às respectivas regulamentações condicionadoras da ação humana, que permanentemente constroem, transforma a paisagem; e finalmente a sensorial, ligada às impressões causadas pela paisagem (Pinto – Correia apud RIBEIRO, 2007, p.61).*

Segundo RIBEIRO (2007, p.56), os atuais estudos sobre paisagem apresentam sérias preocupações com leituras que contemplem os aspectos histórico-culturais e formais aliadas aos aspectos naturais,

seus problemas ecológicos e ambientais. Além disso, por meio dessa leitura de composições e arranjos, deverá também ser possível a identificação das relações de significado.

Assim como MEDEIROS (2006, p.502), entende-se a cidade como “[...] um complexo conjunto de relações: um lugar para onde convergem, se concentram e interagem grupo de relações sociais, econômicas, culturais, espaciais e políticas seja na ação local, individual ou coletiva”, portanto, pode-se dizer que é socialmente contruída, edificada e ordenada por intuições dominantes dentro de um determinado meio social. É neste sentido, de cidade como sendo a própria sociedade, que as feições físicas da paisagem assumem próprias expressões (CULLEN, 2006).

Em meados do século XVIII, a Revolução Industrial na Europa foi um dos acontecimentos mais marcantes na história da humanidade quando o foco é a transformação das cidades e, conseqüentemente, da paisagem. Foi o princípio de uma expansão vertiginosa de forma até então jamais vista. Em razões prioritariamente econômicas e funcionais, as ações antrópicas emergenciais geraram impactos de extrema negatividade (figura 1.2). Neste sentido, houve uma ausente preocupação aos aspectos climáticos e sociais e culturais. O abuso inconsequente na utilização de recursos naturais somado ao despreparo da infraestrutura até então existente não suportou o ritmo veloz do crescimento espacial das cidades.



**Figura 1.2-** Sátira - “o horror do desenvolvimento urbano. Londres se tornando cidade.” Gravura de George Cruikshank, 1829.  
**Fonte:** <http://www22.homepage.villanova.edu/margaret.boerner/images/CRUIKSHANK.GIF>

Dentre as conseqüências que afetaram as cidades européias nos séculos XVIII e XIX, o aumento da população, tanto em função da diminuição das taxas de natalidade como no aumento do fluxo migratório do campo para o meio urbano, exigiu uma série de ações e reações físico-espaciais e

sociais. A estrutura urbana intramuros até então existente no período da Idade Média com ruas estreitas, tortuosas e ladeadas por pequenas casas não mais atendia a nova demanda populacional e de mercado.

Inevitavelmente, concatenou-se o avanço de zonas periféricas e a degradação das áreas centrais onde, em função das revoluções sociais, edifícios históricos deram lugar à moradia para os operários que trabalhavam nas fábricas. Acontecimentos também que fulminaram os elementos naturais da paisagem tornaram as zonas urbanas em áreas de total insalubridade. “As zonas verdes compreendidas no organismo antigo – os jardins por trás das casas em fileiras, os jardins maiores dos palácios, os hortos – são ocupados por novas construções, casas e barracões industriais” (BENEVOLO, 2007, p. 565).

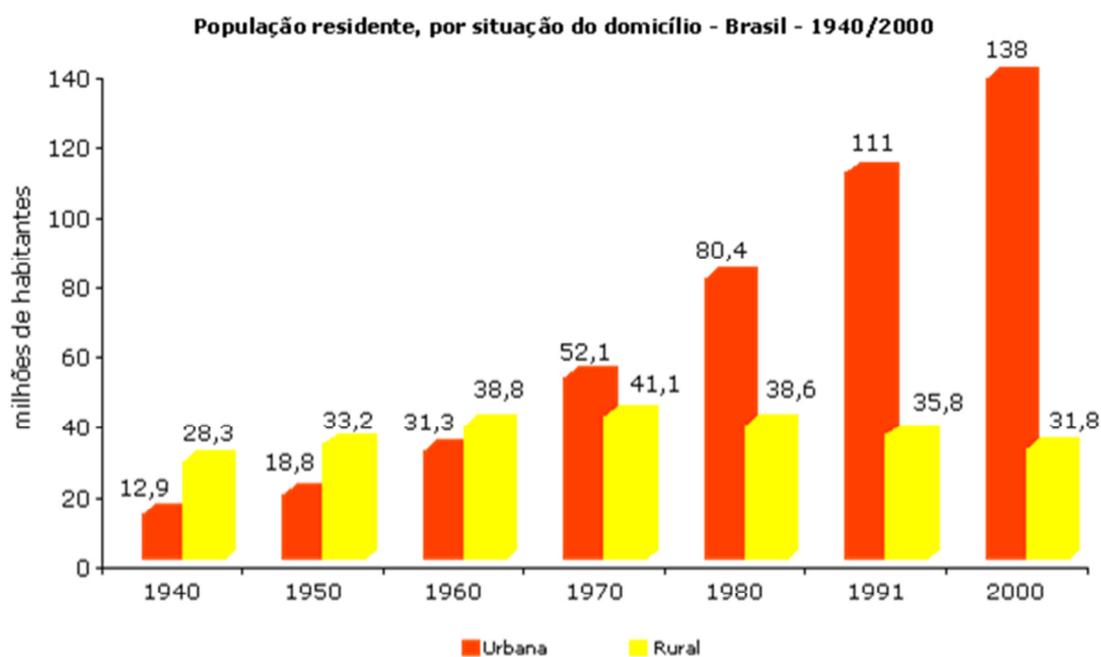
Engels (apud BENEVOLO, 2007), em 1845, descreveu uma série de transformações na aparência da paisagem urbana em uma área central de um bairro operário da cidade de Manchester, Inglaterra. É interessante observar que a narrativa muito se assemelha com problemas enfrentados na contemporaneidade dentro das grandes metrópoles de países que, dentro da nova ordem mundial, ocupam a posição de mais pobres ou em vias de desenvolvimento.

*É difícil imaginar a desordenada mistura das casas, que troça de toda urbanística racional, o amontoamento, pois estão literalmente encostadas umas nas outras. [...] as ruas, mesmo as melhores, são estreitas e tortuosas, as casas sujas, velhas, e o aspecto das ruas laterais é absolutamente horrível [...]; as ruas não estão calçadas nem tem canais de escoamento. Estas ruas são tão lamacentas que somente quando o tempo é muito seco se tem alguma possibilidade de atravessá-las sem afundar até os tornozelos a cada passo (F. Engels apud BENEVOLO, 2007, p.565-566).*



**Figura 1.3** - Varjão no Distrito Federal (2007).

No Brasil e demais países em vias de desenvolvimento, a Revolução Industrial se fez tardia em relação à Europa. Apenas após a Segunda Guerra Mundial, já década de 50 do século XX, o impacto da evolução econômica materializou um padrão de civilização urbana dominante nesses países. A decadência da produção cafeeira, sendo o café um dos produtos de maior importância para economia brasileira na época, e a mecanização na produção agrícola incentivaram os trabalhadores do campo a migrarem para as cidades, atraídos pelas ofertas de emprego no crescente mercado industrial.



**Figura 1.4** - Tendência demográfica entre população urbana e rural no Brasil – dados referentes até o ano 2000.  
**Fonte:** IBGE.< <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/demograficas.html>>. Acesso em 22/12/2009

Em fins do século XX e início do XXI, as áreas urbanas continuaram a se expandir de forma significativa como fenômeno mundial e, mais uma vez, com taxas de aumento da população que ainda hoje ultrapassam os recursos e a infraestrutura disponível. Segundos novos dados do censo 2010 divulgados pelo IBGE, no Brasil, o número de habitantes que residem nas cidades continuou crescendo considerando os últimos dados anotados em 2000 (figura 1.4). Hoje, 84.35% vivem em áreas urbanas contra 15.65% que moram na zona rural. Há dez anos, os números correspondiam a 81.25% contra 18.75% respectivamente.

Apesar dos diferentes contextos temporais, históricos e culturais, o desequilíbrio entre o crescimento da população urbana e a capacidade de absorção deste contingente alterou, consideravelmente, a composição da paisagem em praticamente todo o mundo. Houve, e ainda existe, uma óbvia e exigente necessidade de ampliação e modernização das infraestruturas existentes, como por exemplo, abastecimento de água, captação de energia, habitação, edifícios, redes de circulação e

comunicação. A estas questões, soma-se ainda o advento da globalização. Considerando esses dois pressupostos, a paisagem foi se materializando como reflexo uma nítida priorização de satisfações econômicas e numa ausente preocupação em relação às características culturais e ambientais locais.

A difusão do competitivo modelo capitalista de produção e consumo, aliado a interesses políticos, exerce forte influência no processo de uniformização das paisagens mundo a fora. Segundo Alva (1997), a cultura cosmopolita e as novas relações sociais entram em confronto com a desfiguração dos espaços dentro das cidades tanto em seus grandes centros financeiros como em zonas periféricas. No âmbito global, os setores emergentes associam os aspectos físicos de suas paisagens ao dos países economicamente mais fortes. Fazem do espaço a imagem e semelhança do poder e, ao mesmo tempo, símbolo de desenvolvimento e pós-modernidade.



**Figuras 1.4 e 1.5** - Edifícios com características e fisionomias homogêneas em diferentes localidades do mundo. O primeiro em Manhattan – Nova York, EUA e o segundo em São Paulo – Brasil.

A fim de atender demandas ideológicas, edifícios competitivamente altos e inseridos em áreas densas e funcionalmente voltadas ao mercado corporativo apóiam-se em padrões estéticos e estilísticos estrangeiros. Com extremo modismo, as edificações adquirem funções, formas e feições materiais cada vez mais semelhantes e sem a menor vinculação com as características ambientais e identitárias de seus respectivos locais (figuras 1.4 e 1.5).

Nas grandes metrópoles, a mediocridade do sistema de transporte público por muito incentiva o uso do carro particular. O caos implantado pelos longos engarrafamentos e a falta de estacionamentos nos centros urbanos passa a falsa ideia de insuficiência e saturação no sistema viário. A construção de vias, estradas, áreas ou edifícios para estacionamento, pontes e viadutos prolonga a sobrevivência e a imagem da cultura do asfalto. Além das implicações ambientais, como por exemplo, maior emissão de gases poluentes e o excesso de impermeabilização do solo, o impacto visual desses elementos de engenharia urbana ajuda a disseminar a homogeneização da paisagem nos diversos cantos do mundo.

Um mundo onde se nasce numa clínica e se morre num hospital, onde se multiplicam, em modalidades luxuosas ou desumanas, os pontos de trânsito e as ocupações provisórias (as cadeiras de hotéis e os terrenos invadidos, os clubes de férias, os acampamentos de refugiados, as favelas destinadas aos desempregados ou à perenidade que apodrece), onde se desenvolve uma rede cerrada de meios de transporte que são também espaços habitados, onde o frequentador das grandes superfícies, das máquinas automáticas e dos cartões de crédito renovado com os gestos do comércio “em surdina”, um mundo assim prometido a individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero [...] (AUGÉ, 2007, p. 73-74).



**Figuras 1.6 e 1.7** - Avenidas com características visuais homogêneas. A primeira em Manhattan – Nova York, EUA e a segunda em São Paulo – Brasil.



**Figuras 1.8** - Uniformização da paisagem – Brasil.  
**Fonte:** <http://www.travelpod.com/travel-photo>.  
Acesso: 2/12/2010.



**Figura 1.9** - Uniformização da paisagem – China.  
**Fonte:** <http://www.travelpod.com/travel-photo/asia2010/1/1266094134/debaixo-de-um-viaduto-em-shanghai.jpg/tpod.html>. Acesso: 2/12/2010

Experiências mundiais e brasileiras demonstram fisicamente, por intermédio da paisagem, a indignidade e a degradação espacial como reflexo das disparidades socioeconômicas. O ideal das grandes capitais como possibilidade de ascensão financeira e social em função da oferta de emprego, educação, serviços, transporte e lazer são os atrativos influentes no aumento dos movimentos migratórios. Porém, a procura desenfreada por trabalho e moradia potencializa a proliferação voraz de ocupações ilegais comumente localizadas em áreas privadas, públicas ou de proteção ambiental.



**Figura 1.10** - Paisagens uniformizadas - Favela do Morumbi - São Paulo - Brasil  
**Fonte:** < <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=336156>>. Acesso: 2/12/2010



**Figura 1.11** - Paisagens uniformizadas - Caracas - Venezuela.  
**Fonte:** <<http://coizaradas.blogspot.com/2009/04/extremos-de-riqueza-e-pobreza.html>> Acesso: 2/12/2010

Importantes aspectos seriam ignorados nestes processos, tais como os valores da população e os intensos e longos investimentos sociais e econômicos das comunidades e do indivíduo no seu ambiente habitacional. As características simplistas e, não raro, desumanas dos ambientes então gerados desconsideravam a complexidade da vida urbana, de patrimônio histórico, da integração e inter-relação entre as funções e atividades humanas, a importância das redes sociais estabelecidas, dos valores afetivos e de tantos outros fatores vitais para o cidadão (DEL RIO, 1990, p. 20-21).

Segundo o autor Milton SANTOS (1996), o estado decadente e marginalizado dos centros históricos, verdadeiras reservas de valores simbólicos e culturais, pode indicar tanto o desuso como uma preferência social por outras formas. A tendência é que paulatinamente estes centros assumam outras perspectivas sociais e expulsem os moradores de menor renda. A paisagem se torna demasiadamente enobrecida e, com a elevação do estatuto, passa a selecionar de forma especulativa a população realmente capaz financeiramente de ocupar tais espaços. Com isso, perde-se o seu principal vínculo socialmente identitário.

Porém, no imaginário da população de menor renda, o eldorado visual de extremo estímulo a um estilo de vida altamente capitalista fomenta um novo significado sócio-espacial. O problema é que, se por um lado, certos espaços se tornam atraentes e favoráveis a uma economia globalizada, por outro padece do desgaste dos aspectos que os identificam. O desejo pelo que visualmente transmite poder econômico e ascensão social eleva as paisagens ao comparativo de forças que impõem perspectivas múltiplas sobre uma paisagem que interferem na ocultação dos verdadeiros valores locais.



**Figuras 1.12, 1.13 e 1.14** - Modificações na paisagem do Varjão - DF ao longo do tempo. Perda das características locais. Período das imagens (2004, 2007, 2007- respectivamente).

A tolerância cega por interesses próprios do poder político para os riscos a saúde e aos problemas socioambientais subjuga as ilegalidades até o momento em que suas ações se tornam tardias e, portanto, de caráter emergencial. A população erroneamente é induzida a acreditar e a aceitar certas estratégias impostas sem que haja uma discussão consciente dos significados especiais de uma área. “Forma que adquire caráter de necessidade, enquanto oferece às próprias diferenças sociais a possibilidade de serem representadas, de existirem com uma linguagem arquitetônica própria” (BARBA, 2009, p.100).

Cada lugar, dentro das diferentes escalas, da cidade ou de seus bairros, exige uma forma de organização espacial resultante de estruturas compatíveis com características próprias de sua população e potenciais presentes no ambiente, seja ele natural e construído. Porém, nas áreas onde reside a população de menores rendimentos, o que amplamente se repete como soluções são propostas e estratégias *higienistas*<sup>1</sup>, como por exemplo, a canalização dos córregos, alargamentos com ruas asfaltadas etc.

Segundo DEL RIO (1990), considerando os diversos níveis sócio-culturais e de satisfação psicológica, a população precisa se identificar com seus territórios e a grupos sociais próximos a suas residências. A experiência local de cada pessoa é, em parte, orientada por um mecanismo que atua em uma lógica global. Porém, acredita-se que, para uma não uniformização da paisagem, “toda cidade deve ser um conjunto perceptível de partes conformando um todo coerente. Cada parte, cada bairro, cada comunidade, com sua identidade própria, sua história e suas características” (DEL RIO, 1990, p. 119).

A homogeneização ou uniformização da paisagem em diversos patamares sociais apresenta como tendência a diluição das identidades individuais. Com a globalização há um incessante desejo de transmitir ares de contemporaneidade como imagem do progresso econômico através do espaço, provocando profundas transformações morfológicas que revelam uma paisagem em constante transformação. A questão, neste contexto, é que as ações de intervenções nos espaços anteriormente constituídos são influenciadas por relações conflituosas e contraditórias às características físicas e culturais de cada lugar.

O desaparecimento dos referenciais espaciais vinculados a um sistema de valores humanos possibilita o enfraquecimento das relações comunitárias e de vizinhança. A globalização da paisagem coloca em prova a dificuldade e a capacidade das culturas locais de reconhecerem fisicamente seus verdadeiros valores universais.

---

<sup>1</sup> “No Brasil, no final do século XIX, com o aumento da taxa de crescimento urbano, a intervenção estatal também se deu por meio de concepções higienistas que não questionavam as causas da insalubridade resultando em um autoritarismo sanitário. A intervenção do poder público no controle da produção do espaço urbano foi desenvolvida em três direções: legislação urbanística, planos de saneamento básico e estratégia de controle sanitário” (Banduki apud ANDRADE, 2005, p.9).

## 1.2\_Paisagem, globalização e perdas as identitárias nas relações socioespaciais

*...a oficina que canta e tagarela;  
as chaminés, os campanários, esses mastros da cidade,  
E os grandes céus que levam a sonhar com a eternidade.  
(Baudelaire apud AUGÉ, p.72)*

No início de século XXI ainda muito se discute sobre os efeitos de um mundo reconhecidamente globalizado. A interdependência econômica e política das metrópoles mundiais passaram a exercer fortes influências sociais e culturais a partir do momento em que, de maneira inevitável, estreitaram-se os contatos e as informações entre diversas nações. A comunicação em tempo real, independente da distância entre locutores, facilita todo processo de interação global e potencializa novas relações sociais e urbanas. Estreitaram-se os contatos entre diferentes realidades físicas e culturais que, em alguns casos, se autoinfluenciaram modificando referências ideológicas e identitárias.

No campo político-econômico existem vertentes que defendem que a competitividade e a exploração, palavras facilmente associadas ao modelo capitalista, são ideias do passado e que hoje os países não vivem mais em “guerra” econômica e sim em um processo otimista de desenvolvimento linear e colaborativo. Porém, segundo GOUVÊA (2008), a globalização tem seus reflexos nas relações humanas em um processo de homogeneização de aspectos que viriam a ser positivos, como por exemplo, o acesso e desenvolvimento da tecnologia, mas também negativos, como o aumento da miséria, violência e conflitos culturais em função de um modelo que persiste da dependência e da existência de diferenças realidades econômicas, políticas e sociais.

Autores dos mais diversos campos do conhecimento discutem o impacto da globalização nas transformações nas relações sociais, culturais contemporâneas. Dentro de uma crítica à modernidade, para Gioielli (2005), existem duas correntes de análise nas relações identitárias. A primeira acredita na ideia de que as identidades estariam passando por uma crise em função de uma forte tendência à homogeneização e à erosão de vínculos históricos entre o lugar e as pessoas. Já a segunda corrente defende exatamente o oposto à uniformização que seria a fragmentação e, com isso, o ressurgimento e o fortalecimento do apego às características e tradições locais. Porém, a fim de melhor delinear a questão, faz-se necessário um breve esclarecimento sobre o conceito de identidade que aqui será adotado como referência.

Para HOUAISS (2001, p.1565), *identidade* é “um conjunto de características ou circunstâncias que distinguem uma pessoa ou uma coisa e graças às quais é possível individualizá-la. Distinguir traços característicos de; reconhecer”. Já em sua etimologia, a palavra identidade vem do latim *identitas*, que significa ser o mesmo, persistir apesar da mudança. Na visão antropológica, a identidade

representa tudo que diz respeito a todos e pertence a todos. Em uma linha de pensamento denominada construtivista, seu desenvolvimento é “construído” pelas próprias pessoas de maneira subjetiva e de acordo com a realidade atual que elas estabelecem para si mesmas como verdadeiras. O estudo dessas relações, em geral, é reconhecidamente um tema que envolve uma série de complexidade e variáveis em seu entendimento por ser processualmente mutável e dinâmico.

Do ponto de vista da paisagem e de seus contextos particulares, a identidade está vinculada a aspectos físicos e por isso visíveis; configuração da malha urbana, edifícios, praças, marcos naturais ou construídos, como também aos subjetivos e invisíveis; lembranças passadas, acontecimentos históricos, seguimento de tradições culturais etc. Ambos os aspectos se fundem de maneira relacional na medida em que não se compreende as cidades apenas na visão morfológica, mas também como o lugar onde o indivíduo desempenha suas principais funções (econômicas, sociais, políticas e culturais) dentro de uma própria dinâmica espacial (COSTA, 2009).

A identidade ligada ao espaço está relacionada ao universo simbólico de fatos e elementos da paisagem que os remetem e os caracterizam. O que para alguns são agregados valores e imagens, podem não ter a mesma relevância e interpretação para outros fora do meio. Um morro, por exemplo, pode carregar um significado muito mais amplo do que uma mera alteração topográfica na paisagem assim como uma feira ou mercado, aparentemente com função estritamente comercial, podem ser relacionados ou apreendidos como locais de encontro e lazer.

MOURÃO (2006) afirma que o processo de construção identitária passa por diversos níveis e que, por isso, a escolha de um só aspecto seria insuficiente para poder expressá-la por completo. Segundo Jacques (apud MOURÃO, 2006), em função da multiplicidade conceitual, existem diversos sistemas identificadores:

Os sistemas identificatórios são subdivididos e a identidade passa a ser qualificada como identidade pessoal (atributos específicos do indivíduo) e/ou identidade social (atributos que assinalam a pertença a grupos ou categorias); essa última ainda recebe predicativos mais específicos como identidade étnica, religiosa, profissional, etc. (Jacques apud MOURÃO, 2006, p.3).

Como dito anteriormente, acredita-se que os componentes físicos do espaço relacionados a uma vivência história e social são fundamentais e suficientes para a constituição identitária. Para tanto, em relação à paisagem, o estudo do conceito de identidade deve ser focalizado nos seguintes aspectos: aplicados ao espaço físico natural e construído; ao sentido dado pelo sujeito ao ambiente (percepção) e às dimensões simbólicas e culturais locais. Para MOURÃO (2006), considerando o espaço, vários termos poderiam a ele ser associados, sendo um deles, o de identidade social espacial.

Porém, é possível encontrar em outros referenciais teóricos diferentes terminologias, abordagens e fragmentações do assunto, como por exemplo, identidade social e identidade de lugar.

A identidade social é aquela em que o indivíduo participa e se sente parte de um grupo social ao qual se vincula por algum significado de valor e emocional. Já a identidade de lugar, “[...] é uma subestrutura da identidade profunda da pessoa e é constituída por cognições sobre o mundo físico, relativas à variedade e complexidade dos lugares nos quais ela vive e satisfaz suas necessidades biológicas, psicológicas, sociais e culturais” (Proshansky apud MOURÃO, 2006, p.4). Porém, cabe aqui incluir de maneira complementar a estes dois conceitos, a identidade relativa ao cenário onde ocorrem estas manifestações e representações sociais.

Com apoio teórico em uma série de outros autores, MOURÃO (2006, p.4) afirma que a identidade social urbana seria justamente a integração dos dois últimos conceitos, os de identidade social e identidade do lugar, com outros seguintes: o da *teoria da categorização social*; quando o entorno pode ser visto como uma categoria social através do qual o sujeito se define; *comunidade simbólica*, onde integrado socialmente, o espaço vivido é definido por intermédio de mecanismos simbólicos ou de significados a ele atribuído e, por fim, o de *identidade urbana* que significa que o entorno (que pode ser um espaço urbano) onde o sujeito se define e a ele atribuem símbolos e significados.

Nos dias de hoje, pensar a experiência da paisagem é considerar que nós tecemos, a cada vez, conexões com o espaço que nos cerca, em uma situação em que despertamos nossas percepções singularmente, provocando assim uma alteração na maneira como vemos este espaço. De uma seleção operada pelo olhar, o espaço percebido parece então se destacar de seu entorno para se transformar em uma “*veduta mental*”, uma paisagem íntima (DIAS, 2010, p. 145).

É certo que o espaço físico é o veículo de concretização e disseminação identitária, onde a produção, dinamização e preservação deste ambiente têm como princípio as relações sociais que nele se desenvolvem no presente, passado e futuro. Segundo Agier (2009), dentro da ideia de edificar fronteiras simbólicas, é bastante comum nas cidades a existência de monumentos, edifícios e praças construídos como representações materiais remetentes a acontecimentos passados que, de alguma maneira, marcaram a memória e a paisagem. Em um país ou em grandes metrópoles, por exemplo, existem valores e concepções que são universais, do ponto de vista dos elementos físicos e subjetivos, que lhes conferem identidade (figura 1.15- página seguinte).



**Figura 1.15** - Paisagem do lugar - Rio de Janeiro.

**Fonte:** <<http://www.gytviajes.com.ar/images/rio%20de%20janeiro.jpg>>. Acesso: 12/12/2010.

Porém, principalmente em paisagens em que há poucos elementos visuais marcantes, mesmo assim, é necessária a manutenção de certas características espaciais locais, o que significa preservar a identidades sociais e de lugar. Dentro de inúmeras cidades e bairros, existem peculiaridades, pequenos espaços de identidade, onde cada lugar estabelece suas perspectivas e significados comuns tornando-os incomuns em um âmbito regional. Os aspectos que individualizam, de fato, os lugares podem estar vinculados à história, aos costumes e modo de vida da população local, muitos destes materializados em seus respectivos espaços. Caso essas particularidades sejam ignoradas, abalam-se as relações emocionais de pertencimento e estabilidade psíquica do sujeito com o espaço. “Quando o ambiente é significativo, o homem sente-se em casa” (NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 23).

Segundo Gioielli (2005), a identidade é uma necessidade humana onde o espaço do bairro, às rodas de amigos, o time de futebol, as relações de vizinhança, podem sobrepor as implicações culturais advindas da globalização a partir do momento que se estabelecem laços e adquire significados para população. Quanto mais próximo o espaço estiver daqueles que o constrói e vivencia, maior será a incorporação de significados e a transmissão de afetos e valores.

Mesmo diante de uma tendência a uma nova ordem cultural em âmbito global, não há exemplos claros e convincentes de mudanças culturais de forma absoluta e sim, de forma mais clara, um processo paralelo com as culturas ainda existentes. Apesar de temores incertos, como por exemplo,

o da ocidentalização cultural do oriente, é incontestável que o avanço das tecnologias de comunicação facilitou o intercâmbio sócio-cultural e, com isso, mesmo que virtualmente, encurtou as relações identitárias.



**Figura 1.16** - Rede de *fast food* americana no Japão.

**Fonte:** < <http://www.infoescola.com/sociologia/ocidentalizacao/>>. Acesso em 2/01/2010.

Felizmente, as cidades já não são mais apenas fisicamente categorizadas como modelo oposto ao campo ou um arranjo material de edifícios, ruas e praças. São vistas como espaços urbanos socialmente utilizados onde, além de seus aspectos morfológicos, carregam uma série subjetivismos e significados onde muitos formam as bases dos processos identitários. O convívio e os interesses em comum entre os habitantes reforçam a amplitude coletiva das relações identitárias que, por muitas vezes, determinam códigos, regras, comportamentos e valores próprios e até independentes (ARGIER, 2009). Para a população, a união destes significados, físicos e subjetivos, adquire *status* de símbolos e imagens da cidade.

[...] ainda se celebra a festa de tempos em tempos, para fazer como antigamente, como se ressuscita a batida do trigo à moda antiga todo verão; a capela foi restaurada e, às vezes, fazem nela um concerto ou um espetáculo. Essa encenação não ocorre sem provocar sorrisos perplexos ou comentários retrospectivos de

certos velhos habitantes da região: ela projeta à distância os lugares onde eles creem ter vivido no dia-a-dia, enquanto nos convidam, hoje, para olhá-los como um pedaço de história (AUGÉ, 2007, p.54).

É bem verdade que as referências da globalização atingiram a paisagem de forma a descaracterizá-la de seus valores locais tornando-a banal, superficial e distante de uma verdadeira identidade social urbana. Para Secchi (apud BARDA, 2009), o século XX é a era da banalização, fragmentação e burocratização do espaço urbano. A progressiva uniformização tende a desestabilizar e, por vezes, degradar o lugar, pois ela dá origem a um contínuo deslocamento, adaptações e reorganizações das atividades atribuídas ao espaço.

A materialização da paisagem urbana global adquire quase que uma função geopolítica onde hegemonicamente se destaca a identidade individual. Socialmente, os elementos e funções do espaço que poderiam unir as pessoas pelo prazer ou bem comum se confundem com valores materiais lançados pelo consumismo e anonimato social. Com isso, antigos lugares como a praça, o edifício do cinema, o comércio, ruas e esquinas de fundem nos *shopping centers* como lugares sociais.

Mesmo diante das inevitáveis dinâmicas urbanas, sociais e culturais contemporâneas, a valorização do processo identitário torna-se um importante meio de materialização, consolidação e manutenção dos atributos dotados de significados e sentimentos para determinado grupo social e seu espaço. Secchi (apud BARDA, 2009) acredita que a cidade contemporânea tende, de maneira processual, a esfacelar os já consolidados sistemas de valores simbólicos e monetários.

É comum as pessoas sentirem que a maioria dos locais urbanos são pouco satisfatórios – desconfortáveis, feios ou aborrecidos – como se esse locais fossem avaliados numa escala absoluta. Só alguns fragmentos do mundo povoado estão, regra geral, excluídos desta perspectiva melancólica: um subúrbio opulento, um parque elegante, uma cidade histórica, o centro vital de uma grande cidade, uma antiga região agrícola. Se conseguíssemos sintetizar os motivos que nos levam a sentir assim, estaríamos preparados para desenvolver mudanças eficazes (LYNCH, 2007, p.7).

Por fim, acredita-se na existência de um ponto de partida, uma herança local que, preservada, dificilmente será apagada da memória e do espaço. A base identitária construída pela própria sociedade passa a ser naturalmente manipulada e moldada em seu cotidiano e tende a permanecer ao longo do tempo sem que, para isso, tenha de perder as principais características que a torna distinta. “Uma verdadeira arquitetura local, fonte de todas as outras, ela [...] respeitaria tanto as

grandes como as pequenas construções [...] O interesse que as mais belas cidades provocam em não da riqueza isolada dos seus palácios, mas...das habitações, mesmo menores (Ruskin apud FERREIRA, 2009, p.220).

### **1.3 \_Sustentabilidade e identidade**

De acordo com o que foi exposto anteriormente ao longo deste capítulo, o reflexo da globalização não se restringe apenas a universalização das finanças e do mercado internacional. A dinâmica capitalista de crescimento econômico com princípio e base na subordinação das economias nacionais ao comércio global também provoca, de maneira processual, transformações culturais, políticas e sociais que, por consequência, redefinem a paisagem. As práticas urbanas tendem para a uniformização dos elementos espaciais com uma identidade visual aparentemente única e independente das características intrínsecas ao lugar. Acredita-se que, com este fato, há uma gradativa perda tanto nas relações comunitárias locais quanto na qualidade ambiental urbana.

Considerando, portanto, que o global é a controvérsia do local, o imaginário de um mundo unificado em sua paisagem ameaça não somente a identidade e preservação do espaço como também a continuidade de heranças, costumes e afetos para as próximas gerações. Dentro do cenário globalizado, as características locais perderam significado e passaram a ter importância secundária onde, por vezes, é até vistas como algo retrógrado que podem servir tanto de obstáculo como de promoção ao alcance dos objetivos de supremacia econômica e política.

É fato também que a competitividade mercadológica, acirrada em função de um alto padrão de consumo, e a consequente utilização indiscriminada de recursos naturais inscreveu várias nações em sérios problemas ecológicos e sociais. Quanto maior a ambição hegemônica no cenário global, mais calcada elas se tornam na exploração de recursos externos principalmente advindos de países de menor poderio econômico. Não bastasse os altos níveis de degradação já consolidados em suas próprias cidades, os países desenvolvidos passam a concentrar as atividades de maior impacto em lugares mais pobres, onde a mão de obra é barata e as extrações de matérias primas são mal supervisionadas por órgão de proteção.

Este processo também ocorre internamente em países emergentes, como o Brasil. As grandes metrópoles, já saturadas espacialmente, expandem suas zonas industriais para cidades periféricas levando com isso problemas sociais e ambientais. Assim, existe uma clara diferença entre fases e níveis evolutivos em relação aos problemas, interesses e prioridades entre países e cidades ricas,

emergentes e mais pobres. Diante do inevitável crescimento perverso das grandes potências capitalistas e, ao mesmo tempo, do direito de países pobres e em vias de desenvolvimento a progredir economicamente, surgiu a necessidade de discutir e implantar estratégias que permitissem tais ações, mas que também não tornassem negativas as dinâmicas sócio-ambientais referentes ao espaço.

No final dos anos 60 e início dos anos 70, o conceito de um novo modelo de desenvolvimento sustentável passa a ser objeto de amplas discussões dentro de eventos e reuniões em âmbito internacional. As inquietações partiram de ambientalistas que passaram a alardear sobre uma série de desastres ecológicos em função de mudanças climáticas e a consequente queda na qualidade de vida humana justamente em função do modelo econômico vigente.

Segundo Andrade (2005), o conceito de sustentabilidade foi criado pelo presidente-fundador da WWI (*Worldwatch Institute*)<sup>2</sup>, Lester R. Brown no início da década de 1980. Assim foi definido que *“uma sociedade sustentável é aquela capaz de satisfazer suas necessidades sem comprometer as chances de sobrevivência das gerações futuras”* (APUD, ANDRADE, 2005, p.15). Porém, enquadra-se em uma conceituação ainda bastante ampla e que necessita de um menor recorte.

A palavra sustentabilidade, assim como várias outras incorporadas ao vocabulário comum, hoje permite inúmeras inserções que dependem diretamente do contexto “chave” ao qual ele se refere. Existem infinitas e até inesperadas aplicações nas mais diversas áreas do conhecimento. Quem não já leu ou ouviu falar em sustentabilidade jurídica, empresarial, financeira, administrativa etc? Porém, é um termo facilmente associado a fatores tipicamente ecológicos ligados a sobrevivência humana nas cidades frente a uma boa ou má utilização dos recursos naturais. Diante desta rica abrangência, cabe aqui melhor delinear o significado de sustentabilidade dentro do propósito desta dissertação.

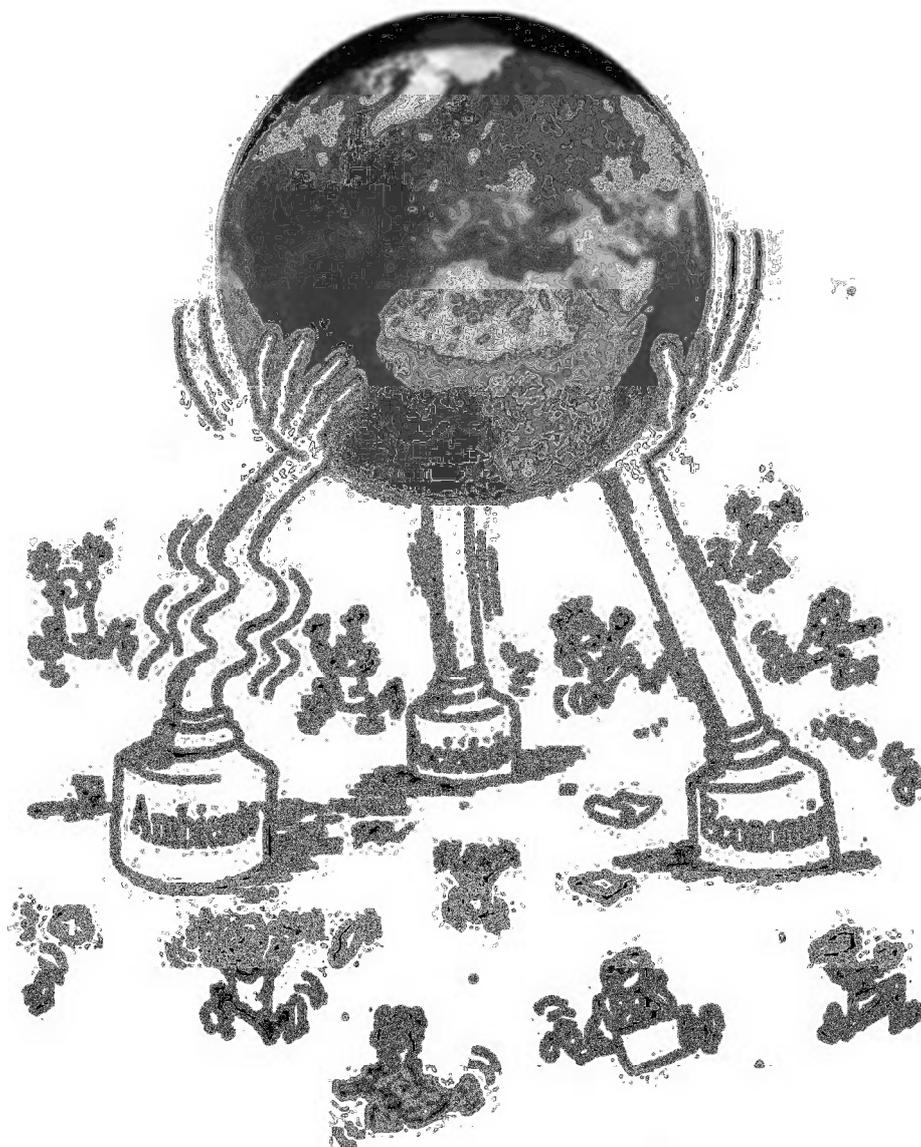
Alguns anos depois da definição de Lester Brown, mais precisamente em 1987 no relatório da comissão mundial do meio ambiente, o Relatório Brundtland, o mesmo conceito volta a ser utilizado para apresentar noções de desenvolvimento sustentável. Neste momento, a Organização das Nações Unidas (ONU) reconhece a importância da proposta e propõe uma mobilização em nível mundial a fim de melhor discutir o assunto com diferentes atores.

As discussões sobre desenvolvimento sustentável tomam dimensões internacionais, inclusive no Brasil, em 1992 na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento realizada no Rio de Janeiro. As conclusões advindas desta reunião, também conhecida como Eco-92, serviram de base para a formulação da Agenda 21. Este documento apresenta estratégias de

---

<sup>2</sup> O *Worldwatch* é um instituto de pesquisa e investigação privado, sem fins lucrativos, reconhecido mundialmente por suas preocupações vinculadas às questões ambientais globais.

comprometimento para um desenvolvimento global equilibrado e com bases em uma conciliação de métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica. Estes três fatores são essencialmente conhecidos como o “tripé da sustentabilidade”.



**Figura 1.17:** tripé da sustentabilidade.

**Fonte:** <<http://anigairam.blogspot.com/2008/05/desenvolvimento-sustentvel.html>>. Acesso em 3/11/201.

Diante do que até então foi discutido neste breve histórico conceitual que envolveu o termo sustentabilidade, tanto na mídia como em parte das referências pesquisadas, ainda se percebe uma lacuna em menções a algumas especificidades vinculadas ao espaço, como por exemplo, questões associadas à paisagem, laços sociais, afetivos, pertencimento e cultura.

(...) verifica-se que à cultura é reservado um papel secundário, aparentemente à sombra do desempenho dos atores principais dentro das estratégias de sustentabilidade: a ecologia, a sociedade e a economia. Parece haver uma dificuldade, por parte das várias agências da ONU, inclusive a UNESCO, em entender os limites conceituais do desenvolvimento sustentável à cultura ou de reconhecê-la, explicitamente, como um dos indicadores de sustentabilidade (FERREIRA. 2009. p.235).

Porém, cabe reconhecer que autores com publicações mais recentes já incluem em suas conceituações a importância do respeito à diversidade e o estímulo aos processos de transformações sociais calcados nas identidades locais, regionais e nacionais. O Ministério do Meio Ambiente (2000), por exemplo, confere ao contexto do desenvolvimento sustentável não apenas três, mas sete aspectos considerados fundamentais: sustentabilidade ambiental e ecológica; sustentabilidade política, sustentabilidade econômica, sustentabilidade institucional, sustentabilidade social, sustentabilidade espacial e, por fim, sustentabilidade cultural.

No caso do último aspecto, a sustentabilidade cultural é vista de forma tão relevante quanto os outros. Os autores consideram que o respeito aos valores históricos, vocacionais e culturais é responsável pela incorporação de princípios básicos da sociedade e pela maneira com a qual vivem e interagem. Em um mundo globalizado, onde há uma nítida aproximação cultural, torna-se fundamental incentivar a manutenção das individualidades identitárias objetivando o fortalecimento coletivo. A transmissão de valores por intermédio do espaço ajuda na constituição dos sentidos de pertença e afetividade com a qual as pessoas passam a se identificar.

Cabe aqui esclarecer que não há a intenção de priorizar ou dar maior ou menor importância a um desses aspectos. A sustentabilidade deve ser compreendida dentro de uma visão sistêmica, ou seja, só faz sentido dentro de uma aliança indissociável de diversos valores e princípios e jamais vista de maneira isolada. A proposta de uma aparente fragmentação e ênfase no conceito é apenas trazer a abordagem para um lado mais próximo aos objetivos propostos para esta dissertação.

De acordo com a abordagem inicial deste capítulo, assim como sustentabilidade, a paisagem é por muitas vezes tradicionalmente vista como parte puramente intrínseca a um ambiente natural. Porém, há de se ressaltar a importância de considerá-la como a materialização de processos de transformação social em ambientes tanto naturais como construídos. Portanto, a paisagem também deve ser caracterizada por seus aspectos ecológicos, culturais, sociais, econômicos e emotivo-sensoriais. “Há uma convergência de valores naturais e culturais na paisagem, e um reconhecimento

crecente de que a separação tradicional entre natureza e cultura é um obstáculo à proteção e não é mais sustentável” (O’DONNELL apud RIBEIRO, 2007, P.63).

Dito isto, dentro do contexto urbano, os discursos sobre sustentabilidade da paisagem e desenvolvimento urbano sustentável tornam-se ainda mais complexo principalmente quanto a possíveis aplicabilidades nos campos práticos e projetuais. “Desenvolver estruturas urbanas que na sua implantação e manutenção gastem menos energia e insumos básicos, que gerem menor impacto ecológico e que satisfaça as exigências culturais locais e regionais” seria, segundo GOUVÊA (2008, p. 81), uma forma de sustentabilidade aplicada ao projeto.

Para FERREIRA (2009), a paisagem pode ser discutida no âmbito do desenvolvimento sustentável quando ela se enquadra em um ecossistema urbano onde, aí sim, a sustentabilidade pode ser conquistada através da valorização dos aspectos históricos e da preservação do ambiente natural e construído de forma a garantir a vida presente e futura.

Fato é que não basta uma exclusiva preocupação com a construção, manutenção, preservação de aspectos físicos da paisagem se estas atitudes não se fundamentarem no bem estar, na qualidade de vida e nas relações humanas com o meio. As práticas de intervenção no espaço devem refletir uma preocupação que vai além da garantia de permanência no tempo e de integridade física dos elementos que compõem a paisagem. Devem ser pensadas como mecanismo de regulação de uma inevitável transformação da sociedade também baseada nas questões identitárias e fortalecimento de vínculos afetivos e emocionais com o lugar.

Cresce com isso a importância de atuações em nível local dada a diversificação da sociedade principalmente em países de dimensões continentais como o Brasil. Independente dos inúmeros fatores, pilares e indicadores, o desenvolvimento sustentável só será garantido na medida em que os interesses e ações locais forem respeitados tanto na fase de planejamento como de implantação. De alguma forma, é necessário o incentivo à participação direta e indireta da comunidade. É a partir da contribuição dos mesmos que se é capaz de reconhecer os verdadeiros significados e percepções dos recursos cênicos da paisagem. “Portanto, a cidade é, sobretudo, a imagem que se constrói sobre ela. Por vezes bem distinta do que de fato é. Se negativa ou positiva fica a depender de diversos fatores” (MEDEIROS, 2006, p. 44).

As pessoas tentam eliminar aquilo que não podem expressar. Se uma experiência oferece resistência a uma comunicação rápida, a resposta comum entre os práticos (“fazedores”) é considerá-la particular – se não idiossincráticas – e, portanto, sem importância. Na extensa literatura sobre qualidade ambiental, relativamente poucas obras tentam compreender o que as pessoas sentem sobre o espaço e

lugar, considerar as diferentes maneiras de experimentar (sensório-motora, tátil, visual, conceitual) e interpretar espaço e lugar como imagem de sentimentos complexos - muitas vezes - ambivalentes. Os planejadores profissionais, com sua necessidade urgente de agir, apressam demais a produção de modelos e inventários. Por sua vez, o leigo aceita sem muita hesitação, dos planejadores carismáticos e dos propagandistas, slogans sobre o meio ambiente que tenha recebido por intermédio da mídia, esquecendo-se facilmente da rica informação derivada da experiência, da qual dependem estas abstrações (TUAN, 1983, p.7).

Os valores que interligam homem e espaço são importantes de serem preservados e enaltecidos para que a cidade adquira uma visibilidade positiva para seus moradores. A identificação, apego e sentimento de pertencimento tornam-se primordiais para prevenir o avanço da descaracterização ou, até mesmo, de uma futura degradação ambiental. É também uma maneira de garantir a redução das disparidades regionais de origens em processos históricos estimuladas por decisões de mercado e, às vezes, até associadas a interesses políticos.

Logo, o alcance da almejada sustentabilidade, no caso da paisagem, não pode se reduzir a ações de construção ou preservação meramente físicas. Da mesma forma, ao invés de associá-la aos aspectos puramente ecológicos, apesar de também muito importantes, deve-se também ter o olhar atento ao que há de mais óbvio no cotidiano e na história dessas paisagens. “De fato, o próprio ato de dar nome e diferenciar o ambiente concorre para torná-lo mais vivo e aumentar, assim, a profundidade e a poesia da existência humana” (LYNCH, 1999, p.144).

Pouco importam os lugares e os objetos: uma metrópole, um subúrbio, uma favela ou mesmo um lixão, a evocação desta experiência deriva de nossa atitude, da maneira como olhamos para o que nos cerca. Experimentar a paisagem é criar uma situação, uma situação-em-paisagem, onde conscientes desse espaço, estabelecemos laços, enlaces para, quem sabe, emergir daí uma transformação possível (DIAS, P.146).

#### **1.4 \_Pertencimento e afetividade: caminhos para a sustentabilidade identitária**

O sujeito que habita um determinado espaço, naturalmente, o faz como primeira atitude de apropriação. Isso conseqüentemente implica em um motivo que move uma escolha não tão aleatória. Considera-se uma determinada referência no espaço e, a partir de então, o indivíduo

estabelece sua própria visão atribuindo a ela qualidades específicas. Com isso, passa a estabelecer diferentes níveis de relações perceptivas e afetivas com outros lugares.

O sentido de pertença ocorre a partir do instante em que o espaço, ao longo do tempo, passa a fazer parte de um universo de significados que, de alguma forma, constituem a identidade social. Segundo estudos da antropologia, o pertencimento e a afetividade reforçam a identidade da pessoa com o espaço transformando-o em lugar. “Um espaço que é praticado, imaginado e simbolizado é também apropriado, passando a ser lugar, que apresenta uma dimensão subjetiva, ligado à experiência, ao afeto, necessidade de raízes do sujeito” (COSTA, 2009, p.11).

Para Marc AUGÉ (2007), a ausência de afetos e características propriamente significativas é o que define um *não lugar*. “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar. [...] O espaço do *não lugar*, não cria nem identidade nem relação, mas sim solidão e similitude” (p.73- 95).

O verdadeiro sentimento de posse funciona de maneira cíclica onde o lugar pertence ao sujeito e o sujeito pertence ao lugar. As transformações na paisagem resultantes de ações sentimentais humanas fortalecem os vínculos de posse e efetividade, com isso, o lugar passa a fazer parte da história do próprio indivíduo. Para FISCHER (apud MOURÃO, p.3), “na relação homem/meio, existe uma prática espacial que se dá por meio de condutas que modificam o espaço e inserem o ser humano no meio. O sujeito age sobre o meio, modifica-o e, neste processo, vai deixando sua marca e sendo igualmente marcado por ele”.

Segundo COSTA (2009), existe forte relação entre os conceitos de apropriação, pertencimento, imaginário, símbolo, memória, identidade e lugar porque todos se conectam a experiências vivenciadas dentro do espaço. Isso se justifica porque é nele que se formam as representações sociais vinculados a valores comuns a um grupo social. Neste caso, a paisagem também desempenha um papel social.

O ambiente conhecido por seus nomes e familiar a todos oferece material para as lembranças e símbolos comuns que unem o grupo e permitem que seus membros se comuniquem entre si. [...] A organização simbólica da paisagem pode ajudar a diminuir o medo e estabelecer uma relação emocionalmente segura entre o homem e seu ambiente (LYNCH, 199, p. 143-144).

As pessoas costumam não demonstrar apreço e zelo sobre algo que materialmente ou psicologicamente não o pertence. Se o indivíduo não se conecta emocionalmente ao espaço, facilmente medirá esforços ao pensar no bem comum. O sentimento de apego e pertencimento pode contribuir tanto na manutenção do espaço quanto no direito de exigências de intervenções nas políticas urbanas e ambientais.

No livro *Metrópoles Insustentável* (1997), para o autor Eduardo ALVA a identificação da população com a cidade pode ser tornar grande aliada na contenção da degradação da paisagem natural ou construída. Porém, principalmente em regiões mais carentes, torna-se fundamental a necessidade de munir a comunidade de conhecimento para que eles possam, realmente, compreender seus espaços em maior profundidade e, assim, discutir, exercer e exigir reais ações de cidadania.

Dentro de um grupo social, o aspecto identitário ligado ao lugar e ao sentimento de pertencimento torna-se objeto de motivação de práticas coletivas e individuais pelos habitantes. Segundo Ítalo Calvino e Felix Guattari (apud ALVA, 1997), é a partir das pessoas que se constrói a visão da cidade e que se formam os desejos, valores, costumes e expectativas sociais. Neste ponto, entram em questão as relações subjetivas e objetivas que definem o sentimento de pertencimento da população pelo lugar. “Assim - dizem alguns - confirma-se a hipótese de que cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares” (Ítalo Calvino apud ALVA, p.23).

Quando o sentimento de pertença ao lugar parte de um fato que o individualiza em âmbito coletivo, como sua história, por exemplo, isso passa a funcionar como suporte de uma identidade local. Para Benhur (in: CORRÊA, 2005, p.84), “o espaço se transforma em território, que é ao mesmo tempo produzido e produtor dos processos de identificação gerando sua manutenção”. Em pensamento linear, Del Rio destaca que “a importância da identidade reside no fato que a população busca perceber lugares familiares em seu ambiente construído que estejam carregados de memórias significativas e que possam gerar-lhes estabilidade psíquica e social” (DEL RIO, 1998:96).

A falta de cuidados, a deterioração e o abandono talvez seja algumas das principais visíveis manifestações humanas de insatisfação e ausência de identidade com lugar. O resultado deste despreço gera insegurança e desconforto psicológico aos usuários já que, normalmente, tornam-se espaços socialmente marginalizados.



**Figura 1.18** - Região degradada no centro da cidade de São Paulo – “Cracolândia”.

**Fonte:** <<http://blogdofavre.ig.com.br/tag/drogas/>>. Acesso: 12/12/2010

As ocupações ilegais ou de baixos valores/custos imobiliários não são fatores que impedem ou restringem as relações de afetividade e pertencimento. Na visão do autor Kevin Lynch (1999), a existência de elementos morfológicos, sejam eles naturais ou construídos, que, por algum motivo, estabelecem forte ligação com a população podem desenvolver significados pessoais com relevante grau de importância para a população local. Independente de seus respectivos destaques visuais em meio à paisagem, esses elementos se constituem de referências simbólicas que são facilmente lembradas pelo usuário.

Em lugares desgastados pelo tempo e pouco assistidos e visados pelas ações políticas e de mercado imobiliário, como por exemplo, nos centros históricos, guetos e favelas, o sentimento de pertença pode ser um aliado em seus resgates, transformações, estruturações e futuras manutenções. Ao atuar de forma ativa e participativa, o cidadão possibilita prolongar materialmente a existência do espaço físico e, ao mesmo tempo, reforçar a identidade e memória do lugar. Fato semelhante ocorreu em uma comunidade suburbana na cidade da Filadélfia nos Estados Unidos. A população, junto a outros agentes, não só participou do processo de revitalização da área, como também se tornou a maior guardiã do bairro.



**Figuras 1.19, 1.20 e 1.21-** Engajamento da população no processo de transformação e planejamento do espaço. Com isso, estreitaram-se os laços comunitários e afetivos com o lugar – Filadélfia – EUA.

A inserção de valores socioespaciais exerce um papel fundamental nas relações sociais e na satisfação, prazer e orgulho dos indivíduos. A monumentalidade ou a qualidade estética da forma física, por exemplo, não são fundamentais para desempenhar valores e significados em relação à paisagem. “Uma pessoa pode sentir-se muito mal numa ilha paradisíaca e muito bem num pardieiro” (LYNCH, 2007, p.99). Por outro lado, quando aos seus elementos formalísticos atribuem-se afetos, as ligações e percepções pessoais se intensificam favorecendo a manutenção dos aspectos físicos, identitários e interpessoais.

Sabemos que, nos dias de hoje, a experiência da paisagem independe da natureza, “sua verdadeira fonte”. Evocá-la, então, na prática artística é curvar-se aos espaços do cotidiano, entrevendo, constantemente, as situações e os momentos em que esse espaço próximo, familiar, burocratizado, contínuo e rotineiro se torna visível, percebido e compreendido como uma experiência paisagística singular. Munidos pelo desejo de ver, nos engajamos nos espaço, criamos laços, (re) configuramos distâncias, eliminamos, quem sabe, aquele “efeitoécran” que nos levaria para longe das paisagens (DIAS, 2010, p. 145).

## **Considerações sobre o capítulo**

Os conceitos das palavras chaves que intitulam o capítulo - paisagem, identidade, sustentabilidade e pertencimento - possuem fundamental importância no entendimento dos problemas contemporâneos atribuídos a descaracterização das paisagens. Conseqüentemente, os processos de transformação e manutenção dos elementos físicos e características identitárias locais dependerão de uma possível integração ou reintegração de vínculos afetivos e de pertencimento.

Porém, em relação aos elementos físicos que compõem a paisagem, existem diferentes olhares que dependem dos usos, do histórico, da cultura e características socioeconômicas da população local. Vinculados a esses aspectos, no próximo capítulo, serão abordados os conceitos sobre percepção ambiental e sentido do lugar. Dentre outros em questão, também tratará das formas de investigação na relação homem x ambiente.

## PERCEPÇÃO DA PAISAGEM

# CAPÍTULO 2

## PERCEPÇÃO DA PAISAGEM

### 2.1\_Percepção ambiental e o sentido do lugar

No capítulo anterior, a paisagem é compreendida como parte integrante do sistema de valores humanos capaz tanto de definir ou ser definida, por complexas relações entre espaço e sociedade. Para avaliar como as pessoas interagem emocionalmente ao ambiente se torna necessário conhecer algumas variáveis particulares tanto relativas aos lugares quanto de seus habitantes. Pessoas que vivem em uma cidade ou até no mesmo bairro podem exercer diferentes olhares sob o espaço. Além de suas formas e espaços, os estilos de vida variam muito de cidade para cidade o que também contribui em suas peculiares.

Percepção significa conhecer pelos sentidos. Em relação à paisagem, é a resposta dada aos estímulos transmitidos pela composição de suas formas e espaços. Somadas a experiências vividas, muitas das percepções são carregadas de valores e memórias que, de certa forma, propiciam prazer, satisfação, afeto e apego. Por esta razão retorna-se a ideia de que a percepção da paisagem está relacionada a aspectos objetivos e subjetivos. “Se a paisagem é um ponto de vista, ela é também um ponto de contato, ela é o espaço que nos atravessa e nos engaja como observadores (BARDA, 2009, p.196).

Mas as paisagens nunca têm um único significado; sempre há a possibilidade de diferentes leituras. Nem a produção, nem a leitura de paisagens são inocentes. Ambas são políticas no sentido mais amplo do termo, uma vez que estão inextricavelmente ligadas aos interesses materiais das várias classes e posições de poder dentro da sociedade. (James Duncan apud RIBEIRO, 2007, P. 23).

Segundo Denis Cosgrove (apud RIBEIRO, 2007, p.26), a apreensão qualitativa da paisagem é uma criação simbólica produzida por um determinado meio social. Percebê-la fora do local, contexto histórico e cultural seria como listar, de forma objetiva, os elementos físicos que visualmente a constitui como quem descreve o que se vê em uma imagem impressa. Porém, ao considerar conjuntamente os aspectos socioculturais com a imagem física que a paisagem evoca, meras descrições podem adquirir visões diversificadas diretamente dependentes da relação do indivíduo com o espaço.

Compreende-se a percepção como um processo visual e seletivo, onde a mente humana busca naturalmente armazenar informações de forte relevância com maior facilidade. Considerando a

relação dinâmica entre aspectos objetivos e subjetivos, inferem-se possibilidades infinitas e instáveis, ou até mesmo conflitivas em suas possíveis interpretações, individuais e coletivas, inclusive ao longo do tempo. Este fato poderia aparentemente dificultar ou inviabilizar o estudo das implicações sociais na morfologia da paisagem. Porém, mesmo diante de uma aparente complexidade, as experiências humanas com o espaço são possíveis de serem exploradas na tentativa de compreensão de conceitos, símbolos e aspirações associadas ao local.

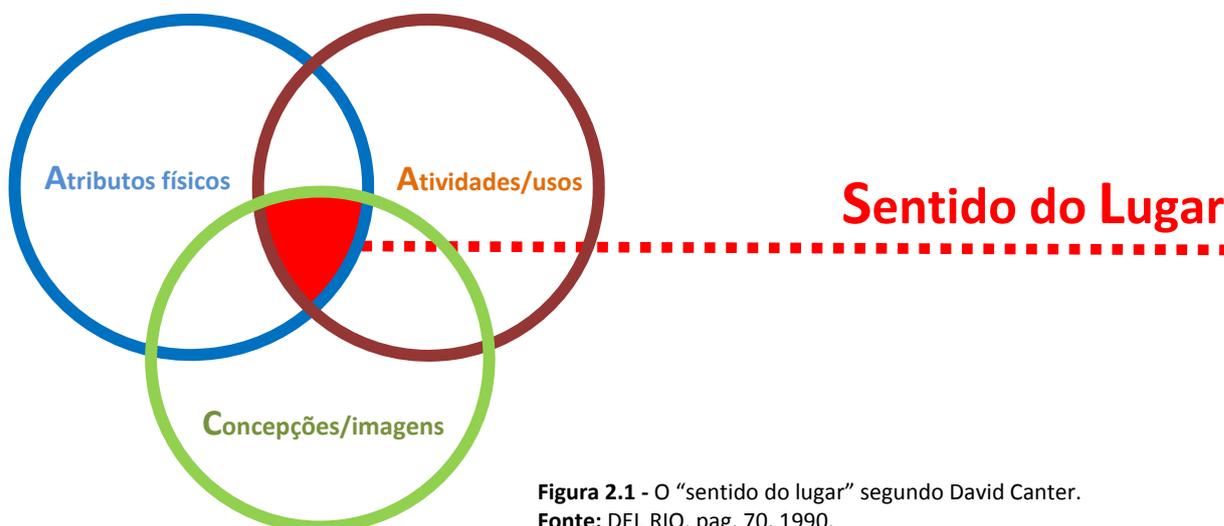
Em uma discussão sobre o significado de lugar, existe uma série de questionamentos sobre a relação entre homem e espaço. A paisagem sem vestígios e atributos humanos torna-se apenas um local onde atributos físicos e ambientais interagem. Segundo Relph (apud ARCHELA, 2004) “[...] lugares têm paisagem, e paisagens e espaços têm lugares. O lugar talvez seja o mais fundamental dos três, porque focaliza espaço e paisagem em torno das intenções e experiências humanas”. Cada elemento fisicamente percebido tem sua essência e também qualidades que as pessoas atribuem a ele. A plena compreensão desta essência não significa um olhar místico sobre este elemento, mas sim ter a consciência da existência de um fenômeno que lhe é característico, indissociável e único de um determinado tempo e lugar.

Sauer e Cosgrove (apud RIBEIRO, 2007) enfatizam que a inserção dos valores atribuídos à paisagem, mesmo que abstratos, ampliam o conhecimento e as possibilidades dos domínios explicativos quanto a sua forma. Para eles, a morfologia transforma a paisagem em um objeto palpável e passível de ser investigada com bases científicas. Para Cosgrove, existem dois usos distintos da ideia de paisagem:

O primeiro denota a representação artística e literária do mundo visível, ou seja, é cenário visto pelo espectador, implicando também na noção de sensibilidade, uma forma de experimentar e expressar sentimentos a partir do mundo exterior. O segundo uso da ideia de paisagem está ligado àquela apropriado pela geografia da atualidade. Nela, a paisagem denota integração dos fenômenos físicos e humanos, podendo ser empiricamente verificada e analisada através de métodos científicos. (Cosgrove apud RIBEIRO, 2007, p.27).

Em apoio a esta ideia, o geógrafo francês Augustin Berque (apud RIBEIRO, 2007, p.30) acrescenta sua oposição à dissociação categórica do estudo da paisagem como algo puramente morfológico ou psicológico. Diferentemente, o estudo não deve ser isolado e nem centrado apenas no objeto ou no sujeito, mas sim na relação entre ambos. Ainda segundo o autor, a percepção da paisagem vai muito além de uma simples análise ótica. Ela não deve se restringir apenas ao que pode ser descrito visualmente, mas sim vinculada a um lado subjetivo na maneira de ver e sentir que, inevitavelmente, se apoia em objetos concretos de composição.

No campo da percepção espacial, o psicólogo ambiental David Canter (apud. DEL RIO, 1981, p.69) sugere que o “sentido do lugar” (*sense of the place*) é gerado basicamente a partir da sobreposição de três círculos que representariam a consciência humana. Nesta sistematização, o “sentido do lugar” estaria na união de três fatores: atributos físicos, atividades ou usos e concepções e imagens (figura 2.1).



**Figura 2.1** - O “sentido do lugar” segundo David Canter.  
**Fonte:** DEL RIO, pag. 70, 1990.

A mistura de argumentos objetivos vinculados aos subjetivos torna a investigação desses conteúdos algo abrangente considerando as diversas áreas e níveis do conhecimento científico. Com isso, pedem diferentes aprofundamentos metodológicos para realização e avaliação de suas respectivas análises. Reconhecida a complexidade existente em cada uma delas, cabe aqui não poupar uma crítica quanto a um modelo representativamente tão objetivo. Segundo o conteúdo apresentado por Del Rio (1990), existe certo obscurantismo considerando alguns parâmetros significativos, como por exemplo, as articulações dos efeitos dos condicionantes bioclimáticos e ecológicos na constituição natural e/ou construída da paisagem.

Porém, apesar de extremamente esquemático, o modelo permite uma rápida compreensão das relações entre ambiente e vivência humana na atribuição de significados e valores ao lugar. Este fator foi preponderante na incorporação deste referencial nos propósitos desta dissertação. Portanto, ponderando as questões até então levantadas, vale aqui reconsiderar e esclarecer o que vem a ser cada um dos aspectos das esferas de David Canter.

Aos “atributos físicos”, que daqui em diante denominados como “atributos físico-ambientais”, se referem tudo que fisicamente cerca ou envolve o indivíduo. Constituem-se dos arranjos das formas de elemento naturais e contruídos presentes no espaço tridimensional e das relações sociais de suas

origens. Para o círculo de “atividades e usos” sugere-se as que o ambiente tanto pode influenciar como pode ser influenciado pelo comportamento humano e, assim, determinar seus usos (ou ausência dos mesmos). Em reforço a esta ideia, no livro “A boa forma da cidade” Kevin Lynch afirma que “Os locais são modificados para se adequarem a comportamentos e os comportamentos são alterados para se adequarem ao local” (LYNCH, 2007, p.145).

Propondo uma melhor definição para “concepções e imagens”, Del Rio sugere a divisão do atributo em duas categorias: “Análise Visual” e “Percepção do meio ambiente”. Em linhas gerais, a “Análise Visual” é uma categoria de análise subjetiva que explora o efeito emocional produzidos pelo meio ambiente que [...] “depende da capacidade de observação e interpretação do pesquisador” (DEL RIO, 1990, p. 91). Também revela a ele a maneira pela qual o meio pode gerar respostas emocionais principalmente através do sentido da visão.

Análise Visual busca, através de uma compreensão das mensagens, dos relacionamentos percebidos entre elementos componentes de um conjunto e das emoções que nos transmitem a lógica condicionadora das qualidades estéticas urbanas. (DEL RIO, 1990, p. 91).

Já a percepção ambiental, tem por objetivo a [...] “identificação de imagens públicas e da memória coletiva” (DEL RIO, 1990, p.92). Para estudos urbanos, além de considerar a participação do usuário, este atributo humano torna-se uma importante ferramenta complementar na elaboração de diretrizes projetuais arquitetônicas e urbanísticas em suas diversas escalas.

Portanto, a partir da combinação destes três atributos, ambientais, atividades/usos e concepção/imagens, espera-se melhor compreender o “sentido do lugar”. Em cada um deles existem diferentes formas de investigar como a paisagem é apreendida e identificada por sua população e como alguns de seus elementos espaciais estão vinculados a valores emocionais e a acontecimentos locais (atuais ou históricos).

O sentido depende da forma e da qualidade espaciais, mas também da cultura, do temperamento, do estatuto, da experiência e do objectivo actual do observador. [...] Os locais têm um sentido maior ou menor, tal como os acontecimentos. As actividades e as celebrações associadas a um local apoiam a sua percepção, desde que sejam elas próprias percebidas como vívidas e coerentes (LYNCH, 2007, p.127).

Como a percepção depende diretamente da relação particular entre indivíduo e espaço, admite-se que, em uma determinada situação, existam recorrências comuns entre usuários de um mesmo

local. Para Lynch (2007), a percepção pode variar principalmente considerando diferentes observadores. No entanto, para diferentes pessoas, existem características constantes e significativas em um mesmo lugar.

Apesar da consciência do universo de diversidades socioculturais, acredita-se que as abstrações individuais e suas possíveis interpretações, mesmo que indiretas, são fundamentais na tentativa de compreender fenômenos materiais no processo de construção do conhecimento em respeito ao espaço. DEL RIO (1990, p.83) afirma que, em termos morfológicos, a cidade pode ser compreendida com três níveis ou dimensões básicas de organização: o coletivo, o comunitário e o individual. É em torno deles que se estruturam valores, significados e apropriações sociais.

Na dimensão coletiva, como a própria palavra diz, significa a percepção do espaço de forma abrangente, inconsciente e coletiva. A dimensão comunitária seria responsável pela percepção de significados especiais somente para um grupo restrito, como por exemplo, a população de um bairro. A dimensão individual seriam as expressões de significados restritos, como por exemplo, a residência e seu entorno imediato.

Cada indivíduo cria e assume sua própria imagem, mas parece existir um consenso substancial entre membros do mesmo grupo. Essas imagens de grupo, consensuais a um número significativo de observadores, é que interessam aos planejadores urbanos dedicados à criação de um ambiente que venha a ser usado por muitas pessoas. (LYNCH, 1999, p.8).

A forma de apreensão espacial da paisagem não se restringe apenas a observação de seus atributos físicos e estruturais em seus usos e atividades. Porém, ao mesmo tempo, não é tarefa fácil a definição do verdadeiro sentido do lugar. Como algo tão subjetivo em relação ao usuário pode estabelecer uma conexão unívoca com a realidade física como, por exemplo, a relevância identitária e afetiva a um edifício, uma praça, um hábito cultural ou fato histórico? O sentido do lugar depende do conhecimento mais profundo dessas relações.

Infere-se com isso, a importância da inserção dos estudos que envolvem a percepção ambiental. Trata-se de uma tentativa que só tem a contribuir ao campo das análises morfológicas, já que busca inserir relações e condições abstratas que envolvem as concepções e formação de imagens evocadas pela paisagem. “Perceber a paisagem é perceber as suas faces escondidas, conjugando, permanentemente, o que vemos e o que não vemos, o audível e o (in)audível, dando sentido àquilo que olhamos” (DIAS, 2010, p.286).

## 2.2 \_Percepção do meio ambiente para o desenho urbano

Os estudos sobre a percepção são associados ao conteúdo das ciências comportamentais geralmente presentes nos campos da psicologia. Porém, também permeiam discussões em diversas outras áreas do conhecimento, como por exemplo, na arquitetura e urbanismo. Isso se torna positivo, pois de certa forma contribui para o desenvolvimento e acréscimo de contribuições sob os mais diferentes olhares.

Voltando as duas categorias contidas na esfera de “concepções e imagens”, vista no tópico anterior, na análise visual, a percepção da paisagem é analisada do ponto de vista crítico e racional do pesquisador. Neste caso, ele se desvencilha das vinculações afetivas, onde a depender da situação, nem é capaz de exercê-las. Já a percepção ambiental é interpretada com base na real experiência interativa do cotidiano do usuário com seus lugares. Adquire-se então um olhar sobre o sujeito que vivencia e participa das transformações no espaço, algo fundamental na compreensão dessas relações.

É evidente que a investigação com base em cada uma das duas categorias possui sua devida relevância, mas para melhor identificar os aspectos identitários, será dado maior enfoque à categoria da percepção ambiental.

A cada instante, há mais do que um olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados. Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às seqüências de elementos que a ele conduzem, à lembrança de experiências passadas. (LYNCH, 1999, p.1).

Segundo MOURÃO (2006), na Psicologia Ambiental<sup>3</sup>, desenvolve-se pesquisas elaboradas com uma de suas bases focadas nas questões comportamentais, e a outra, nas avaliações, representações e percepções. Neste último caso, o sujeito mentalmente estrutura e organiza sua interface com a realidade e o mundo através da captação e armazenamento de informações as quais são agregadas de significados. Para Jean Piaget, importante pesquisador sobre teorias cognitivas<sup>4</sup>, o homem desenvolve seus conhecimentos em um processo cumulativo tendo por base suas experiências cotidianas (apud DEL RIO, 1990, p.40).

---

<sup>3</sup> “Psicologia Ambiental é o estudo das relações molares entre o comportamento, a experiência humana e os ambientes naturais e construídos” (Bell, Greener, Fischer e Baun apud GÜNTHER, 2003, p.126).

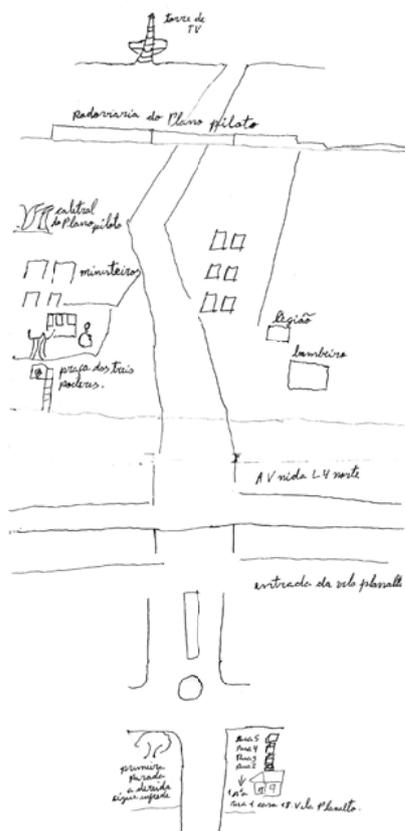
<sup>4</sup> “Os processos cognitivos [...] fazem referências à forma como o indivíduo lida com os estímulos do mundo externo: como o sujeito vê e percebe como registra as informações e como acrescenta as novas informações aos dados previamente registrados” (REGO, 2001).

Kevin Lynch e Gordon Cullen são considerados pioneiros no desenvolvimento de metodologias passíveis de serem aplicadas ao desenho urbano tendo a percepção como referência em seus respectivos estudos. Para ambos, os atributos presentes na paisagem, sejam eles naturais ou construídos, exercem influências na forma com que a população reconhece as qualidades do espaço formando imagens compartilhadas entre eles.

Porém, as pesquisas influenciadas por Cullen têm como estruturação questões proximamente ligadas à análise visual da composição morfológica da paisagem, enquanto Lynch busca na percepção ambiental, significados, qualidades e potencialidades existentes no espaço do ponto de vista de seus usuários. “Apesar de uma estrutura correcta poder ser altamente valorizada por algumas pessoas, outras pessoas consideram-na de maneira mais indiferente, excepto enquanto percorrem os seus caminhos habituais” (Lynch, 2007, p.130).

Foi em uma de suas mais conhecidas publicações que Lynch, no livro “A imagem da cidade” (*The image of the city*), desdobrou estudos de relevante importância para o campo da percepção ambiental. Para isso, buscou na psicologia metodologias de análises baseadas em questionários, entrevistas e mapas mentais.

Os mapas mentais são desenhos elaborados pelos entrevistados que expressam os principais elementos e conexões presentes na paisagem. Para o pesquisador, o objetivo é identificar imagens coletivas que revelem espaços e objetos físicos de maior relevância, seja pelo destaque visual e/ou por vinculações emocionais ou identitárias (DEL RIO, 1990, p.93).



**Figura 2.2** - Exemplo de mapa mental: “A imagem da Vila Planalto”.  
**Fonte:** LACERDA, 2006.

Como a percepção é um processo seletivo, o destaque dado a certos elementos que compõem nos mapeamentos pode não ser o mesmo dependendo do vínculo do entrevistado com o lugar. Para DEL RIO, a importância dos estudos relativos à percepção “[...] reside no fato que a população busca perceber lugares familiares em seu ambiente construído que estejam carregados de memórias significativas e que possam gerar-lhe estabilidade psíquica e social” (DEL RIO, 1990, p.96).

Os mapas mentais podem revelar aspectos tanto positivos como negativos em relação ao espaço analisado. Representações exageradamente fora de escala em relação a outros elementos denotam, por algum motivo, algo especial dentro daquela imagem. Assim como a ausência de uma representação significativa pode sinalizar insucessos em certas estruturas. Porém, o pesquisador depende de outras etapas metodológicas anteriores à aplicação dos mapeamentos que são fundamentais para as interpretações dos resultados.

Estudos semelhantes aos de Lynch têm sido desenvolvidos em várias localidades no mundo principalmente em países anglo-saxões. Nos Estados Unidos, por exemplo, já exercem influências nas aprovações de grandes projetos. Em levantamentos de impacto ambiental, além do interesse em saber as expectativas da população, o governo exige a incorporação de formulações teórico-metodológicas no campo da percepção nas etapas de pesquisa (Zube apud OLIVEIRA, 1996).

No Brasil, apesar de uma influência pouco expressiva e difundida nas execuções e práticas de intervenções no espaço, uma série de pesquisadores já contribuiu para a ampliação dos estudos sobre percepção ambiental e também de análise visual, aplicados nas áreas de arquitetura e urbanismo.

No livro “Percepção Ambiental: a experiência brasileira”, além das viabilidades norteadoras em processos de projeto, alguns trabalhos também mostram algumas aplicabilidades na área da educação ambiental. Em geral, os ensaios buscaram uma melhor compreensão das inter-relações entre o homem e a paisagem e a importância dos fenômenos perceptivos na interpretação da realidade e na formação de sistemas de valores associados ao espaço (OLIVEIRA, 1996).

Em um dos artigos contidos no livro, Vicente Del Rio relata uma de suas experiências. Ele realizou uma investigação com moradores em uma área decadente, tanto do ponto de vista físico como social, na portuária no centro da cidade do Rio de Janeiro. Com o uso de mapas mentais, questionário, entre outros métodos, ele identificou os principais atributos e imagens ambientais existentes no lugar. O autor ainda faz consideração positivas sobre a potencialidade de aplicações de estudos de percepção ambiental na composição de diretrizes em possíveis ações de intervenções urbanas.

Tem-se consciência de que a utilização do mapeamento mental é apenas uma das inúmeras ferramentas complementares dentro de uma análise da paisagem urbana. As experiências relatadas por Lynch obtiveram êxito considerável mente positivo tanto na capitação da imagem mental das cidades americanas quanto nas discussões, ideias e métodos investigativos. Apesar de claramente explicitar que suas análises limitaram-se aos objetos físicos da paisagem, percebeu-se o potencial do método dos mapas mentais para vinculações da percepção também a aspectos abstratos. Os significados sociais, culturais, afetivos ou simbólicos certamente influenciam e se tornam quase que indissociáveis da percepção ambiental.

### **2.3\_Kevin Lynch e a imagem das cidades americanas**

Em função da relevância das pesquisas de Lynch dentro do processo metodológico e referencial teórico proposto para esta dissertação, cabe aqui delinear quais foram as principais fontes e influências obtidas para este trabalho a partir de suas aplicações. Por este motivo, o conteúdo a seguir consta de um breve relato dos pontos mais relevantes do livro “A imagem da cidade”.

Neste livro, Lynch relata suas experiências na investigação das qualidades visuais nas áreas centrais de três cidades norte-americanas: Boston, Jersey City e Los Angeles. “Cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados” (LYNCH, 1999, p.1).

O estudo nessas três áreas teve como principal finalidade, a percepção dos “diversos elementos, sua visibilidade, a força ou a fragilidade de sua imagem, suas conexões, desconexões e outras inter-relações [...]” (LYNCH, 1999, p.18). O autor considerou estas avaliações como predominantemente subjetivas, pois se basearam apenas na aparência imediata dos elementos. O que o observador vê, tem o mesmo princípio em sua forma exterior, porém o modo com o qual ele a interpreta, organiza e foca sua atenção, interfere no que ele realmente vê.

Basicamente, o método de trabalho adotado nas cidades escolhidas ocorreu da seguinte forma: primeiramente, em campo, um observador treinado fez um reconhecimento sistemático das áreas identificando os possíveis elementos e suas inter-relações de forte ou fraca visibilidade. A ideia foi o levantamento de hipóteses sobre as tipologias e potencialidades na criação de imagens. Na próxima etapa, realizou-se uma entrevista com os moradores e trabalhadores das cidades analisadas. O objetivo foi extrair deles suas próprias imagens do meio ambiente físico solicitando descrições, identificação de lugares por meio de fotos, descrição de caminhos e desenho de mapas mentais.

Um cenário físico vivo e integrado, capaz de produzir uma imagem bem definida, desempenha também um papel social. Pode favorecer a matéria-prima para os símbolos e as reminiscências coletivas da comunicação de grupo. Uma paisagem admirável é o esqueleto sobre o qual muitas raças primitivas erigem seus mitos socialmente importantes (LYNCH, 1999, p.5).

Como referências na compreensão e delimitação avaliativa dos resultados, o autor utilizou três conceitos básicos e importantes nas avaliações qualitativas das imagens mentais: legibilidade, imageabilidade, estrutura e identidade.

**Legibilidade:** “Uma boa imagem ambiental oferece a seu possuidor um importante sentimento de segurança emocional. Ele pode estabelecer uma relação harmoniosa entre ele e o mundo a sua volta” (LYNCH, 1999, p.5). De maneira geral, elementos na paisagem facilmente reconhecíveis podem ser tornar referências que tende a contribuir para uma boa legibilidade a quem se locomove. Para o autor, ambientes urbanos legíveis são importantes na satisfação emocional e na estrutura de comunicação na experiência cotidiana.

**Estrutura e identidade:** “a imagem deve incluir a relação espacial ou paradigmático do objeto com o observado e os outros objetos. Esse objeto deve ter algum significado para o observador, seja ele prático ou emocional” (LYNCH, 1999, p.9). Os elementos apreendidos e identificados na paisagem são facilmente adotados como referências de orientação e conforto psicológico no espaço. Alguns destes elementos podem adquirir valores afetivos e simbólicos em função de seus respectivos contextos históricos, culturais, comportamentais etc.

**Imaginabilidade:** “a característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta possibilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador. [...] Um ambiente bonito tem outras propriedades básicas: significado, ou expressividade, prazer sensorial, ritmo, estímulo, escolha” (LYNCH, 1999, p.11). O autor explica que a imageabilidade é um processo interativo entre o observador e o objeto físico. Formas com características marcantes facilitam a formação de imagens que, quando claramente identificadas, tornam-se estruturas extremamente úteis para orientação do usuário.

Porém, Lynch deixa claro que seu foco foi na captação de formas urbanas que gerassem fortes imagens no observador, ou seja, dentre os três conceitos, o que mais se destacou em suas análises foi a imaginabilidade. Para tanto, não se preocupou em quantificar os dados e sim em concentrar o processo metodológico que permitisse atingir seus objetivos (DEL RIO, 1990).

Tanto em respostas ao questionário quanto nas representações nos mapas mentais, apareceram menções claras e diretas de elementos de composição e estruturação da paisagem, como por exemplo, as principais vias de acesso, igrejas, praças, morros, rios etc. Lynch ressalta que o conteúdo das imagens, públicas ou individuais, remete basicamente às formas físicas. Sendo assim, ele define esses elementos da seguinte forma: **caminhos, limites, setores, pontos focais e marcos visuais**.

Sucintamente significam:

- **Vias, caminhos ou percursos:** são os percursos expressos nos mapeamentos ao longo dos quais o observador organiza outros elementos ambientais apreendidos na paisagem. Geralmente são caminhos de alguma relevância, como por exemplo, caminho habitual de casa, trabalho, escola etc.
- **Limites:** elementos que delimitam uma área ou região conhecida pelo observador conferindo unidade às áreas, como por exemplo, margens de rios, vias principais de acesso, praias, montanhas etc.
- **Setores:** são locais claramente delimitados e legíveis. Essa legibilidade pode ser percebida de várias formas, por limites, percursos, setorizações etc.
- **Pontos focais:** são locais que se destacam mais por sua função do que por sua forma. Geralmente são locais de atração e concentração de atividades no tecido urbano. “Os pontos nodais são pontos, lugares estratégicos de uma cidade através dos quais o observador pode entrar, são focos intensivos para os quais ou a partir dos quais ele se locomove” (LYNCH, 1999:52).
- **Marcos visuais:** são elementos de destaque, facilmente apreendidos pelo observador na paisagem e, por isso, utilizados como referências. Podem ser colocamos como exemplo, edifícios, esculturas, montanhas, árvores onde alguns destes são objetos dotados de identidade e simbologias remetentes aos seus respectivos lugares.

As imagens de uma realidade física se diferem conforme as circunstâncias locais, assim, cada um desses elementos, devem ser vistos com as devidas ponderações e adaptações. Segundo Lynch, é comum que ocorram sobreposições nesses conteúdos de imagens, afinal de contas, na realidade, nenhum deles existe isoladamente, mas sim inter-relacionados.

A partir das bases conceituais e dos métodos aplicado nas áreas escolhidas, Lynch cruzou os dados das entrevistas e os resumiram em uma série de mapas. Os resultados finais foram analisados de acordo com a frequência de menção dos elementos percebidos no espaço e também em relação ao

destaque e a expressividade demonstrada nos desenhos. “Esse método particular parece revelar os pontos de especial interesse de uma cidade – sua essência visual” (LYNCH, 1999, p. 167).

Com os resultados, o autor esclarece como essas informações poderiam ser transformadas em recomendações que dizem respeito à forma visual das cidades. Concluídas as análises, a identificação de pontos positivos e/ou negativos possui grande potencial para aplicações diretas em desenho urbano.

Poderia sugerir a localização ou a preservação de marcos, o desenvolvimento de uma hierarquia visual de vias públicas, o estabelecimento de unidades temáticas para os bairros, a criação ou esclarecimento de pontos nodais. Acima de tudo, lidaria com as inter-relações dos elementos, com sua percepção em movimento e com a concepção da cidade como forma visível total (LYNCH, 1999, p.130).

Ele considera ainda que uma imagem clara de uma local seja uma das exigências fundamentais para a forma da cidade. Porém, destaca também que as mudanças não devem ser substanciadas apenas em padrões estéticos, mas sim em outras diversas razões e possibilidade. Os planos podem se ajustar de acordo com aspectos característicos da região de forma a integrá-los em maior escala.

No final do livro, Lynch dedica uma parte do conteúdo com algumas observações extremamente úteis para a continuidade da pesquisa em termos metodológicos. Pondera os aspectos positivos alcançados por ele em sua proposta, mas também apresenta uma série de pontos fracos ao longo de suas etapas.

Dentro das que se apresentam no livro, as mais relevantes para o momento são relativas ao alcance de uma maior objetividade tanto nas etapas diretas com o entrevistado quanto na sistematização dos dados e com a atenção devida às entrevistas com os moradores. Em relação ao questionário, por exemplo, o autor ressalta a importância e o cuidado de não induzir respostas ao entrevistado e nem dar pistas sobre o desenho do mapa mental.

Uma segunda crítica refere-se à natureza e características dos usuários entrevistados, como por exemplo, posição social, idade, escolaridade, sexo etc. Nas experiências realizadas por Lynch, houve uma maior concentração na aplicação das entrevistas em pessoas de classe média profissional e empresarial. O autor considerou esse fator como negativo, pois pode gerar uma “forte tendência de classe” a ponto de influenciar nos resultados. A escolha aleatória dos entrevistados em diferentes pontos de aplicação também pode auxiliar na questão da variabilidade do perfil dos entrevistados.

Por fim, considera-se que o legado de Kevin Lynch em pesquisas e aplicabilidades na investigação da percepção ambiental faz do autor um expoente na área de estudos urbanos. A inserção de características mais próximas às visões, necessidades e desejos humanos pode ser o caminho para proposições mais justas e democráticas na estruturação do espaço de quem, de fato, irá utilizá-lo.

#### **2.4 \_ Procedimentos gerais: construção do método aplicado na Vila Telebrasília**

É de plena consciência a importância do exercício da crítica e da auto avaliação dos métodos de pesquisa. Em cada nova tentativa de aplicação, as revisões para possíveis adaptações têm como intuito o aperfeiçoamento e um melhor direcionamento aos objetivos pretendidos na busca de resultados mais próximos aos ideais. No caso da Vila Telebrasília, objeto desta dissertação, não foi diferente.

Portanto, para os objetivos desta pesquisa, as etapas de investigação envolvendo o local foram realizadas da seguinte maneira:

**Etapas 1** - Conhecimento de dados históricos e socioeconômicos da Vila Telebrasília - procedimento importante na compreensão dos processos de transformação do espaço e na identificação de possíveis aspectos objetivos e subjetivos atuais que estejam vinculados ao passado, afetos, usos e satisfações;

**Etapas 2** - Reconhecimento em campo - relevante não apenas na identificação das principais características morfológicas do local, mas também como forma de habituar os moradores à presença do pesquisador na área;

**Etapas 3** - Entrevistas em campo – etapa de aplicação do questionário em que os moradores desenham os mapas mentais.

A estruturação e ferramentas utilizadas em cada uma das etapas partiram exatamente das inquietações e críticas ao método. A adaptação do método para a Vila Telebrasília foi elaborada fundamentada em bases críticas. Tanto o autor Kevin Lynch como as experiências acadêmicas anteriores com o método facilitaram o planejamento do caminho adotado para o alcance dos objetivos da dissertação.

Apesar dos diferentes momentos e objetivos específicos, antes da Vila Telebrasília, houve outras quatro aplicações utilizando os mapas mentais como um dos fundamentos básicos de pesquisa. Três

delas aconteceram em cidades brasileiras: a primeira no Bairro de Mãe Luiza em Natal, a segunda na cidade norte-americana de Syracuse, nos Estados Unidos e, por fim, na Vila Planalto e Varjão, ambas as áreas urbanas localizadas no Distrito Federal.

Em cada uma dessas experiências, foi imprescindível o estudo da melhor forma de adaptação considerando as diversidades locais, contextos históricos, culturais e principalmente do perfil dos entrevistados. As aplicações com o método dos mapas mentais variaram entre formas mais próximas ao que Lynch fez nas cidades americanas, como no caso de Mãe Luiza, mas também sofreram alterações significativas em procedimentos, como por exemplo, abordagem dos entrevistados, ordens das perguntas dos questionários, sistematização dos resultados etc. Desses trabalhos, extraiu-se a maior parte das impressões que serviram de base para o aperfeiçoamento não só da etapa relativa aos mapeamentos, mas de todas as outras etapas que envolveram o estudo do caso da Vila Telebrasilândia.

O conhecimento e reconhecimento do local são procedimentos iniciais considerados indispensáveis inclusive para a elaboração das perguntas do questionário. O pesquisador deve coletar o máximo de informações possíveis referentes aos dados socioeconômicos, históricos e culturais da população. Nas visitas *in loco*, deve-se atentar não apenas para as características e componentes físicos da paisagem, mas também observar os usos e o comportamento da população em seus espaços públicos (ruas, praças, calçadas etc.).

Em áreas predominantemente de uso residencial, como é o caso da Vila Telebrasilândia, as primeiras visitas são de extrema importância na inserção da pessoa física do pesquisador no local da pesquisa. Em pequenas comunidades, qualquer desconhecido é facilmente percebido. Além disso, a postura observadora e os instrumentos de trabalho, como por exemplo, prancheta e câmera fotográfica, naturalmente despertam a curiosidade e podem até intimidar alguns moradores. Considerando as diversidades socioculturais em níveis locais, o pesquisador deve esperar e estar preparado para inúmeras reações por parte do público alvo tanto na chegada como nas abordagens no momento da aplicação dos questionários.

Naturalmente, responder qualquer formulário já é uma ação em que algumas pessoas veem como incômoda ou enfadonha e, em alguns casos, pode até ser interpretada como algo suspeito, invasivo ou ameaçador. A fim de incentivar um morador em potencial a participar de uma entrevista é preciso traçar estratégias de abordagem e convencimento. Apresentar-se de forma clara e educada é a primeira atitude importante ao se aproximar da pessoa. Obter a confiança e, por que não, a simpatia do morador, é essencial para um bom encaminhamento da entrevista. Falar rapidamente sobre a

pesquisa e deixar claro sobre a demanda mínima de tempo que ele poderá gastar nas respostas também auxiliam na aceitação.

Em abordagens diretas de pessoas pelas ruas, questionários longos e com questões extensas são fatores que podem gerar certa relutância e desestímulo de ir até o fim por parte do entrevistado. Já houve casos de desistências tanto no começo como na metade da entrevista ao perceber a grande quantidade de perguntas contidas no formulário. Apesar de parecer insignificante, condensar objetivamente as perguntas em poucas folhas pode contribuir para o convencimento e estímulo das pessoas em participar da pesquisa.

Outro ponto importante observado em experiências passadas refere-se ao vocabulário excessivamente formal das questões. A dificuldade na compreensão das palavras ou do contexto, muitas vezes acompanhada de certo constrangimento, pode influenciar tanto nas respostas como no desenho dos mapas mentais. Ao tentar explicar, o entrevistador intuitivamente mencionará exemplos que, mesmo sem intenção, poderá induzir respostas para o entrevistado. Além disso, se gasta mais tempo na tentativa de fazer com que a pessoa entenda o questionamento, tornando o procedimento ainda mais lento, cansativo e desestimulante.

Avaliando todas as questões descritas acima, na formulação do questionário aplicado na Vila Telebrasília, além do direcionamento para identificação de aspectos físicos da paisagem, foi explorada as possíveis percepções vinculadas à identidade social urbana local, afetividade e pertencimento. Em relação ao questionário que Lynch aplicou em sua experiência nas cidades americanas, uma alteração considerada significativa no caso da Vila Telebrasília foi a inversão do momento em que o entrevistado concebe o mapa mental (vide modelo do questionário no apêndice desta dissertação).

Na aplicação do método no bairro de Mãe Luiza, por exemplo, o pedido para que o morador desenhasse o mapa como uma das primeiras atitudes por vezes intimidou o participante com alegações de que não sabiam desenhar ou não tinham ideia por onde começar. Apenas após muita insistência por parte dos pesquisadores, alguns aceitaram continuar com as entrevistas, porém, houve desistências. Por esse motivo, nas experiências em diante, a realização do mapa mental correspondeu à última questão do formulário. Ao fazer a inversão, o desenho do mapa como derradeira ação não só resultou em maior rapidez na entrevista como também tornou mais natural a sua realização. Por isso, as perguntas anteriores passaram a ter importância fundamental na preparação do entrevistado na realização do desenho do mapa mental.

No caso da Vila Telebrasília, as primeiras perguntas do questionário tiveram por finalidade situar o pesquisador em relação ao perfil do entrevistado, como por exemplo, nome, sexo, idade e

escolaridade. Além de controlar uma favorável variabilidade desses fatores para os resultados da pesquisa, são dados que tanto podem vir a auxiliar na interpretação das respostas como melhorar a condução das entrevistas. Podem-se citar como exemplo, os casos em que o participante não é alfabetizado. A postura e os procedimentos por parte do pesquisador devem se adequar a esta situação com o devido cuidado de não causar constrangimento ou desmotivar o entrevistado.

No momento da entrevista, incentivos e esclarecimentos, verbais ou escritos que não interfiram no raciocínio do participante, são estratégias positivas. Para entrevistados com perfil mais desinibido, por exemplo, não se deve jamais menosprezar qualquer informação apresentada espontaneamente. Diante da imprevisibilidade em relação à reação de cada pessoa escolhida, cabe ao entrevistador estar devidamente preparado para conduzir a entrevista da forma tranquila possível.

Portanto, foi com base no conhecimento prévio do histórico local, das visitas em campo e nas autocríticas nas experiências pessoais e do próprio autor Kevin Lynch que o questionário aplicado na Vila Telebrasília foi elaborado. O modelo do questionário, as respostas dos moradores e os desenhos dos mapas estão disponíveis no apêndice deste trabalho.

### **Considerações sobre o capítulo**

A aplicação de investigações no campo da percepção ambiental em projetos é, por muitas vezes, ignorado dos processos que envolvem o espaço urbano. Acredita-se que esta ausência favorece a disseminação de um tratamento universal da paisagem refletindo negativamente nas questões identitárias locais.

O método do autor Kevin Lynch aplicado nas cidades americanas, é uma maneira eficaz de captar como o usuário percebe os elementos mais marcantes da paisagem. Aproveitando a potencialidade de se somar a estas percepções aspectos subjetivos e vinculados ao sentimento do usuário em relação ao espaço, adaptou-se o método dos mapas mentais ao objeto de estudo desta dissertação que, no caso, é a Vila Telebrasília.

O próximo capítulo corresponderá à realização dos procedimentos das etapas de investigação 1 e 2 aplicadas na Vila Telebrasília. Resumidamente, será abordado o levantamento histórico, morfológico e socioeconômico da população, dados estes necessários na elaboração e aplicação dos questionários, mas também na avaliação e interpretação dos resultados destes produtos.

# ■ CAPÍTULO 3

VILA TELEBRASÍLIA

histórico, morfologia e aspectos socioeconômicos

VILA TELEBRASÍLIA: histórico, morfologia e aspectos socioeconômicos.

### 3.1\_ O direito dos operários da construção da capital ao espaço urbano do Plano Piloto

Em fins da década de 50, teve início à polêmica proposta política desenvolvimentista feita pelo então presidente da república Juscelino Kubitschek de Oliveira (JK). Foi um dos maiores responsáveis por tornar real o que há anos já se pensava: construir a nova capital do Brasil na região central do país. Em função do pouco tempo de mandato para executar e inaugurar tamanha empreitada, foi grande a mobilização e recrutamento de operários para trabalhar nos canteiros de obra.

A fim de abrigar os trabalhadores e poupar gastos e tempo com o deslocamento dos trabalhadores, as construtoras e prestadoras de serviços estabeleceram acampamentos de caráter provisório em locais próximos aos canteiros das grandes obras (Palácio da Alvorada, Brasília Palace Hotel, Ministérios, Congresso, Palácio do Planalto, Catedral, plataformas da Rodoviária, etc.). Setores do próprio governo atribuíram a este período uma série de conotações ideológicas nacionalistas no intuito de fazer da construção da cidade um ato de orgulho, bravura e heroísmo.

Apenas o cerrado, o céu imenso e uma idéia saída da minha cabeça. E apesar de tudo aquilo, apesar da maquinaria empregada, foi feito com as mãos infraestrutura, gramados, vias, viadutos, edificações, tudo a mão. Mãos brancas, mãos pretas, mãos pardas, mãos dessa massa sofrida - mas não ressentida - que é o baldrame desta nação. (COSTA, 2001, p.104).



**Figura 3.1** - Pioneiros na construção de Brasília.

**Fonte:**

<http://site.pirelli.14bits.com.br/atuores/167/obra/587>. Acesso em 22/10/2009.

Desde o início até anos após a inauguração, a construção de Brasília foi responsável por gerar um grande fluxo migratório vindo das mais diversas cidades brasileiras, sendo a maioria proveniente dos estados de Goiás, Minas Gerais e Nordeste. A questão é que houve divergentes entendimentos em relação à necessidade dos empreendedores e a vontade dos trabalhadores.

Segundo Ribeiro (2008), na execução de uma grande obra em áreas relativamente isoladas, como era a região central do país, há uma necessidade de milhares de trabalhadores em um regime temporário de trabalho onde o fim desta temporalidade é exatamente a data de inauguração. Porém, a intenção de grande parte dos trabalhadores era sim trabalhar, mas também, e porque não, acreditar em se fixar numa área aparentemente tão promissora.

A concepção urbanística de Lúcio Costa supostamente deu a entender que o Plano Piloto seria acessível aos diversos níveis sociais:

A gradação social poderá ser dosada facilmente atribuindo-se maior valor a determinadas quadras como, por exemplo, às quadras singelas contíguas ao setor de embaixadas [...]. No outro lado do eixo rodoviário-residencial, as quadras contíguas à rodovia serão naturalmente mais valorizadas que as quadras internas, o que permitirá as gradações próprias do regime vigente; contudo, o agrupamento delas, de quatro em quatro, propicia num certo grau a coexistência social, evitando-se assim uma indevida e indesejável estratificação (COSTA, 2003, p.135).

Após a finalização de cada uma das obras, os acampamentos deveriam ser desmanchados e os trabalhadores voltariam aos seus locais de origem. Em função do caráter provisório, as edificações desses núcleos habitacionais, tanto para técnicos como para operários, eram bem singelas: estrutura, portas, paredes e janelas em madeira cobertas com telha de cimento amianto ou metálica.



**Figura 3.2:** modelo de ruas e casas no período dos acampamentos.  
**Fonte:** LACERDA (2006).

Segundo GOMES (1986), dentre outros motivos advindos de governos anteriores, o Brasil enfrentou uma forte crise econômica na década de 60. Os crescentes déficits fiscais causados pelos financiamentos para o cumprimento dos planos de governo de Juscelino colocou o país em uma forte crise econômica. Isso repercutiu principalmente na população de menor renda que entrou em uma situação de empobrecimento progressivo.

Com o país em crise e a nova capital em aparente franco desenvolvimento, os trabalhadores, muitos deles já em companhia de seus familiares, não mais tinham interesse em retornar a vida difícil das cidades de onde vieram. Mais um motivo para vinda de mais pessoas e também para a permanência dos que em Brasília estavam.

Brasília provou capacidade do nosso povo, a capacidade de nosso povo de realizar uma obra, uma obra...inclusive no prazo que foi realizada, né, com uma técnica nossa, com a nossa tecnologia sem importar tecnologia de fora, né, uma obra monumental daquela, construída com gente passando fome". (Depoimento de um pedreiro no período da construção. RIBEIRO, 2008, p.46).

É bem certo que, após 21 de abril de 1960, data da inauguração, nem tudo estava terminado. Apenas o essencial para o funcionamento político da capital da República estava de fato finalizado, como por exemplo, o traçado das ruas do Plano Piloto e os edifícios públicos e residenciais principais. Mesmo assim, como foram essas as obras que mais demandaram mão de obra e a cidade não mais tinha o mesmo ritmo e oferta de trabalho, inevitavelmente, vários trabalhadores ficaram desempregados (RIBEIRO, 2008).

A Novacap (Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil) sucedeu as construtoras pelo controle das áreas ocupadas pelos acampamentos das grandes obras. No início, não foi conveniente eliminar todas as construções provisórias, porque as residências definitivas para abrigar funcionários públicos recém-transferidos não estavam prontas. Segundo ZARUR (1991), as melhores casas, anteriormente destinadas aos engenheiros, passaram para funcionários do governo. Contrariamente ao que Lúcio Costa visionou, a partir de então, teve início uma clara ação política contrária a permanência dos operários e suas respectivas famílias nas proximidades do Plano Piloto.

A população que resistiu em permanecer nas áreas dos antigos acampamentos foi frequentemente estimulada a voltar aos seus locais de origem ou a se transferirem para uma das cidades satélites. Porém, grande parte dos habitantes jamais aceitou a idéia de remoção para áreas ainda consideradas tão distantes. Taguatinga, por exemplo, foi primeira cidade satélite oficialmente construída a 20 km

de distância do Plano Piloto justamente para abrigar os trabalhadores excedentes nas áreas próximas aos acampamentos.

O plano urbanístico da capital, elaborado dentro dos princípios do movimento moderno, determinava uma rigorosa setorização das funções com seus usos exclusivos. Isso resultou em dispendiosos e extensos espaços vazios com um agravante para a época que era as áreas ainda não consolidadas por construções. Formou-se uma vasta rede viária, cobrindo distâncias em meio a um vazio sem fim. Conseqüentemente, as grandes distâncias e a segregação entre centro e periferia, dificultavam e oneravam as questões relacionadas ao deslocamento, abastecimento de serviços e equipamentos públicos. Além disso, o núcleo de formação e oferta de emprego já se concentrava no Plano Piloto.

Esta contradição é geralmente percebida pela constatação de que o operariado, *grosso modo*, habita nas cidades satélites, enquanto o Plano Piloto permaneceu intocado e exclusivo para a pequena burguesia ligada à administração federal. Uma expectativa forjada pelo plano original da cidade, segundo o qual os operários compartilhariam o mesmo espaço urbano que os funcionários federais, criou, mesmo na literatura acadêmica, um estranhamento referente à ausência no Plano Piloto daqueles que o contraíram (RIBEIRO, 2008, p.32).



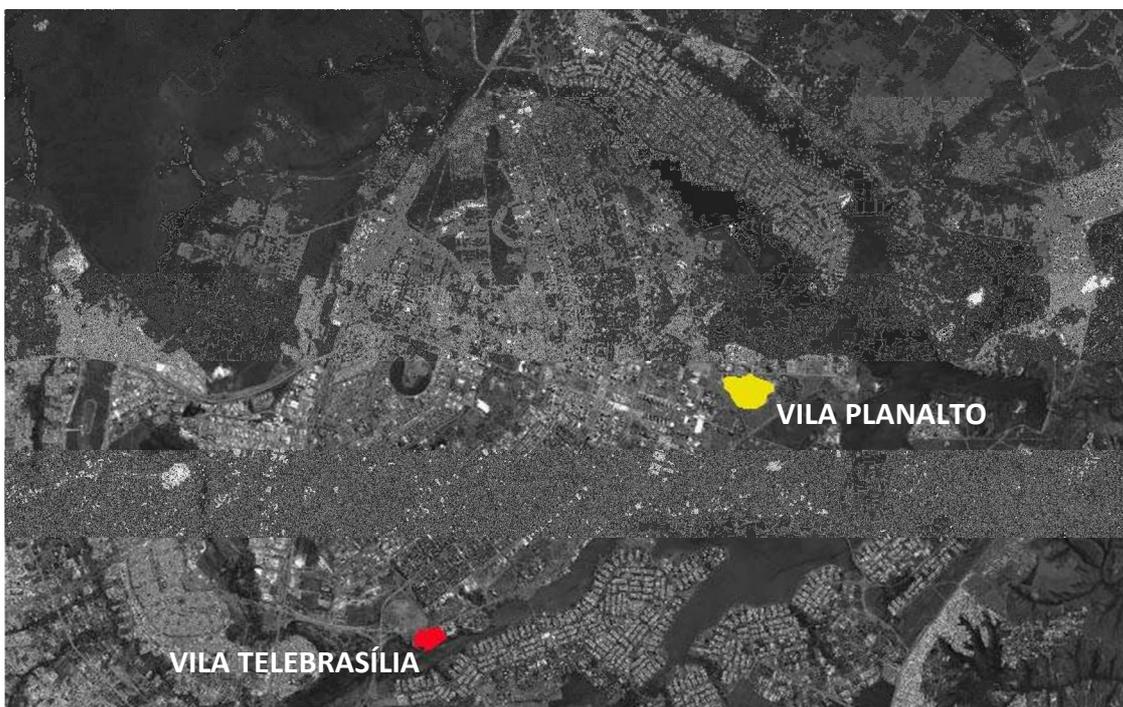
**Figura 3.3** - Transporte dos candangos em meio ao vazio sem fim.

**Fonte:** <[http://jairelias.blogspot.com/2010\\_04\\_01\\_archive.html](http://jairelias.blogspot.com/2010_04_01_archive.html)>. Acesso em 2/5/2010.

A partir de então iniciaram uma luta constante pelo direito de permanência nos locais dos acampamentos, fazendo da resistência umas das principais características dos que ali residiam. Todo e qualquer incentivo ou benefício antes ofertado foi interrompido. Somente pessoas com fortes vínculos com o governo e a administração local passaram a ter acesso fácil à moradia. A Terracap passou não só a fiscalizar, mas também a dificultar as instalações de redes de infraestrutura e a coibir reformas e ampliações nas casas.

Uma época de grandes conflitos ao qual, naquele momento, foi difícil definir o verdadeiro sentimento que moviam aqueles operários. Razões deste contexto fixaram uma das mais inquietantes contradições na realidade social em Brasília. Por quais motivos houve tanta opressão a fim de não permitir a permanência dos operários no espaço urbano do Plano Piloto?

É bem verdade que a proximidade extrema de antigos acampamentos, como por exemplo, a Vila Telebrasília e a Vila Planalto, com o Plano Piloto (figura 3.4) transformou estas áreas em foco de interesses políticos e imobiliários. Este fato visivelmente passou a incomodar tanto os empreendedores como também os moradores de áreas lindeiras que passaram a discriminar esses lugares como áreas ilegais, favelas ou invasões.

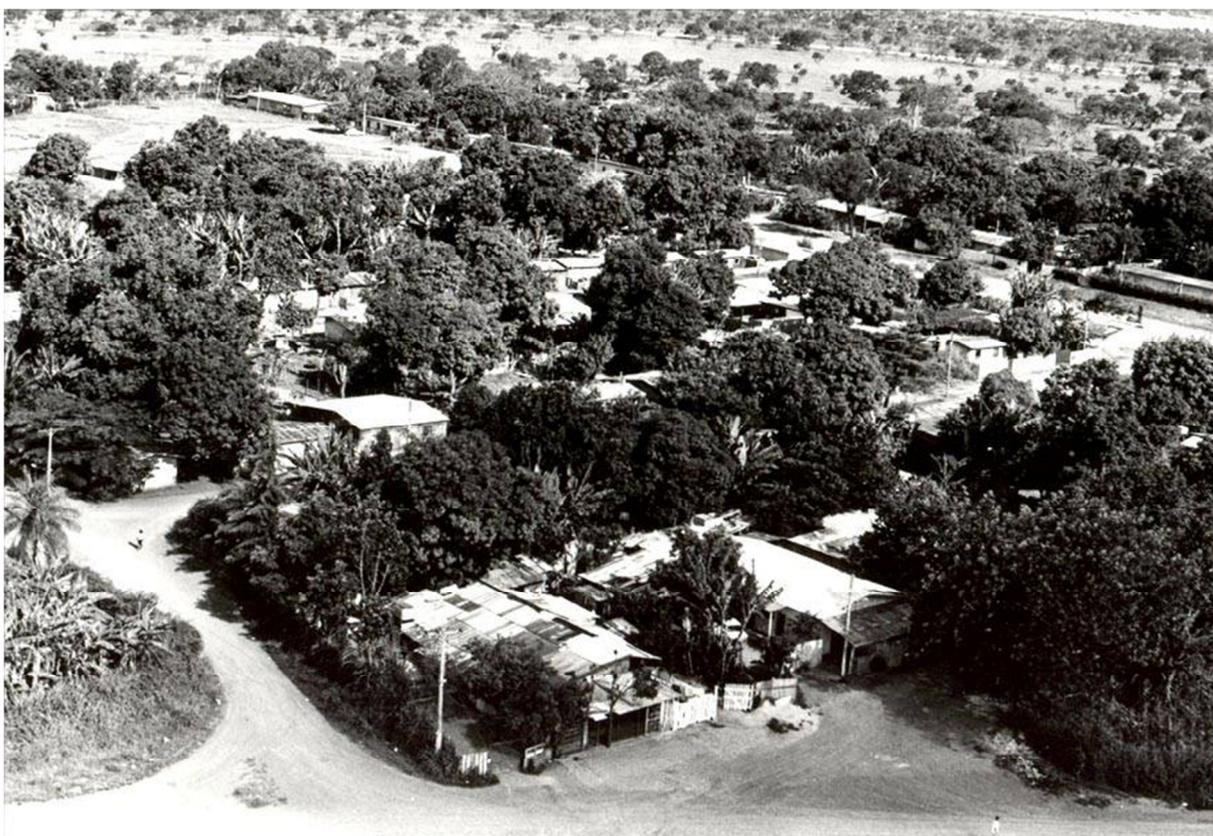


**Figura 3.4** - Acampamentos remanescentes dentro dos limites do Plano Piloto – Vila Brasília e Vila Planalto.  
**Fonte:** Google Earth.

Com o passar dos anos, residentes de maior poder aquisitivo do próprio Plano e do Lago Sul começaram a pressionar o governo na ação de remover o contingente dos assentamentos, caracterizados como irregulares. “A preocupação com a segurança serviu para pressionar as

autoridades no sentido de removê-los, porque se presumia que os marginais e prostitutas refugiavam-se neles” (ZARUR, 1991, p. 119). Além disso, havia outros argumentos de ordem técnica para a retirada das vilas operárias, como a necessidade de preservação ecológica das águas do Lago Paranoá.

A continuidade dos moradores nos locais dos antigos acampamentos se deu basicamente em função dos seguintes fatores: à camuflagem proporcionada pela vegetação densa já existente ou plantada pelos moradores nas ruas e quintais (figura 3.5); o Lago Paranoá como um dos limites; o fato de que lá também residiam funcionários do governo, os laços de amizades com outros trabalhadores e a força pela resistência de permanência no lugar. Porém, muitos operários, entre outras possíveis razões, não resistiram à pressão e findaram aceitando a remoção para as cidades satélites (ZARUR, 1991).



**Figura 3.5** - Vegetação nas ruas e quintais dos antigos acampamentos. As árvores não só proporcionava sombra ao espaço público, mas também quebrava parcialmente a visibilidade dificultando a fiscalização.

**Fonte:** LACERDA, 2006.

Com o passar dos anos, o legado histórico das edificações em madeira foram se deteriorando e os alojamentos coletivos se transformaram em verdadeiros cortiços. No caso da Vila Planalto, por exemplo, apenas as residências antes designadas aos engenheiros se mantiveram em bom estado de

conservação, até porque, como já foi dito anteriormente, serviram de residência para funcionários de alto escalão do governo por um longo período de tempo.

É bem verdade que de longe as casas provisórias ofereciam conforto aos seus moradores considerando as características climáticas com altas amplitudes térmicas e variações de umidade ao longo do ano como é o caso da região do Distrito Federal. Quando chovia o problema eram as ruas enlameadas, já na seca, era a vez do pó fino e vermelho se espalhando por todas as partes. Porém, o que era para ser provisório passou a ser definitivo, não por posse documentada e sim por posse almejada.

Em Brasília, como nas construções das Pirâmides do Egito ou das Muralhas da China, grandes obras tombadas como monumentos da humanidade, seria importante para as gerações futuras a preservação de “acampamentos de obras”, para evidenciar o processo de construção do monumento (GOUVÊA, in: A construção da cidade, 1998, p.50).

Ao longo de todos esses anos o desejo pela permanência uniu os moradores por algo em comum. A partir de então, foram vários os movimentos populares de pró-fixação que, por fim, tiveram êxito. Porém, a partir de então, a luta não terminou. Continuou pela legalização dessas áreas, implantação de infraestrutura e serviços urbanos básicos.

Por motivos de mudança ou de falecimento são poucos os pioneiros, também denominados de “candangos”, que ainda hoje residem nos locais onde funcionavam os antigos acampamentos de obras da construção da capital. Porém, é grande o legado de suas famílias que ainda guardam com orgulho as lembranças do passado, da infância e das dificuldades que enfrentaram para conseguir o que tanto queriam. Segundo SANTOS (2010), a palavra candango “evocava os valores da coragem, da ousadia, da perseverança, da fé, da dedicação ao trabalho. Resumia, enfim, todas as boas qualidades do brasileiro, os aspectos positivos da identidade nacional”.

Do período pré-inaugural, pouco resta. Por falta de preservação e manutenção, as edificações ruíram uma a uma. Resistem ao tempo nas narrativas dos pioneiros que ainda habitam a Vila Planalto, a Vila Telebrasilândia (o antigo acampamento Camargo Corrêa) ou o Núcleo Bandeirante (a Cidade Livre). De pessoas que falam com orgulho do lugar onde vivem. Pois para eles, tudo é Brasília (ROCHA, 2010).

### 3.2 \_Histórico da Vila Telebrasília.

A criação do acampamento da Vila Telebrasília aconteceu logo no início dos primeiros trabalhos para a construção de Brasília em 1957. Assim como outros acampamentos que existiram na época, é um lugar comumente esquecido dos lendários relatos e registros deste momento histórico da capital. Isso, de certa forma, dificultou a elaboração desta etapa da dissertação.

Oficialmente, são poucas as informações e quase nenhuma imagem específica que auxiliassem em uma formação linear e detalhada que permitisse compreender as transformações da paisagem do lugar desde sua origem. Porém, o que será adiante apresentado, teve por base alguns relatos dos moradores, textos acadêmicos, recortes de jornais e semelhanças estratégicas existentes em outros acampamentos.

Hoje, a Vila Telebrasília é uma área predominantemente residencial e que ainda permanece no mesmo local de origem: Setor de Clubes Esportivos Sul no início da zona sul do Plano Piloto, delimitada pela via Avenida das Nações e por uma das margens do Lago Paranoá (figura 3.6).



**Figura 3.6** - Localização atual da Vila Telebrasília na Zona Sul do Plano Piloto.

**Fonte:** Google Earth.

Segundo RIBEIRO (2008, p.70), para o início das obras, a área destinada à construção dos primeiros edifícios de Brasília foi dividida em três áreas sendo cada uma delas com atribuições específicas. Uma seria destinada à iniciativa privada, composta principalmente por comerciantes que serviriam todos os que aqui trabalhariam; outra para o acampamento central da Novacap; e a última área para

os acampamentos das construtoras particulares que, neste caso, ficaram espalhados e estrategicamente locados próximos de onde seriam suas respectivas obras.

As residências provisórias dos funcionários próximas aos canteiros era algo fundamental para as empresas privadas. Além de baratear os custos com transporte, não deixava de ser uma forma de controlar a rotina dos operários dentro e fora dos períodos de trabalho. As condições das instalações também nunca foram das melhores. Além da insalubridade dos alojamentos, mal havia disponível serviços básicos de saúde e poucas estruturas para o lazer.

As atividades de lazer nos acampamentos eram relegadas ao segundo plano uma vez que o mais importante em uma grande obra como a construção de Brasília era a rapidez e agilidade no processo de produção. Porém, uma forma de descontração bastante marcante neste período foram os jogos de futebol. Inclusive, era comum a existência de campos de terra batida e os times levavam os nomes de seus respectivos acampamentos. Na Vila Telebrasília, até hoje é um legado importante para os moradores inclusive com organização de torneio regionais que mobilizam a comunidade.

A torcida pelo time de futebol da companhia expressa um artifício em que pessoas de posições diferentes dentro de uma hierarquia dirigem suas energias para um mesmo objetivo. [...] Ou seja, na torcida pelos times as fronteiras e diferenciações sociais eram momentaneamente desfeitas e todos passavam, durante cento período, a se identificar com um ideal comum (RIBEIRO, 2008, p.141).



**Figuras 3.7, 3.8 e 3.9** - O futebol e a Vila Telebrasília. Após o time do Acampamento da Cotelb, que mais tarde se tornou o Acampamento Vila Telebrasília surgiu outros nomes para o time local. Nas imagens, respectivamente, Piratas Futebol Clube (1976), REC (1977) e Independente (1987). Hoje, se chama Vila Verde Futebol Clube o “orgulho da Vila”.  
**Fonte:** <<http://www.vilaverdefc.com/historia.htm>>. Acesso em 22 Dez. 2010.

O local atual da Vila Telebrasília foi onde originalmente se instalou o acampamento da construtora Camargo Corrêa. No período da construção de Brasília, foi a empresa encarregada do gerenciamento e execução de obras de terraplanagem e pavimentação de ruas e avenidas. Passada a inauguração, em 1963, a empreiteira desativou seus serviços no local e a área passou a pertencer ao

Departamento Telefônico Urbano e Interurbano (DTUI) que foi a empresa responsável pela prestação de serviços telefônicos. A origem do nome “Acampamento Telebrasília” veio em função de transferências DTUI para COTELB (Companhia Telefônica de Brasília) que, posteriormente passou a pertencer à empresa de telefonia denominada Telebrasília.

Após a desativação do acampamento, a população passou a conviver com constantes pressões por parte do governo para que desocupassem o local. No final da década de 70, os moradores decidiram de fato se unir não só objetivando a obtenção do direito de permanência, mas também de preservar a memória histórica da comunidade. Esse impasse fez da Vila Telebrasília uma região alvo para ações perversas por parte do poder político local. Na tentativa de desgastar a persistência dos moradores, por muitos anos a Vila permaneceu praticamente sem infraestrutura urbana.

O poder de mobilização levou os moradores a sucessivas manifestações inclusive com o respaldo de comunidades acadêmicas nas mais diversas áreas. O engajamento, participação e preocupação em assuntos de interesse comum ainda hoje são características marcantes dos habitantes da Vila Telebrasília. A população jamais aceitou a ideia de remoção para cidades satélites.

Segundo Nardi (2010), foram feitas inúmeras tentativas para que a organização fundiária de Brasília refletisse o padrão social desenvolvimentista e futurista pretendido pelo presidente Juscelino Kubitschek. A existência de formações espaciais como a da Vila Telebrasília era exatamente o oposto do que se queria ter como imagem. O visual de edificações singelas habitadas por pessoas humildes em um local tão próximo ao Plano Piloto demonstraria a fragilidade econômica e social em plena capital do país. Para Holton (apud NARDI, 2010, p.5) “a premissa do projeto consistia justamente na diferença utópica entre a imagem do futuro desejado e a negação das condições existentes na realidade brasileira”.



**Figura 3.10** - Residência na Vila Telebrasília.

**Fonte:** Arthur Monteiro. Disponível em: <http://milcoisasblogsindjusdf.blogspot.com/2009/03/movimento-por-casas-pequenas.html>. Acesso em 2 Dez. 2010.

Frente à resistência ferrenha apresentada pelos moradores, que permaneciam irredutíveis mesmo diante das dificuldades a eles impostas, o governo preocupava-se a todo custo em tornar a Vila Telebrasília oficialmente ilegal. No início dos anos 90, com apoio do IPHAN, o novo argumento embasava-se em que os antigos acampamentos ocupavam áreas públicas dentro dos limites tombados do Plano Piloto.

Porém, cabem aqui as seguintes perguntas: quais territórios não eram públicos dentro da imensidão dispersa de espaços vazios existentes na região do Plano e no restante do Distrito Federal? Quase absolutamente todos eram públicos como ainda hoje são. Afinal de contas, quais eram os planos e critérios existentes para a ocupação de uma área tão pequena comparada a outras infinitamente mais extensas e ainda não ocupada? Reforçando outra tendência infundada sobre a questão, segundo NARDI:

[...] o argumento do tombamento mostra-se falacioso, uma vez que o próprio IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) reconhece como “setores institucionalizados” todas as partes da cidade da Brasília que foram criadas pela Administração durante a implementação da cidade e consagradas pelo uso popular (NARDI, 2010, p.6).

Ainda não satisfeitos e em mais tentativas de não legitimar a área, técnicos da Secretaria do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia inspecionaram a Vila Telebrasília e alegaram que o acampamento estava sob uma Área de Proteção Ambiental (APA). Além disso, havia uma denúncia de que criadores de porcos estavam comprometendo a saúde dos moradores por falta de higiene e que o esgoto dos chiqueiros estava sendo canalizado diretamente para o Lago Paranoá sem o menor tipo de tratamento.

Em apoio à intenção e defesa da remoção, parte dos moradores da Asa Sul e do Lago Sul associavam problemas sociais presentes na região aos moradores da Vila Telebrasília. Em entrevista ao jornal Correio Brasiliense (GENTIL, 1995, p.15), em bases infundadas, houve o registro das seguintes alegações: “Temos tido muitos problemas, sobretudo com relação ao tráfico de drogas” (prefeita da quadra 416 Sul). “Sou contra a fixação porque aquele não é local propício para uma área residencial. É um lugar muito privilegiado para ser cedido dessa forma” (morador do Lago Sul).

Ainda no início da década de 90, o Governo do Distrito Federal investiu novamente na remoção dos moradores. Tentava a todo custo convencê-los de que eram invasores e que, mais cedo ou mais tarde, teriam de desocupar o local. Ofereceu transferência para terrenos especialmente destinados às famílias da Vila Telebrasília no Riacho Fundo, cidade satélite recém-criada distante

aproximadamente 20 km do Plano Piloto. Enganados por promessas de vida mais digna em outra localidade e temerosos diante da incerteza sobre a legalização, cerca de 400 famílias aceitaram a proposta e deixaram a Vila.

Enquanto isso, com liminares judiciais em mãos, os fiscais da Novacap devidamente amparados por policiais militares e tropa de choque promoviam derrubadas violentas das casas de moradores cujos nomes não constavam nos cadastros da SHIS (Subsistema de habitação de interesse social). Porém, a confiabilidade no registro destes dados era algo extremamente discutível o que tornava tanto as decisões jurídicas quanto as ações do governo um tanto quanto arbitrárias.

Apenas em 1991, a Lei distrital nº 161 amparou a fixação definitiva dos antigos moradores no local desde que fossem cumpridas algumas exigências técnicas, entre elas, a elaboração de estudos de impacto ambiental e um parecer do IPHAN. Porém, o até então governador de Brasília, Joaquim Roriz, vetou a lei que tinha por autoria um deputado de forte oposição política. A Câmara Legislativa, pela primeira vez em sua história, derruba o veto e finalmente a lei foi promulgada.

Porém, o então governador ignorou a lei e continuou a investir nas remoções e, a cada tentativa, mais a comunidade se fortalecia.

O Roriz ficou uma fera. Para ele, era como se a lei não existisse. Ele queria nos tirar daqui de qualquer maneira, ele queria essa área...Imagina, quem não ia querer uma área nobre como essa? [...] Durante todo o governo dele, a pressão foi grande, de todos os lados. Era governos, polícia e até imprensa...O jornal chamava isso aqui de “invasão da Telebrasilândia”, quando, na verdade, estávamos dentro da lei, nunca fomos invasores. A revista Veja publicou que o governador tinha removido a última favela de Brasília – a nossa. (Dona Neide – integrante da Associação dos Moradores do Acampamento da Telebrasilândia - apud VILA, 2009, p.10).

Passados alguns anos da promulgação da Lei nº 161/1991, e entre vários entraves políticos, sociais e ambientais, questões importantes para o processo de legalização começam a tomar rumos reais.

Com a eleição de Cristovam Buarque em 1995 para governador, mudanças consideráveis no quadro político do Distrito Federal foram decisivas para o encaminhamento definitivo de alguns impasses, enquanto isso, a população ainda amargava a ausência de serviços urbanos básicos no local.

Um dos primeiros passos foi a elaboração da versão definitiva do Relatório de Impacto Ambiental conforme havia solicitado a lei. Entre análises de riscos, algumas tiveram como consequência negativa, a ausência de sistemas de captação de esgoto, águas pluviais e coleta de lixo. Sem a devida infraestrutura de captação, a população usava meios alternativos que impactavam o ambiente. Ainda

de acordo com o relatório, apesar de eventuais benefícios ambientais advindos pela remoção, socialmente “acarretaria na destruição do valor histórico-cultural do Acampamento e conseqüente destruição do *“modus vivendi”* dessa comunidade ou parte dela, construída ao longo de décadas, que configura uma época da história da construção de Brasília” (RIMA, 1996, p.44).

Em 1998, foi lançado um decreto que aprovou o projeto urbanístico de parcelamento da Vila de acordo com as normas de edificação, uso e gabarito vigentes no período. A partir de então, com mais de quarenta anos de existência, foram implantados os sistemas de rede elétrica, esgoto e abastecimento de água. Porém, no governo seguinte, Joaquim Roriz volta a ocupar o cargo de governador e, mais uma vez em funções de divergências derruba o decreto de seu antecessor. Com isso, a Vila Telebrasília volta novamente a ser negligenciada pelo poder político local.

Em 2004 o IPHAN divulga um parecer favorável a permanência dos moradores na Vila e muda os rumos das negociações. Porém, as famílias não teriam plenos domínios sobre seus lotes, mas sim um termo de cessão de uso válido por 50 anos passível de ser renovado por mais 50. Neste caso, a transferência ocorrerá apenas entre membros da família, como por exemplo, de pai para filho. Caso haja interrupção deste processo a cessão é extinta e a área passa a ser reintegrada ao patrimônio público. As construções deverão seguir as normas urbanísticas a eles fixadas para assegurar as questões vinculadas ao tombamento de Brasília. De acordo com Cláudio Queiroz, na época superintendente regional do IPHAN, “a partir do momento que não houver mais descendentes, os lotes serão restituídos à escala bucólica de Brasília, que era o planejamento original para aquela área” (apud FONSECA, 2004, p.22).

No final de 2008 finalmente foram outorgados os títulos de propriedade aos moradores. Foram mais de cinquenta anos de existência marcados por muita luta por parte de uma população atrás de seus direitos. No início do ano de 2009, os moradores já contavam com as escrituras de seus terrenos, bem como a colocação de redes de infraestrutura.

Assim como em outros antigos acampamentos de obras da época da construção de Brasília, a Vila Telebrasília passou por processos de alterações na paisagem natural e construída. Hoje existem poucos elementos físicos que remetem ao passado, como por exemplo, as casas em madeira, ruas de terra vermelha e a arborização nos quintais e espaços públicos. Porém, não é o fato da maior parte dos moradores não mais residir em uma área com precária estrutura urbana e em edificações insalubres que remetem a época dos acampamentos que justificam o fim da Vila Telebrasília. Não é isso que se deve preservar e sim as marcas das transformações que determinaram o forte arranjo social de uma comunidade local.

Acredita-se que o vínculo de caráter histórico ainda se faz presente pela luta dos moradores em permanecer no local e conseqüentemente contra a segregação social mascarada pelo ideal preservacionista do plano da capital. A Vila Telebrasília é motivo de orgulho para seus mais antigos moradores que jamais aceitaram ficar às margens da história de Brasília e de sua sociedade. Em meio a tantas dificuldades enfrentadas e sonhos construídos, os moradores criaram sua própria identidade e relação de afetividade com o espaço que adotaram por viver.

Foi nessa circunstância que a comunidade da Vila reivindicou uma dimensão social para configurar o Plano Piloto ao lado das escalas arquitetônica, monumental e bucólica de Brasília; assim estabelecendo, para além de sua condição de *urbs* e *civitas*, bela, moderna e funcional, concebida na genialidade do projetista, uma verdadeira *polis*, construída pelo protagonismo social, inscrito na História, dando a Brasília a dimensão que lhe faltava, a escala humana (José Geraldo Sousa Júnior – sindijus-DF, 2009, p.5).



**Figura 3.11** - Placa localizada na entrada da Vila Telebrasília – DF.  
**Fonte:** LANOY (2008)

Como parte complementar ao método de investigação do objeto de estudo, a seguinte etapa refere-se a uma análise com foco nos elementos físicos na paisagem da Vila Telebrasília. A intenção é compreender as principais características morfológicas hoje existentes como subsídio para os diagnósticos dos resultados dos questionários e dos mapas mentais. A etapa teve por base uma série de visitas em campo, onde se observou não apenas a pura existência dos elementos, espaços e suas composições, mas também a forma com a qual a população os utiliza no dia-a-dia.

Compreende-se também a complexidade e extensão analítica e quantitativa de dados que poderiam ser levantados. Porém, houve uma tentativa de direcionar os principais pontos observados tendo como foco as especificidades dos problemas e objetivos propostos para a dissertação. Ou seja, identificar prováveis elementos e qualidades físico-ambientais que por ventura venham a comparecer no imaginário dos moradores da Vila Telebrasília. Após a realização das entrevistas, aí sim será o momento de perceber como que, de alguma forma, os aspectos identificados podem ou não estar vinculados às suas características identitárias.

### **3.3\_Traçado Urbano e descrição tipológica da área**

Na busca de uma compreensão mais abrangente, porém não superficial, foram observadas basicamente as seguintes questões: principais elementos físicos (naturais e construídos), características fundiárias, configurações da malha viária, espaços públicos e suas respectivas atividades.

Como bem observado no histórico, a origem física atual da Vila Telebrasília é decorrente das estratégias de locação dos acampamentos de obra do período da construção de Brasília. Passados mais de cinquenta anos de sua existência, hoje a Vila está em uma área considerada por muitos como privilegiada não apenas em função de sua proximidade com o Plano Piloto, mas também pelo caráter bucólico do local. Apesar de tudo, o núcleo morfológicamente encontra-se segregado das demais funções do seu entorno e do restante da cidade.

Uma característica marcante na paisagem da Vila Telebrasília é em relação à presença da densa mata ciliar no limite com o Lago Paranoá. O declive em direção ao Lago permite uma privilegiada visual nesta direção em quase todos os pontos da Vila. É uma imagem visualmente forte e que, por este motivo, se espera que compareça nas entrevistas e nos mapas mentais (figura 3.12).



**Figura 3.12** - Presença da densa mata ciliar no limite com o Lago Paranoá.

De modo geral, os locais mais próximos que servem de referência para a chegada até a Vila Telebrasília são: o Jardim Zoológico de Brasília, a Embaixada do Iraque e o Centro Universitário Unieuro (figura 3.13). Atualmente, o acesso interno da Vila Telebrasília pode ser feito por meio de três entradas, porém, todas elas partem da Avenida das Nações (figura 3.14 - página seguinte). O acesso central, próximo ao campo de futebol, é considerado como o principal.



**Figura 3.13** - Principais referências externas imediatas ao entorno da Vila Telebrasília.

**Fonte:** Google Earth.

Mesmo com as transformações que ocorreram na Vila Telebrasília ao longo do tempo, a configuração do traçado das vias e dos quarteirões são internamente bem articulados para uma área residencial. Com exceção à Avenida das Nações, não há uma clara hierarquia nas dimensões no sistema viário. Porém, existe uma via central que corta toda a área de ponta a ponta e outra que contorna e demarca claramente os limites do local. As ruas se dispõem praticamente de maneira ortogonal e delimitam quarteirões de diferentes tamanhos e com formas não tão regulares (figura 3.15- página seguinte).

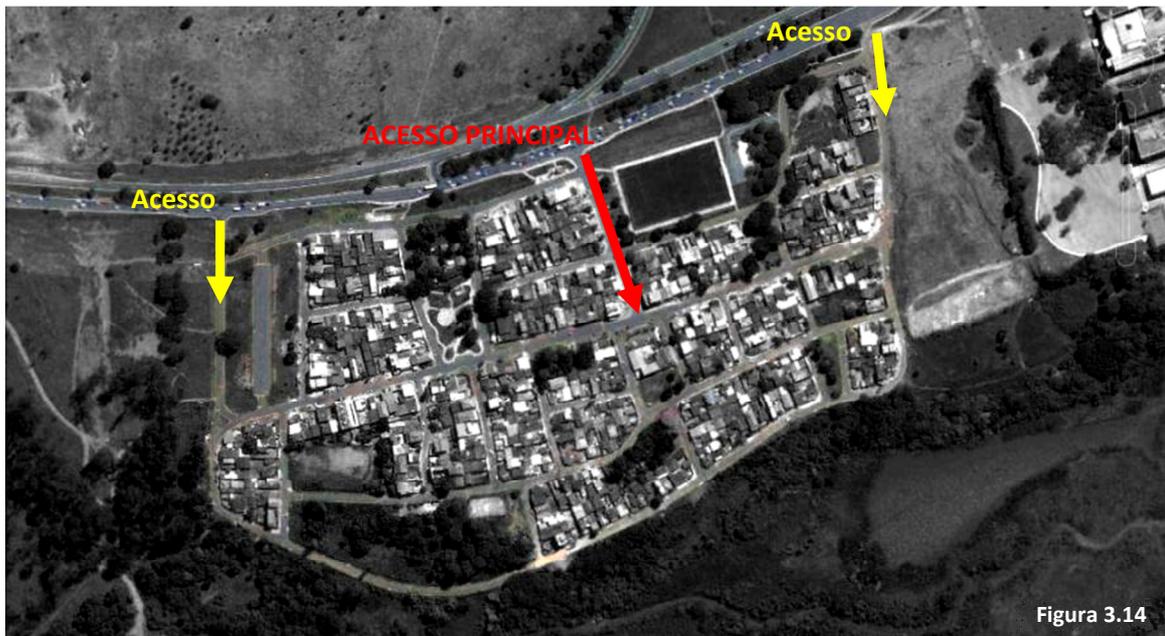


Figura 3.14

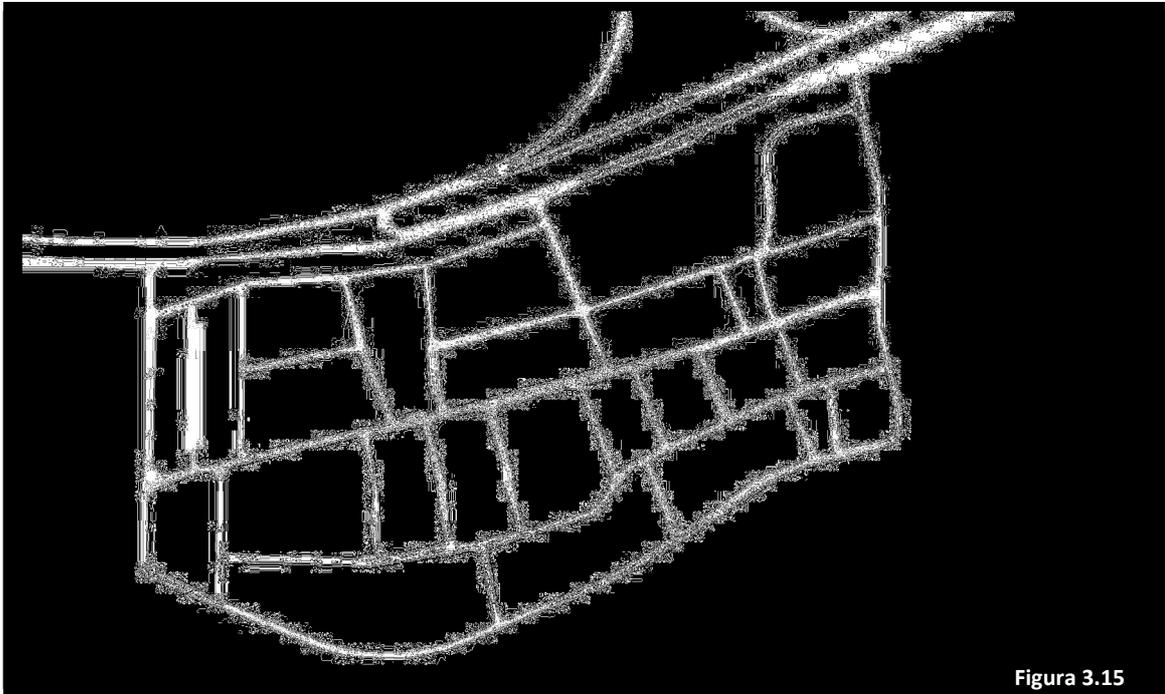


Figura 3.15

**Figuras 3.14 e 3.15** - Os três acessos à Vila Telebrasília e mapa com a marcação do sistema viário x quarteirões.  
**Fonte:** bases do Google Earth.

De qualquer maneira, nota-se pela imagem 3.15, que é um padrão de malha urbana com características que diferem da regularidade geométrica, da baixa densidade e repetitividade do traçado presente nas demais áreas do Plano Piloto e Cidades Satélites.

Segundo dados da Codeplan (2009), dentro dos limites físicos da Vila Telebrasília, existem atualmente cerca de 340 a 360 lotes sendo suas respectivas áreas e formas bastante variáveis. Os que já estão ocupados possuem altas taxas de ocupação formando grandes massas construídas (figura 3.16 e 3.17 – página seguinte).

Figura 3.16



Figura 3.17



Figura 3.18

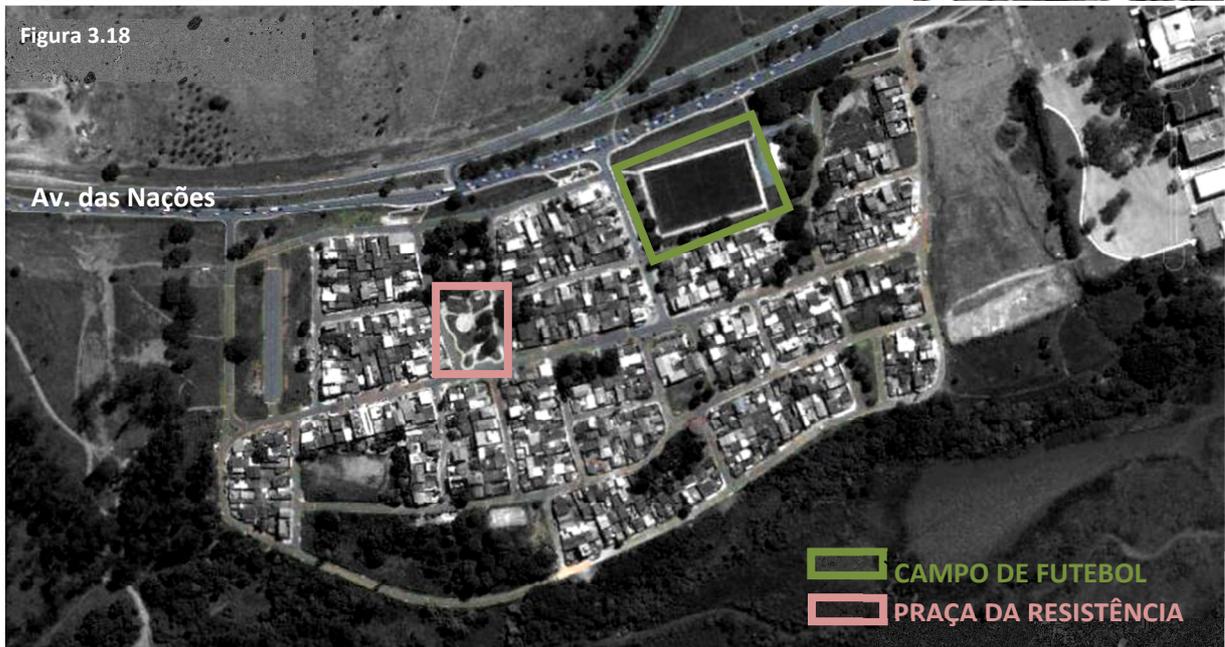


Figura 3.16, 3.17, 3.18 - Relação entre cheios e vazios. Campo e Praça são áreas públicas com dimensões de destaque.  
Fonte: bases do Google Earth.

A figura 3.16 representa áreas ainda não edificadas na Vila Telebrásília. Parte delas é de propriedade da Terracap e serão destinadas à construção de equipamentos públicos, como por exemplo, creche, posto de saúde, praças, núcleos de esporte e lazer etc. Os outros vazios correspondem a áreas com uso já consolidado como o Campo de Futebol e a Praça da Resistência (figura 3.18).

Em suas configurações, os lotes ficam de frente para estes espaços o que possibilita uma melhor integração entre espaço público e privado. Antigamente isso de fato acontecia, já que as portas das casas abriam diretamente para as ruas. Porém, acredita-se na perda gradativa desta característica devido ao aumento da construção de muros e grades excessivamente fechadas na parte frontal dos lotes.



**Figura 3.19** - Pouca arborização das ruas e quintais e lotes extremamente fechados por grades e muros.

Apesar de aparentemente equipados e serem bastante utilizados pelos moradores, tanto a Praça da Resistência como o Campo de Futebol, são lugares que possuem poucos atrativos e qualidades do ponto de vista do conforto ambiental, estético e simbólico. São espaços públicos ambientados como outro qualquer no Distrito Federal, concebidos a partir de repetição e dispersão de modelos e padrões sem a menor expressividade, identidade e distantes da lógica local.



**Figura 3.20** - Área em um dos limites do campo de futebol. Apesar da área bem conservada, não possui outros atrativos.



**Figura 3.21** - Praça da Resistência. Assim como o Campo, é uma área conservada, mas com baixo desempenho visual em seus elementos. No canto direito, algumas das árvores que os moradores não deixaram que fossem retiradas.

Segundo Zarur (1991), as árvores ornamentais e ou frutíferas plantadas nos quintais ou mesmo nas ruas foram objeto de sobrevivência para alguns acampamentos. A vegetação de quintal não só proporcionava maior conforto térmico às edificações, mas também quebrava parcialmente a visibilidade da fiscalização no período em que os acampamentos foram desativados com o fim das grandes obras na época da construção de Brasília.

No caso da Vila Telebrasília, o relato de alguns moradores confirma que a arborização nas ruas e nas casas já foi mais ambulante e marcante principalmente ao longo das ruas e dentro das casas. Porém, com as recentes obras de infraestrutura, muitas delas foram retiradas. Houve até uma mobilização para que, pelo menos, as mais antigas, plantadas pelos pioneiros, não fossem arrancadas. Conseguiram algumas conquistas, como por exemplo, um conjunto de árvores existentes na Praça da Resistência (figura 3.21 – lado direito da imagem), mesmo assim, considerando o que provavelmente antes existia poucas permaneceram.

A figura 3.22 (na página seguinte) representa um estudo de manchas em relação às massas arbóreas hoje existentes. É possível perceber que, dentro dos lotes (representados pelas manchas escuras), de fato, existem poucas árvores. Já propriamente nos espaços públicos e nos terrenos ainda não ocupados também é possível observar certa escassez de vegetação de médio e grande porte.



**Figura 3.22** - Estudo de manchas de áreas arborizadas dentro e fora dos limites da Vila Telebrasília.

Apesar do poucos registros fotográficos tanto do período de formação do acampamento quanto dos processos de transformações ao longo dos anos, a pesquisa histórica revelou que, morfologicamente, hoje existem poucos elementos físicos na paisagem da Vila Telebrasília que remetem ao passado. Dentre as inúmeras vezes que se posicionaram a favor da retirada dos moradores, técnicos tanto do IPHAN quanto do Depha (Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico) concluíram que na Vila não existe mais o caráter pioneiro e que pouquíssimas casas remetem as primeiras construções destinadas aos operários.

De fato, no que se refere ao conjunto arquitetônico, muito pouco restou dos elementos que fazem parte desta memória. Hoje, as edificações em alvenaria é a tipologia predominante em todos os quarteirões. Apesar de ainda existentes, são poucos os exemplares em madeira que, mesmo reformados, ainda remetem ao estilo que caracterizava os acampamentos (figura 3.23). Segundo dados da Codeplan (2009), apenas 2,2% preservam a originalidade dessas casas sendo que, alguns destes, se encontram em condições precárias e insalubres para moradia.

Além da perda do caráter simbólico das edificações mais antigas, são poucas as que de fato se destacam na paisagem. Alguns dos edifícios, principalmente comércios e igrejas, funcionam como referências internas, mas mesmo assim, não possuem boa legibilidade por razões de suas formas e escalas serem bastante semelhantes às das residências do entorno imediato. A principal igreja do local, por exemplo, apesar de fechar o visual na direção da principal rua de acesso à Vila, está localizada em uma área baixa do terreno perdendo seu destaque em potencial (figura 3.24).



Figura 3.23



Figura 3.24

**Figuras 3.23 e 3.24** - Primeira imagem: residência em que alguns padrões do período pioneiro foram mantidos (mesmo após reformas). Segunda imagem: visual da entrada principal da Vila Telebrasilia. Apesar do potencial perceptivo, a igreja pouco se destaca na paisagem.

Os elementos que visualmente mais se destacam e exercem maior facilidade em suas respectivas apreensões na paisagem, são os elementos naturais, como a densa vegetação que margeia o Lago Paranoá e os espaços públicos como o Campo de Futebol e a Praça da Resistência. Estes dois últimos se destacam por suas grandes proporções e contraste com quarteirões lindeiros relativamente densos. Além disso, no caso do Campo de Futebol, ele se localiza muito próximo ao acesso principal da Vila e está voltado para a Avenida das Nações.

Devido a sua origem e aos processos e transformações desencadeadas ao longo do tempo, a Vila Telebrasília possui caráter de uso e ocupação predominantemente residencial e misto (residência e comércio). Diferentemente do que se vê no Plano Piloto e demais Regiões Administrativas, não há distinção clara de setores nem diferenciações nas dimensões nos lotes para os usos já consolidados.

Em função da recentemente saída da condição de ilegalidade, o local ainda não atende concretamente aos dispostos nas Normas Técnicas que definem a implantação de equipamentos públicos como escolas, posto de saúde, demais praças etc. Diga-se de passagem, a ausência de equipamentos urbanos e institucionais é uma das atuais carências do local. Por enquanto, a comunidade utiliza os existentes no Plano Piloto, mais precisamente os localizados na Asa Sul.

Uma tipologia de uso existente na Vila Telebrasília e que ainda geram algumas discussões em relação a sua permanência, são as borracharias, oficinas e lavagens de automóveis. Isso se justifica por serem atividades em que a geração inadequada de resíduos, como por exemplo, pneus, detergentes, óleos e graxas, podem proporcionar danos e contaminações ao solo e ao Lago Paranoá.



**Figura 3.25** - Oficinas e borracharias em tipologia mista. São usos que, caso não haja um controle adequado, podem causar dano ao ambiente.

É bem verdade que ao longo da existência da Vila Telebrasília, não houve compromisso e nem devidos cuidados com os aspectos ecológicos por parte dos moradores e governo local. A própria ocupação e as consequentes ligações clandestinas de esgoto e despejo inadequado do lixo, entre outros motivos, podem ter contribuído para degradação da vegetação do Cerrado e o assoreamento de partes das margens do Lago Paranoá. Porém, segundo o Relatório de Impacto Ambiental (2006), a Vila Telebrasília não é a principal responsável pelos problemas ambientais até então existentes.

Existem inúmeras grandes áreas de adensamento e de crescimento urbano desordenado no Distrito Federal, muitos tolerados pelo governo, que estão afetando gravemente outros aquíferos confluentes com o Lago.

No limite entre a pista que contorna a Vila Telebrasilândia e o Lago Paranoá, a paisagem é marcada por uma densa cobertura vegetal composta pelos mais variados portes e espécies (figura 3.26). Apesar da inexistência de uma estrutura apropriada, é uma área frequentada pelos moradores para atividades de lazer, como por exemplo, pesca, banho e piqueniques. Entende-se este tipo de apropriação com algo extremamente positivo, porém é uma tipologia de uso que inspira cuidados já que nem todos sabem usufruir de maneira correta e acabam poluindo o local com deposição de lixo.



**Figura 3.26** - Imagens dos limites da Vila com a vegetação ciliar do Lago Paranoá.



**Figura 3.27** - Colocação de lixo nos limites próximos ao Lago causando riscos de contaminação.



**Figura 3.28** - Mesmo bastante simples, a população usa a área para o lazer.

Recentemente, com a legalização da fixação definitiva dos moradores na Vila Telebrasília, a cidade recebeu instalação de redes de infraestrutura e asfaltamento das ruas. Porém, há de imediato uma clara demanda por equipamentos públicos urbanos. A proximidade com outras áreas do Plano Piloto, como a Asa Sul, não é suficiente para atender as demandas internas e imediatas da população até por falta de mobilidade urbana adequada até essas áreas. Equipamentos como escola e posto de saúde, por exemplo, devem estar a um alcance mínimo suficiente para trazer segurança a uma criança que vai a pé de casa para a escola.

No próximo tópico, serão abordados os aspectos socioeconômicos que darão maior suporte em relação às carências ainda existentes na Vila Telebrasília. Sendo assim, apesar das descaracterizações da paisagem natural e construída ao longo do tempo, é um local que ainda merece ser espacialmente explorada principalmente com possibilidades de melhor envolvimento da comunidade com as características intrínsecas a história do lugar.

### **3.4\_ Panorama socioeconômico dos moradores da Vila Telebrasília.**

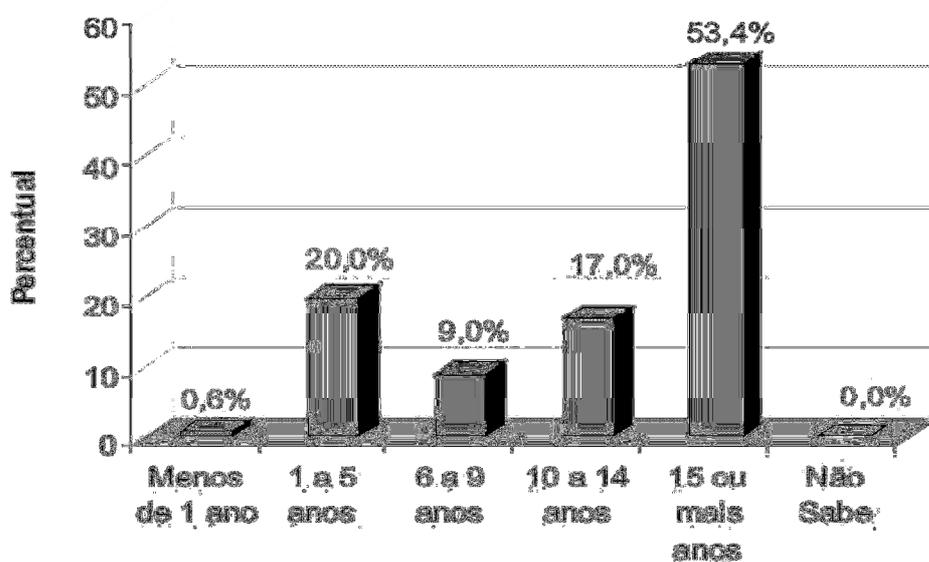
A importância em se consultar levantamentos sobre dados socioeconômicos incide não somente em um conhecimento estatístico a respeito de uma determinada população. Para casos de ações e aplicações de recursos em uma determinada área, por exemplo, seja pela iniciativa pública ou privada, os dados proporcionam uma série de informações que possibilitam a realização de propostas que mais se aproximam da realidade local.

No caso do enfoque desta pesquisa, a consulta dos dados socioeconômicos sobre a Vila Telebrasília foi imprescindível no processo de adaptação do método antes mesmo das primeiras visitas ao local. De acordo com o que foi descrito no tópico 2.4 no capítulo 2, parte dos dados socioeconômicos é de grande relevância no momento da formulação do questionário. O nível de escolaridade, por exemplo, pode interferir tanto na simplicidade da forma com que as perguntas são feitas como também em uma eventual situação em que o pesquisador terá de preencher o formulário para um entrevistado não alfabetizado. Além disso, os dados permitem um melhor entendimento do reflexo da história na atual realidade do lugar.

Todos os dados apresentados a seguir tiveram por base o mais recente levantamento feito pela Codeplan (Companhia de Planejamento do Distrito Federal) realizado em outubro de 2009 na Vila Telebrasília. A descrição dos dados foi útil no processo metodológico, mas também se torna aqui

importante para que o leitor possa ter uma noção do perfil socioeconômico da população. Para tanto, apenas os dados essenciais do levantamento foram selecionados.

Existe hoje na Vila Telebrasília cerca de 2.920 habitantes distribuídos em uma área de 35 hectares o que dá uma densidade de 83,43 hab./ha. Em relação ao tempo de moradia, 54% da população moram a mais de quinze anos na Vila Telebrasília, enquanto 20,6% chegaram recentemente nos últimos cinco anos (figura 3.29). Este dado torna-se relevante ao considerar que uma parcela substancial dos moradores participou ou presenciou o processo de luta pela permanência no local. Porém, a existência dos que possuem pouco tempo de moradia também possibilita interpretar quais seriam os vínculos que essas pessoas teriam, ou não, com a Vila Telebrasília.



**Figura 3.29** - Tempo de moradia dos moradores da Vila Telebrasília.

Fonte: Codeplan, 2009.

A população é predominantemente adulta, onde 43% encontram-se na faixa etária entre 25 e 59 anos. Os idosos representam um pequeno percentual de 7,7%, os jovens entre 15 e 24 anos estão em 20,3% e crianças entre 0 e 14 anos com 28,1%. Os dois últimos dados indicam uma atenção especial para a quantidade de jovens e crianças residentes na Vila Telebrasília. Apesar de 19,1% representar a faixa etária de crianças que se encontram em idade escolar (entre 5 e 14 anos), não há escolas de ensino básico e fundamental dentro da Vila Telebrasília. A maioria delas estuda em escolas públicas localizadas na Asa Sul, área do Plano Piloto.

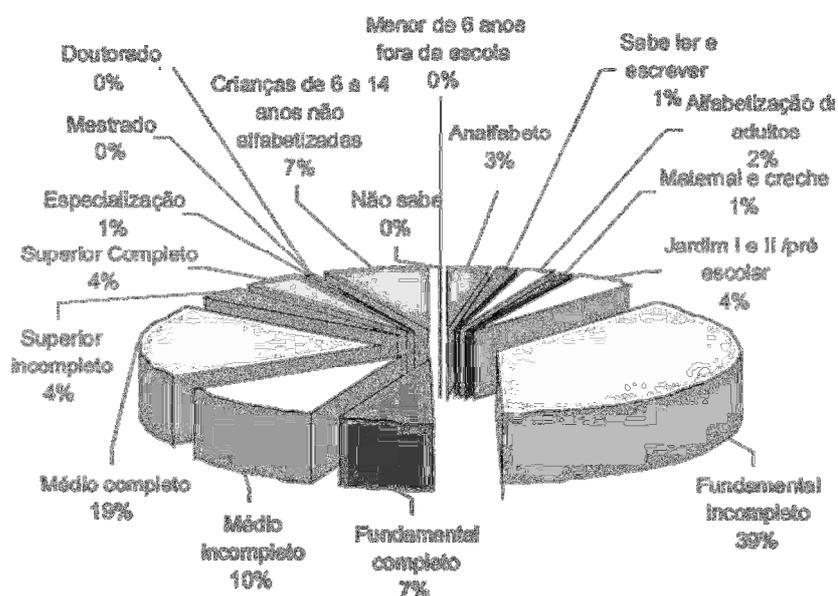
O Centro de Ensino Médio Setor Leste, por exemplo, um dos mais próximos, fica aproximadamente a 3,0 quilômetros do acesso principal da Vila. Por deficiência nas alternativas de transporte público não só no local, mas em todo Distrito Federal, os alunos caminham até o primeiro ponto de ônibus localizado na Via L2 Sul correndo eventuais riscos ao terem de atravessar a Avenida das Nações cuja velocidade máxima permitida é de 80km/h.



**Figura 3.30** - Distâncias percorridas pelos moradores até o ponto de ônibus e a distância do Centro Educacional Setor Leste.

**Fonte:** Google Earth

No geral, os níveis de escolaridade apresentam-se bastante diversificados. A maioria possui ensino fundamental incompleto (39%). Porém, existem dois índices considerados relevantes para a pesquisa: 7% de crianças entre 6 e 14 ainda não foram alfabetizadas e 3% dos adultos são analfabetos. Apesar da pequena probabilidade da entrevista ocorrer com uma dessas pessoas, no momento de elaboração do questionário, foi ponderada a não inviabilização de suas prováveis participações. Caso alguns desses moradores fossem escolhidos, haveria de se ter o cuidado para não deixá-los constrangidos e sim motivados a participar da pesquisa. Com base nas experiências anteriores com o método, o fato de o entrevistado ser analfabeto não inviabiliza a realização do desenho do mapa mental.



**Figura 3.31** - Níveis de escolaridade da população da Vila Telebrasília.

**Fonte:** Codeplan, 2009.

As informações sobre o sexo dos moradores são numericamente equilibradas: 52,1% são mulheres e 47,9% de homens. A renda domiciliar de 1 a até 5 salários mínimos configura-se em 59,7% dos domicílios. Porém, é significativa a porcentagem de moradores com renda abaixo de 1 salário mínimo (13%). Na maioria das residências, os homens se identificaram como chefes de família. Dado considerado positivo por indicar uma boa estrutura familiar.

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em áreas mais carentes, são cada vez crescentes o número de mulheres responsáveis financeiramente por suas respectivas famílias. Isso conseqüentemente interfere não apenas em valores familiares, mas também na educação e na necessidade de maior apoio por parte do poder público. Apesar do levantamento feito pela Codeplan não contemplar precisamente este dado em relação à Vila Telebrasília, pela porcentagem de crianças na faixa etária entre 0 e 4 anos (9%), infere-se a necessidade da existência de uma creche como forma de apoio às famílias. Independente de serem ou não chefe de suas famílias, existe também a questão vinculada ao aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, por isso, ficam impossibilitadas de dispor tempo integral aos cuidados de seus filhos.

Outro dado socioeconômico interessante a respeito dos moradores da Vila Telebrasília é em relação ao local de trabalho. A grande maioria da população empregada (90,4%) trabalha em áreas do Plano Piloto enquanto o restante se distribui pelas demais regiões administrativas. Este dado reflete uma realidade existente em todo Distrito Federal e entorno. A RA de Brasília (Região Administrativa), referente ao Plano Piloto, é a que concentra a maior oferta de empregos. A vantagem da Vila Telebrasília relativa a este quadro é a sua proximidade com essas áreas onde as pessoas trabalham. Ao mesmo tempo, é um dado que indica que a quantidade de atividades internas capazes de gerar emprego e renda para a população é pouco representativa na localidade.

No geral, os dados socioeconômicos também revelam que maioria da população não mais se encontra na faixa de altos níveis de pobreza e nem reside em residências insalubres apesar de poucas ainda existentes. Alguns moradores, por opções próprias, ainda resguardam em suas residências a característica construtivas em madeira que marcou o período pioneiro na época dos acampamentos de obra. Segundo o levantamento, apesar de representar uma minoria absoluta, 2,2% das casas então preservadas e bem conservadas em suas formas.

De acordo com as próprias conclusões divulgadas pela Codeplan, a Vila Telebrasília é uma área ainda carente de ações públicas que possam viabilizar a continuidade do desenvolvimento local e que, conseqüente, venham a melhorar a qualidade de vida dos moradores.

## **Considerações sobre o capítulo**

A trajetória de luta e resistência enfrentada ao longo da história de idas e vindas por parte do governo da Vila Telebrasília, de fato, é um fator que aproximou os moradores em um forte espírito de união comunitária. Historicamente, existem poucos espaços e elementos da paisagem que remetam ao passado do lugar. Após a colocação das redes de infraestrutura, asfalto e alguns poucos mobiliários aleatoriamente distribuídos e padronizados, o local visualmente se parece como outra cidade satélite qualquer no Distrito Federal.

O espaço, simbolicamente, pouco remete o cenário de grandes conflitos no passado. A Praça da Resistência, por exemplo, visualmente de longe rememora os feitos da comunidade. É bem certo que ainda remonta ares bucólicos em função do cinturão verde existente de seus limites. Porém, a alta ocupação construtiva nos lotes fez se perder as árvores nos quintais, algo também historicamente representativo e que trazia benefícios bioclimáticos ao espaço e ao bem estar dos moradores.

Por outro lado, a população participa e desfruta amplamente dos espaços públicos com hábitos que lembram cidades de interior, como crianças soltando pipa nas ruas, brincadeiras nas praças, peladas no Campo de Futebol, pessoas sentadas nos meios-fios e cadeiras nas calçadas.

Os levantamentos aqui apresentados serão extremamente úteis para o próximo capítulo que basicamente constará a sistematização dos dados alcançados nas entrevistas e nos mapas mentais com os moradores da Vila Telebrasília.

## A IMAGEM DA VILA TELEBRASÍLIA

# CAPÍTULO 4

## A IMAGEM DA VILA TELEBRASÍLIA

### 4.1 \_ Análise dos resultados: primeiras expectativas

Os tópicos a seguir, correspondem a uma análise mais objetiva e sistematizada dos dados coletados nas entrevistas com os moradores da Vila Telebrasília. Primeiramente, serão apresentados os resultados obtidos em cada uma das perguntas presentes no questionário. Depois, em outro tópico, será a vez de relacionar os desenhos dos mapas mentais com o conteúdo teórico e investigativo desenvolvido ao longo dos capítulos anteriores.

Assim como foi mencionado na descrição da metodologia adotada por Kevin Lynch no livro “A imagem da cidade”, antes das etapas referentes às visitas de campo e elaboração do questionário, foram feitos levantamentos de dados históricos, socioeconômicos e morfológicos da Vila Telebrasília. Sem isso, as etapas de elaboração do questionário e interpretação dos resultados poderão se tornar vagas ou falhas.

De acordo com o método adotado para este trabalho, a **etapa 2** consistiu de visitas em campo a fim de levantar as principais características morfológicas do local e, de maneira geral, observar as relações de uso e comportamentais cotidianas dos moradores com o ambiente físico. Esta etapa, sem dúvidas, gera algumas expectativas para pesquisador. Mesmo com o olhar desvinculado dos aspectos sentimentais afetivos, visualmente, a paisagem gera algumas inevitáveis sensações. Inevitavelmente, algumas hipóteses sobre os prováveis elementos que comparecerão nas entrevistas e mapas mentais começam a ser levantadas. Alguns dos motivos relacionados a eles também são imaginados. Porém, assim como nas outras experiências, sempre ocorrem surpresas, ou seja, nem tudo o pesquisador consegue apreender comparece nos resultados, afinal de contas, ele não vivencia, de fato, o espaço. Também ocorre o contrário, elementos que o pesquisador espera e não comparecem.

Considerando as visitas e observações feitas na Vila Telebrasília, levantaram-se as seguintes possibilidades em relação a prováveis menções por parte dos moradores nas perguntas e nos mapas:

- **Prováveis elementos físicos de referências externas aos limites da Vila mencionados devido a suas características de uso, destaque visual ou relação de proximidade:** Região Administrativa do Lago Sul, Jardim Zoológico de Brasília, Asa Sul (Plano Piloto), Embaixada do

Iraque, Centro Universitário Unieuro, Centro de Ensino Setor Leste e Vias L2, L4 Sul e Avenida das Nações.

- **Prováveis elementos físicos de referência internos mencionados em função das características de uso, tipologia arquitetônica, usos, destaque visual, aspectos históricos ou afetivos:** residências (inclusive a do morador), Praça da Resistência, Campo de Futebol, Lago Paranoá, vegetação densa na orla do Lago, casas de madeira, ruas (asfaltadas ou de barro), placa do acesso principal (dizeres: “Vila Telebrasil: aqui tem história”), Igreja Católica São Pedro Nolasco, Posto Policial, pequenos mercados e oficinas,

As análises seguintes permitirão confirmar ou não as expectativas que foram levantadas nas etapas anteriores de levantamento de dados locais e pesquisa de campo.

## **4.2 \_ Análises das respostas ao questionário**

As respostas em relação às questões de 1 a 5 correspondem a aspectos gerais sobre o perfil dos entrevistados, dados estes também importantes na compreensão e interpretação dos resultados. Das questões 6 até 10, pelo número de menções, foi possível identificar com maior clareza quais elementos da paisagem natural e construída estão presentes no imaginários dos entrevistados como referências, assim como qual a dimensão das relações destes com o cotidiano social, histórico, afetivo e identitário locais.

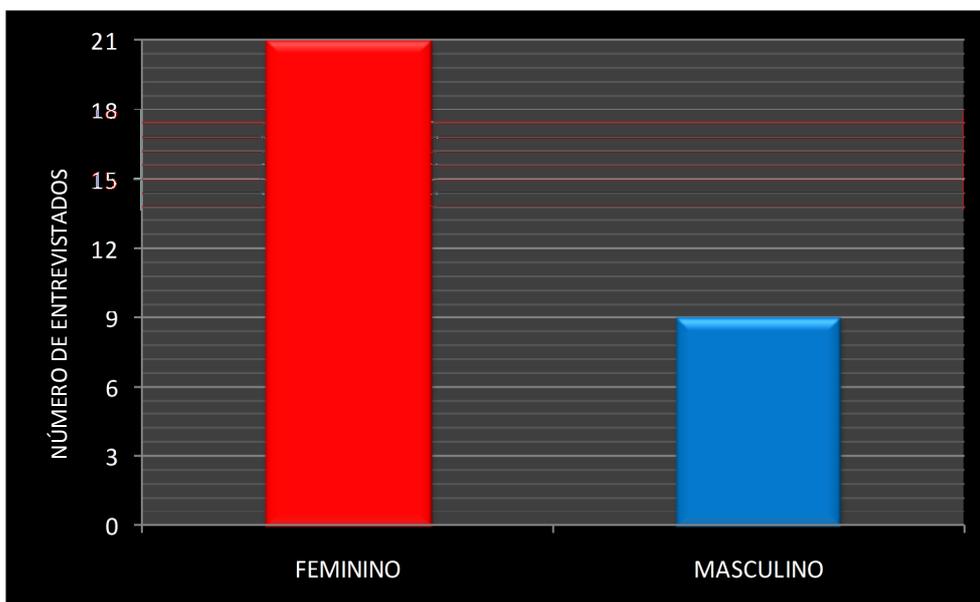
### **4.2.1 \_ Resultados referentes às questões 1 (gráfico 01) e 2 (gráfico 02) do questionário: sexo e faixa etária.**

Em concordância com uma das críticas negativas feitas por Kevin Lynch em relação à equidade no perfil dos usuários nas cidades norte-americanas, nos gráficos 01 e 02 na página seguinte, é possível observar que houve variabilidade nos perfis de idade e sexo dos entrevistados na Vila Telebrasil. É bem verdade que não houve equilíbrio numérico nestas classificações, mas o resultado foi satisfatoriamente abrangente considerando estes aspectos. Apesar da busca intencional de diferentes perfis para os entrevistados, é importante destacar que não houve diferenciação ou exceções na forma com a qual os resultados foram interpretados.

Presentes entre a maioria dos entrevistados parte das mulheres participantes tem como ocupação atual a atividade doméstica. Talvez por este motivo, principalmente em dias de semana, encontravam-se mais vulneráveis e dispostas às abordagens da entrevistadora. Já o grupo masculino,

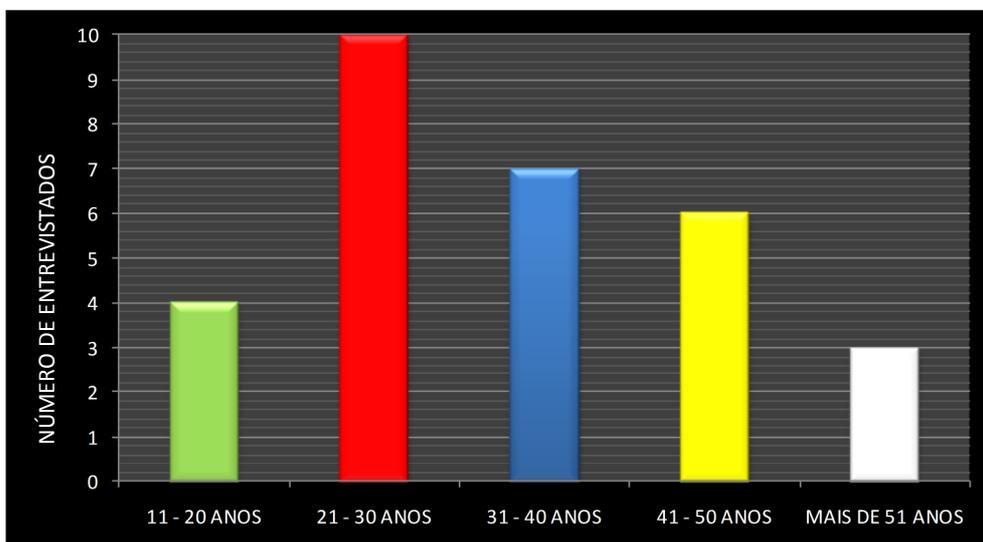
maior parte deles entrevistados durante o fim de semana, foram abordados em momentos de lazer, nas calçadas de suas residências, na Praça da Resistência e nas proximidades do campo de futebol.

**Gráfico 01: Sexo dos entrevistados**



Em relação à idade dos entrevistados (gráfico 02), houve também um nível de variabilidade considerado satisfatório. Confirmando algumas das expectativas e hipóteses esperadas na etapa de reconhecimento em campo e levantamento histórico, os moradores mais antigos e concentrados nas faixas etárias mais elevadas frequentemente, sem induções, remetiam a fatos históricos do local. Muitos demonstraram orgulho pela participação de parentes pioneiros na construção de Brasília assim como lembranças do desgastante processo de luta pelo direito de permanência, das inúmeras tentativas de remoção, do abandono político e das transformações positivas e negativas na paisagem ao longo do tempo.

**Gráfico 02: Faixa etária dos entrevistados**



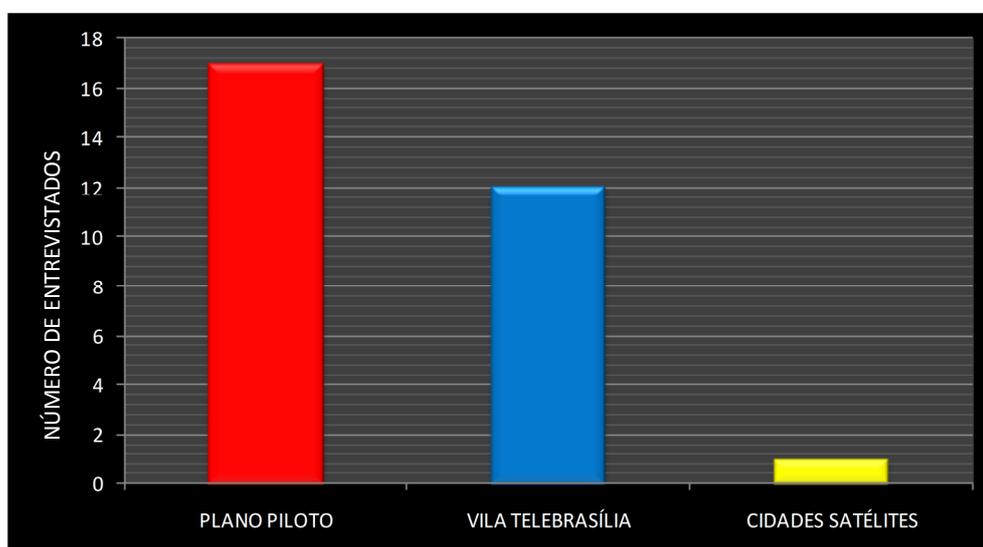
#### 4.2.2 \_ Resultado referente á questão 3 do questionário: local de estudo e/ou trabalho

O gráfico 03, reflete um dado bastante comum nas outras regiões do Distrito Federal que é a dependência do Plano Piloto em relação à maior concentração do número de empregos, serviços e lazer. A proximidade e o conseqüente acesso fácil às estruturas de usos reconhecidamente bem qualificadas existentes na região do Plano Piloto, como por exemplo, escolas e hospitais foram considerados um dos fortes pontos positivos para a população residente na Vila Telebrasília.

Porém, vale à pena ressaltar que, durante as entrevistas, foi notório que o histórico de especulações imobiliárias e pressões políticas a fim de coagir a remoção dos moradores para cidades satélites mais distantes também fizeram parte dos motivos pelos quais tanto reivindicaram não só a permanência, mas melhorias no espaço urbano local. Sentimento este expresso por um dos entrevistados que, com certa indignação, levantou o seguinte questionamento: “Por que somente os ricos podem morar perto do Plano Piloto, do Lago Paranoá e usufruir de seus serviços? Nós também podemos!”.

Cabe reforçar, que os dados obtidos nas entrevistas são relativos a um número pequeno de entrevistados considerando a população total da Vila Telebrasília. Isso significa que, apesar da semelhança, os resultados não refletem em 100% as características reais da população. Por isso, do ponto de vista numérico, não dever ser considerados como um dado socioeconômico.

**Gráfico 03: Local de estudo ou trabalho dos entrevistados.**



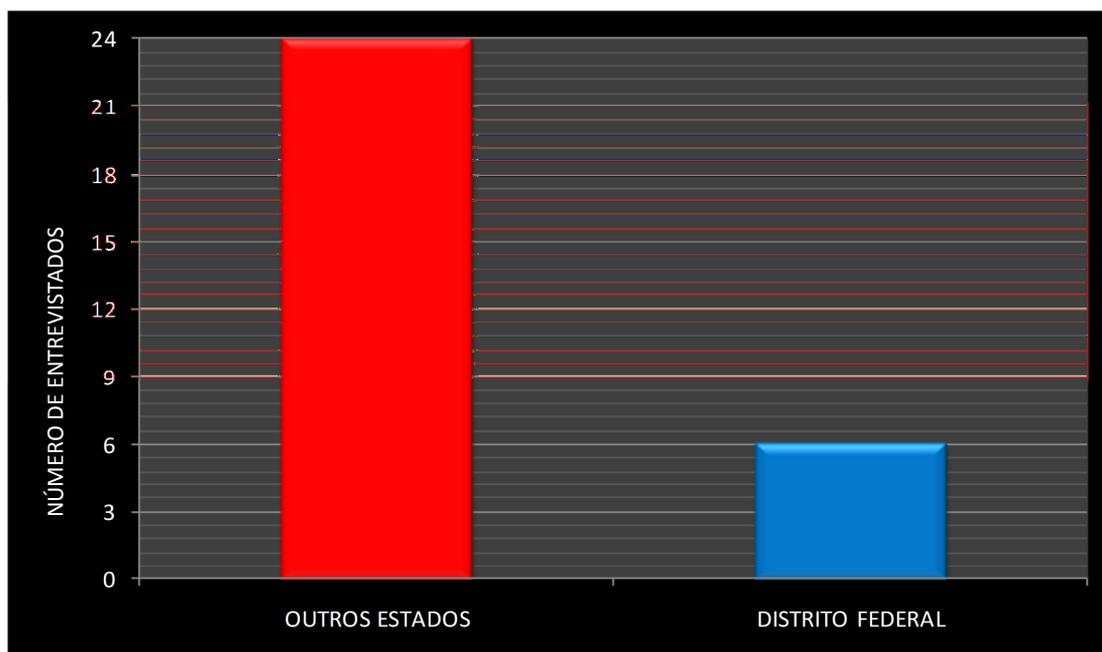
#### 4.2.3 \_ Resultados referentes às questões 4 e 5 do questionário: naturalidade e tempo de moradia

Os dados dos gráficos 04, 05 e 06 nas páginas seguintes são de grande importância na tentativa de compreender se esses fatores estão ligados a sentimentos de afetividade e identidade com o espaço. O local de nascimento, vivência da infância, acontecimentos marcantes ou longo tempo de moradia

podem influenciar tanto positivamente como negativamente na relação das pessoas com o lugar. Observando o gráfico 04, referente à naturalidade dos entrevistados, apenas seis nasceram no Distrito Federal (20%). Já os vinte e quatro restantes são provenientes de outros estados brasileiros, sendo a maioria deles, provenientes da região nordeste. Apesar da pequena porcentagem de participantes nascidos no Distrito Federal, a maioria encontra-se entre os que sempre residiram na Vila Telebrasília e também fazem parte do grupo mais jovens dos entrevistados – entre 11 e 20 anos de idade - (gráfico 02, p.101).

No decorrer das entrevistas, principalmente para os moradores mais antigos, houve vários relatos espontâneos onde foi possível perceber a existência de boas e más lembranças da época de infância vinculadas afetivamente a espaços e elementos existentes e já inexistentes na Vila Telebrasília. Dentre elas, as mais comuns foram: brincadeiras nas ruas, árvores frutíferas plantadas pelos pioneiros, longos anos convivendo com ruas sem asfalto, ausência de infraestrutura, equipamentos públicos e as inúmeras tentativas de retirada dos moradores do local.

**Gráfico 04: Naturalidade dos entrevistados.**



As informações relativas ao tempo de moradia e ao fato de ter ou não morado em outras localidades do Distrito Federal (respectivamente: gráficos 05 e 06 - página seguinte) geraram dois gráficos de onde se podem tirar informações relevantes. Para os moradores mais antigos e que sempre moraram na Vila Telebrasília, foi perceptível uma maior ligação emotiva e afetiva com questões relacionadas a acontecimentos históricos, locais de memória, ambiência interiorana e a boa convivência com os demais moradores. Já em relação ao gráfico 06, dos treze entrevistados que já moraram em outros locais do Distrito Federal, apenas quatro demonstraram desejo de voltar a morar nestes lugares.

Gráfico 05: Tempo de moradia na Vila Telebrasília

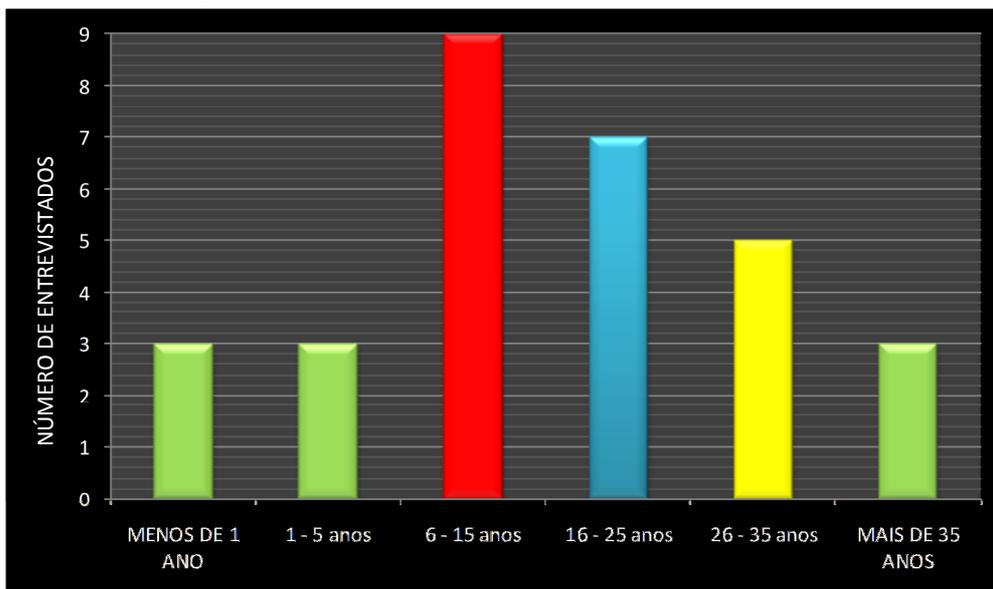
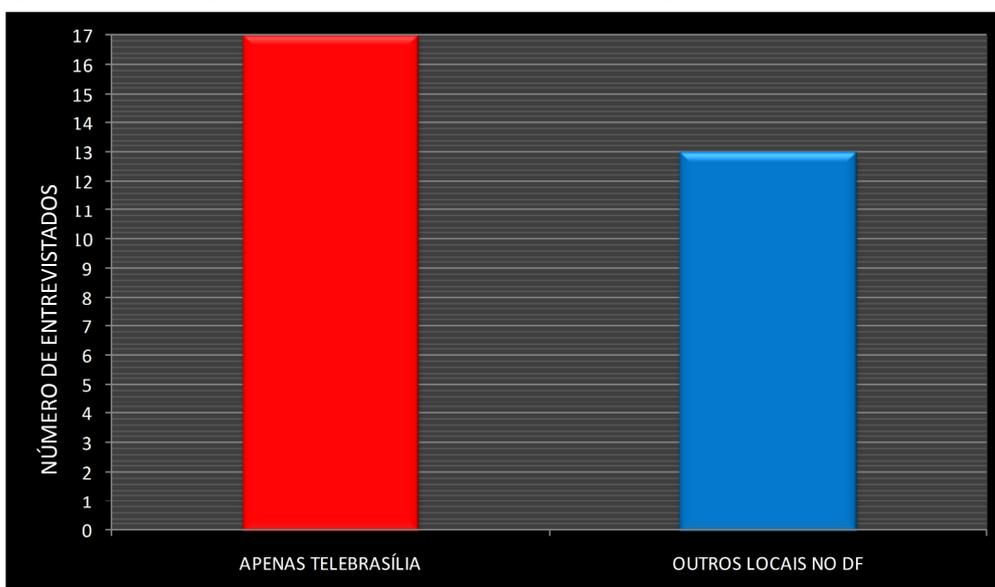


Gráfico 06: Já morou em outras localidades do Distrito Federal



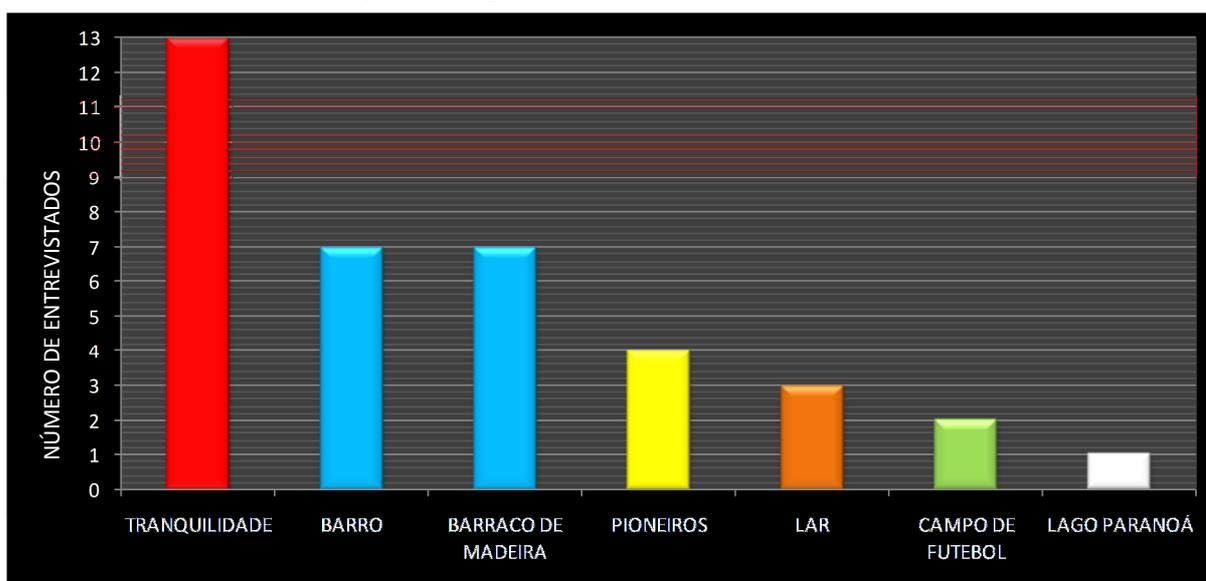
#### 4.2.4 \_Resultados referentes á questão 6 do questionário (gráfico 07): qual a primeira lembrança quem vem à sua mente quando escuta a palavra “Vila Telebrasília”?

A primeira reação dos entrevistados frente esta pergunta é algo bastante interessante porque gerou uma curta pausa reflexiva em sua grande maioria. Geralmente, as respostas vieram de forma estritamente objetiva, ou seja, resumidas em uma só palavra. Apesar da pausa, nenhum morador pediu explicações adicionais sobre a questão ou esboçou justificativas em relação às escolhas, comportamento este que denotou segurança e sinceridade nas respostas. Alguns citaram mais de uma palavra, mas que de certa forma, havia certa lógica ou ligação com a primeira lembrança. De acordo com o gráfico 07, a palavra **tranquilidade** foi a mais mencionada pelos entrevistados (35%) como a primeira lembrança relacionada à Vila Telebrasília. Interessante observar que, apesar de

abstrata, infere-se o sentimento de satisfação dos moradores considerando a dinâmica social tão singular a este local. Palavras vinculadas a aspectos históricos, como menções aos pioneiros, barracos de madeira e barro (remetendo às ruas não asfaltadas) seguiram com lembranças significativas a questão. Numericamente, as três palavras representam 48% do total o que reforça a importância dos fatos responsáveis pela origem e luta pelo direito de permanência dos moradores no lugar.

Por fim, foram feitas referências a aspectos físicos existentes na área em suas proximidades. Em áreas cujo uso residencial se faz predominante, é de se esperar como hipótese, que os moradores usem o próprio lar como uma das principais referências até mesmo por tendências emocionais. O Lago Paranoá, apesar de ter recebido apenas uma menção, não foi esquecido em função da sua proximidade com a Vila Telebrasília e pela forte presença e importância também ampliada para cidade de Brasília.

**Gráfico 07: Primeira lembrança em relação à Vila Telebrasília**



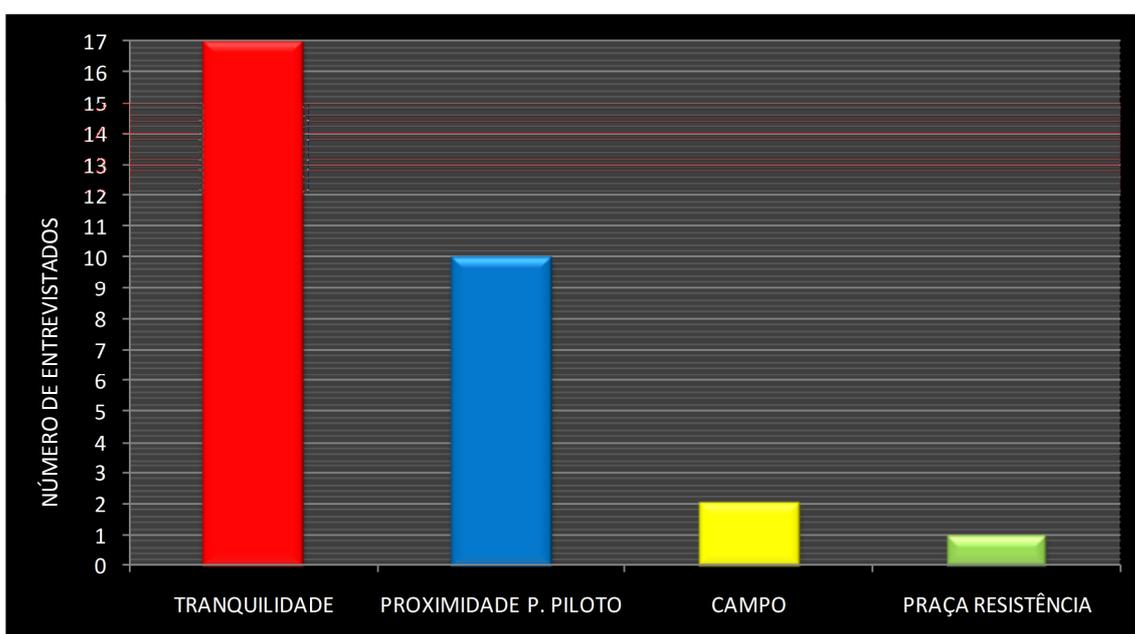
#### **4.2.5 \_Resultados referentes á questão 7 do questionário (gráficos 08 e 09): do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?**

O intuito desta pergunta foi causar no morador inquietações e reflexões sobre aspectos positivos e também negativos a respeito do espaço e suas relações sociais. De acordo com o gráfico 08, o que de certa maneira também reforça as conclusões da questão anterior, 56% dos entrevistados alegaram que a **tranquilidade** é o aspecto positivo de que mais eles gostam na Vila Telebrasília. Em seguida, veio a relação de proximidade com o Plano Piloto e a conseqüentemente facilidade de aproveitamento de sua boa infraestrutura, como por exemplo, escolas, hospitais e oferta de

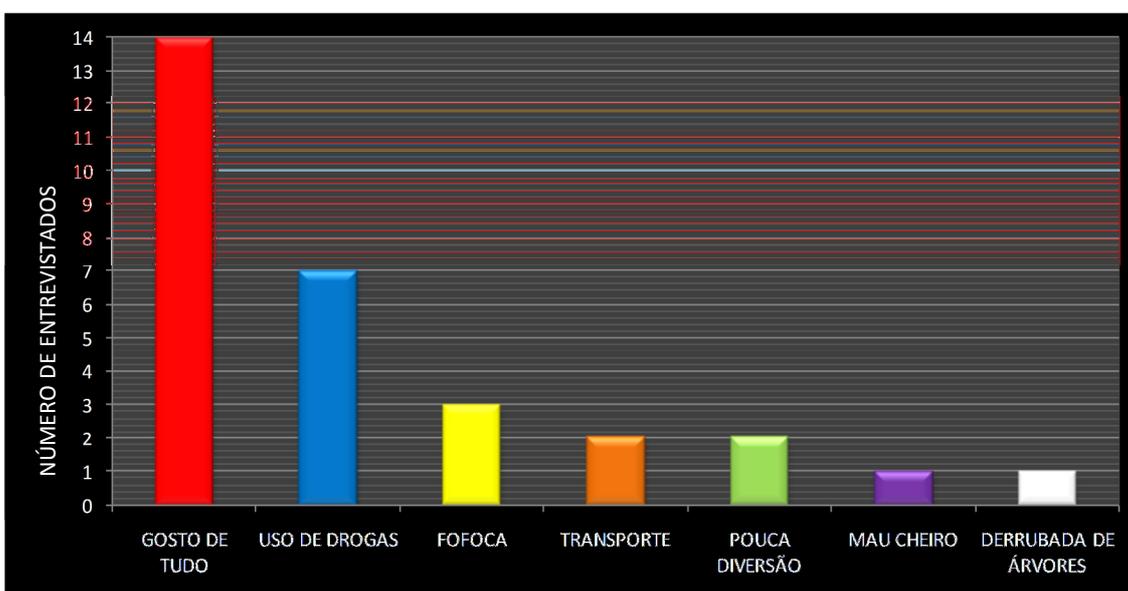
empregos. Por ultimo, foram citados dois lugares importantes do ponto de vista histórico e de uso para o lazer até hoje muito usufruídos pelos moradores: o campo de futebol e a Praça da Resistência.

Em referência ao que os entrevistados não gostam na Vila Telebrasília (gráfico 09), 46% revelaram que não há nada do que reclamar. Porém, a primeira menção ao que atualmente incomoda no local, é o crescente envolvimento com uso de drogas por parte de alguns moradores. Algo curioso e inesperado como resultado, foi que 10% citaram a palavra fofoca como algo negativo. De fato, o lugar apresenta características sociais semelhantes à de cidades de menor porte, onde todos praticamente se conhecem e interagem. Porém, foi possível perceber que, para alguns, este espírito comunitário é algo extremamente favorável, inclusive como instrumento de mobilização.

**Gráfico 08: Do que você MAIS GOSTA na Vila Telebrasília**



**Gráfico 09: Do que você NÃO GOSTA na Vila Telebrasília**

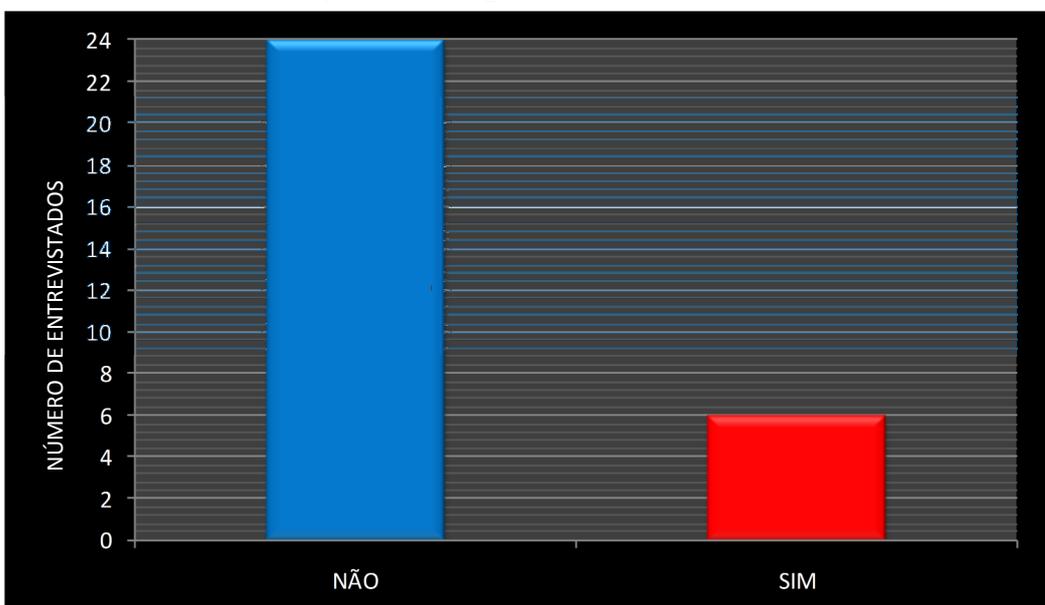


Outros aspectos negativos vincularam-se a questões específicas dos moradores, como por exemplo, transporte público ineficiente (principalmente para cidades satélites), poucas opções de diversão, mau cheiro proveniente da estação de tratamento de esgoto (localizada em um área seguinte ao Centro Universitário Unieuro) e a recente derrubada de árvores no processo de colocação de infraestrutura no local. Neste último caso, foi possível perceber certo ressentimento e nostalgia, principalmente pela ocasião dos moradores mais antigos terem sido os responsáveis pelo plantio dessas árvores.

#### 4.2.6 \_Resultados referentes à questão 8 do questionário (gráfico 10): você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

De forma clara e objetiva, dos trinta entrevistados, vinte e quatro responderam (80%) que não sentem vontade de morar em outra localidade que não seja a Vila Telebrasília. Mais um resultado expressivamente considerável que, do ponto de vista do apego e afetividade, confirma uma relação positiva dos moradores com a Vila Telebrasília. Dos 20% restantes que manifestaram o desejo de mudança de localidade, a maioria alegou motivos pessoais, como por exemplo, volta à cidade natal ou a obtenção de casa própria. Ainda neste caso, os poucos que justificaram suas opções por problemas existentes no local, disseram que o crescimento da violência e o uso de drogas são fatores desmotivantes.

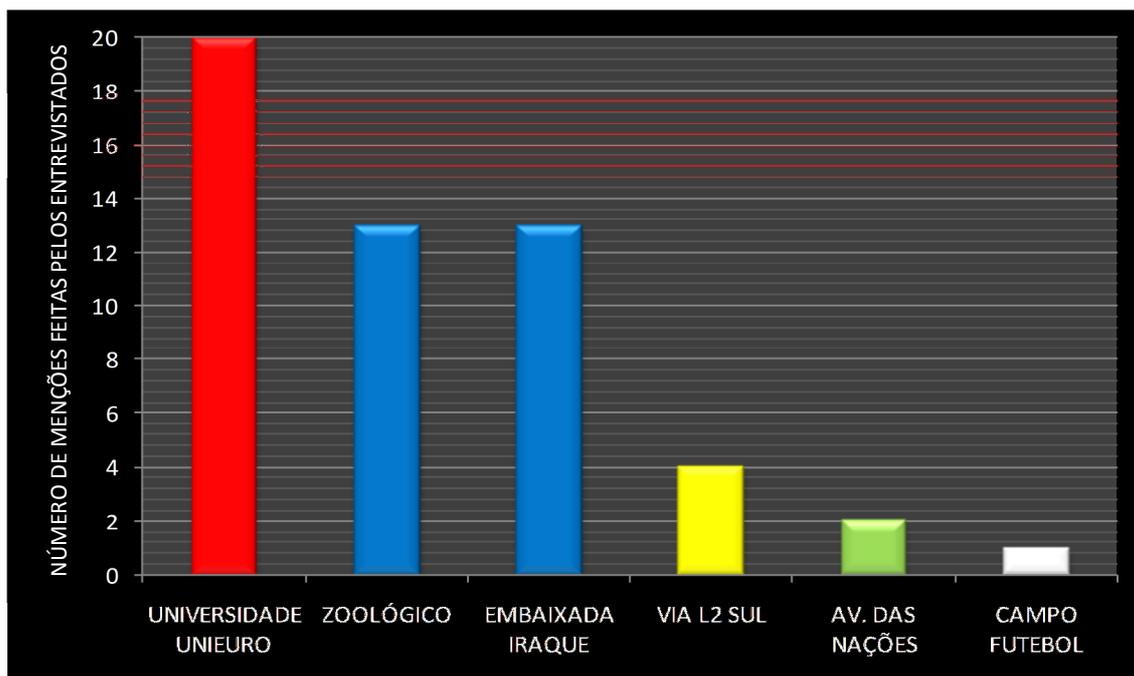
**Gráfico 10: Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?**



#### 4.2.7 \_Resultados referentes à questão 9 do questionário: quando alguém vem te visitar, quais seriam os pontos de referência para se chegar até a Vila Telebrasília (gráfico 11)? E até sua casa (gráfico 12)?

Considerando as primeiras hipóteses levantadas durante as pesquisas de campo, etapa feita anteriormente às entrevistas, todas as referências espaciais externas foram confirmadas nas respostas dadas pelos moradores. De acordo com o gráfico 11, é possível observar que o Centro Universitário Unieuro foi o mais citado em função de sua vizinhança como um dos limites da Vila Telebrasília e do caráter de uso institucional, tornando um referencial de fácil associação pelas pessoas de modo geral.

**Gráfico 11: Pontos de referências EXTERNAS para chegar à Vila Telebrasília.**



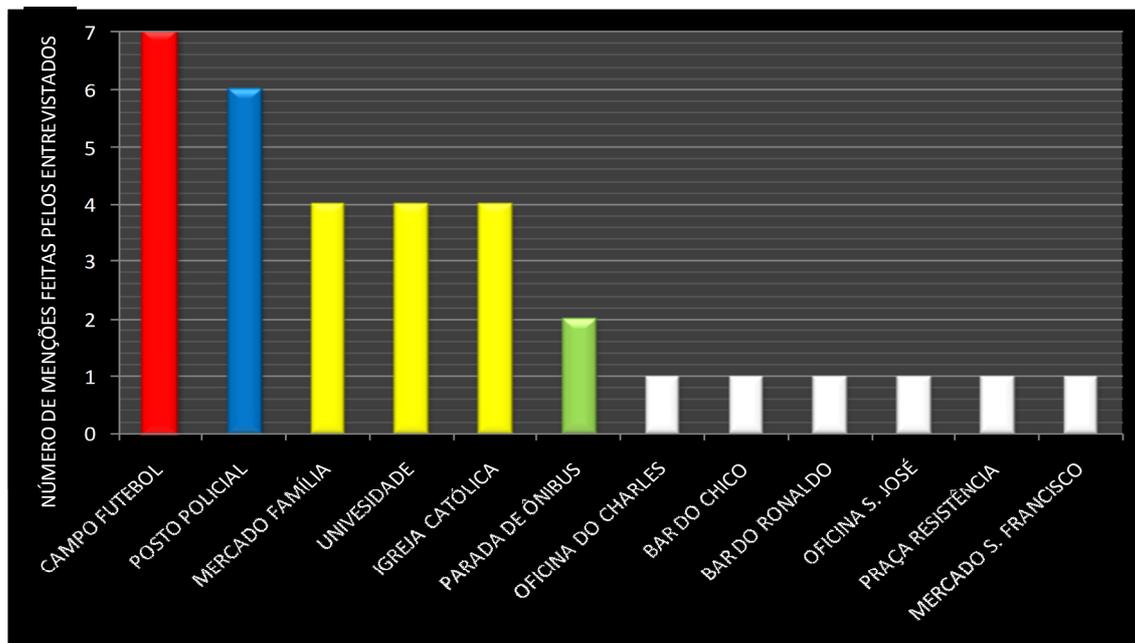
O Jardim Zoológico de Brasília, apesar de ser o mais distante entre as referências mencionadas, possui caráter de uso público para o lazer bastante conhecido pela população do Distrito Federal. Numericamente empatada com as menções feita ao zoológico (24%) e também citada pela proximidade e uso de certa forma incomum, a embaixada do Iraque, segue como mais um elemento destacado pelos moradores.

Em questões de mobilidade urbana, para uma cidade planejada com ênfase na circulação de automóveis como o caso de Brasília, é de esperar que o sistema viário compareça como resposta. A via L2 Sul e a Avenida das Nações, também por proximidade, mas por suas hierarquias, foram lembradas como referências globais, ou seja, da cidade para a Vila Telebrasília.

O gráfico 12 (página seguinte), corresponde aos elementos espaciais utilizados como referências internas. Considerando o que foi solicitado na pergunta, já era esperada certa variedade de menções de tais elementos, até pela dependência do local da entrevista ou da residência do entrevistado. Porém, com 21%, o campo de futebol apareceu como a escolha da maioria dos entrevistados.

Curiosamente, de acordo com o gráfico 11, o campo também foi citado como referência externa. Além da sua importância para os moradores, é um elemento de fácil percepção na paisagem aos que passam pela Avenida das Nações. Outra menção que se repetiu no gráfico 12, foi o Centro Universitário Unieuro (12%) que, assim como analisado anteriormente, localiza-se muito próximo da Vila Telebrasília.

**Gráfico 12: Pontos de referências INTERNAS para chegar até a casa do entrevistado**



As demais referências correspondem à Praça da Resistência, edifícios comerciais, serviços e institucionais. O posto policial, segundo mais citado (18%), além da importância do uso (segurança) e de se localizar no início da principal via de acesso para a Vila Telebrasília, possui uma forma arquitetônica que, de certa forma, se destaca quando comparada com as existentes no entorno imediato.

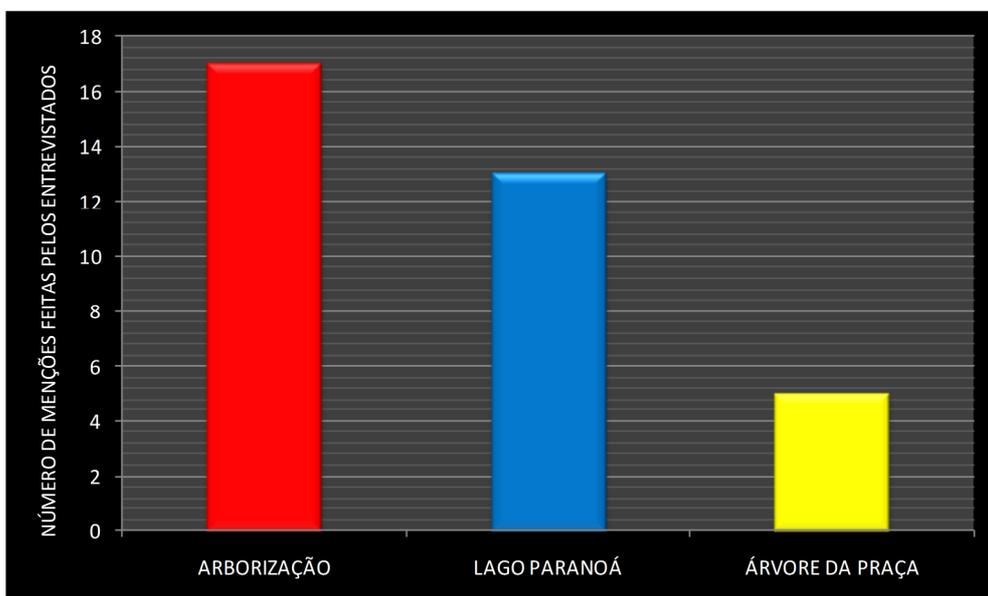
#### **4.2.8 \_Resultados referentes á questão 10 do questionário: Quais elementos naturais da paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília (gráfico 13)? E os elementos construídos, como ruas, praças, edifícios (gráfico 14)?**

Os aspectos da paisagem natural existentes na Vila Telebrasília foram lembrados com muito orgulho e carinho pelos moradores. Ao observar o gráfico 13, apenas três elementos foram citados: arborização (49%), Lago Paranoá (37%) e a grande árvore existente na Praça da Resistência (14%). A importância destes elementos vincula-se tanto ao destaque que eles proporcionam ao considerar suas escalas e proporções dentro de devidos espaços, como também a aspectos históricos, afetivos e

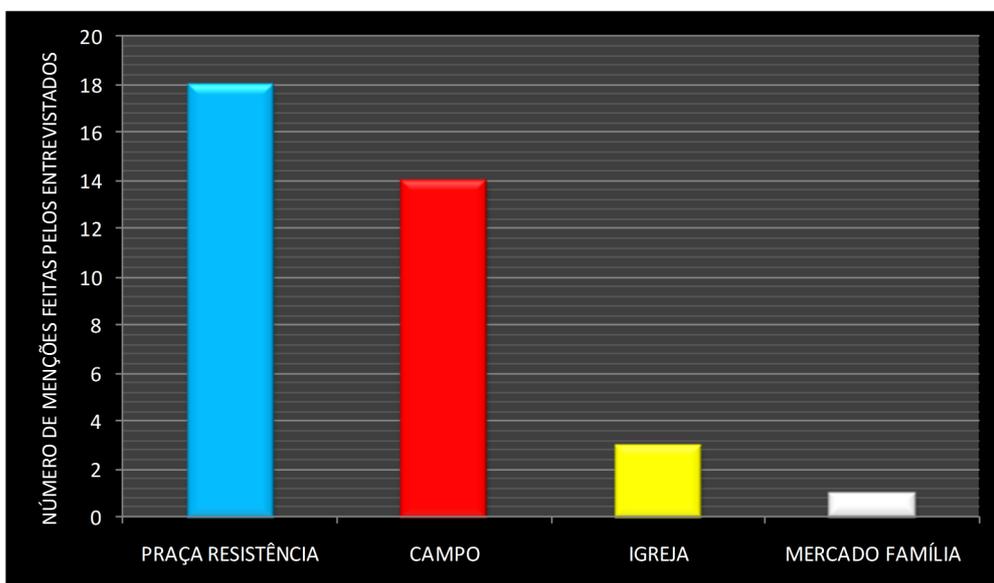
identitários como é o caso da árvore plantada pelos pioneiros instalados na Vila Telebrasília no início da construção de Brasília.

Já entre os elementos construídos (gráfico 14), os que conseguiram maior destaque foram: Praça da Resistência (50%) e o campo de futebol (39%). Mais uma vez, o resultado desta pequena amostra vem a reforçar o valor prático e simbólico destes dois lugares que até hoje se encontram funcionalmente ativos para seus moradores. Apesar da menor expressividade numérica, a Igreja Católica São Pedro Nolasco (8%) e o Mercado Família (3%), um dos mais antigos e localizados em frente à Praça da Resistência, além de seus usos típicos que geralmente os tornam pontos de referência nas cidades, mereceram destaque devido à forte interferência e participação nas decisões comunitárias dos líderes da igreja e do proprietário do mercado.

**Gráfico 13: Elementos NATURAIS da paisagem**



**Gráfico 14: Elementos CONSTRUÍDOS da paisagem**



**4.2.9 \_Resultados referentes à questão 11 do questionário: Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes.**

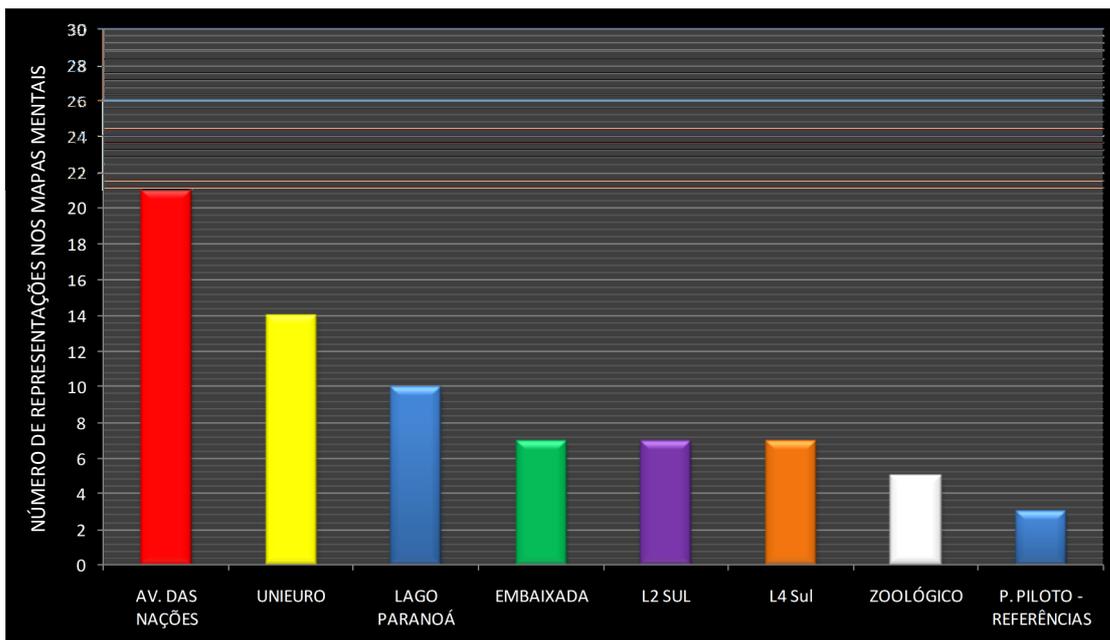
No geral, a maioria dos elementos citados nas questões anteriores foi representada nos mapas. Porém, alguns moradores fizeram novos acréscimos de outras referências não diretamente mencionadas à medida que o desenho era concebido. Os gráficos produzidos para esta análise tiveram como base a frequência com que cada um dos elementos compareceu nos mapas mentais. É importante ressaltar que a identificação, relação e interpretação de algumas das representações feitas pelos moradores só foram possíveis de serem feitas com o auxílio das etapas de levantamento de dados, estudos morfológicos e visitas *in loco*.

Em função da quantidade de dados e no intuito de facilitar a visualização dos mesmos, foi feita uma divisão em duas categorias: elementos externos e internos à Vila Telebrasília.

**4.2.9.1\_ Elementos externos**

De acordo com o gráfico 15, a Avenida das Nações foi o elemento que mais compareceu nos desenhos (28%) seguido do Centro Universitário Unieuro (18%) e do Lago Paranoá (14%). Alguns moradores fizeram representações mais longínquas dentro do contexto do Plano Piloto, geralmente por motivos pessoais, como por exemplo, escola, local de trabalho, Rodoviária do Plano Piloto, hospitais, ruas de acesso etc. No eixo horizontal do gráfico, estes resultados foram unidos em um único elemento (P. Piloto – referências).

**Gráfico 15: Mapas mentais: representações de elementos EXTERNOS**

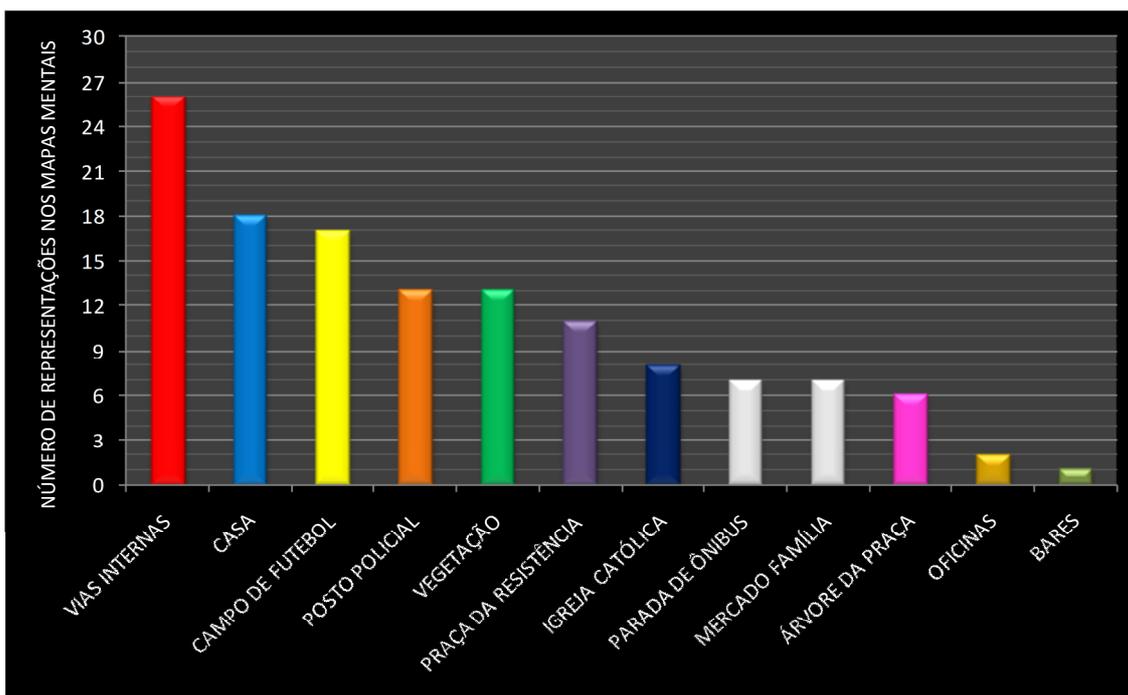


#### 4.4.9.2\_ Elementos internos

Nesta categoria, o elemento mais representado foram ruas. Das vinte a nove amostras, lembrando que apenas uma pessoa não fez a questão 11, apenas três não às representaram.

Este evento é compreensível na medida em que, nos desenhos dos mapas mentais, as vias funcionam como ligação e ordenamento entre os demais. Ao longo delas, concentram-se usos e atividades onde os entrevistados distribuem as representações dos outros elementos de relevância.

**Gráfico 16: Mapas mentais: representações de elementos INTERNOS**



É bem verdade que os dois últimos gráficos demonstram um número relativamente elevado tanto de referências internas como externas. Apesar da possibilidade de visualizar quais e quantas vezes esses elementos foram lembrados nos desenhos dos mapas mentais, são informações ainda não suficientes para a interpretação do verdadeiro significado que cada um deles possui para os entrevistados no sentido individual e coletivo. Além disso, existe uma série de outros elementos que, por terem sido pouco lembrados, não comparecem de forma claramente expressa no gráfico (caso das referências relativas ao restante das áreas do Plano Piloto - gráfico 15).

O tópico seguinte refere-se a uma análise um pouco mais distante de dados numéricos e mais próxima dos desenhos dos mapas mentais. Apenas alguns desenhos foram selecionados com o intuito de melhor ilustrar e representar as interpretações, porém, todos os mapas elaborados pelos moradores da Vila Telebrasilândia estão enumerados e anexados no final do trabalho (assim como as entrevistas).

### 4.3 \_Análises dos mapas mentais: a imagem da Vila Telebrasília e seus elementos

O conteúdo a seguir consiste em uma análise dos mapas mentais produzidos pelos moradores da Vila Telebrasília. Os desenhos foram interpretados a partir dos efeitos dos objetos físicos perceptíveis vinculados aos aspectos identitários locais. A fim de facilitar a sistematização dos dados, os elementos identificados nos mapas serão classificados de acordo com os conceitos já citados no referencial teórico: ***vias, limites, setores, pontos focais e marcos visuais***. Acredita-se que também é uma forma de tornar o processo analítico menos subjetivo facilitando a organização do raciocínio tanto do pesquisador quanto do leitor.

No capítulo 3 do livro “A imagem da cidade” (1999), Lynch esclarece que excluiu de suas análises as influências subjetivas sobre a imaginabilidade, como por exemplo, seu significado social, função, história etc. Porém, assim como nas experiências anteriores com o método, foram notórias algumas colocações que qualificavam certos elementos da paisagem justamente com fortes interferências em relação a estas questões.

É bem verdade que não são todos os elementos que recebem menções pelas suas características identitárias, afetivas etc. Em alguns casos, as lembranças remetem a uma ideia próxima ao que Lynch desenvolveu. Porém, algo que visualmente para um transeunte, ou próprio pesquisador, poderia passar despercebido, para um morador, pode servir como uma de suas principais referências espaciais por vários motivos, entre eles, os afetivos. Portanto, além da percepção e do envolvimento analítico da forma dos elementos físicos da paisagem, pretende-se, quando possível, também incluir as interpretações vinculadas a valores sociais, afetivos, históricos e identitários. Geralmente, são nesses casos em que se apóiam o bem-estar espacial e psicológico da população local.

Resumidamente, os desenhos dos mapas mentais elaborados pelos moradores da Vila Telebrasília apresentam duas características importantes que, de certa forma, os diferencia: complexidade ou objetividade. De modo geral, os desenhos apresentaram variados níveis de complexidade na estruturação, disposição, ordem e quantidade dos elementos representados. Já outros, mostram os elementos de forma clara e objetiva (apenas a representação do trajeto de casa, por exemplo), porém, com colocações não menos importantes para a pesquisa.

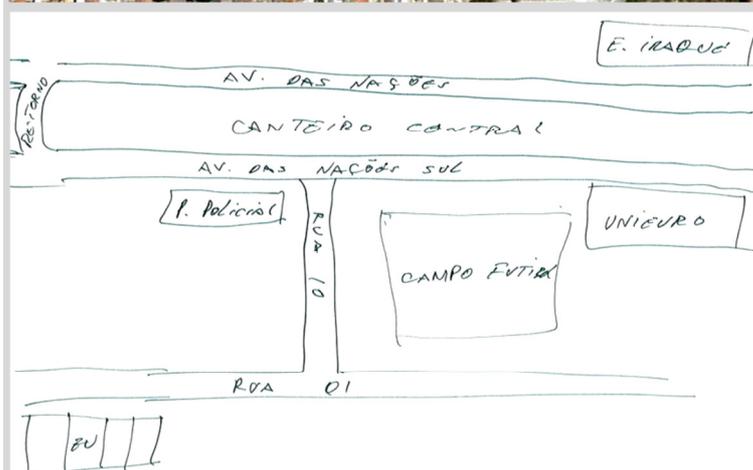
Independente das características das representações foi possível confirmar de maneira satisfatória que, de fato, a antecipação das questões em relação ao desenho dos mapas serviu como preparação na concepção dos mesmos. Isso fez com que este todo o processo da entrevista se tornasse mais natural contribuindo na desmistificação e alegações de dificuldades para a prática do desenho. Nas experiências anteriores com o método dos mapas mentais, o ato de ter que desenhar fez com que vários entrevistados desistissem da pesquisa.

Apesar da nítida individualidade dos traços e dos diferentes níveis de complexidade e detalhamento nas representações dos mapas, acredita-se que, em seu conjunto, eles comunicam algo significativo e em comum no imaginário dos moradores da Vila Telebrasília. “Essas imagens de grupo são necessárias sempre que se espera que um indivíduo atue com sucesso em seu ambiente e coopere com seus concidadãos” (Lynch, 1999, p.51).

#### 4.3.1 \_ Vias

Segundo Lynch, “vias são os canais de circulação ao longo dos quais o observador se locomove de modo habitual, ocasional ou potencial” (1999: p.52). Na maioria dos casos é o primeiro traço a ser executado nos mapeamentos, pois, geralmente, é ao longo das vias que os demais elementos se ligam e ordenam. Dentro das grandes cidades, o sistema viário impõe forte impacto visual na paisagem. Por outro lado, em locais com características residenciais, as vias possuem importância fundamental ao serem utilizadas pelas pessoas como passagem ou acesso aos diversos lugares.

Na Vila Telebrasília, dos vinte e nove que foram produzidos, apenas um não representou uma via sequer. Já em muitos deles, as representações das ruas externas ou internas tiveram grande destaque inclusive nas proporções dos desenhos. A Avenida das Nações foi a mais representada comparecendo vinte e uma vezes nos mapeamentos. Sua importância dada pelos moradores pode ser justificada pelo fato de ser a única via externa que permite acesso direto à Vila, portanto, faz parte do trajeto obrigatório para todos que vão até o local. Além disso, possui relevância em nível global para a Vila pela grande extensão da Avenida e também por viabilizar o acesso dos moradores a áreas do Plano Piloto, como por exemplo, Eixo Rodoviário Sul (Eixão), L2 sul e Lago Sul.



**Figura 4.1**

Imagem do trecho da Avenida das Nações próximo à Vila Telebrasília.

Fonte: Google Earth.

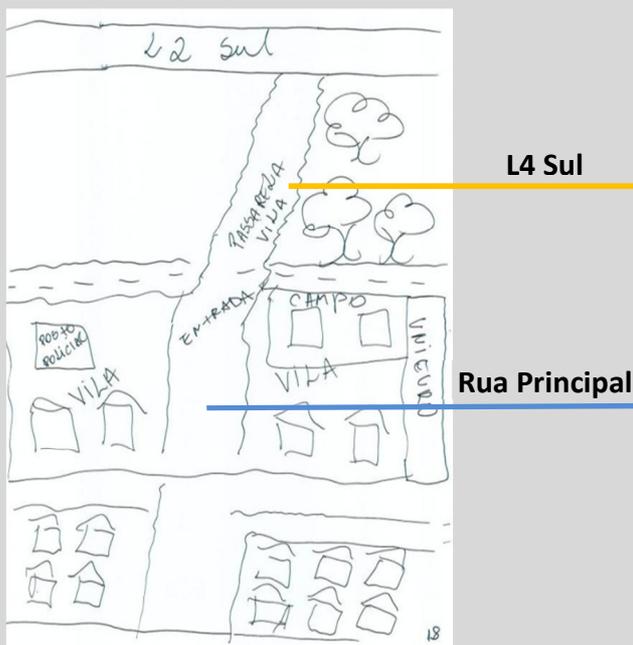
**Figura 4.2**

Mapa 29 - desenho com destaque na representação das vias: Avenida das Nações, L2 e L4 sul.

Outras vias externas à Vila Telebrasília que compareceram consideravelmente nos mapas mentais foram a L2 e L4 sul. Ao longo da via L2 estão concentradas algumas atividades de uso frequente por parte dos moradores que se fazem ausentes em âmbito local como, por exemplo, escolas (públicas e particulares), instituições, comércios e serviços de médio/pequeno porte. Além disso, é outra possibilidade de acesso para se chegar até a Vila Telebrasília para quem vem da direção norte do Plano Piloto e, como parte da população estuda ou trabalha nesta região, certamente é bastante utilizada. Já a L4 sul é uma via de menor porte que serve apenas de ligação entre a L2 sul e o acesso à Vila pela Avenida das Nações tanto para veículos como, principalmente, para pedestres em uma calçada logo ao lado da pista (figura 4.5).



**Figura 4.3** - Ligação entre a L2 Sul passando pela L4 até chegar à Vila Telebrasília. Fonte: Google Earth.



**Figura 4.4 (Mapa 18)** - Representação da via L4 Sul: Ligação entre a L2 e Avenida das Nações.



**Figura 4.5** - Via L4 Sul: Ligação entre a L2 e Av. das Nações muito utilizada pelos moradores.

Em relação às vias internas, foi possível observar variações em suas representações. Porém, a rua principal de acesso (figura 4.4), a que fica entre o campo de futebol e o posto policial, foi a que mais compareceu nos mapeamentos. Por muitas vezes, a rua principal foi norteadora tanto como primeira atitude no ato do desenho como também na colocação dos demais elementos e continuidade de outras vias internas. O fato de um determinado elemento ser desenhado tão prontamente ou de maneira mais detalhada ocorre porque, provavelmente, ele faz parte dos caminhos que estas pessoas percorrem diariamente até suas residências. Segundo Lynch (1999, p. 84), “a concentração de um hábito ou atividade especial numa rua pode torná-la importante aos olhos dos observadores”.

As demais vias locais foram representadas em função de algum objetivo mais específico, como por exemplo, as mais significativas para se chegar até a Praça da Resistência, o Campo de Futebol e, principalmente, até a casa do entrevistado.

#### **4.3.2 \_ Limites**

Os limites são elementos de forma predominantemente lineares localizados nos arredores da área em questão que demarcam claramente uma zona ou uma interrupção na imagem urbana (LYNCH, 1999).

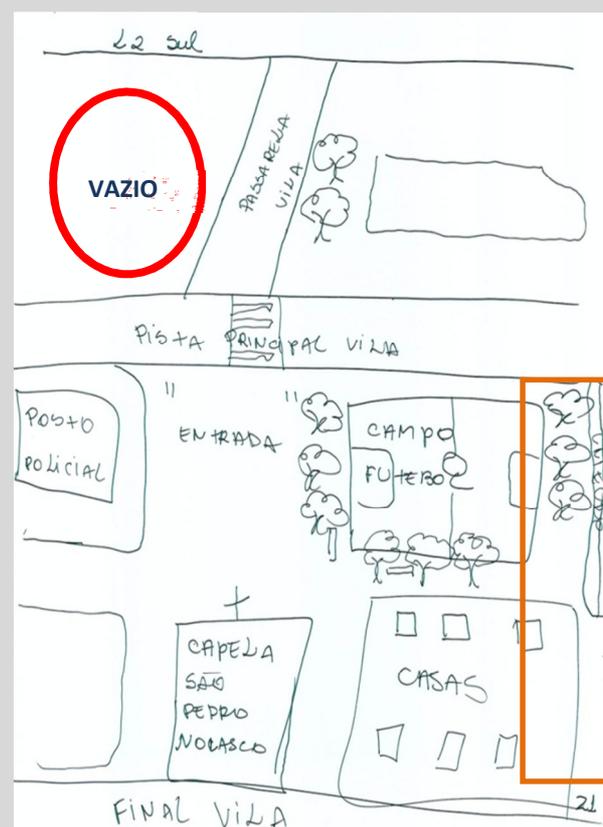
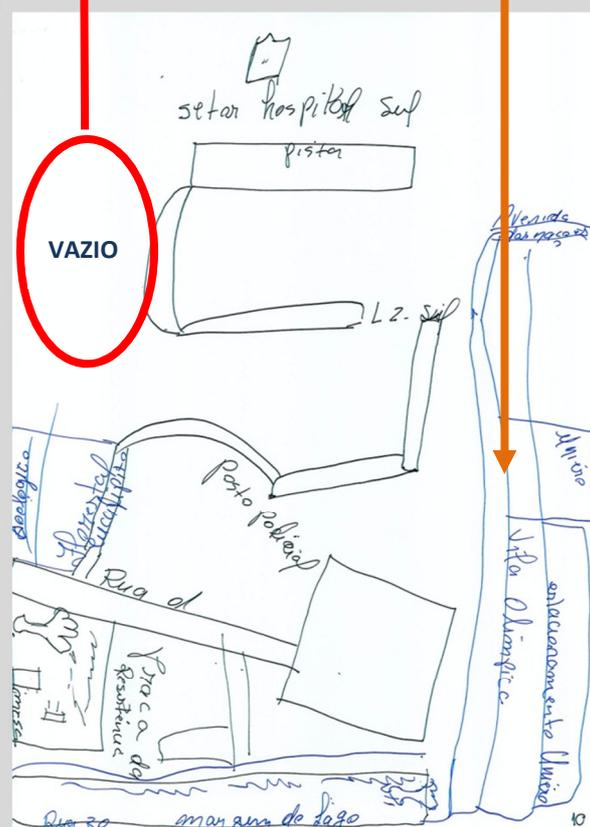
Na Vila Telebrasília, o limite visual mais marcante é densa massa de vegetação nos sentidos sul e oeste. Em alguns mapas foi possível confirmar a expectativa de que este elemento compareceria como uma das imagens mentais em potencial para os moradores. Por vezes, a vegetação compareceu juntamente com outro limite também esperado, o Lago Paranoá. Na etapa de reconhecimento em campo, ao caminhar por diversas áreas do local, percebeu-se que o Lago não comparece visualmente com tanta força na paisagem por ser uma área pantanosa, de curso estreito e com mata ciliar exuberante. Tanto que o acesso até o leito é feito através de pequenas trilhas abertas pelos próprios moradores que alegaram o uso do Lago para o lazer.

A presença desses elementos na paisagem é motivo de orgulho e prazer para os entrevistados. Para eles, é um privilégio morar próximo de tantas árvores e do Lago Paranoá principalmente quando se compara a outras cidades e áreas do Distrito Federal.

Na direção leste, alguns entrevistados representaram o Centro Universitário Unieuro como sendo outro limite (figura 4.6). Mesmo diante de uma área ampla e descampada que fica entre a Vila Telebrasília, a universidade é o que visualmente se apresenta na paisagem. Tanto que, em alguns destes desenhos, este espaço vazio foi abstraído e a representação da localização da universidade se fez muito mais próxima da Vila do que é na realidade.



**Figura 4.6** - Vazios existentes nos limites externos à Vila Telebrasília.  
**Fonte:** Google Earth



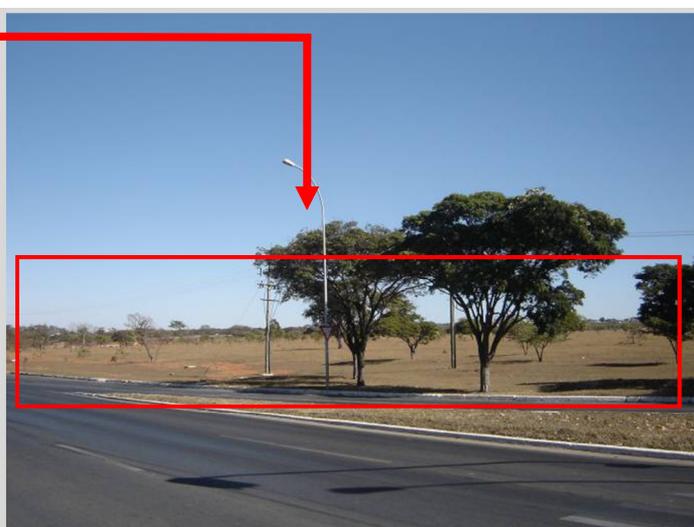
**Figuras 4.7 e 4.8** - Mapas 10 e 21 respectivamente - Representações ou abstrações de vazios na estrutura do mapeamento.

É curioso notar o reflexo da realidade física na estrutura dos mapeamentos no que se refere à ausência de imagens em locais onde não existem elementos marcantes na composição da paisagem no entorno imediato. Nas figuras 4.7 e 4.8, é possível observar zonas em branco (demarcadas como “vazio”) onde, nesta área, o espaço é amplamente aberto, gramado e com escassas vegetações

arbóreas de pequeno e médio porte. Os únicos objetos concretamente representados por alguns moradores nesta direção são vias ou o edifício da Embaixada do Iraque, que como um elemento pontual, não se configura como limite. Portanto, como de acordo com Lynch os “limites são elementos lineares não considerados como ruas” (1999: p 69), pode-se considerar que, no imaginário dos moradores, é como se mentalmente não houvesse um limite na direção norte.



**Figura 4.9 - Mapa 03** - Ausências de elementos na paisagem.



**Figuras 4.10** - Imagem da paisagem em uma área descampada em um dos limites.

### 4.3.3\_ Setores

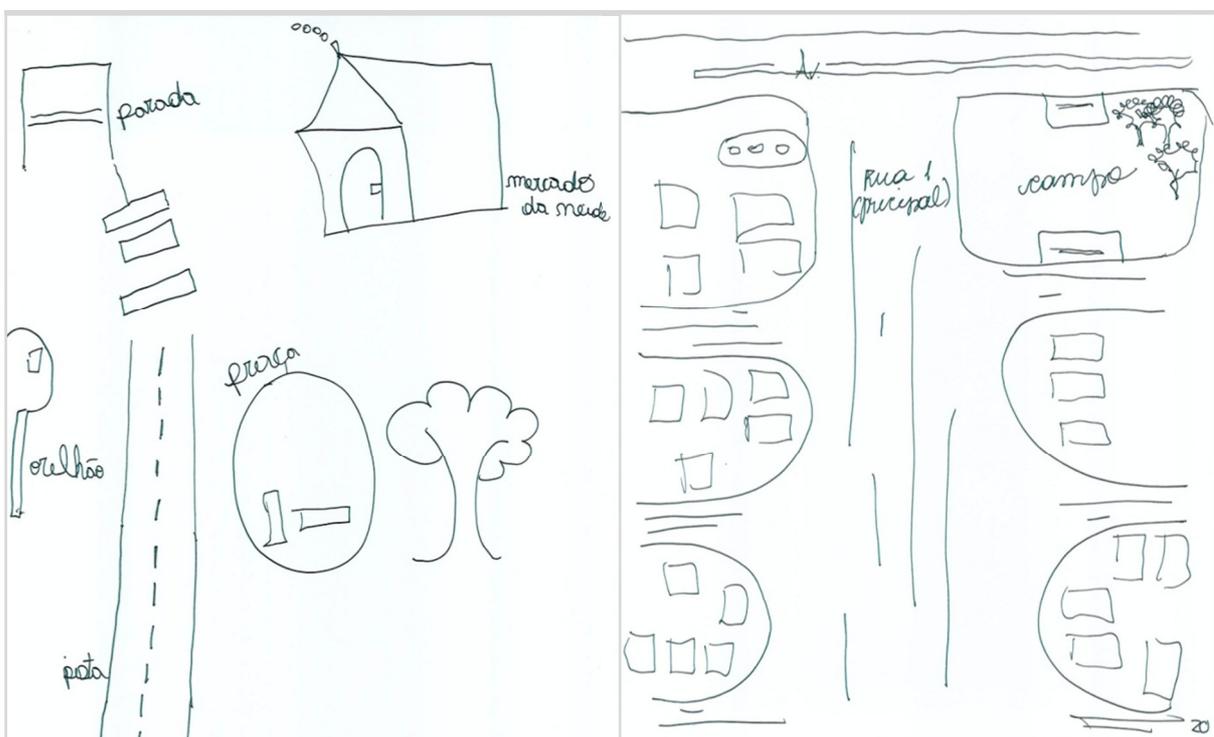
“Os setores são as regiões de área considerável dentro da cidade, concebidos e dotados de extensão bidimensional. O observador neles penetra mentalmente e são reconhecíveis por possuírem características comuns que os identificam.” (LYNCH, 1999: p.52).

Ao colocar a Vila Telebrásília em um contexto mais amplo, como por exemplo, um setor dentro do Plano Piloto, ela possivelmente poderia ser lembrada de três maneiras: por questões de cunho histórico, pela proximidade com o Plano Piloto e, por fim, pela desigualdade social nitidamente refletida no contrastante padrão construtivo e urbanístico comparado ao existente em regiões mais próximas como na Asa Sul e Lago Sul. Porém, principalmente neste último caso, como as entrevistas foram realizadas apenas com moradores, acreditou-se que pelo elevado vínculo afetivo da população com o lugar dificilmente apareceriam aspectos, de certa forma, depreciativos.

Nos mapas mentais as hipóteses citadas acima poderiam gerar diferentes tipologias em suas representações: desenhos com destaque aos setores internos presentes na Vila ou a mesma sendo representada de maneira mais generalizada com a presença de elementos morfológicos externos ao local. No caso das possíveis vinculações aos aspectos dos antigos acampamentos que abrigaram os operários no período de construção de Brasília e da luta pela permanência no lugar, estes serviriam

como grande incentivo pelo no predomínio de elementos morfológicos internos ligados ao passado. Tanto que a reminiscência da palavra “Vila” no nome do lugar, de certa forma, remete a algo intimista, particular, diferente do que há em outras áreas da cidade.

Sendo assim, considerando os resultados obtidos nos mapeamentos no que se refere aos possíveis setores internos existentes na Vila Telebrasília, a Praça da Resistência e o Campo de Futebol (figuras 4.11 e 4.12) compareceram com bastante clareza e frequência nas representações feitas pelos moradores. Como já foi observado ao longo do trabalho e principalmente das análises, são lugares de memória, de relevância histórica e afetiva até hoje efetivamente utilizado pelos moradores como espaços de lazer e interação social.



**Figuras 4.11 e 4.12 - Mapas 05 e 20** - No primeiro desenho, destaque para elementos como a Praça da Resistência, a árvore e o Mercado Família (Dn. Neide). No segundo, destaque para o acesso principal e o Campo de Futebol.



**Figura 4.13 - Mapa 08** - Vila Telebrasília representada como um grande setor. Foram representados como delimitações: o Lago Paranoá e a Av. das Nações.

Por outro lado, dos vinte e nove mapeamentos apenas dois entrevistados representaram a Vila Telebrasília em um contexto genérico, ou seja, desenharam claramente como se fosse um setor único. Na figura 4.13, apesar de algumas representações de elementos próximos, como o Lago Paranoá e a Avenida das Nações, a Vila Telebrasília foi representada como uma região.

#### 4.3.4 \_ Pontos focais ou nodais

“Os pontos nodais são os focos estratégicos nos quais o observador pode entrar; são, tipicamente, caminhos, conexões de vias ou concentrações de alguma característica” (LYNCH, 1999: p.80). Apesar de conceitualmente denotar pequenas áreas, junções e pontos de passagens podem ser grandes espaços abertos inclusive lineares. Locais com tendência de convergência de atividades e pessoas também podem ser identificados como pontos focais, para isto, uma forma física visualmente de destaque ou eloquente não é atributo indispensável para o seu reconhecimento. Por maior que seja a sua descrição do ponto de vista morfológico, a um foco podem estar atribuídas referências importantes conhecidas apenas a nível local.

De acordo com a conceituação de Lynch, as interrupções de fluxo de trânsito adquirem relevância para o observador. No caso da Vila Telebrasília, o acesso principal pode ser considerado um ponto focal. É exatamente neste lugar que os moradores fixaram uma placa com o seguinte dizer: “Vila Telebrasília: aqui tem história” (figura 4.16). Apesar da existência de outros dois acessos veiculares, a interrupção central da Vila com na Avenida das Nações (Rua 01) é um ponto importante aonde provavelmente a maioria das pessoas que vão até ao local utilizam como acesso.



Figura 4.14 - Imagem do acesso principal da Vila Telebrasília.

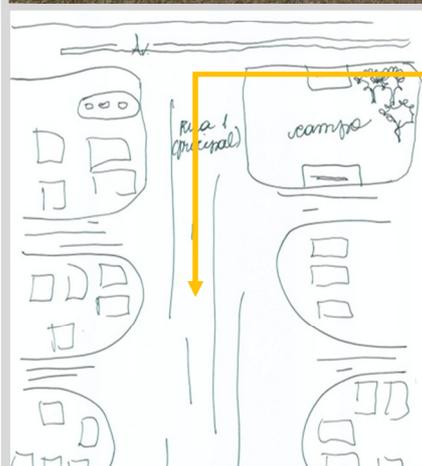


Figura 4.15 - Mapa 20 - Representação do acesso principal da Vila Telebrasília

Figura 4.16 - Placa localizada no acesso principal



A Praça da Resistência e o Campo de Futebol também podem ser considerados como pontos focais em algumas representações. Quanto à morfologia, a forma inversa de espaços vazios comparados ao entorno imediato de quarteirões densamente construídos e emoldurado por vegetações fazem deles locais de referência interna. Além disso, possuem forte caráter de convergência em relação a encontros e interação social entre os moradores. Porém, a importância perceptiva destes dois elementos demonstrada em alguns mapeamentos e nas respostas ao questionário está vinculada a questões simbólicas, afetivas e das relações de uso e atividades bastante ativas (figuras 4.17 e 4.18).

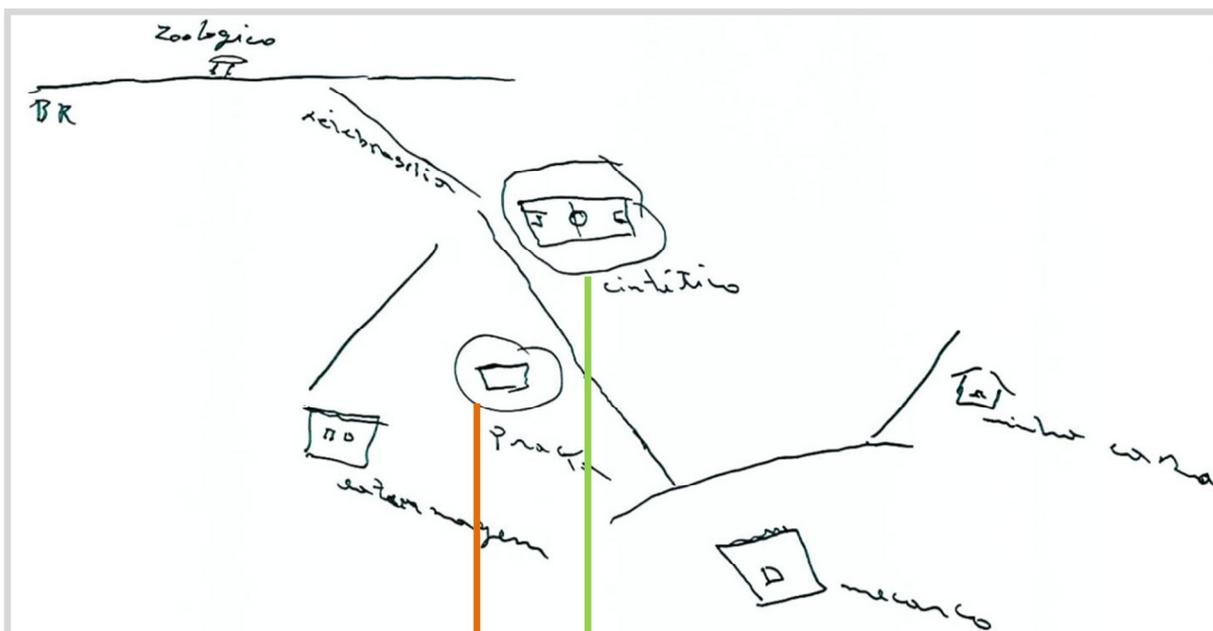


Figura 4.17 - Mapa 16 - Destaque nas representações da Praça da Resistência e do Campo de Futebol.

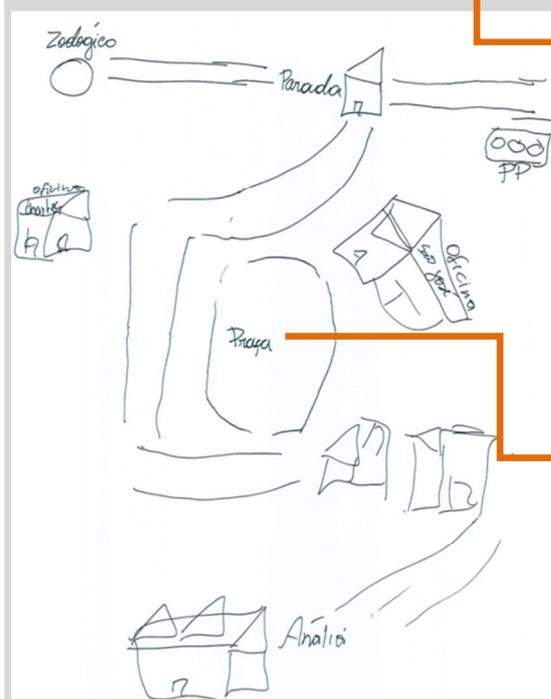


Figura 4.18 - Mapa 03 - Representação em destaque para a Praça da Resistência.



Figura 4.19 - Localização dos elementos (Praça e Campo).  
Fonte: Google Earth.

### 4.3.5 \_Marcos visuais

“Os marcos, pontos de referência considerados externos ao observador, são apenas elementos físicos cuja escala pode ser bastante variável” (LYNCH, 1999, p.88). Segundo o autor, existe uma série de possibilidades que envolvem a sua escolha. Duas das principais características são a singularidade e o contraste na paisagem sendo, normalmente, elementos de fácil identificação. Em relação à escala, podem ter um caráter global, passível de ser visto de vários lugares e distâncias, ou local, apenas em contraste com elementos próximos ou vizinhos. Porém, independente do poder visual de suas respectivas formas ou escalas, as vinculações históricas, simbólicas, afetivas e identitárias podem reforçar e enaltecer o significado ligado ao objeto, aumentando assim seu valor principalmente em nível local.

Para um visitante, diante uma despreziosa atenção dada à paisagem, a Vila Telebrasília aparentemente poderia passar sem a percepção de algum marco visual. Porém, em nível local, alguns são de nítida existência principalmente para os moradores. Um dos elementos bastante representado nos mapas mentais e lembrado durante as entrevistas foi uma antiga árvore existente na Praça da Resistência. Apesar da percepção confusa em função da presença e proximidade com outras espécies ela é facilmente identificada pelos moradores. Segundo eles, a árvore foi plantada pelos pioneiros e sua possível retirada já rendeu manifestações a favor de sua manutenção.



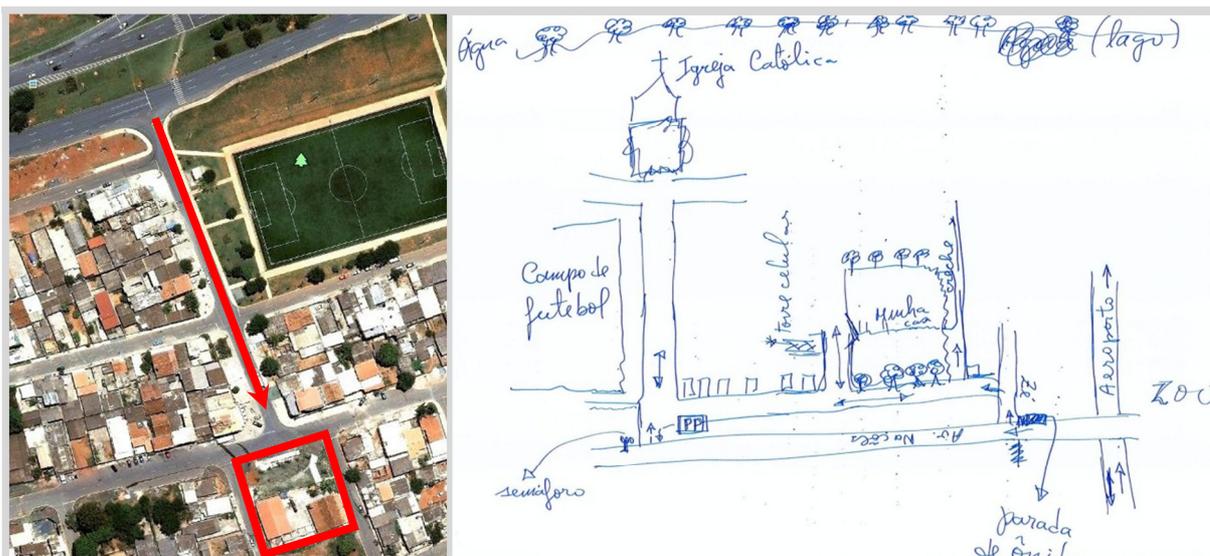
**Figura 4.20 e 4.21-** Imagens das árvores plantadas pelos primeiros moradores da Vila (segundo os moradores) na Praça da Resistência.

**Figura 4.22 - Mapa 05 -** Desenho com destaque para a árvore da Praça.

Apesar de também fazer parte da classificação de “limites”, outro marco visual interno citado pelos moradores é a densa massa de vegetação que se destaca na paisagem principalmente no limite sul da Vila Telebrasília. Inclusive, a presença marcante do verde no local é um aspecto que alguns moradores falaram com bastante prazer e orgulho. Segundo relatos paralelos durante as entrevistas,

a Vila já foi um local mais arborizado principalmente por árvores frutíferas como a mangueira. Assim como já citado anteriormente, muitas das árvores que foram plantadas pelos antigos moradores foram retiradas pelos executores das obras de infraestrutura e colocação de asfalto nas ruas.

A igreja São Pedro Nolasco, apesar de sua escala local e forma arquitetônica bastante singela, se destaca quanto ao seu posicionamento no final da principal rua de acesso a Vila Telebrasília (figuras 4.23 e 4.24). Além da atividade religiosa, tem caráter de uso comunitário, já que também é o lugar onde partes dos moradores se reúnem para discutir ações de interesse comum ao local.



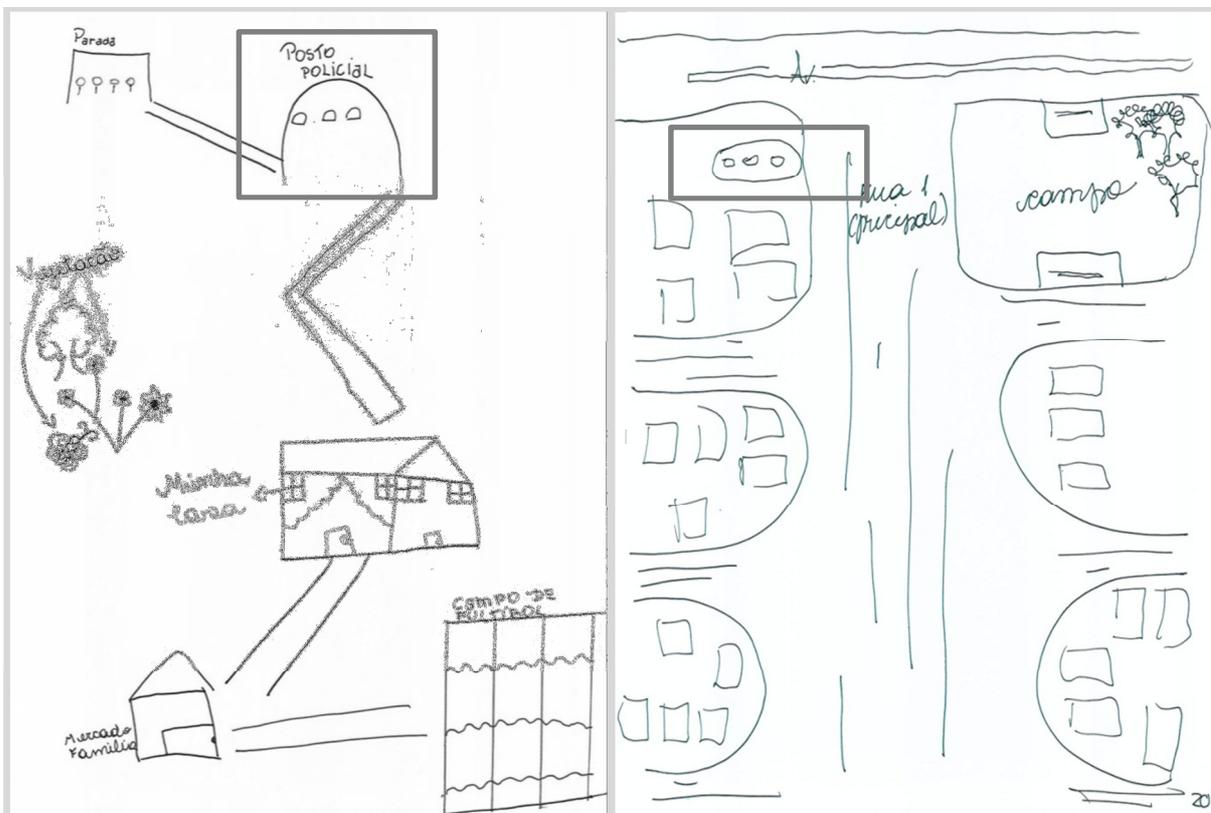
**Figura 4.23** - Igreja no final da rua principal. **Figura 4.24** - Mapa 27 - Representação da igreja como marco visual interno. **Fonte:** Google Earth.



**Figuras 4.25 e 4.26** - Localização e edifício da Igreja São Pedro

O Posto Policial foi outro elemento lembrado nas representações de alguns entrevistados (figuras 4.29 e 4.30). Localizado no início da principal via de acesso da Vila Telebrasília, sua forma arquitetônica contrastante com a existente no entorno imediato faz com que ele seja uma das referências para quem chega ao local. Nos mapas a seguir, é possível notar esta característica na maneira diferenciada com a qual o posto foi desenhado. Mesmo assim, é um marco que visualmente se perde rápido na paisagem até em função de sua escala ser bastante próxima à das outras

edificações. Além disso, o que talvez também tenha contribuído para sua menção, é que funcionalmente sua existência causa sensação conforto para os moradores por representar a presença da segurança pública no local.



**Figuras 4.27 e 4.28 - Mapas 02 e 20 - Representações, inclusive da forma arquitetônica, do Posto Policial localizado no acesso principal da Vila Telebrásilia.**



**Figuras 4.29 e 4.30 - Imagens do Posto Policial – forma e localização.**

Assim como previsto no início do tópico, na interpretação dos mapas, nem todos os elementos representados pelos moradores possuem algum significado em nível simbólico, afetivo, histórico etc. Alguns deles estão mais vinculados a questão de usos, formas e estruturas físicas de acesso, mas que não deixam de ser importante nas próximas interpretações. O próximo e derradeiro tópico deste capítulo consistirá em uma síntese onde, de fato, serão selecionados os elementos mais importantes na compreensão do sentido do lugar na Vila Telebrásilia.

#### **4.4 \_Considerações sobre os resultados: o sentido do lugar**

Há de se considerar a complexidade multidisciplinar e metodológica que envolve o estudo da paisagem. No objeto escolhido para estudo de caso, a Vila Telebrasília, ficou claro nas entrevistas e nos mapeamentos, as possíveis relações entre os moradores e espaço. Porém, dentro de todo o contexto, qual o verdadeiro sentido do lugar? Quais elementos físicos da paisagem que, por um lado subjetivo, os tornam visíveis e palpáveis na visão dos moradores?

Dentro dessas inquietações, resgatam-se no capítulo 2 desta dissertação, as questões relativas aos três dos atributos que, segundo as esferas de David Canter, definem o sentido do lugar. Nas etapas de trabalho até então desenvolvidas, procurou-se uma série de informações capazes de alimentar cada uma das esferas. Os tópicos seguintes correspondem a uma visão sintética de cada um dos atributos para enfim descobrir, os aspectos que identificam a Vila Telebrasília.

Esta discussão não contém apenas as percepções dos moradores captadas nas entrevistas e nos mapas mentais. Complementam-se a elas, as análises e levantamento dos dados relativos ao lugar. Isso porque a identidade pessoal dificilmente se desvincula da identidade local. A familiaridade intensa e coletiva por um lugar remonta sentimentos emocionais fortes que cativam as percepções dos habitantes. Por isso, torna-se importante a inserção da visão crítica do pesquisador nas análises.

Após a discussão sobre o sentido do lugar, compreende-se que existem ações de intervenções na paisagem que podem fortalecer os vínculos identitários da população. Com esse objetivo, serão apresentadas algumas diretrizes que auxiliem o processo de fortalecimento da relação homem x espaço no caso da Telebrasília.

##### **4.4.1 \_Atributos físicos ambientais**

De acordo com referencial teórico, os atributos ambientais são os elementos físicos, naturais ou construídos, responsáveis pela constituição dos arranjos e formas tridimensionais da paisagem e das relações sociais de suas origens.

No caso da Vila Telebrasília, a densa vegetação e o Lago Paranoá são os dois elementos naturais que visualmente se destacam na paisagem da Vila Telebrasília tanto na percepção dos moradores quanto nas observações em campo. São características que beneficiam o local tanto do ponto de vista bioclimático quanto na quebra da mitigação de uma paisagem extremamente urbanizada. Este aspecto bucólico remonta aos moradores a sensação de tranquilidade, inclusive, foi uma palavra várias vezes mencionada durante as entrevistas sobre o apsectos que eles mais gostam no lugar.

Porém, a arborização existente hoje nos espaços públicos internos aos limites da Vila, possui um destaque apenas pontual e de pouco contraste com a densa massa construída em alguns quarteirões. Mesmo assim, das poucas ainda restantes, esta característica possui devida significância para os moradores como é o caso das árvores existentes na Praça da Resistência.

Já o Campo de Futebol e a Praça da Resistência são os principais espaços públicos que, fisicamente, se destacam na paisagem da Vila. Em termos de orientabilidade, de fato, são elementos que pelas proporções ou contrantes com os edifícios, potencializam esta qualidade visual dentro de seus limites. No caso do Campo de Futebol, a referência se expande para os limites externos da Vila. Situado muito próximo à Avenida das Nações e ao principal acesso ao local, é facilmente apreendido pelos passantes mesmo estando em seus automóveis.

Considerando as edificações, os maiores destaques nas entrevistas e nos mapas mentais foram: o Posto Policial, pequena edificação também localizado próximo ao acesso principal, e a Igreja São Pedro Nolasco. No último caso, apesar da localização visualmente privilegiar a igreja dentro da malha urbana, é um elemento pouco explorado do ponto de vista contrutivo e também simbólico. Na pesquisa de campo, em um rápido exercício de análise visual, foi difícil perceber seu destaque constatando o fraco desempenho que o edifício exerce na paisagem.

Um atributo físico considerado importante na pesquisa de campo identificado na Vila são as escassas residências em madeira. Infelizmente, para a população em geral, esta tipologia ficou estigmatizada e costuma ser associada à miséria e insalubridade. Porém, nem todas as casas de madeira existentes na Vila possuem valores que remetem ao pioneirismo. Algumas hoje existentes, de fato, foram contruídas em madeira talvez por falta de condições financeiras de seus residentes.



**Figura 4.31** – Exemplar de residência em madeira com características do período pioneiro preservadas

#### 4.4.2 \_Atividades e Usos

Para a esfera de “atividades e usos”, os principais elementos que, em função de seus usos, se tornam referências para os moradores da Vila Telebrasília, são: o Campo de Futebol, a Praça da Resistência, o Posto Policial, o comércio em geral, a igreja São Pedro Nolasco, espaço das ruas e calçadas e as principais vias de acesso.

Em relação a esses elementos, cabe destacar a importância dos espaços públicos nas interações sociais dos moradores da Vila Telebrasília principalmente em relação ao lazer. De fato, as brincadeiras de crianças pelas ruas e as conversas nas calçadas e praças fazem parte dos hábitos cotidianos da população. Curioso notar que, no gráfico 9, alguns moradores mencionaram como aspecto negativo o interesse das pessoas sobre vida alheia (fofoca). Porém, para outros, a forte interação entre eles é vista como positiva inclusive por se diferir das frias relações de autoisolamento, comportamento atualmente tão comum nas grandes cidades.

Os pequenos comércios, que pela tipologia de uso misto visualmente se misturam às residências, também servem como pontos de referência. A relação dos moradores com os comerciantes locais também é bastante próxima. O Mercado Família, localizado em um lote voltado para a Praça da Resistência, é um dos mais conhecidos e mencionados nas entrevistas. A proprietária do estabelecimento, conhecida por Dona Neide, foi uma moradora facilmente lembrada pelos moradores. Sobrinha de um pioneiro, ela participou ativamente dos movimentos de fixação na Vila Telebrasília e é uma das representantes da associação dos moradores.



**Figura 4.32** - Tipologias de edificações comerciais. Na imagem, o Mercado Família localizado em frente à Praça da Resistência.

O Posto Policial, um dos poucos equipamentos públicos presentes, comparece novamente como um dos atributos da esfera pela importância do seu uso para a população. Apesar de um local aparentemente pacato, parte dos entrevistados relatou o crescente envolvimento de moradores com tráfico de drogas e alcoolismo. Com isso, agravaram-se os problemas de segurança com aumento no número de furtos, roubos e violência doméstica. A igreja, além da atividade religiosa, é um dos locais utilizados para reunião dos moradores.

#### **4.4.3 \_Percepção ambiental**

O resultado da percepção dos moradores em relação Vila Telebrasília, confirma um envolvimento emocional coletivo vinculado ao espaço. Interessante notar que, parte dos elementos físicos e lembranças que remetem ao passado histórico da Vila, alguns já quase extintos, ainda estão vivas na memória da população.

É bem verdade que algumas percepções remetentes ao passado são vistas com certo negativismo, como por exemplo, a insalubridade das casas de madeira, a falta de pavimentação nas ruas e a retirada de árvores antigas antes presentes nas ruas e quintais. Por outro lado, existem também os que transformam essas mesmas lembranças em um prazer verdadeiramente saudosista carregado de bons sentimentos. Tanto que, geralmente, são esses moradores que ainda resistem na manutenção visual de características do período pioneiro, como por exemplo, a arborização nos quintais e as casas em madeira.

O núcleo urbano da Vila Telebrasília, fisicamente, pertence aos limites de Brasília (RA –I), ou seja, não se constitui como outra Região Administrativa dentro do Distrito Federal. A percepção dos moradores corresponde a esta características. Nos mapeamentos, a região da Vila quase sempre apareceu isolada das áreas lindeiras. Especialmente, este imaginário se torna compreensível tendo em vista a existência dos grandes vazios que, de fato, segrega a Vila do restante da cidade. Com isso, é percebida como uma área próxima, mas não pertencente ao Plano Piloto.

Para os moradores, esta questão de “proximidade” é tida como uma vantagem que poucas regiões administrativas possuem. A oferta de emprego e qualidade dos serviços existentes são fatores considerados positivos em que eles podem facilmente usufruir. Ainda na interpretação dos moradores, os elementos que compõem a paisagem da Asa Sul, Lago Sul, entre outras existentes no Plano Piloto, são referências físicas em relação ao que se tem como ideal em qualidade de vida.

O governo, em suas ações imediatistas, contribui para esse imaginário a partir do momento que impõe medidas de intervenções espaciais como se todos os núcleos urbanos existentes no Distrito Federal possuíssem as mesmas características sociais, comportamentais, econômicas e históricas.

Essa visão se torna ruim a partir do momento que a população passa a entender que as ruas e espaços públicos precisam ser compostos de elementos semelhantes ao das configurações que compõem outro tipo de paisagem. O desejo pelo que visualmente transmite poder econômico e ascensão social impõe perspectivas múltiplas no imaginário dos moradores afastando-os dos verdadeiros valores locais.

O asfaltamento das ruas é visto como outra grande conquista por parte dos moradores. Para isso, as ruas foram alargadas para comportar os carros, parte das árvores foi cortada, as casas ganharam muros e grades, enfim, hoje a composição física da paisagem pouco remete ao passado histórico da Vila Telebrasilía. Infelizmente, a população se rendeu ao cumprimento de suas necessidades e problemas aceitando soluções banais e distantes de suas características locais.

#### **4.4.4 \_ Enfim, o sentido do lugar**

Com base não apenas nas avaliações feitas neste último tópico, mas em todo o processo metodológico aplicado nesta dissertação, acredita-se que o sentido do lugar na Vila Telebrasilía está apoiado nas experiências históricas e nas atividades exercidas e vividas por seus moradores ao longo do tempo.

O estudo das relações dos moradores com a Vila Telebrasilía apontou uma constituição de vínculos identitários e afetivos bem peculiares. De fato, a história do lugar revelou uma forte interação e mobilização social pouco vista nas cidades do Distrito Federal. Moradores mais antigos, principalmente parentes de pioneiros, guardam lembranças nostálgicas do passado. Das brincadeiras de criança nas ruas com piso de barro, nas casas de madeira entremeadas pelas árvores plantadas por seus pais, tios, avós. Por outro lado, alguns também demonstraram as amargas recordações dos tempos das frequentes ameaças de remoção e da insalubridade advinda da falta de estrutura urbana durante um longo período.



**Figura 4.33** - Criança brincando: cenas comuns nas ruas da Vila Telebrasilía.

De qualquer maneira, é com orgulho que essas marcas do passado se unem à memória coletiva dos moradores na até então mais recente e positiva conquista que foi o direito de permanência em um local um tanto quanto discutível. Todo o processo de luta por um desejo aparentemente individual, como por exemplo, o acesso à habitação, se fortaleceu no coletivismo e estreitou as relações afetivas com o lugar.

O sentimento de apego, pertencimento e apropriação por seus moradores originou da vivência desses momentos em comum que ainda permeiam suas lembranças de maneira viva e presente. Segundo Pol (apud MOURÃO, 2006), em assentamentos humanos de média e menor renda, onde nem sempre as características morfológicas e urbanísticas oferecem bons níveis de qualidade de vida, a identidade social é estruturada e sustentada em função de processos de coesão ou identificação.

As dificuldades foram combatidas por convicções, o que propiciaram aos moradores um sentimento de valorização própria e, conseqüentemente, do lugar. Mesmo em condições urbanas ambientalmente desestruturadas, não houve impedimento de uma vivência plena da população em seu local. Do processo histórico emergiram sentimentos em um espaço além-casa. Concretizaram-se laços de interação social, vizinhança e vida coletiva. A satisfação demonstrada ao caracterizar a Vila Telebrasília como um local pacato e tranquilo, característica incomum em outras regiões administrativas do Distrito Federal, remete a um estilo de vida próprio interiorano, onde quase todos se conhecem, apoiam e interagem.

É bem verdade que do período em que, na Vila Telebrasília, funcionou o acampamento da construtora Camargo Corrêa, muitas modificações ocorreram em relação à paisagem. Houve perdas de elementos físicos, naturais e construídos, que identificavam visualmente o período pioneiro. Os reais motivos destas transformações se deram, em partes, por razões muito mais complexas que um histórico possa a vir a relatar. Os registros existentes, principalmente os de jornais, assumem posicionamentos contraditórios que variam de acordo com o período político de suas respectivas publicações.

Preservar a história do pioneirismo, de resistência e o espírito comunitário fortaleceria os vínculos identitários mais marcantes ainda existentes na Vila Telebrasília. A conquista da permanência se transformou em herança-símbolo dos pioneiros e dos atuais moradores agora empenhados em melhorar suas respectivas qualidades de vida. Entende-se, portanto, que a razão do recente reconhecimento legal desses enclaves históricos pode tomar certas dimensões que escapam aos limites do verdadeiro sentido do lugar. A valorização imobiliária, antes mesmo da regularização fundiária, sempre foi objeto constante de disputa em relação ao capital imobiliário. Em função disso,

é certo que podem existir moradores interessados em compactuar com esse mercado pensando no próprio benefício.

De qualquer maneira, as lembranças associadas ao local ainda se apóiam em pequenos espaços de identidade, onde a eles se estabelecem usos e significados coletivos tornando-os incomuns em um âmbito fora de seus limites, por isso, não devem ser ignorados. Caso isso aconteça, abalam-se as relações emocionais e estabilidade psíquica do sujeito com o espaço comprometendo assim a sustentabilidade da identidade social urbana local.

#### 4.4.5\_Diretrizes

Temos a oportunidade de transformar o nosso novo mundo urbano numa paisagem passível de imaginabilidade: visível, coerente e clara. Isso vai exigir uma nova atitude de parte do morador das cidades e uma reformulação do meio em que ele vive. As novas formas, por sua vez, deverão ser agradáveis ao olhar, organizar-se nos diferentes níveis no tempo e no espaço e funcionar como símbolos da vida urbana (LYNCH, 1999, p. 101).

Segundo Lynch, um lugar bom é aquele com o qual a pessoa se torna “consciente de sua comunidade, do seu passado, da teia da vida e do universo do tempo e do espaço em que estes se integram” (LYNCH, 2007, p.137). Com base nessas últimas proposições, acredita-se que ainda existem ações no espaço da Vila Telebrásilia que, ao mesmo tempo em que qualificam o espaço, ajudariam a reforçar o caráter comunitário e os laços afetivos da população com o lugar. Como já mencionado no referencial teórico, o espaço pode ser responsável pela concretização e disseminação identitária. A sua dinamização com base nas práticas cotidianas, individuais e coletivas, é propícia ao prolongamento dos princípios básicos das relações sociais com o meio.

A interpretação das características existentes em um lugar deve contribuir para o jogo de unidade e diversidade, do geral ao particular, onde as propostas não devem simplesmente impor regras ao espaço e ao modo de vida de seus habitantes. Compreende-se que a localização da Vila Telebrásilia em uma área ambientalmente delicada implicaria em uma série de diretrizes voltadas aos estudos de ecologia urbana<sup>5</sup>. Apesar de não ter sido a opção adotada ultimamente pela política pública, seria evidente a necessidade de aplicação de princípios de sustentabilidade ambiental<sup>6</sup> no planejamento

---

<sup>5</sup> “Ecologia Urbana estuda o relacionamento entre as cidades e os sistemas naturais, baseando-se na realidade que as cidades são uma parte do ambiente natural – não separadas dele” (ANDRADE, 2005, p.58).

<sup>6</sup> *Proteção ecológica (biodiversidade), adensamento urbano, revitalização urbana, implantação de centros de bairro e desenvolvimento da economia local, implementação de transporte sustentável e moradias economicamente viáveis, comunidades com sentido de vizinhança, tratamento de esgoto alternativo, drenagem natural, gestão integrada da água, energias alternativas e, finalmente, as políticas baseadas nos 3R's (reduzir, reusar e reciclar) (DAUCEY PECK, 2002 apud ANDRADE, 2005, p.78-80).*

da área. Porém, para os objetivos propostos nesta dissertação, o foco das proposições será voltado aos aspectos até então investigados.

Considerando o sentido do lugar, a revitalização urbana em alguns pontos não só contribuiria para a agradabilidade visual, conforto ambiental e simbolismo local, mas também fortaleceria o sentido de vizinhança já existente. Portanto, os principais pontos seriam:

- **Revegetação das ruas, espaços públicos e quintais.**

As principais vantagens no incentivo a esta ação seriam: criação de barreiras eólicas e de partículas em suspensão; desmistificação da paisagem excessivamente urbanizada; aumento dos níveis de sequestro de carbono advindos da Avenida das Nações; estabilização de terrenos; controle térmico com aumento de áreas sombreadas incentivando o uso da rua e demais espaços públicos no fortalecimento de interações sociais, como por exemplo, conversas nas calçadas, brincadeiras etc.

A revegetação por entre as casas aumentaria também a autoestima população, reforçando inclusive os vínculos identitários do seu passado pioneiro da Vila Telebrasil. Nos quintais, “incentivar a tradicional cultura de cultivar plantas medicinais, frutíferas e hortaliças, além da criação de pequenos animais” (GOUVÊA, 2008, p.138).

- **Incentivo a preservação das casas de madeira remetentes ao período pioneiro.**

Desmitificar que toda construção em madeira é desconfortável e visualmente depreciativa. O cuidado, manutenção e boa relação da edificação com o terreno e entorno imediato podem permitir bons índices de conforto aos usuários.

- **Reestruturação do Campo de Futebol.**

O potencial para o lazer em volta deste espaço poderia receber uma melhor estrutura para, inclusive, ampliar seu uso para outras idades e também incentivar a realização de campeonatos com times de fora da Vila. Caberia então, a colocação de um edifício de apoio (com banheiros e vestiários), mobiliário e tratamento paisagístico para valorizar um espaço tão apreciado e utilizado pelos moradores. Além disso, existem outras áreas passíveis de serem implantadas mais quadras poliesportivas no intuito de utilizar o esporte e o lazer como ferramentas de interação social.

- **Reabilitação da Praça da Resistência.**

Assim como o Campo de Futebol, é um lugar bastante utilizado pelos moradores.

Porém, além do nome, poderia ser um espaço também dedicado à memória histórica do lugar. Um projeto paisagístico eficiente, com vegetação plantação de árvores nativas ornamentais e frutíferas,

mobiliário e equipamentos de jogos para todas as idades melhora consideravelmente o aspecto visual do lugar. Além também das melhorias nas condições de saúde física e mental da população, ajudaria a espacializar a identidade social urbana local.

Eventualmente, feirantes itinerantes param com seus carros no estacionamento da praça para vender frutas, verduras, queijos entre outros produtos. O incentivo a essas atividades, a de pequenas feiras, também é importante para desenvolvimento da economia local. Em pequenas hortas, particulares ou comunitárias, os próprios moradores podem cultivar os produtos e vendê-los localmente. Outro espaço interessante para a instalação de feiras itinerantes seria nas calçadas da principal via de acesso à Vila (em dias de domingo, por exemplo).

- **Destaque visual ao acesso principal da Vila Telebrasília**

Logo na entrada, existe uma placa que “demarca” o lugar: “Vila Telebrasília: aqui tem história”. Elementos desta tipologia são extremamente positivos para o orgulho comunitário. Mostra tanto para quem chega quanto para quem passa que ali, não é um lugar comum e sim um “lugar de alguém”. Um marco visual, mesmo que simples, mas bem estruturado com iluminação noturna, por exemplo, certamente contribui para o sentimento de pertencimento dos moradores.

- **Orla do Lago Paranoá**

A orla do Lago Paranoá já é utilizada pelos moradores da Vila Telebrasília como área de lazer, porém, não há estrutura que regule este uso colocando em risco a integridade ambiental da área. Seria importante, a previsão de espaços voltados para o lazer e contemplação também na intenção de educar os moradores sobre a importância de preservação e respeito aos recursos naturais. O uso adequado de áreas ambientalmente delicadas pode ser uma forma de garantir a sua preservação.

- **Integração espacial do vazio existente entre a Vila Telebrasília e o Centro Universitário Unieuro**

É uma área de grande potencial de integração urbana e também social. A própria universidade oferece uma série de programas e serviços comunitários, mas que muitos moradores sequer chegam a ter conhecimento.

Como possibilidade de uso para a área, no período noturno, já existe um grande número de lanchonetes improvisadas que se instalam no estacionamento bem próximo ao vazio. O setor, em si, é relativamente isolado do restante da cidade essas pequenas lanchonetes são um tipo de atividade que se potencializa até como forma de atender uma necessidade dos alunos e funcionários. Isso

também implicaria na melhoria da segurança no local, já que a falta de uso em determinados espaços desencadeia uma série de outros problemas, entre eles, uso de drogas, roubos etc.

Portanto, seria interessante a colocação de uma grande praça unindo a Vila Telebrasilía e o Centro Universitário Unieuro com um corredor de pequenas atividades e serviços que pudessem ser utilizados tanto pelos moradores como pelos universitários. Como a área é relativamente grande, também abre precedentes para a colocação de atividades esportivas como forma de integrar a população à comunidade acadêmica.

É de plena consciência que as diretrizes aqui apresentadas possuem caráter estritamente preliminar, no entanto, acredita-se que elas serviriam como uma primeira etapa para uma proposta de qualificação do espaço estruturada na identidade local da Vila Telebrasilía. Levar estas ideias adiante exigiria um esforço de continuidade inclusive na busca de maior interação e participação da comunidade, porém, certamente são propostas que já serviriam como um bom começo.

Muitas vezes indago a mim mesmo por que determinadas cidades conseguem fazer transformações importantes e positivas. Encontro inúmeras e variadas respostas, mas uma delas me parece comum a todas estas cidades inovadoras: porque nelas se propiciou um começo, um despertar. É o que faz uma cidade reagir (LERNER, 2003, p.8).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história da humanidade, o poder deixou suas marcas na paisagem de castelos, catedrais, torres, edifícios, jardins, praças e cidades. Porém, em diferentes níveis de complexidade, também buscaram nessas formas, a representação simbólica de suas particularidades, ou seja, de suas respectivas identidades.

O interesse central da vida contemporânea tem como uma de suas bases a ideologia do consumo. Essa característica deriva-se de uma sociedade capitalista globalizada que, vinculada à necessidade de ascensão monetária, move todas as classes sociais em desejos, hábitos e gestos comuns. Além disso, é uma questão que ultrapassa os limites e a lógica do campo econômico gerando interferências nas mais diversas áreas, entre elas na transformação da paisagem.

Em uma expansão e expressão desta maneira de ver o mundo e a sociedade, a imagem tipicamente urbanizada, como por exemplo, avenidas asfaltadas, edifícios tecnológicos e monumentais elementos de engenharia, entre outros, é o cenário que representa a ordem e o poder global. A primazia oportunista pelo lucro e acumulação de capital, não combina com justiça, igualdade e qualidade de vida para todos. As decisões sobre as transformações no espaço passam a ser conduzidas pelas leis de mercado e, com isso, se desvincula das questões sociais, ambientais e culturais.

Com as desigualdades, a vivência urbana tende ao individualismo e a segregação socioespacial. Os espaços públicos, por exemplo, tendem a ficar cada vez mais distantes de uma configuração que permita uma existência amplamente coletiva. Assim, torna-se cada vez mais perceptível as perdas das referências espaciais verdadeiramente humanas. A uniformização da paisagem enfraquece não apenas seu cenário físico, mas também os testemunhos de vidas humanas compartilhadas em seus contextos singulares.

A cidade, semelhante a um livro, funciona como uma verdadeira contadora de histórias passíveis de serem vistas e vividas no presente. Quanto mais longínqua a temporalidade, melhor preservada e bem adaptada se faz a paisagem, maior o fascínio e encantamento pelo lugar. A afetividade e pertencimento tornam-se sentimentos essenciais na manutenção das referências dos lugares. Porém, a preservação das características de um espaço, depende de um querer coletivo e não se resume apenas em preservar memórias do passado, mas sim, ter sobre ele, uma visão direcionada para futuro sem perder suas características identitárias do presente.

Ao mesmo tempo em que uns se negam a enxergar as transformações negativas advindas com a globalização, outros se debruçam em buscar novas visões de mundo. Assim como em outras áreas do conhecimento, os estudos no campo da arquitetura e urbanismo apontam suas práticas para as emergentes crises ambientais, sociais, econômicas e culturais.

O pensamento determinista de arquitetos e urbanistas do período modernista, onde acreditavam que meras respostas físicas poderiam superar problemas sociais e transformar a sociedade, abriu precedentes para reflexões a respeito da descentralização do planejamento da paisagem. Portanto, para uma profissão que tem por responsabilidade construir e transformar espaços torna-se inevitável uma aproximação da realidade física e concreta aos aspectos imaginários e subjetivos na mútua influência entre homem e espaço.

O paralelo entre a realidade e o imaginário resulta de uma relação e percepção específica entre o observador e o seu ambiente. Porém, como citado no referencial teórico no capítulo 2, o sentido dado ao que se vê depende das preferências, hábitos e vivências do passado ou do presente do observador. O autor Kevin Lynch, certamente, é uma das principais referências em investigações que envolvem aspectos perceptivos a partir da ótica da população que, de fato, vivencia o espaço.

Diante de uma necessidade complementar ao que fisicamente pode-se analisar do ponto de vista morfológico e intuir considerando aspectos históricos, socioeconômicos e culturais; a inserção do método dos mapas mentais se torna uma ferramenta importante na inclusão da percepção do usuário sobre o lugar. O empenho nas ações interventoras passa a ser coletivo e não mais apenas sob o conhecimento técnico/científico do planejador.

Além disso, com base em experiências anteriores com os mapas mentais, possibilitou a abertura de precedentes que vinculam a percepção dos elementos que compõe fisicamente a paisagem com limites afetivos. Para melhor fundamentação nesse aspecto, buscou-se na psicologia ambiental um modelo que auxiliasse na compreensão de como a forma e o espaço passam, de fato, a fazer sentido para o ser humano. Desta forma, juntamente com as etapas de pesquisa e levantamento em campo, procedimentos estes relatados no capítulo 3 foi possível, por exemplo, compreender as relações identitárias da população da Vila Telebrasília com seu espaço e, por fim, já no capítulo 4, o verdadeiro sentido do lugar.

Não excluindo uma provável existência de outras razões, entre os moradores da Vila Telebrasília, foi possível identificar que os longos processos históricos de luta pelo direito de permanência enfrentados pelos moradores, desencadearam aspectos de afetividade, apego e forte interação comunitária. Aos relatos saudosistas e, por vezes, rancorosos em função dos tempos de violência e negligência de ações e políticas urbanas, durante as entrevistas, entremearam-se o orgulho de uma

comunidade unida que ainda busca ações e soluções para transformações no espaço da Vila Telebrasília.

Enfim, todos os caminhos desenvolvidos, do referencial teórico até o estabelecimento das diretrizes, foram considerados satisfatórios dentro dos objetivos da pesquisa. Vale a pena relatar que existem certos elementos da paisagem que, mesmo com um levantamento mais atento por parte do pesquisador, só são passíveis de serem realmente percebidos após as menções por parte dos entrevistados. Na Vila Telebrasília, isso ocorreu com a árvore da Praça da Resistência. Nas primeiras análises em campo, o que para o pesquisador aparentemente seria mais um elemento entre outros tantos, para morador possuía imponência física e sentimentos afetivos vinculados aos aspectos históricos locais.

Não se tem a pretensão de defender a eficiência do método dos mapas mentais em todas as abordagens investigativas relacionadas ao espaço. Cabe aqui ponderar, que o caminho adotado por Lynch para a análise das cidades americanas não é universal, ou seja, não é da mesma forma aplicável em qualquer local ou situação. As experiências anteriores com o método apontaram para uma necessária e devida adaptação aos objetivos da pesquisa, à abrangência da área e, principalmente, às características da população, como por exemplo, os índices de escolaridade, classe social, comportamentos, hábitos culturais etc.

Outro ponto relevante refere-se à demanda de tempo, paciência e dedicação por parte do pesquisador em relação à aplicação de entrevistas e mapeamentos com os moradores. O processo não é objetivo e possui variantes que impossibilitam prever com exatidão quanto tempo será necessário para finalizar um estipulado número de questionários. Primeiramente, e acima de tudo, é um método que depende da vontade dos moradores em contribuir para a pesquisa. Enquanto em uma tarde em campo consegue-se aplicar quatro questionários, por exemplo, no dia seguinte este número pode variar para mais ou para menos. A reação de cada entrevistado também é um fator de imprevisibilidade. Enquanto uns respondem objetivamente em poucos minutos, outros demoram muito além do que foi previamente estipulado pelo pesquisador.

O processo analítico tanto das entrevistas e principalmente dos mapeamentos, também pode vir a ser extenuante. Portanto, dentre vários fatores possíveis, nos casos em que a pesquisa demandar um amplo número de entrevistas, o pesquisador dependerá de um bom planejamento em cada uma das etapas de trabalho e, talvez, de um maior apoio logístico com auxiliares de pesquisa.

De cada mapa mental, independente da complexidade do desenho, podem-se extrair longas e variadas interpretações. Apesar dos procedimentos apresentados por Lynch direcionar as análises dos mapas para uma classificação objetivamente definida (vias, limites, bairros, pontos focais e

marcos visuais), mesmo assim, existe a possibilidade de diferentes interpretações dependendo da pessoa que realizará tal tarefa. Ainda em relação às interpretações, é fundamental que o pesquisador faça o cruzamento dos dados obtidos nas entrevistas com as etapas de reconhecimento em campo e levantamento histórico e socioeconômico da população. Com isso, evitam-se exageros na valorização ou desvalorização de informações relevantes para a pesquisa e, principalmente, para os resultados.

De qualquer maneira, é necessário o aprimoramento de técnicas que procurem escutar e envolver não profissionais na busca dos reais valores e necessidades conjugadas às características de composição espacial. Atuar sob a ótica do usuário é uma forma de conhecer com maior profundidade as relações da vida quotidiana, afetivas e identitárias. Com isso, aumentam-se as chances de prolongar plenamente as atividades sociais e a manter a integridade física da paisagem.

Os caminhos adotados nesta dissertação permitem possibilidades de futuros aprimoramentos em seus estudos e aplicações. Direcionar os resultados dos questionários e dos mapas mentais de forma mais clara e objetiva na identificação de problemas e potencialidades, por exemplo, facilitaria o momento de definição de diretrizes mais específicas e avançadas para a prática de desenho urbano.

Além da vinculação dos mapas mentais com aspectos afetivos e identitários, o método também abre outras possibilidades e sequências possíveis de serem desenvolvidas. Aproximar os desenhos elaborados pela população para ações participativas mais diretas no processo de desenvolvimento das propostas de intervenção no espaço, ou seja, antes de suas respectivas execuções, também seria outra possibilidade.

As funções que se apresentam imediatamente aos nossos sentidos ajudam-nos a compreender o mundo. Deste modo, ganhamos competência prática e maturidade. Certos processos são básicos e a capacidade de os sentir é uma satisfação fundamental: por exemplo, a acção e o movimento das pessoas; os processos de produção; as provas da manutenção, do cuidado e do controlo; os conflitos de grupo e a cooperação; a educação das crianças; o afecto humano; o nascimento e a morte; as transformações das plantas; os movimentos do sol. Outros processos têm que vir visíveis para nos ajudarem a desempenhar nossas funções diárias normais. Outros ainda, é melhor continuarem ocultos (LYNCH, 2007, p.134).

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Liza Maria Souza de. **Agenda Verde x Agenda Marrom: Inexistência de princípios ecológicos para desenho de assentamentos urbanos**. Brasília: 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa e Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília - UnB, Brasília, 2005.

ARCHELA, Rosely Sampaio, GRATÃO, Lúcia Helena B., TROSTDORF, Maria A.S. **O lugar dos mapas mentais na reprodução do lugar**. Londrina: Revista de Geografia, vol. 13, nº 1, janeiro-junho, 2004. Disponível em: < <http://www2.uel.br/revistas/geografia/v13n1eletronica/7.pdf>>. Acesso em 2/02/2011.

\_\_\_\_\_. **Princípios de Sustentabilidade para Reabilitação Ambiental de Assentamentos Urbanos**. Módulo da disciplina do curso lato sensu em Reabilitação ambiental arquitetônica e urbanística sustentável. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU/UnB, 2007.

ATAÍDE, Ruth Maria da Costa (Organizadora). **Cadernos de textos: Disciplina: Fundamentos sociais e ambientais da arquitetura e do urbanismo 03**. Natal: Universidade Federal do Rio grande do Norte – FAU/UFRN, 2001.

AUGÉ, Marc. **Não lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução Maria Lúcia Pereira. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

ALVA, Eduardo Neira. **Metrópoles Insustentáveis**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

BARBA, Marisa. **Espaço (Meta) Vernacular na cidade contemporânea**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BERNADES, Ricardo Silveira. **Infra-estrutura para Salubridade Ambiental** (in: Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística Registro de Curso de Especialização a Distância. P – 293-343). Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU/UnB, 2009.

BRANCAGLION, Ricardo Luiz. **Equipamentos Urbanos Design e identidade sócio-cultural: análise e proposta para a cidade do Núcleo Bandeirante no DF**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa e Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília - UnB, Brasília, 2006.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. 4. ed. 1. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BUENO, Silveira. **Minidicionário de língua Portuguesa**. 3 ed. São Paulo: Editora Lisa S.A, 1989.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CODEPLAN. **Levantamento Domiciliar Socioeconômico – Vila Telebrasília 2009**. Brasília, 2009.

COSTA, Andréa Virgínea Freire. **Lugares do passado ou espaços do presente?** Memória identidade e valores na representação social no patrimônio edificado em Mossoró – RN. Mossoró, RN: Fundação Vingt-um Rosado, 2009.

COSTA, Maria Elisa. **Com a palavra Lúcio Costa**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

COSTA, Lúcio. **Arquitetura**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

CORREIA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. ORGANIZADORES. **Geografia: Temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: PINI, 1990.

DIAS, Karina. **Entre Visão e Invisão: Paisagem** [por uma experiência da paisagem no cotidiano]. Brasília: Programa e Pós-graduação em arte /VIS - Universidade de Brasília – UnB, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 9ª impressão, 1977.

FERREIRA, Oscar Luís, MEDEIROS, Ana Elisabete, SCHLEE, Andrey Rosenthal. **Intervenção Patrimonial**. (in: Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística Registro de Curso de Especialização a Distância. P – 189-286). Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU/UnB, 2009.

FONSECA, Aline. Cidade Tombada. Depois de muita recusa, Iphan permite fixação da Vila Telebrasília, com termo de cessão de uso sem direito a aluguel e venda dos imóveis. Cem anos para morar. **Correio Brasiliense**. Brasília, 19 de maio, 2004. Caderno Cidades, p.22.

FRÚGOLI, Heitor Júnior. **São Paulo: Cidade: Espaços públicos e interação social**. São Paulo: Marco Zero, 1995.

GENTIL, Cristine, GONÇALVES, Ana Cristina. Telebrasília - Técnicos Condenam fixação de invasão. **Correio Brasiliense**. Brasília, 20 de outubro, 1995. Caderno Cidade, p.15.

GIOIELLI, R.L.P. **A identidade líquida**. A experiência identitária na contemporaneidade dinâmica. Dissertação de Mestrado, ECA-USP, 2005.

GOMES, Gustavo Maia. **Crises econômicas e crises políticas**: algumas reflexões à luz da economia brasileira. Revista de economia política, vol.6, nº1, janeiro-abril, 1986. Disponível em:<<http://www.rep.org.br/pdf/21-2.pdf>>. Acesso em 29/10/2009.

GOUVÊA, Luiz Alberto de Campos. **Biocidade: conceito e critérios para um desenho ambiental urbano, em localidades de clima tropical de Planalto**. São Paulo: Nobel, 2002.

\_\_\_\_\_. **Cidade vida: curso de desenho ambiental urbano**. São Paulo: Nobel, 2008.

\_\_\_\_\_. Cidade e natureza: uma visão da construção da cidade brasileira no Planalto Central. In: **A construção da cidade**. Brasília: Departamento de Patrimônio histórico e Artístico do Distrito Federal, 1998.

GÜNTHER, Hartmut, BARRETO, Frederico Flósculo Pinheiro. Psicologia ambiental no Distrito Federal: uma agenda para pesquisa. In: PAVIANI, Aldo, GOUVÊA, Luiz Alberto de Campos (org.). **Brasília: controvérsias ambientais**. Brasília: EdUnB, 2003. P.125-156.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda, 2001.

LACERDA, Hiatiene Cunha de. **Reabilitação urbana sustentável por meio de resgate da identidade local**: o caso dos mapas ambientais produzidos pelos moradores do Varjão – DF. Brasília: 2008. Monografia (Especialização em Arquitetura e Urbanismo) – Programa e Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília - UnB, Brasília, 2008.

\_\_\_\_\_. **A imagem da Vila Planalto**. Brasília: Trabalho realizado para a disciplina de Ensaio Teórico. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2006.

LANOY, Camilo, SANTOS, Marly, ANDRADE, Liza Maria Souza de. **Diagnóstico da Vila Telebrasília**. Aula ministrada na disciplina de Atividades Complementares II (arquivo eletrônico: extensão. ppt). Brasília: Centro Universitário Unieuro – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2008.

LERNER, Jaime. **Acupuntura Urbana**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LÉVI-STRAUSS, C. 1981 *Tristes trópicos*, Lisboa/São Paulo, Ed. 70/Martins Fontes.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**; tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **A boa forma da cidade**; tradução Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho. Lisboa: Edições 70 Lda, 2007.

MEDEIROS, Valério Augusto Soares de. **Urbis Brasiliae ou sobre cidades do Brasil**: inserindo assentamentos urbanos do país em investigações configuracionais comparativas. Brasília: PPG/FAU/UnB, 2006. 519 p.: il. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2006.

MOURÃO, Ada Raquel Teixeira, CAVALCANTE, Sylvia. **O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada**. *Estud. psicol. (Natal)* [online]. 2006, vol.11, n.2, pp. 143-151. ISSN 1413-294X. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/261/26111203.pdf>>. Acesso em: 7 Dez. 2010.

NARDI, Diego Nepomuceno, LOPES, João Gabriel Pimentel, COSTA, Alexandre Bernardino. **A memória pela experiência: realização do direito à cidade na Vila Telebrasília**. Brasília: VI Encontro Anual da ANDHEP – Direitos Humanos, Democracia e Diversidade, UnB, 2010. Disponível em: <[http://www.sistemasmart.com.br/andhep2010/arquivos/18\\_8\\_2010\\_22\\_42\\_56.pdf](http://www.sistemasmart.com.br/andhep2010/arquivos/18_8_2010_22_42_56.pdf)>. Acesso em 20 Dez. 2010.

NABIL BONDUNKI. **Preservar a memória da paisagem**. Texto publicado no Jornal Folha de São Paulo, 01 de setembro, 2007.

NETO. Belarmino Mariano. **Topofilia, ecologia e imaginário: os velhos cariris da Paraíba**. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos/topofilia-ecologia-imaginario-cariris-paraiba/topofilia-ecologia-imaginario-cariris-paraiba.shtml>>. Acesso em: 18 Nov. 2007.

NORBERG-SCHULZ, C. **Genius Loci: towards a phenomenology of architecture**. New York: Rizzoli International Publications Inc. 1980.

OLIVEIRA, Livia de, DEL RIO, Vicente (organizadores). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1996.

ORTIZ, R. **Mundialização da Cultura**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2003.

SANTOS, Milton. **Metarmofoses do Espaço Habitado. Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. São Paulo: Editora Hucitec, 4ª edição, 1996.

SANTOS, Carlos Nelson & Vogel Arno (org.). **Quando a Rua vira Casa**. Rio de Janeiro: Iban/Finep, Projeto, 1985.

NEDER, Gizlene. **Cidade, identidade e exclusão social**. Disponível em <[http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg3-5.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg3-5.pdf)>. Acesso em: 4 Fev. 2008.

PAVIANI, Aldo (org). Brasília: **Moradia e Exclusão**. Brasília: EdUnB, 1996.

\_\_\_\_\_. GOUVÊA, Luiz Alberto de Campos (org.). **Brasília: controvérsias ambientais**. Brasília: EdUnB, 2003.

\_\_\_\_\_. GALBINSKY, José. Competição Espacial em Brasília. In: **Urbanização e metropolização: a gestão dos conflitos em Brasília**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Coodeplan, 1987.

REGO, Rejane de Moraes. As **naturezas cognitivas e criativas da projeção em arquitetura**: reflexões sobre o papel mediador das tecnologias. Rem: Rev. Esc. Minas, Ouro Preto, v. 54, n. 1, Mar. 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0370-44672001000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0370-44672001000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 19 Dez. 2010.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança**. A experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

RIMA: Relatório de Impacto Ambiental – Assentamento Populacional do Acampamento Telebrasília. Brasília: Ambiental Engenharia de Meio Ambiente e Consultoria, Ltda, Jun. 1996.

ROCHA, Marcelo. Vilas Pioneiras – Resistência Candanga. **Correio Brasiliense - Correio Web**. Brasília, minha casa, 21 Abr, 2010. Disponível em: <<http://www.correioweb.com.br/hotsites/minhacasa/2.htm>>. Acesso em: 25 Dez. 2010.

ROMERO. Marta Adriana Bustos (org.). **Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística (Registro de Curso de Especialização a Distância)**. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU/UnB, 2009.

\_\_\_\_\_. **Princípios Bioclimáticos para o desenho urbano**. São Paulo: Proeditores, 2000.

\_\_\_\_\_. **Arquitetura Bioclimática do espaço público**. Brasília: EdUnB, 2001.

RODRIGUES, Sonia Regina Rocha. **A importância da cultura na Formação do Cidadão.** Disponível em: <<http://www.qdivertido.com.br/verartigo.php?codigo=57>>. Acesso em: 1 abr. 2009.

VILA Telebrasília: A conquista da cidadania. **Sindijus** – Sindicato dos Trabalhadores do Poder Judiciário e do Ministério Público da União do DF. Brasília: Revista Ano XVII, n.55, p.4-11, Fev. 2009.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia. Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

\_\_\_\_\_. **Espaço e lugar.** São Paulo: Difel, 1983.

SANTOS, Isabela. **Candangos: sinônimo de coragem e perseverança.** Disponível em: <<http://www.nominuto.com/noticias/cidades/candangos-sinonimo-de-coragem-e-perseveranca/51066/>>. Acesso em: 01 Dez. 2010.

ZARUR, Sandra Beatriz. **Vila Planalto: um caso de resistência popular. In: Brasília: Moradia e Exclusão.** Brasília/Aldo Paviani (organizador): Editora UnB, 1996.

QUESTIONÁRIOS E MAPAS MENTAIS  
Moradores da Vila Telebrasília

**APÊNDICE**



Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona L | Data/semana: 4/2/10 Quinta | Horário: 9:30

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Antônia Neve Peixoto Sexo: M |  F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: Vila Telebrasília - Dona de casa

4 - Cidade e estado onde você nasceu: Jaguaretama - CE

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila - 18 anos . Não

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Cariócio de espaços para crianças

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto do transporte passando perto de casa  
Não gosto das drogas e da malandragem

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Depois do zoológico (1ª parada de ônibus)

(b) E até sua casa?

Mercado Família (Praça da Resistência)

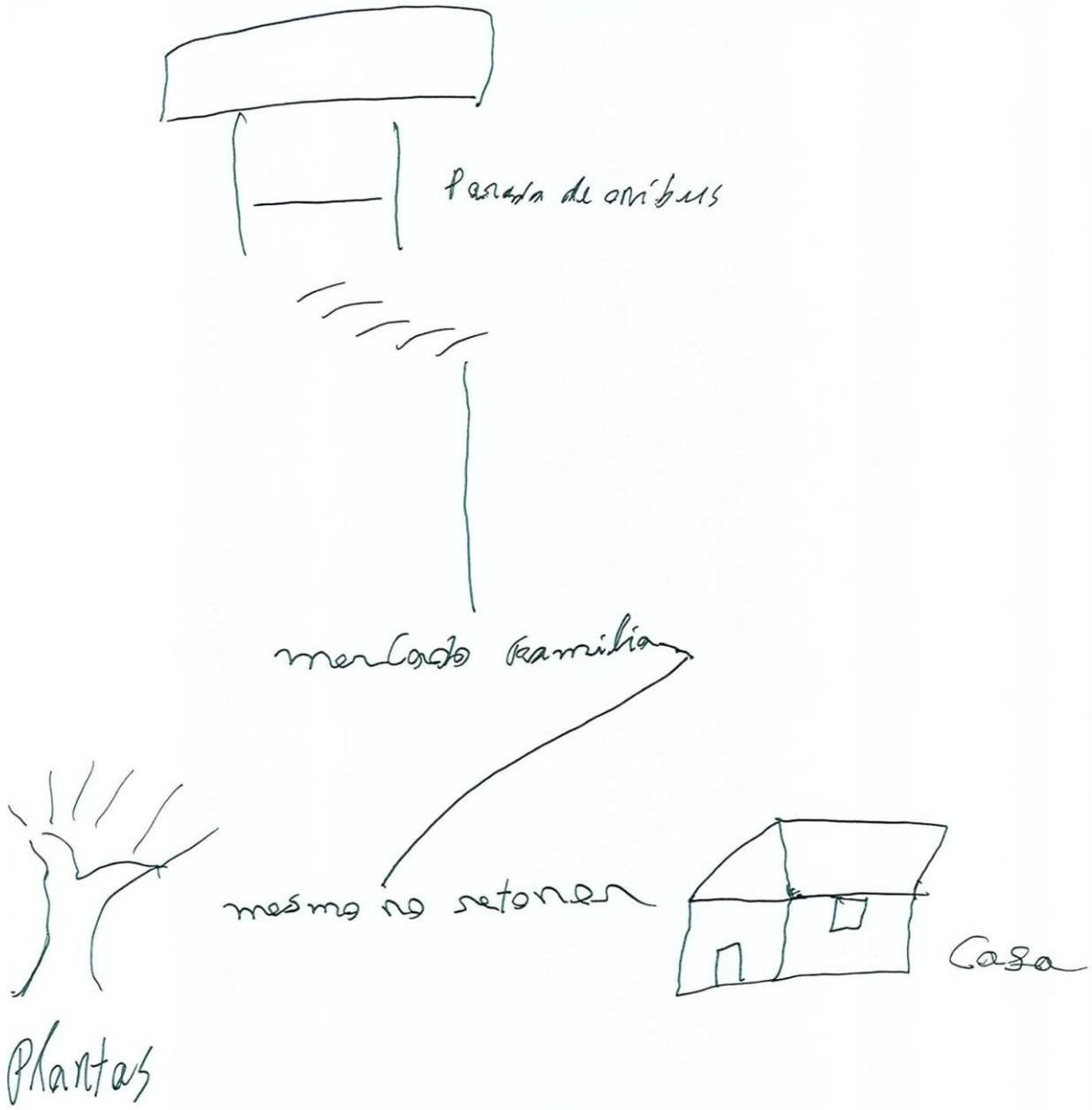
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Árvores

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Quadra de esporte (Campo)

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 1 | Data/semana: 4/2/10 Quinta | Horário: 9:00

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Amanda Nagila Peixoto Sexo: M |  F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: Colégio Polivalente 713 Sul

4 - Cidade e estado onde você nasceu: Jaguaratama - CE

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasilia - 10 anos . Não

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Quadra de esporte (campo)

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto do ônibus passando na porta da minha casa  
Não gosto de ver o pessoal destruindo as plantas.

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Zoológico logo na primeira parada

(b) E até sua casa?

Primeira parada da Vila Telebrasilia perto do retorno

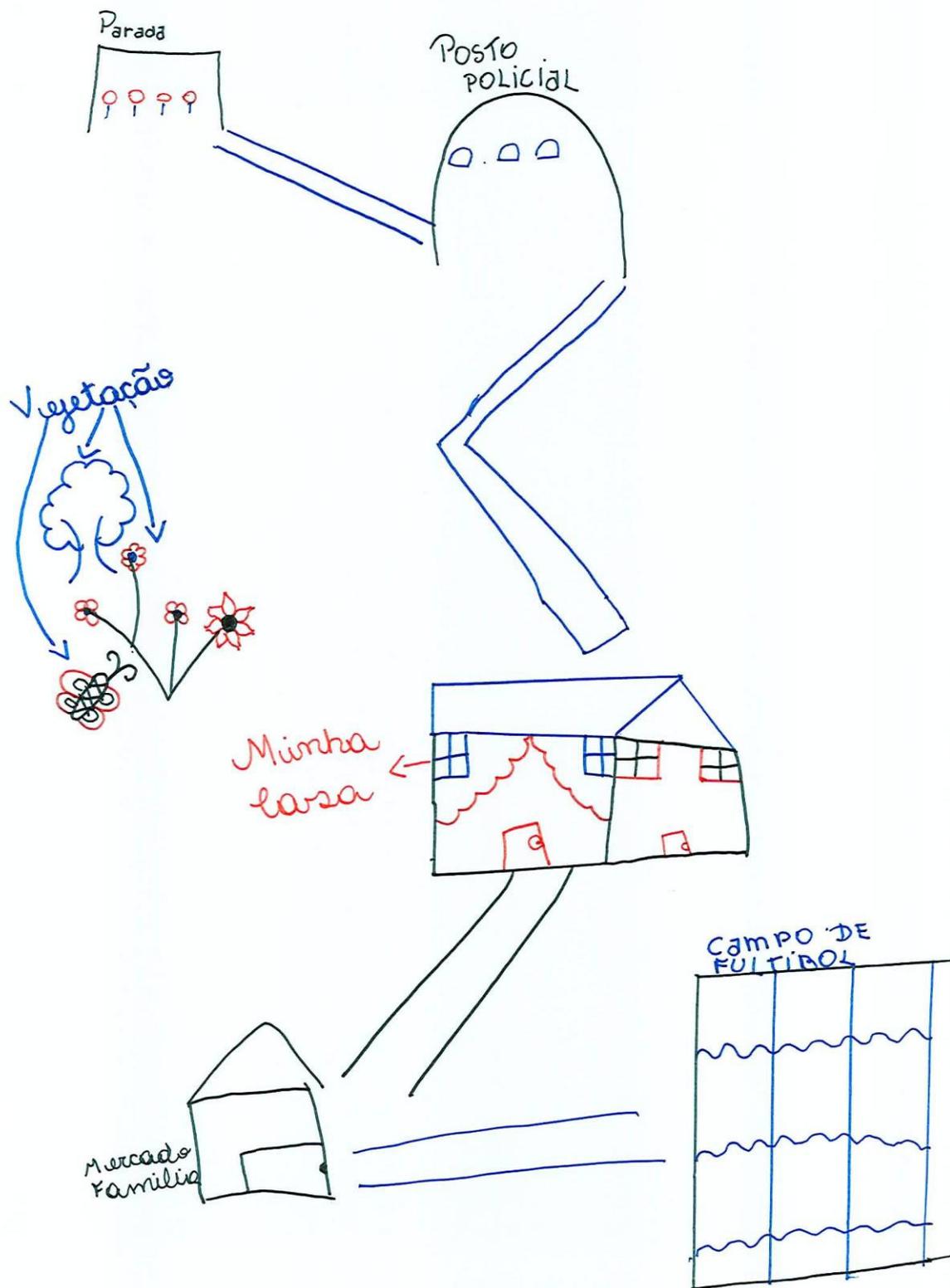
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Plantas, árvores

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Praça da Resistência . A que fica perto do mercado da Dn. Neide.

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona L | Data/semana: 4/2/10 Quinta | Horário: 17:10

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Anália Pereira dos Santos Sexo: M  F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: Asa Norte (Plano Piloto)

4 - Cidade e estado onde você nasceu: Tocantins - TO

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília - 2 anos. Sim, em Sobradinho (16 anos)

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Tranquilidade, calma.

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto de tudo

Não gosto da falta de opções para lazer

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Sim. Para Sobradinho

9- (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Zoológico

(b) E até sua casa?

Depois da "floresta" de eucaliptos e Oficina do Charles (todos conhecem)

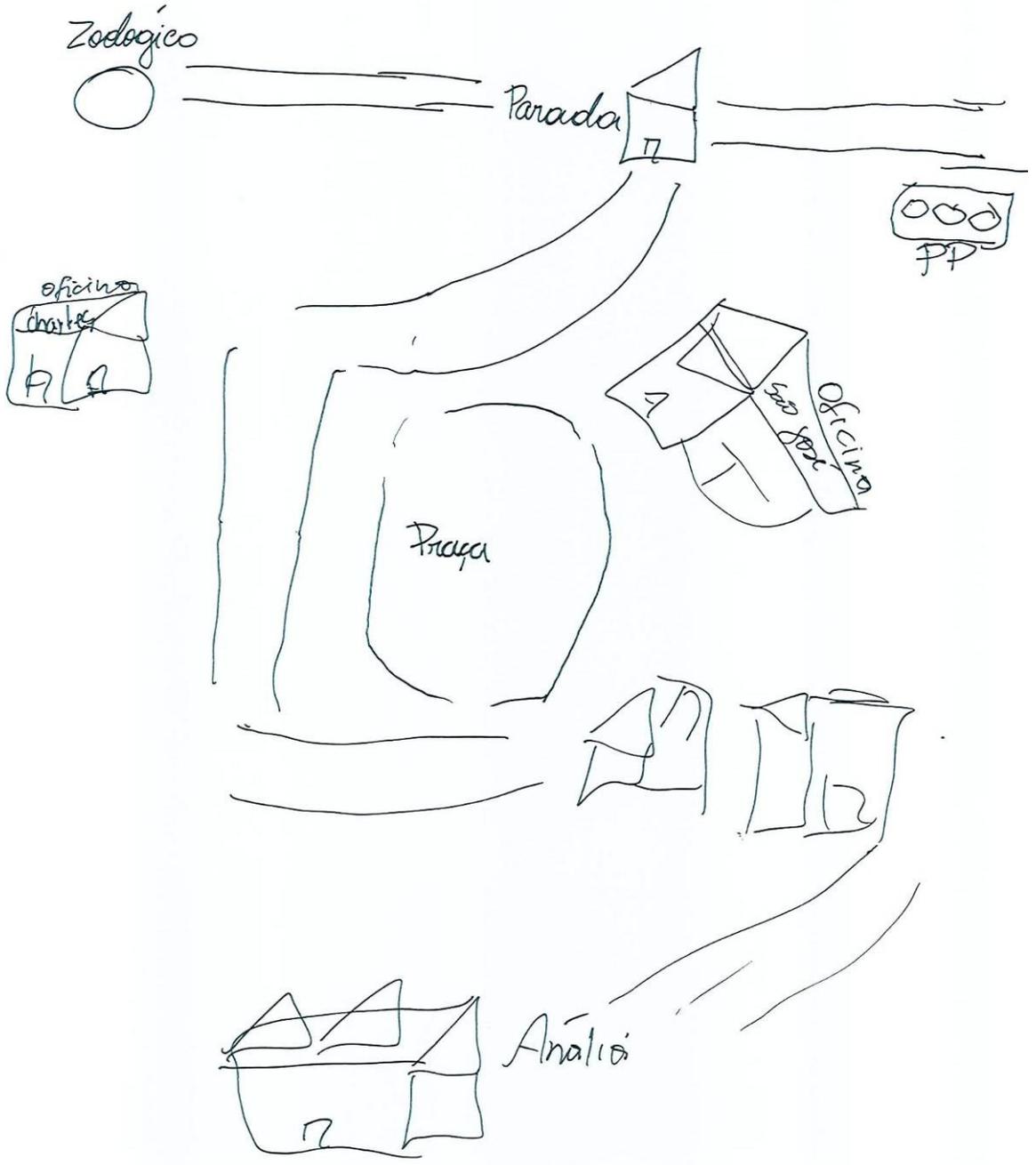
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Muita árvores

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Campinho

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 1 | Data/semana: 4/2/10 Quinta | Horário: 17:30

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Tamires de Souza Almeida Sexo: M | F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: Vila Telebrasília - Manicure

4 - Cidade e estado onde você nasceu: Matoso - Maranhão

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília - 5 anos. Não

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Lugar tranquilo.

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosta da tranquilidade  
Não tem algo que eu não goste

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Unieuro

(b) E até sua casa?

Unieuro e Bar do Ronaldo

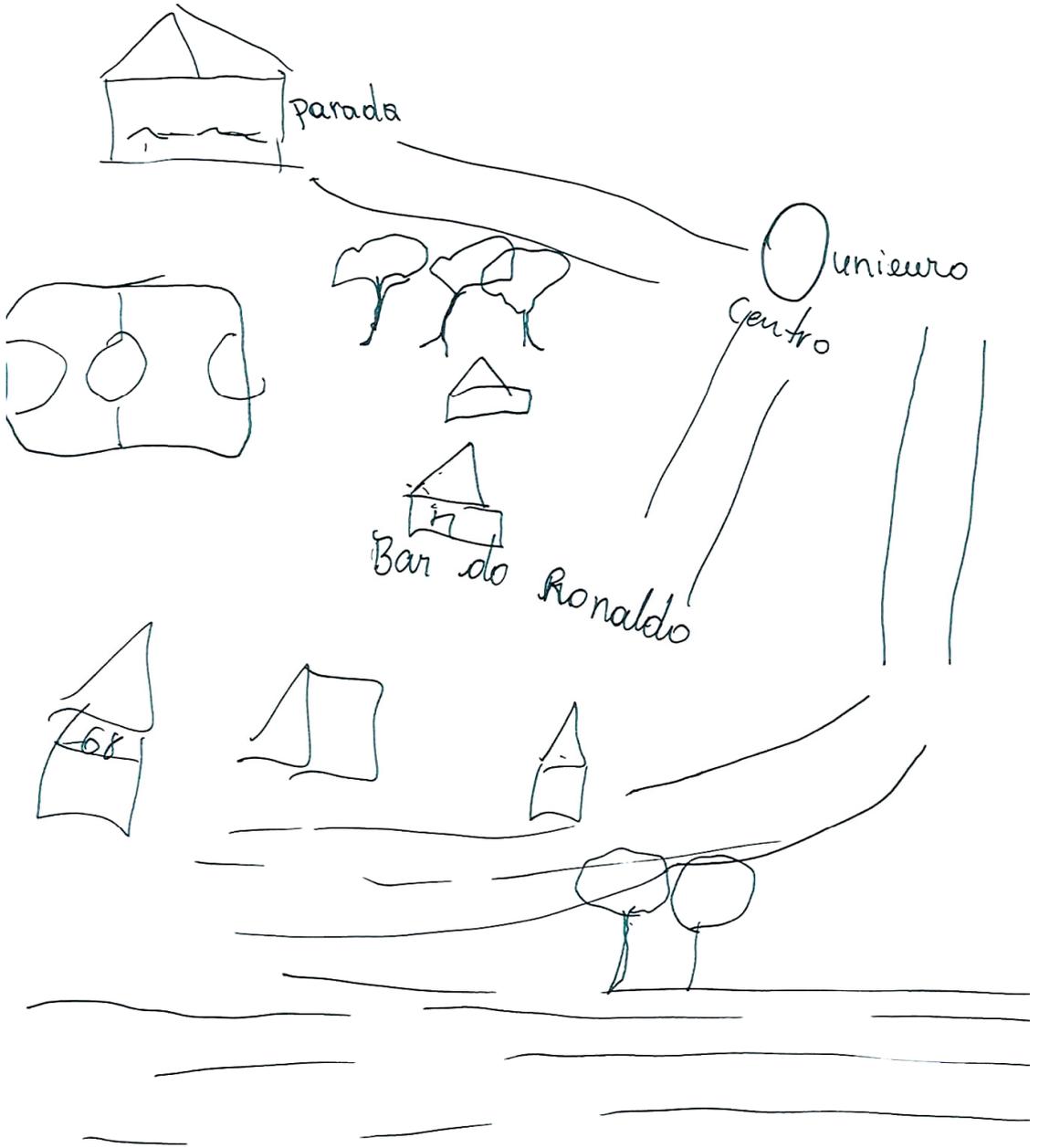
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Árvores, muitas árvores.

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Praça da Resistência

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 1 | Data/semana: 4/2/10 Quinta | Horário: 17:45

Perguntas ao morador:

1 - Nome: José Batista Barros Sexo:  M | F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: Vila Telebrasília - Pedreiro

4 - Cidade e estado onde você nasceu: Juazeiro - CE

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília - 27 anos.

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Pioneiros. Primeiras pessoas que chegaram aqui

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto da tranquilidade

Não gosto das pessoas drogadas nas ruas

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Zoológico

(b) E até sua casa?

Mercado da Neide e Chico Das

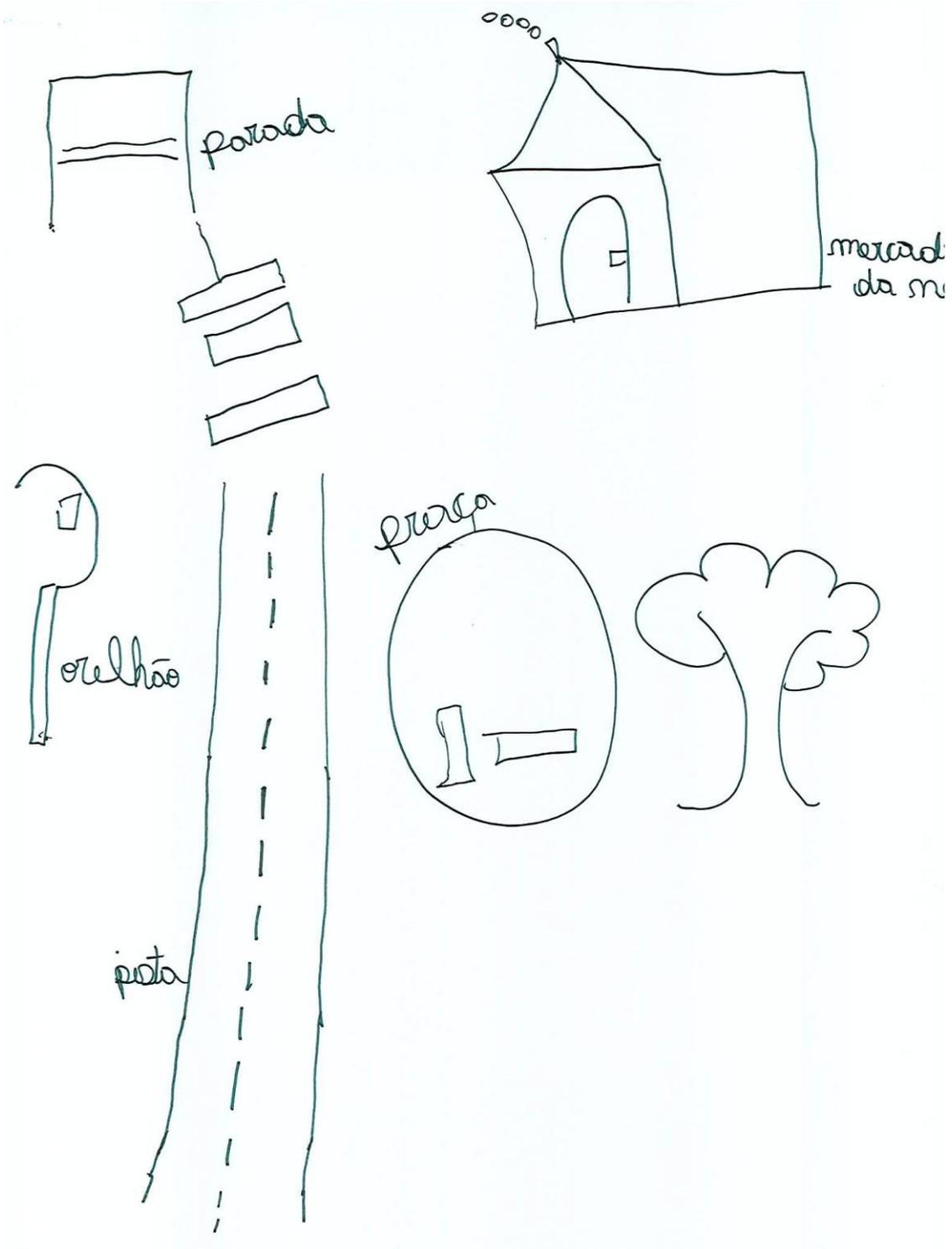
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Arborização abundante

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Mercado Dn. Neide (Mercado Família)

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 1 | Data/semana: 4/2/10 Quinta | Horário: 18:00

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Lucilene | Sexo: M |  F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: Vila Telebrasília - Dena de casa

4 - Cidade e estado onde você nasceu: Caxias - Maranhão

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília - 35 anos. Não.

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Barro, barracos de madeira ... era só o que tinha no passado

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto de tudo. Principalmente por ser próximo ao Plano Piloto

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não !!!

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Emb. do Iraque, Unieuro

(b) E até sua casa?

Oficina São José

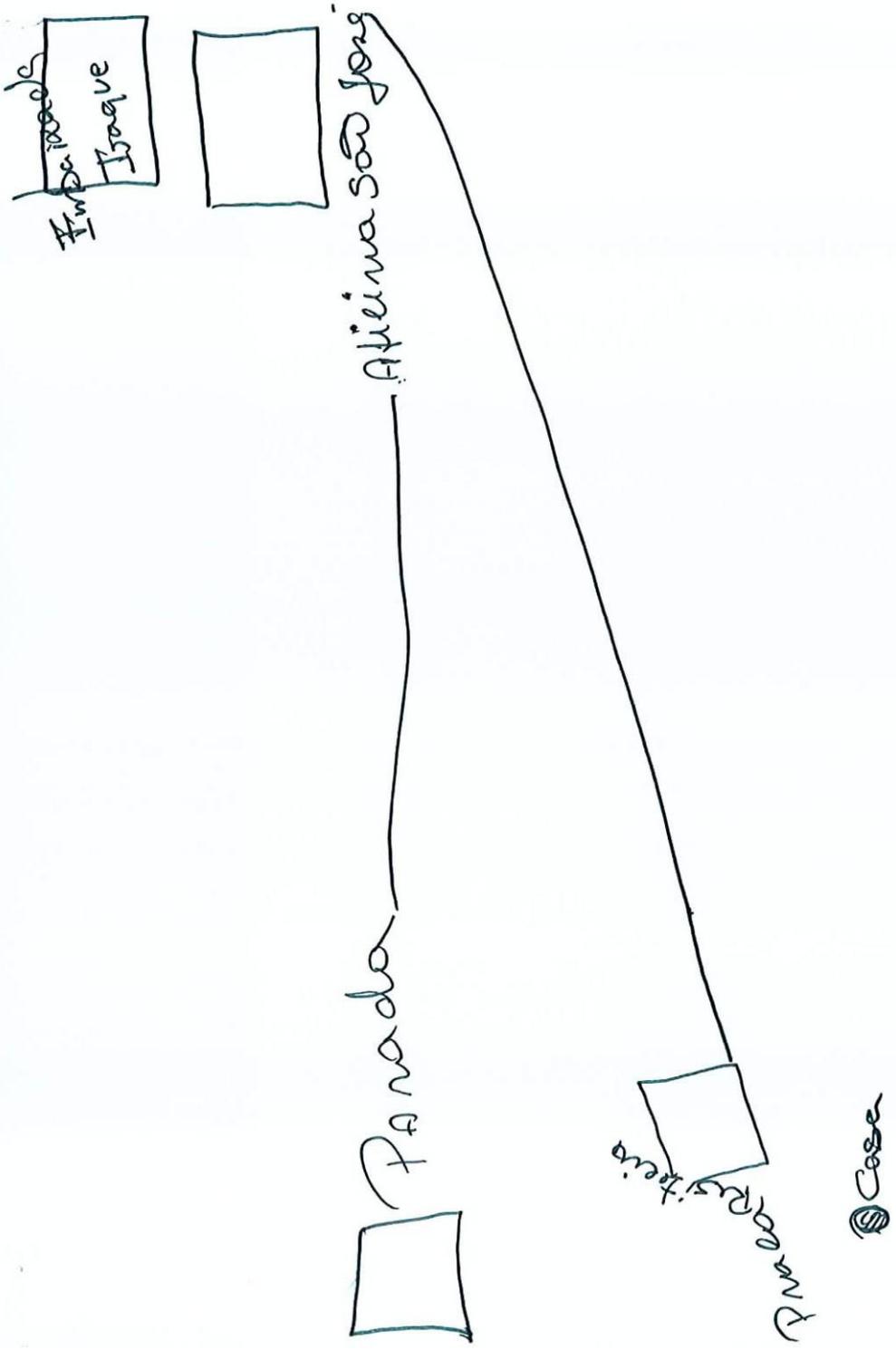
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Lago Paranoá

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Praça da Resistência e o campinho

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 2 | Data/semana: 5/2/10 Sexta | Horário: 16:00

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Maria Sônia Sexo: M |  (F)

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: Vila Telebrasília - Dn de Casa

4 - Cidade e estado onde você nasceu: Itaporanga - Paraíba

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília - 21 anos. Sim, Condomínio

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Barracos, barro nas ruas

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto de poucas coisas

Não gosto das fofocas. Parece cidade do interior.

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Sim.

9- (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Zoológico e Unieuro

(b) E até sua casa?

Mercado Familiar (Dn. Neide)

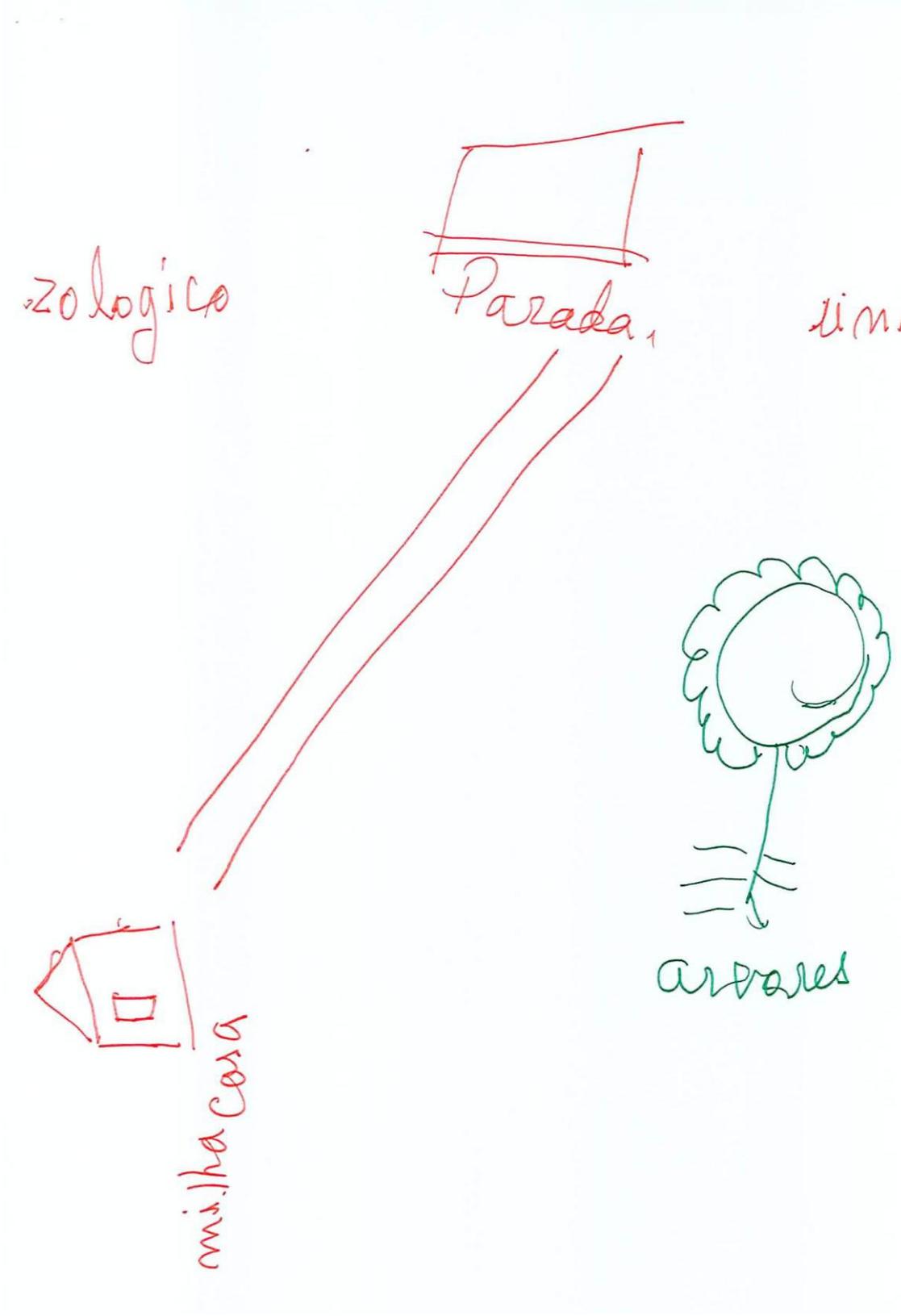
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

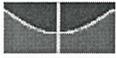
Nada

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Praça da Resistência. Todo mundo se encontra lá.

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 2 | Data/semana: 5/2/10 Sexta | Horário: 16:30

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Izelda Sexo: M | F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: 409 Sul - Lanchonete

4 - Cidade e estado onde você nasceu: São Benedito - CE

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília - 28 anos

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Lugar tranquilo, ótimo de morar

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto de tudo. Não tenho do que reclamar.

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não !!

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Zoológico, Emb. do Iraque e Unieuro

(b) E até sua casa?

Primeira parada de ônibus logo após o Zoológico

10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Arborização abundante

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Praça da Resistência

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estrangeiro, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





## Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 2 | Data/semana: 5/2/10 Sexta | Horário: 17:15

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Luiz Gonzaga Peixoto Sexo:  M | F2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51 3 - Local de estudo ou trabalho: Aposentado4 - Cidade e estado onde você nasceu: Jaguaretama - CE

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília . Não morei em outras localidades

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Lugar muito bom de morar. Perto de tudo (Plano Piloto).

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto da tranquilidade. Tudo muito calmoNão gosto da bagunça. Gente fazendo coisa errada (Drogas)

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não !! De maneira alguma.

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Via Lz Sul, Perto do Plano Piloto

(b) E até sua casa?

Unieuro e igreja Assombéria de Deus

10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Esse árvore na praça da Resistência

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Praça da Resistencia. Tem história viu!

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.

**\*NÃO DESENHOU O MAPA MENTAL**



Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 2 | Data/semana: 5/2/10 Sexta | Horário: 17:30

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Maria Rosineide Peixoto de Sousa (Dn. Neide) Sexo: M |  F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: Vila Telebrasília (Dona do mercado Família)

4 - Cidade e estado onde você nasceu: Jaguaretama - CE

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília - 27 anos. Sim, no Gama

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Lugar tranquilo onde todos se conhecem  
Pioneiros, barracos de madeira. Proximidade com Pl. Piloto

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

O que mais gosto é da tranquilidade.

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não !! De jeito nenhum

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Emb. Iraque, Av. das Nações, Zoológico e Unieuro

(b) E até sua casa?

Praça da Resistência

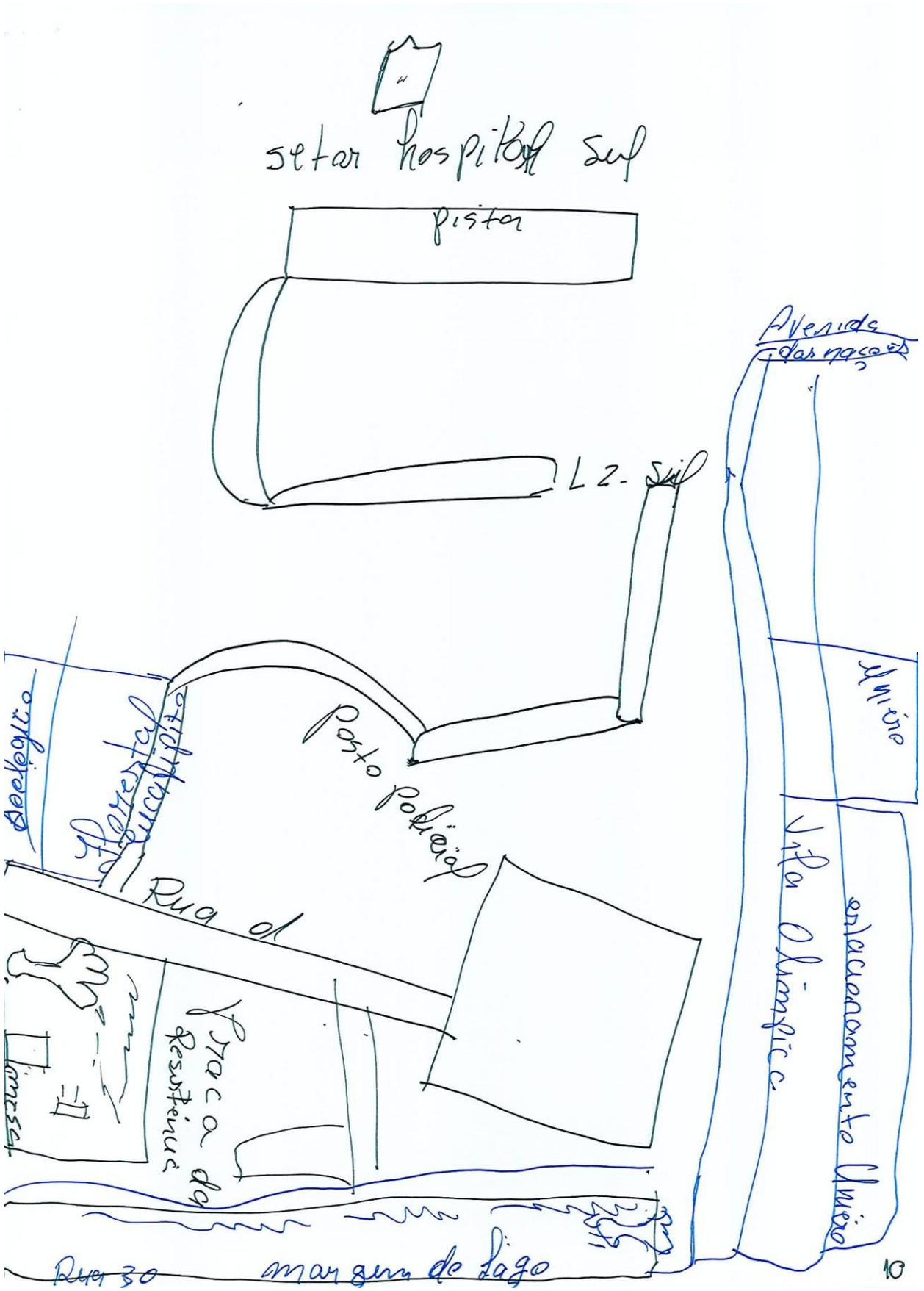
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

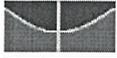
Lago Paranoá, arborização

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Praça da Resistência. Antes era só terra... não era "cidade".

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 3 | Data/semana: 6/2/2010 Sábado | Horário: 16:30

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Francise Tales | Sexo:  M | F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: 214 Sul

4 - Cidade e estado onde você nasceu: Brasília - DF

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília - 13 anos. Não.

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Lugar onde todos se conhecem

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto da praça de Resistência. Não tem nada que eu não goste.

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Universo, Zoológico e Emb. do Traque

(b) E até sua casa?

Igreja católica

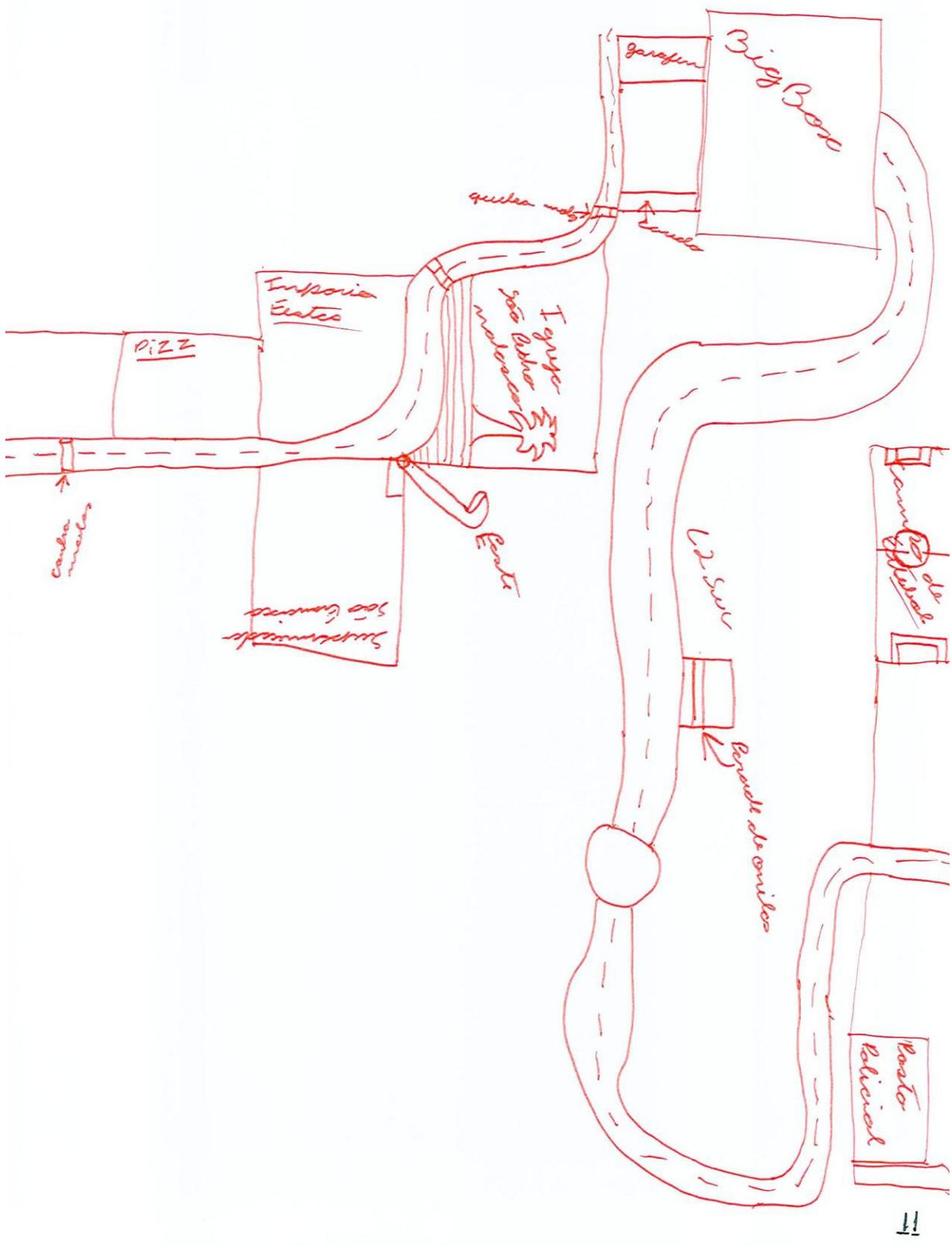
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Lago Paranoá e prainha (um lugar de lazer)

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Campo de futebol e Praça da Resistência

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 3 | Data/semana: 6/2/2010 - Sábado | Horário: 16:00

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Vanderlei O. Sexo:  M | F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: Plano Piloto

4 - Cidade e estado onde você nasceu: Sobral - CE

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília - 15 anos. Sim em São Sebastião - 2 anos

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Barraco e barro não tinha nada

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto do acesso fácil ao Plano Piloto, tranquilidade. Não há nada que eu não goste.

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Unicef, Embaixada de Iraque

(b) E até sua casa?

Igreja São Pedro Nolasco (Atás, próximo a rua 18)

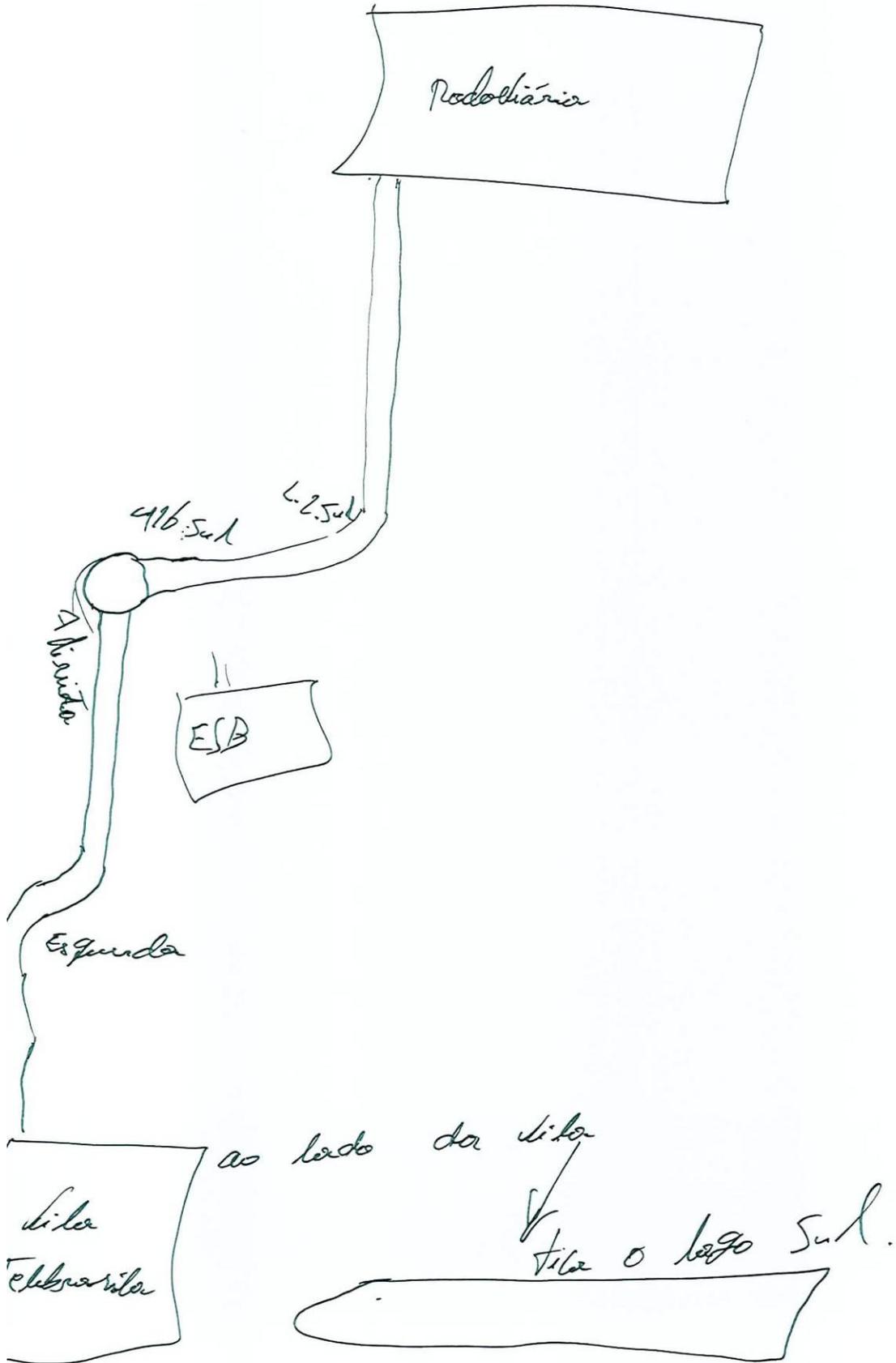
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Paisagem de Lago Paranoá e das árvores

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Campo de futebol

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 4 | Data/semana: 6/2/2010 - Sábado | Horário: 18:00

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Rosa Gonçalves | Sexo: M |  F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: Santa Maria

4 - Cidade e estado onde você nasceu: Farmosa - GO

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília - 6 anos. Sim, Planaltina e Sobradinho

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Terrena, barro - Terracap derrubando barracos

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto da proximidade com Plano Piloto

Não gosto do mau cheiro da estação de tratamento de esgoto

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não

9- (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Unieuro, Embaixada do Iraque

(b) E até sua casa?

Terceira rua ao lado da Unieuro

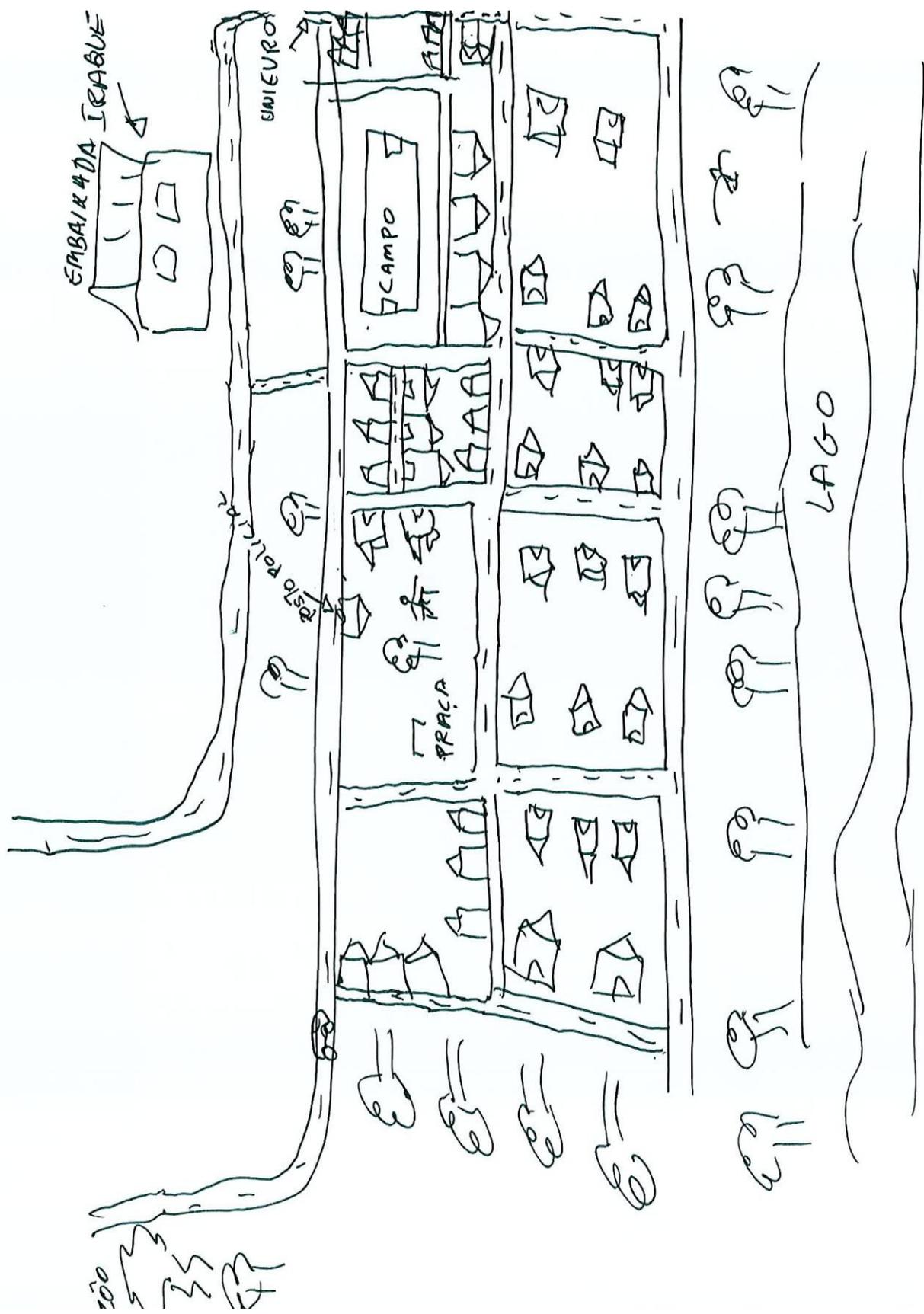
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Lago Paranoá e das árvores

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Campo de Futebol e Praça da Resistência

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.



Mapa mental 13



Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 3 | Data/semana: 6/2/2010 - Sábado | Horário: 18:50

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Leonardo A. Sexo:  M | F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: Setor Leste Asa Sul

4 - Cidade e estado onde você nasceu: Brasília - DF

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília 19 anos - Não.

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Campo de Futebol

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto dos amigos da tranquilidade  
Não gosto das drogas

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não

9- (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Unieuro

(b) E até sua casa?

Rua do campo de futebol no final da igreja

10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Lago Paranoá

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Praça da Resistência

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 3 | Data/semana: 6/2/2010 | Horário: 18:30

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Lúcia A. Sexo: M |  F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: Vila Telebrasília

4 - Cidade e estado onde você nasceu: Fermosa - GO

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília - 20 anos. Sim, em Planaltina

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Tranquilidade

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto porque é perto de tudo, colégio, mercado, Plano Piloto  
Não gosto de tráfego de drogas

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Embaixada do Iraque e Unieuro

(b) E até sua casa?

Unieuro

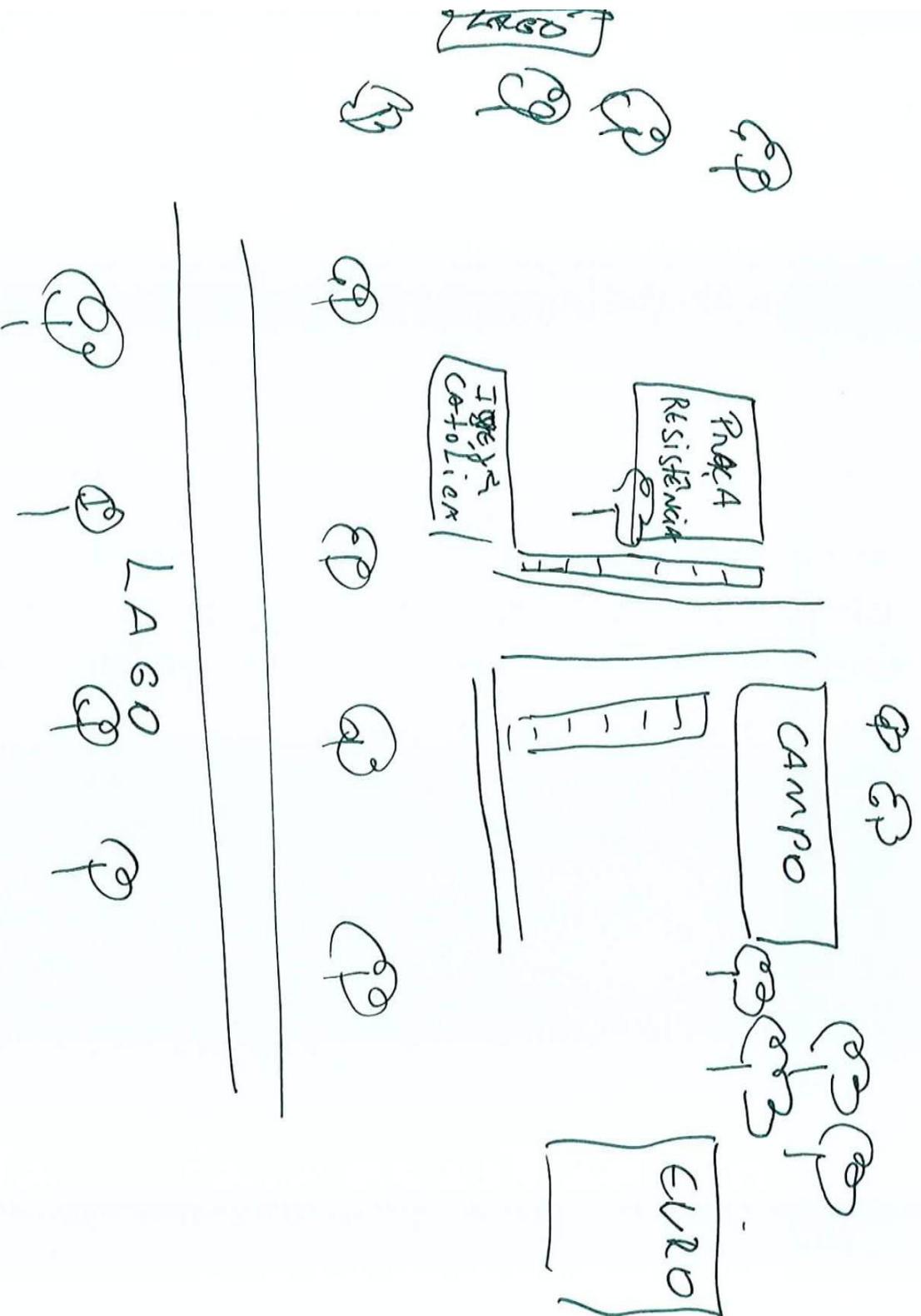
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Árvore da Praça da Resistência

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Praça da Resistência, Campo de Futebol e Igreja

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





## Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 3 | Data/semana: 6/2/2010 - Sábado | Horário: 19:15

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Alciene G. Sexo:  M | F2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51 3 - Local de estudo ou trabalho: Campo de Esperança4 - Cidade e estado onde você nasceu: Parangá - CE

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília - 1 ano. Sim na Ceilândia

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Lugar bem e tranquilo de morar

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto da tranquilidade, sem violência. Gosto de tudo

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Zoológico

(b) E até sua casa?

Mercado Família (Dn. Neide)

10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

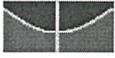
Lago Paranoá

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Campo de Futebol

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





## Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 3 | Data/semana: 6/2/10 - Sábado | Horário: 19:00

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Ana Maria dos Santos Sexo: M |  F2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51 3 - Local de estudo ou trabalho: Vila Telebrasília - Dona de casa4 - Cidade e estado onde você nasceu: Maranhão

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília - 22 anos. Sim, na Ceilândia 2 anos

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Poeira, terra.

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto da proximidade com o Plano Piloto... da tranquilidade  
Das fofocas dos vizinhos que se impartam com a vida alheia

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Embaixada de Iraque, Unieuro

(b) E até sua casa?

Campo de Futebol

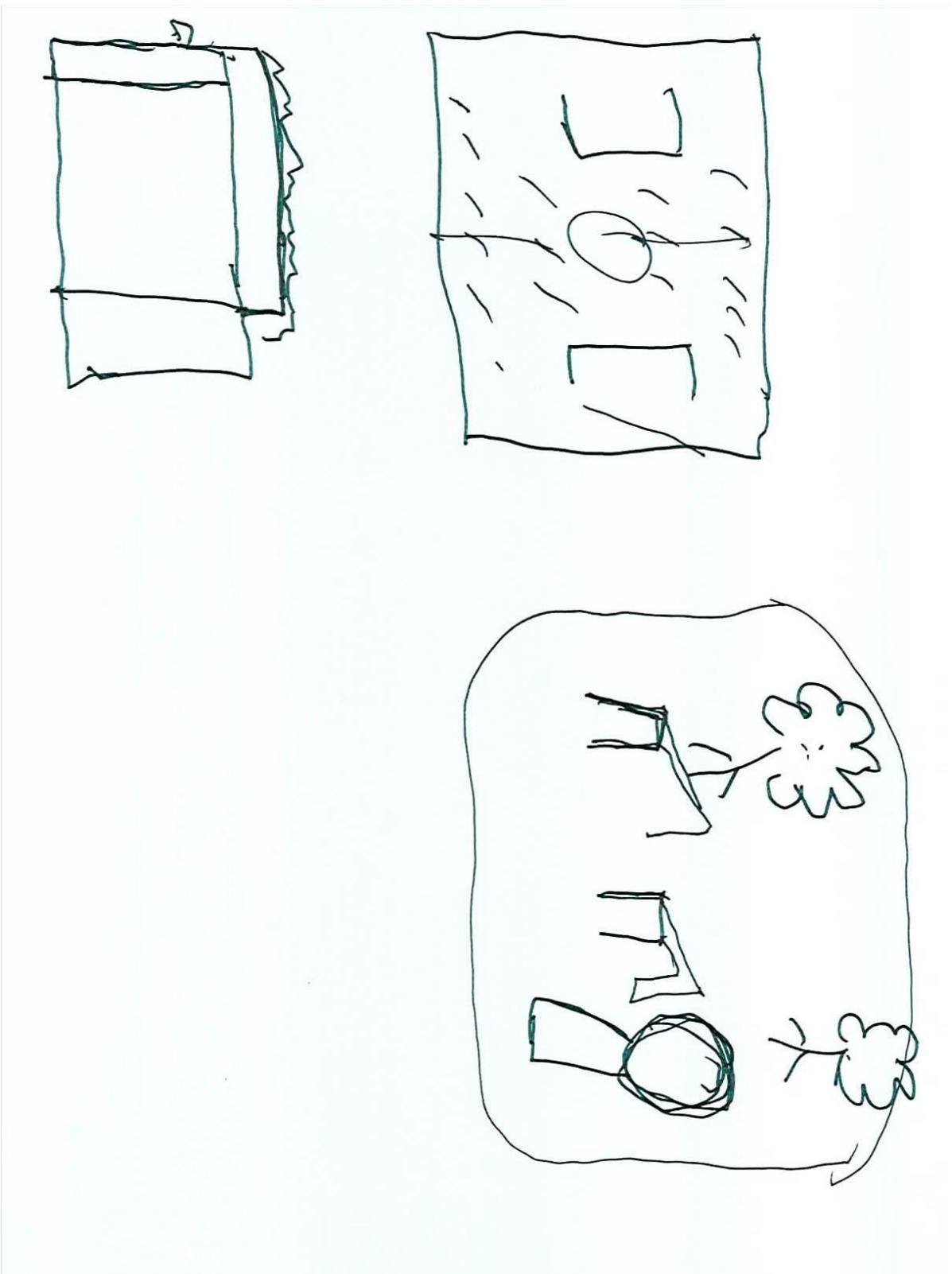
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Verde das árvores

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Praça da Resistência

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 4 | Data/semana: 6/2/10 Sábado | Horário: 13:30

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Sirlene Nascimento Sexo: M |  F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: Vila Telebrasília

4 - Cidade e estado onde você nasceu: Campo Real - GO

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília - 28 anos.

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Lugar tranquilo, calmo.

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto da tranquilidade e não tem nada que eu não goste.

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Posto Policial

(b) E até sua casa?

Mercado São Francisco

10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

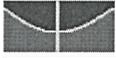
Árvores, muitas.

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Praça da Resistência

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 4 | Data/semana: 6/2/2010 - Sábado | Horário: 19:45

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Masilene L.S. Sexo: M |

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: W3 Norte

4 - Cidade e estado onde você nasceu: São Francisco - PI

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília - 5 meses.

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Paz, tranquilidade.

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

O que mais gosto é realmente a tranquilidade  
Não gosto muito do transporte.

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Unicentro

(b) E até sua casa?

Campo de Futebol

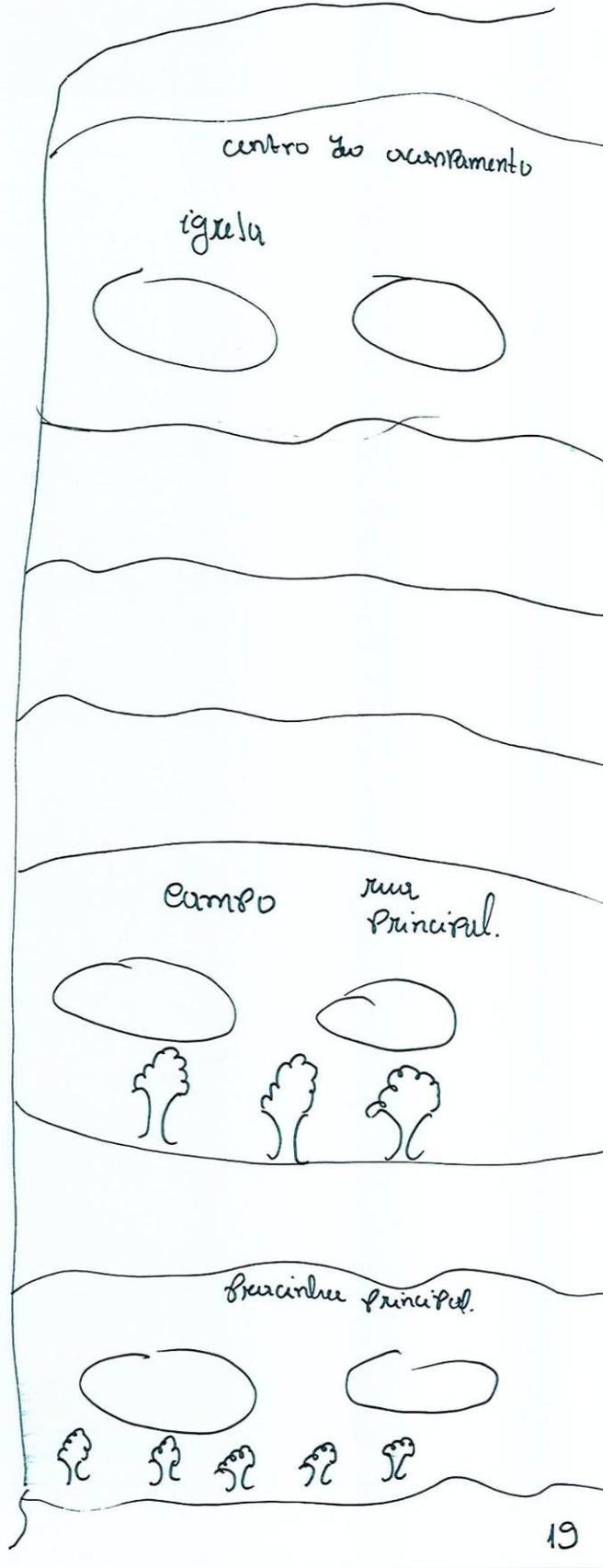
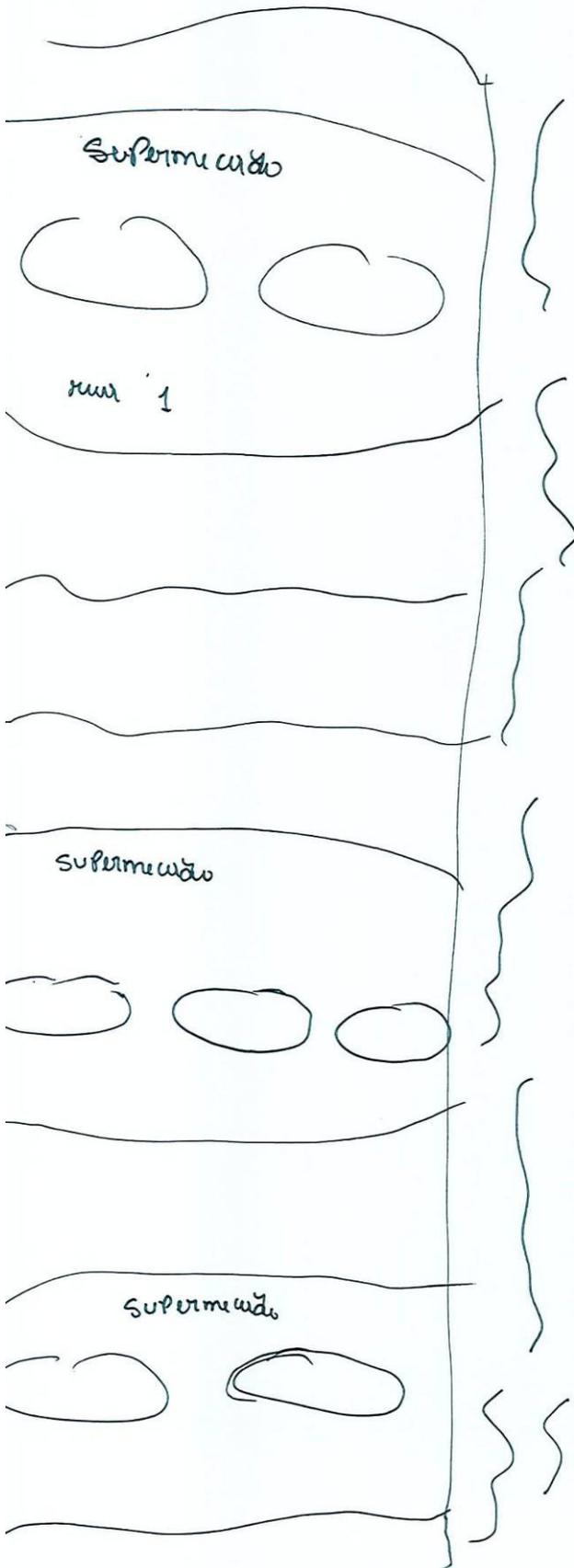
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

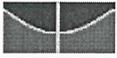
Lago Paranoá

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Praça da Resistência.

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 4 | Data/semana: 6/2/10 Sábado | Horário: 20:00

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Elma Lacorda S. Sexo: M |  F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: Vila Planalto - Lake Side

4 - Cidade e estado onde você nasceu: São Francisco - PI

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília - 7 meses. Sim, na Vila Planalto

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Lugar tranquilo

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto da igreja e não gosto do transporte local

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Campe de Futebol

(b) E até sua casa?

Campe de Futebol

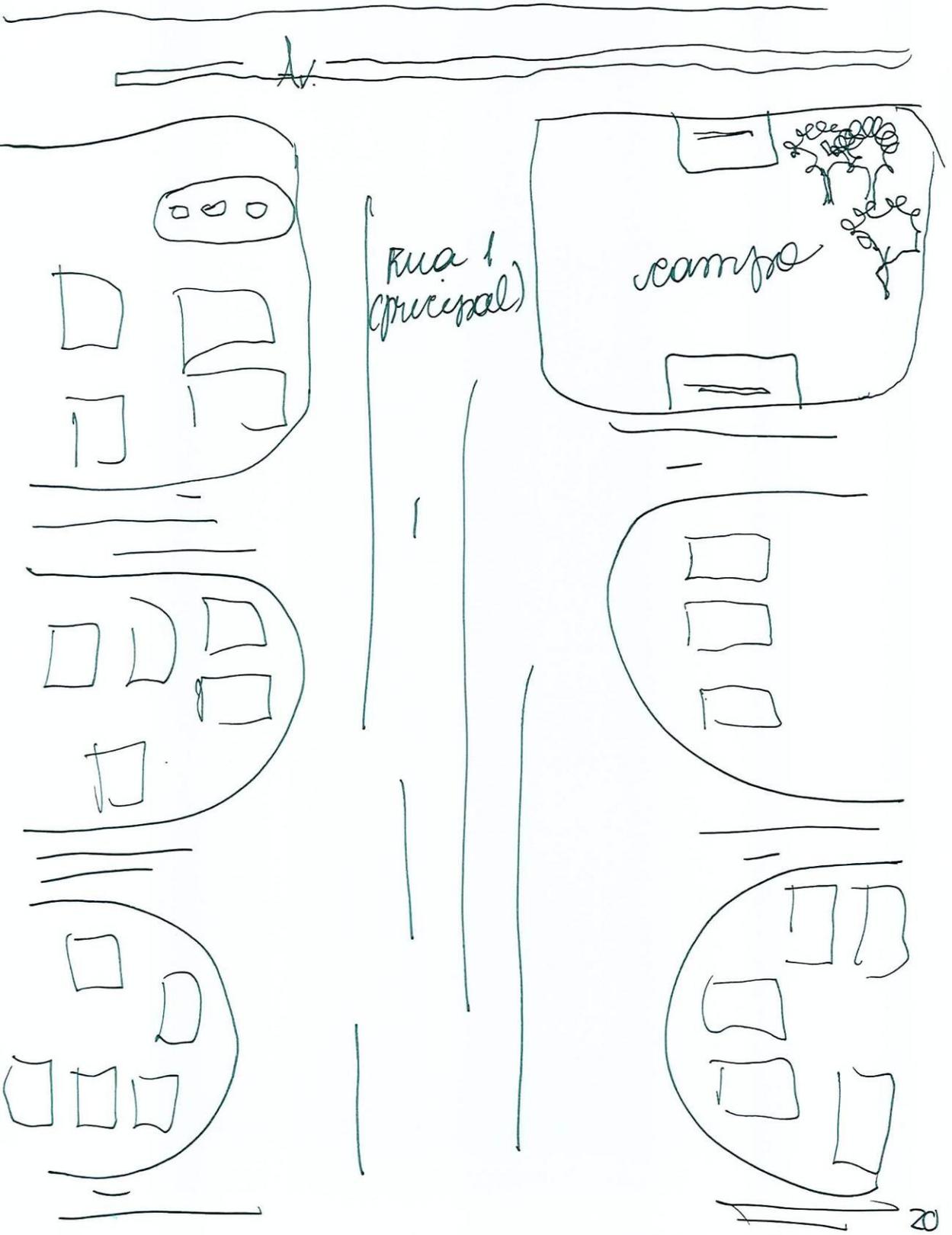
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

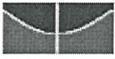
Lago Paranoá

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Praça da Resistência

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 3 | Data/semana: 6/2/10 | Horário: 20:15

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Sofia A. Carvalho Sexo: M |  F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: Hotel Nacional

4 - Cidade e estado onde você nasceu: Brasília

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília - 21 anos

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Perceverança, luta pela resistência.

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Proximidade com o Plano Piloto. Gosto de tudo

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Sim

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Via Lz Sul

(b) E até sua casa?

Unicentro

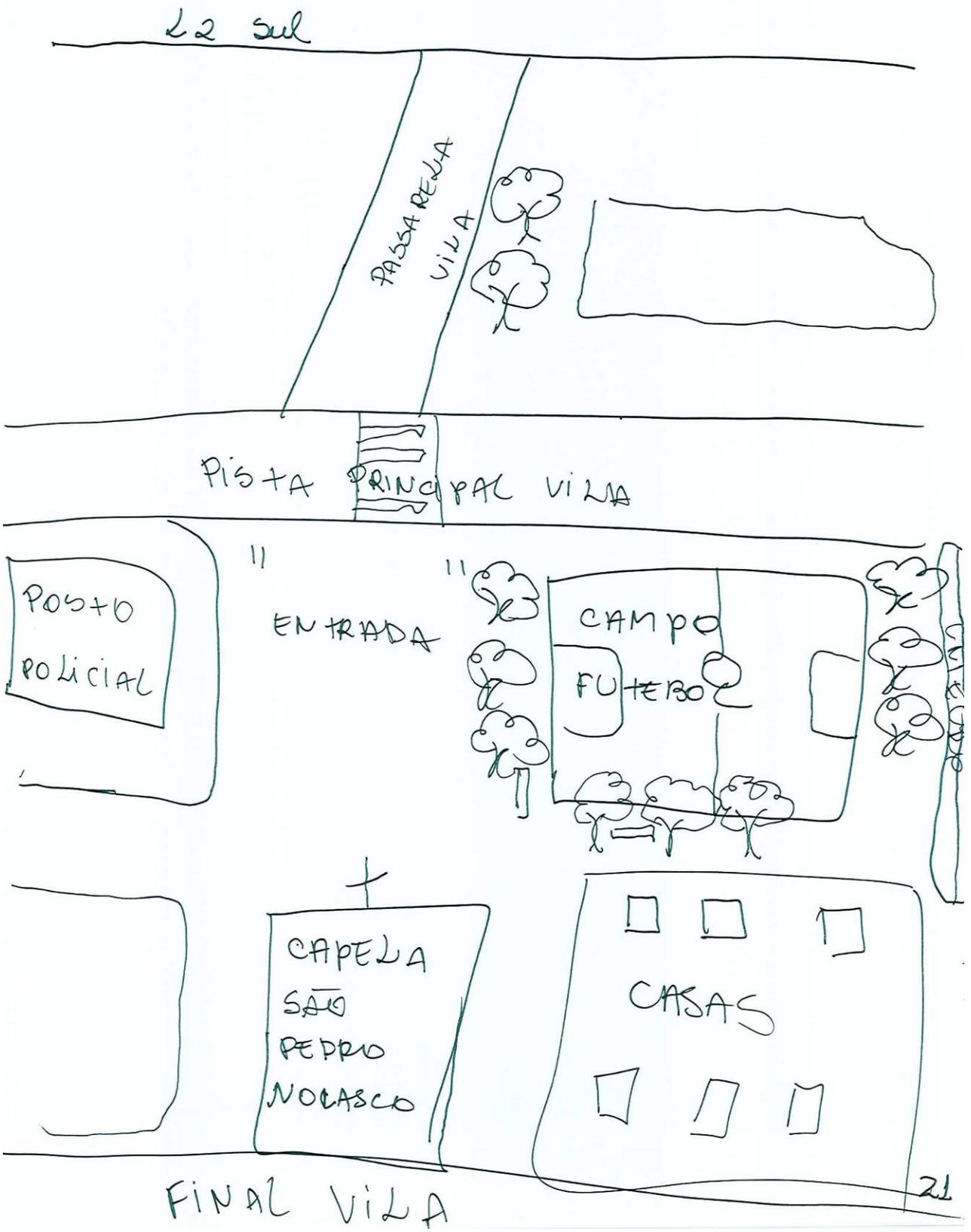
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Lago Paranoá

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Campão (campo de futebol)

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 3 | Data/semana: 6/2/10 | Horário: 20:35

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Diana L. Lima Sexo: M |  F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: Vila Telebrasília - Dono de casa

4 - Cidade e estado onde você nasceu: Paço de Pedra - Maranhão

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília - 3 anos. Não

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Lugar muito bom, tranquilo

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto da calma, tranquilidade. Gosto de tudo.

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Asa Sul e Unieuro

(b) E até sua casa?

Campo de Futebol

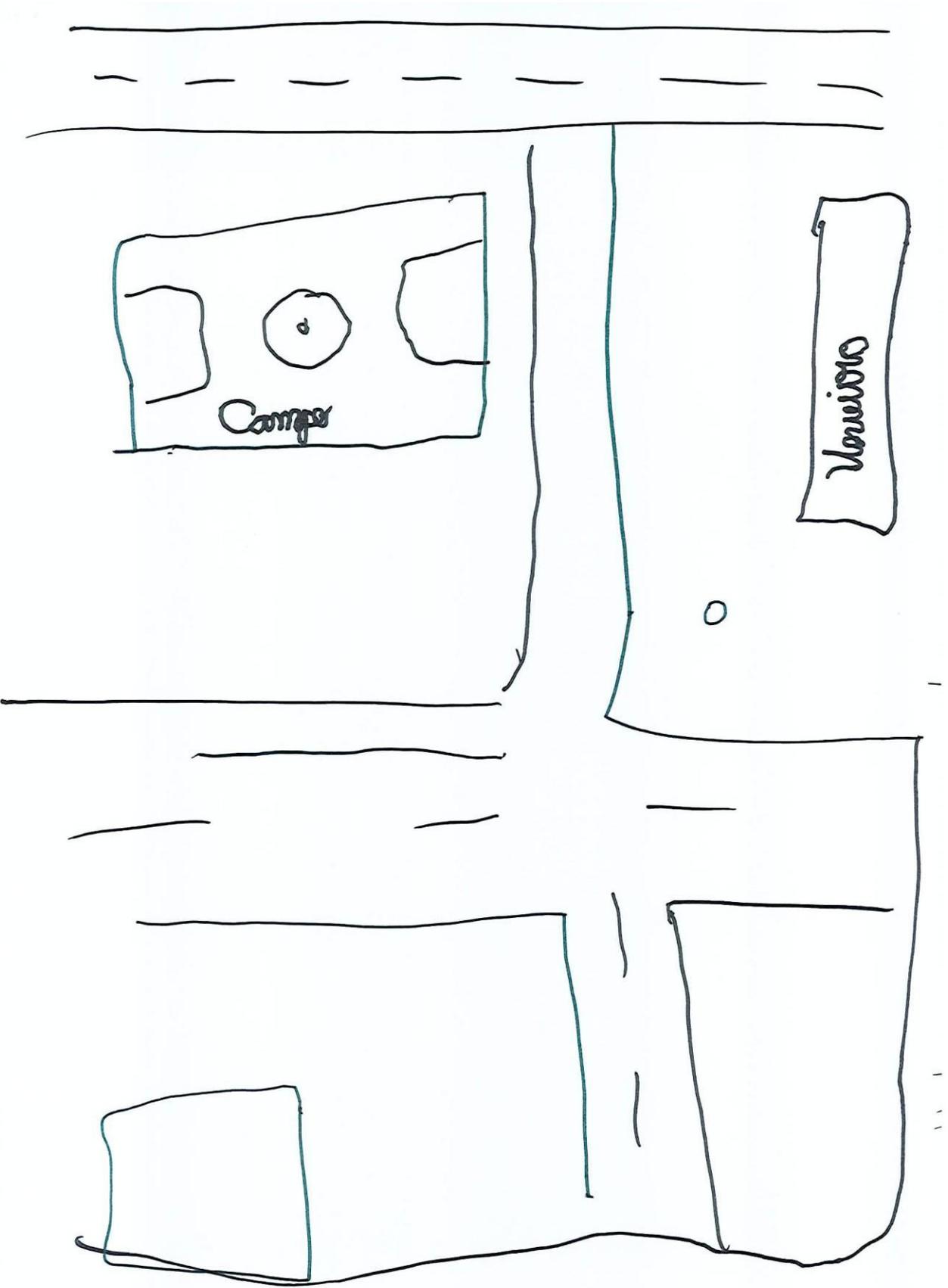
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Árvores

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Praça da Resistência

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 4 | Data/semana: 6/2/2010 - Sábado | Horário: 20:50

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Jonas A. R. Sexo:  M | F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: Asa Sul - 408

4 - Cidade e estado onde você nasceu: Brasília - DF

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília - 16 anos

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Tranquilidade (Pedaquinho de céu)

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto de absolutamente tudo menos da pissalhada

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Negative !!

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Unieuro

(b) E até sua casa?

Campe de Futebol

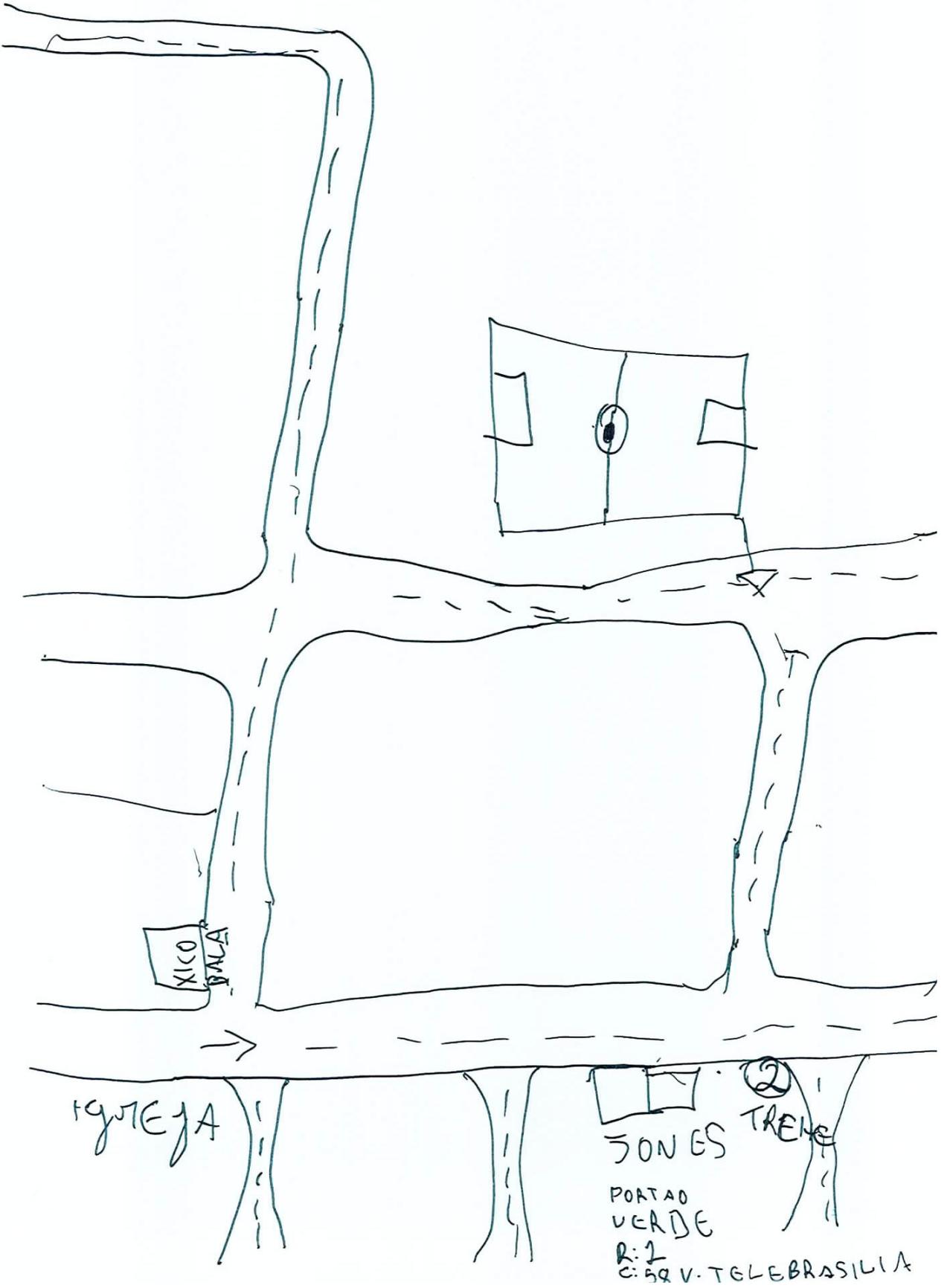
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Árvores

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Praça da Resistência

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona Z | Data/semana: 7/2/10 - Domingo | Horário: 16:30

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Anc Karoline A. Sexo: M | F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: Engenxix - Ase Norte

4 - Cidade e estado onde você nasceu: Brasília

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília - 27 anos

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Minha casa

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto da proximidade de tudo... com Plano Piloto

Não gosto da exploração comercial

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não

9- (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Av. das Nações, Embaixada do Iraque e Unieuro

(b) E até sua casa?

Posto Policial - Baracharia

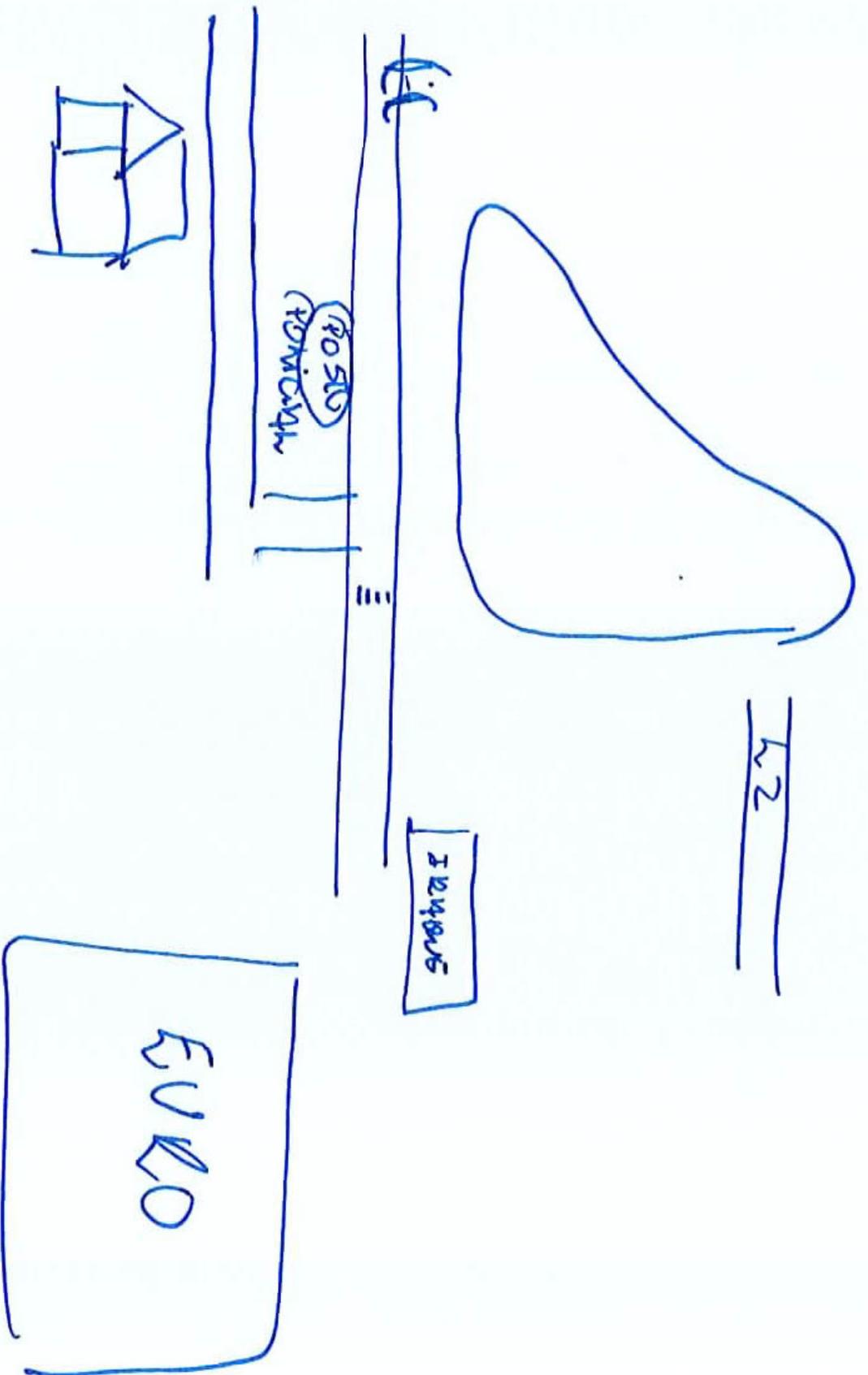
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Árvores (Pés de manga plantados pelos moradores)

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Igreja São Pedro Nolasco

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 2 | Data/semana: 7/2/10 - Domingo | Horário: 17:00

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Cláudia Maria da Silva Sexo: M |  F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: Ase Norte

4 - Cidade e estado onde você nasceu: Brasília - DF

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

Vila Telebrasília - Santos. Sim, Guará e Ase Sul

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Lago Paranoá

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto muito de Lago Paranoá

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Sim.

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Unieuro e final de Lz Sul

(b) E até sua casa?

Posto Policial

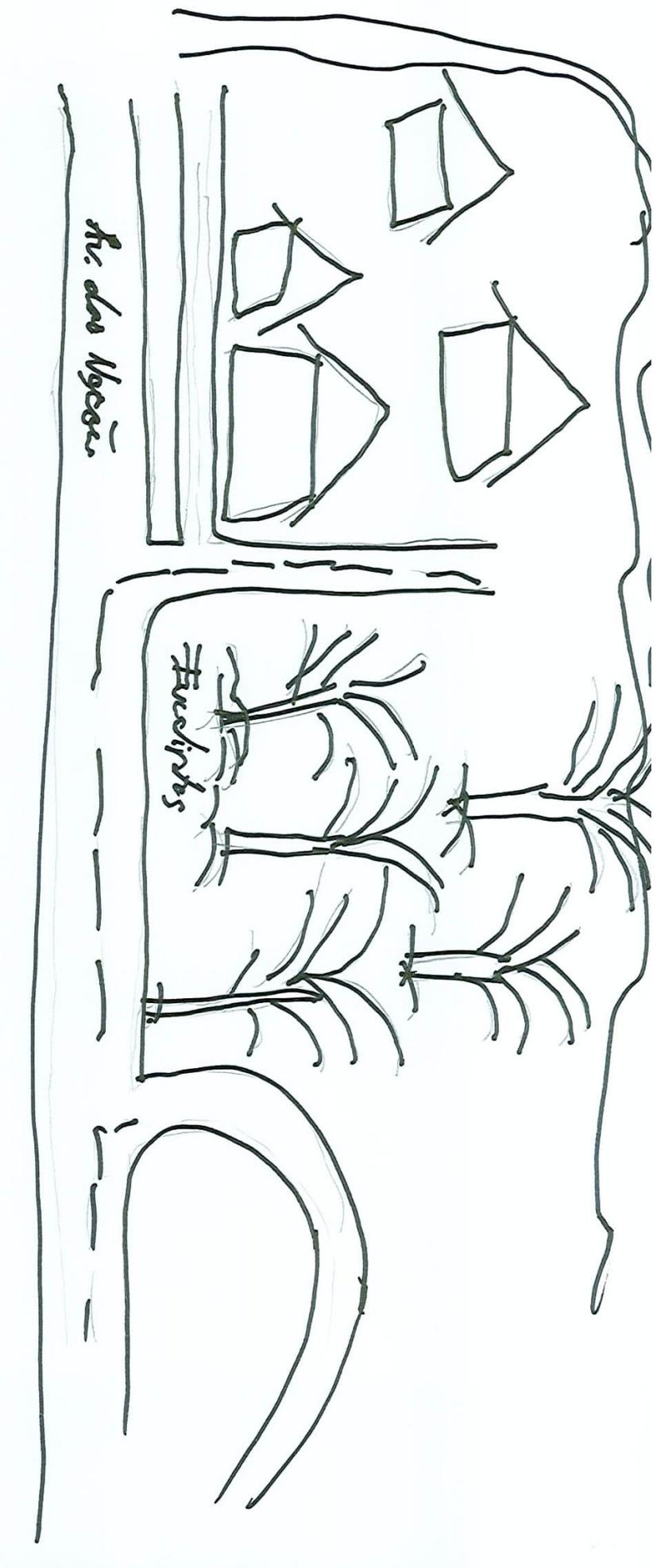
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Lago Paranoá e floresta de eucaliptos

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Campo de futebol, igreja, creche. Tudo que foi construído pelo povo

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





## Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 2 | Data/semana: 7/2/10 - Domingo | Horário: 17:35

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Janet Meira de A. Sexo: M | F2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51 3 - Local de estudo ou trabalho: Asa Norte4 - Cidade e estado onde você nasceu: Patos de Minas - MG

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

28 Anos | Sim - Asa Sul - Asa Norte e Guará

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Moradia

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto da localização - Perto de tudo

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Sim. A Vila Telebrasília está mudando. Antes era mais tranquila

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Final da Asa Sul, Unieuro, Emb. Itaque e Zoo Lógico

(b) E até sua casa?

Desa charic e Posto Policial

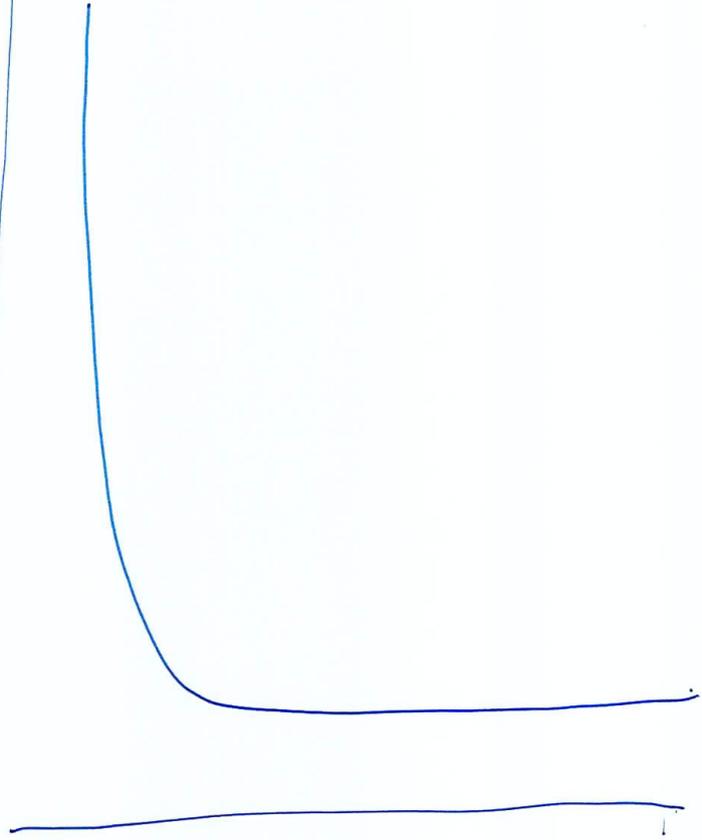
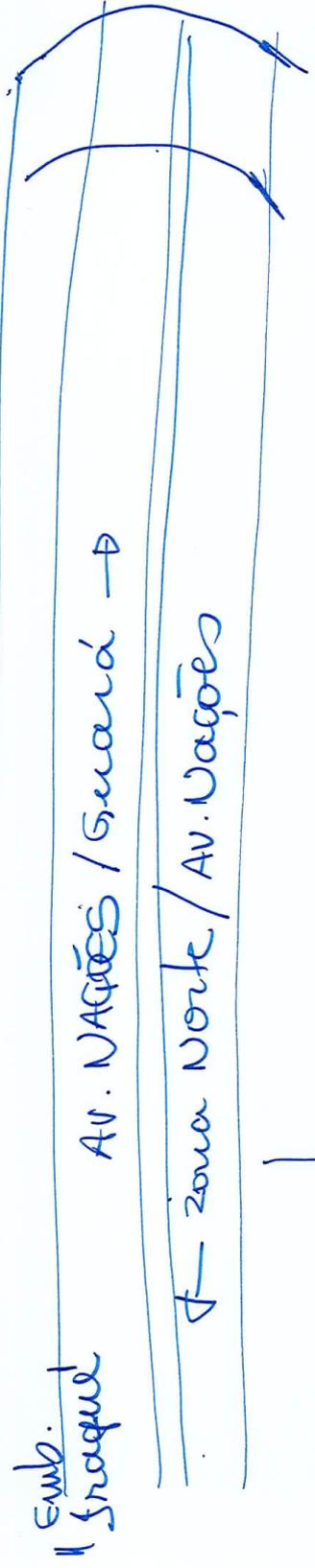
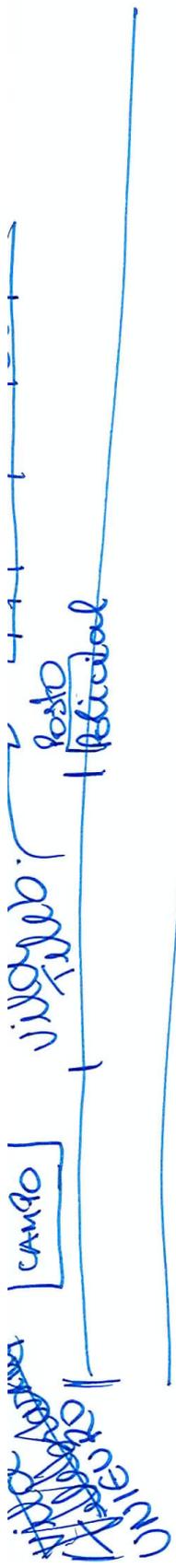
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Aglomeração de árvores, árvore da Praça da Resistência e frutíferas

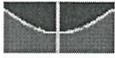
(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Igreja Católica (Pedro Nolasco), Campo de Futebol e Praça da Resistência

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.



ms 27



Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 2 | Data/semana: 7/2/2010 | Horário: 18:30

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Vera Lúcia G. Trevisol Sexo: M  F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: Aposentada

4 - Cidade e estado onde você nasceu: Pernambuco - P.

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

45 anos / Sim - Núcleo Bandeirantes

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Passado tranquilo, lugar pacato, bica.  
Hoje isto está se perdendo

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto da tranquilidade  
Não gosto mais da Praça da R. - tem muita droga

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não

9- (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Universo, Zoológico, Embaixada de Iraque

(b) E até sua casa?

Posto Policial perto de uma área bem arborizada

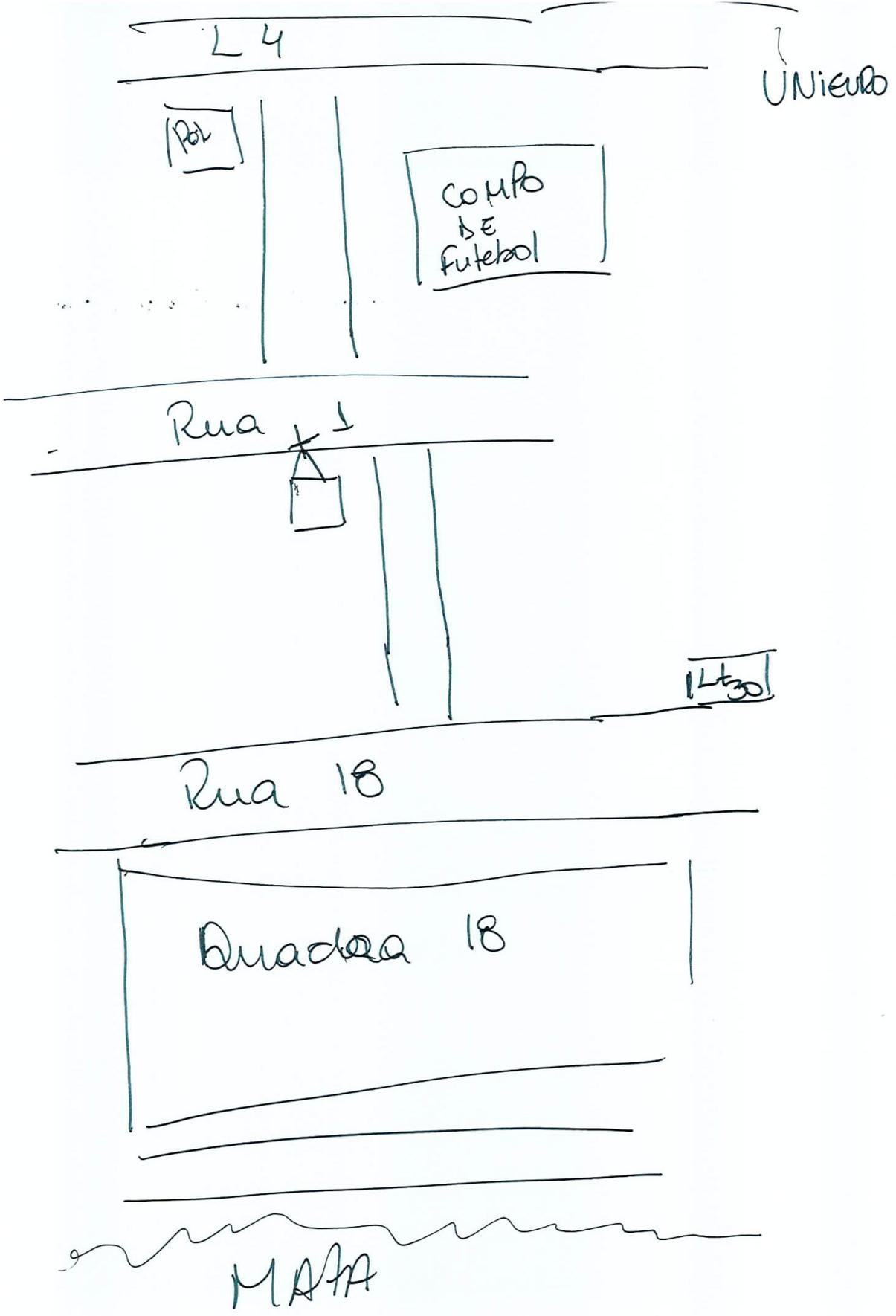
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Lago Paranoá - Vegetação

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Campe de Futebol

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





## Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 4 | Data/semana: 9/2/2010 | Horário: 12:00

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Aline Maria R. R Sexo: M 2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51 3 - Local de estudo ou trabalho: Unieuro4 - Cidade e estado onde você nasceu: Porto Alegre - RS

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

5 meses - Sim - Plano Piloto

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Acampamento e invasão

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Tranquilidade . Gosto de tudo

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não

9- (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Unieuro, Embaixada do Iraque

(b) E até sua casa?

Rua do Posto Policial

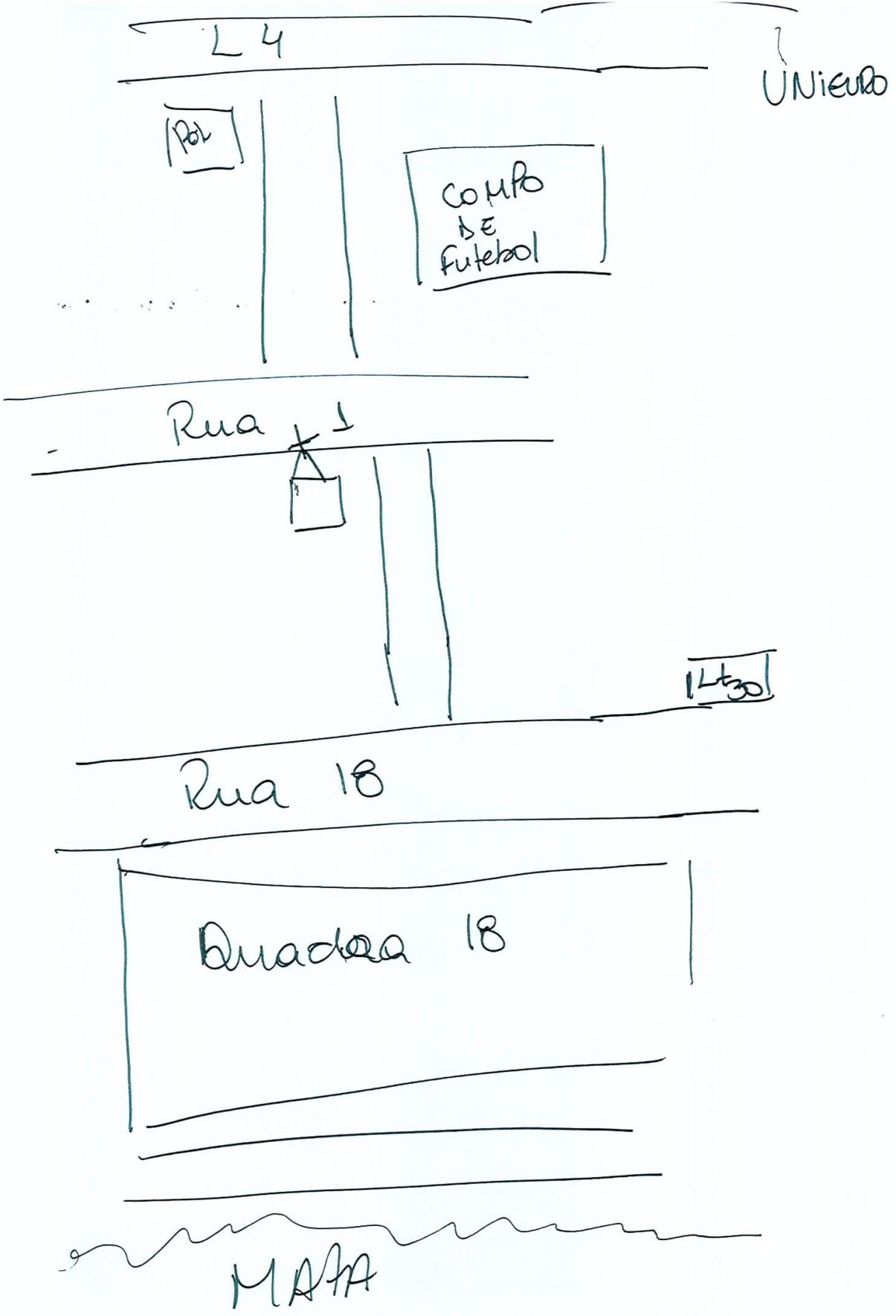
10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Arborização

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Campo de Futebol

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estrangeiro, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 4 | Data/semana: 13/2/2010 | Horário: 18:00

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Moisés P. Rodrigues | Sexo:  M | F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: Unicentro

4 - Cidade e estado onde você nasceu: Marabá - Pa

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

12 anos - só na Vila Telebrasília

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Remessa dos barracos de madeira

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Gosto da tranquilidade. Acho que falta colégios e áreas de lazer

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Não

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Embaixada de Iraque e Unicentro

(b) E até sua casa?

Posto Policial

10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

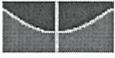
Não sei

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Praça da Resistência

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.





Entrevista: mapa mental dos moradores Vila Telebrasília - DF

Área restrita ao pesquisador:

Local da entrevista: Zona 1 | Data/semana: 13/2/2010 | Horário: 12:00

Perguntas ao morador:

1 - Nome: Milton Santos do Nascimento Souza Sexo:  M | F

2 - Idade: Abaixo de 11  11 a 20  21 a 30  31 a 40  41 a 50  Mais de 51

3 - Local de estudo ou trabalho: Unieuro

4 - Cidade e estado onde você nasceu: Araioses - Ma

5 - A quanto tempo você mora na Vila Telebrasília? Já morou em outras localidades no Distrito Federal?

11 anos apenas na Vila Telebrasília

6 - Qual a primeira lembrança que vem à sua mente quando escuta a palavra "Vila Telebrasília"?

Barra, buraco

7 - Do que você gosta e do que você não gosta na Vila Telebrasília?

Tranquilidade. Não gosto da especulação imobiliária

8 - Você mudaria para outro lugar dentro ou fora do Distrito Federal?

Sim

9 - (a) Quando alguém vem te visitar quais seriam os pontos de referências para o visitante chegar até a Vila Telebrasília?

Zoológico, Embaixada do Iraque, Unieuro

(b) E até sua casa?

Igreja Católica, Lago Paranoá

10 - (a) Quais elementos NATURAIS na paisagem você considera característico e importante para a Vila Telebrasília?

Lago Paranoá

(b) E os elementos CONSTRUÍDOS (ruas, praças, edifícios)?

Campo de Futebol

11 - Na folha em anexo, você poderia desenhar um mapa esquemático da Vila Telebrasília? Desenhe-o como se estivesse fazendo uma descrição do lugar para um estranho, incluindo todas as características e referências mais importantes. O desenho não precisa ser perfeito (realista), basta um esboço. Acrescente os elementos citados nas questões acima, caso ache necessário.

**\*NÃO DESENHOU O MAPA MENTAL**

